



**Aline Pereira Pimenta Távora**

**“A gente nasceu também pra brilhar”:**  
O projeto Favelagrafia e uma outra representação  
social das juventudes cariocas

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Claudia da Silva Pereira

Rio de Janeiro  
Setembro de 2021



**Aline Pereira Pimenta Távora**

**“A gente nasceu também pra brilhar”:**

O projeto Favelagrafia e uma outra representação social  
das juventudes cariocas

Dissertação apresentada como requisito parcial para  
obtenção do grau Mestre pelo Programa de Pós-  
Graduação em Comunicação do Departamento de  
Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais da  
PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

**Prof.<sup>a</sup> Claudia da Silva Pereira**

Orientadora

Departamento de Comunicação Social – PUC-Rio

**Prof. Marcelo Tadeu Baumann Burgos**

Departamento de Ciências Sociais – PUC-Rio

**Prof.<sup>a</sup> Aline Silva Corrêa Maia Lima**

Centro Universitário Estácio Juiz de Fora

Rio de Janeiro, 03 de setembro de 2021

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

### **Aline Pereira Pimenta Távora**

Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1998. Possui MBA Executivo (2006) e pós-MBA em Antropologia do Consumo (2007), ambos pelo Instituto COPPEAD de Administração da UFRJ e pós-graduação em Sustentabilidade pela Fundação Dom Cabral (2016). Trabalhou por 17 anos em agências de publicidade e desde 2012 está dedicada a projetos de sustentabilidade e impacto social de marcas e empresas.

#### Ficha Catalográfica

Távora, Aline Pereira Pimenta

“A gente nasceu também pra brilhar” : o projeto Favelagrafia e uma outra representação social das juventudes cariocas / Aline Pereira Pimenta Távora ; orientadora: Cláudia da Silva Pereira. – 2021.

200 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação Social, 2021.

Inclui bibliografia

1. Comunicação Social – Teses. 2. Juventude. 3. Representações sociais. 4. Estereótipos. 5. Favela. 6. Favelagrafia. I. Pereira, Cláudia da Silva. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Comunicação Social. III. Título.

CDD: 302.23

Para Rodrigo, Bernardo e Valentina,  
meus amores, meu mundo.



## Agradecimentos

Gostaria de agradecer àqueles que estiveram presentes em minha jornada durante o Mestrado, uma vez que esse trabalho não poderia ter sido realizado sem todo o apoio acadêmico, profissional e pessoal que recebi.

Início meus agradecimentos ao CNPq<sup>1</sup> e à PUC-Rio pelos auxílios concedidos, fundamentais para a realização dessa pesquisa.

À Cláudia Pereira, minha querida orientadora, fonte de conhecimento e inspiração, sempre disponível e atenta, com uma rara combinação de rigor acadêmico, sensibilidade e acolhimento. Muito obrigada, Cláudia. Esse trabalho é fruto da sua imensa generosidade e delicadeza.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e aos funcionários do Departamento de Comunicação da PUC-Rio, em especial Marise Lira e Juliana Pecis pelo sempre prestativo e carinhoso apoio administrativo.

Aos professores Aline Maia e Marcelo Burgos, que aceitaram dividir generosamente comigo seus conhecimentos ao compor a banca examinadora dessa dissertação. A vocês, minha admiração e gratidão.

Aos queridos Anderson Valentim, Elana Paulino, Jéssica Higino, Josiane Santana, Joyce Marques Piñeiro, Magno Neves, Omar Britto, Rafael Gomes e Saulo Nicolai, fotógrafos do Projeto Favelagrafia, pelo tempo que me dedicaram na realização dessa pesquisa e por tudo o que me ensinaram.

À amiga Karine Karam, que me trouxe o incentivo que eu precisava para me inscrever e me preparar para o processo seletivo desse Mestrado. Agradeço também a disponibilidade e o apoio da querida Maria Carolina Medeiros.

À amiga, irmã e sócia Cláudia Mattos, pela parceria, pelo apoio profissional diário e, principalmente, por compartilhar comigo os mesmos valores e visão de mundo, preenchendo meus dias com alegria e energia. Sem você, Cláudia, esse trabalho não teria sido possível.

À minha mãe, Maria Aparecida, e à memória do meu pai, Bernardo, que nunca me pouparam amor e aconchego. Todo afeto que tenho em mim, aprendi com vocês.

Ao meu filho Bernardo, que é pura alegria e carisma, com sua preciosa habilidade em fazer pontes e agregar pessoas, iluminando meu mundo há 15 anos. À minha filha Valentina, a mais linda mistura de força e doçura, com um mundo interior que me surpreende a cada dia, há 11 anos.

Ao meu marido Rodrigo, minha terra firme, inspiração para as melhores realizações da minha vida e dono do olhar mais bonito que já cruzou com o meu. Em todas as vidas que eu tiver, eu vou amar você.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

## Resumo

Távora, Aline Pereira Pimenta; Pereira; Claudia da Silva. **“A gente nasceu também pra brilhar”: o projeto Favelagrafia e uma outra representação social das juventudes cariocas.** Rio de Janeiro, 2021. 200p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho tem como questão central a representação social dos jovens das favelas cariocas a partir do Estudo de Caso do Projeto Favelagrafia, formado por nove fotógrafos, moradores de nove diferentes favelas do Rio de Janeiro, buscando compreender como as imagens midiáticas carregam sentidos e criam realidades a respeito desses jovens. Para tanto, o trabalho parte de uma revisão bibliográfica que retoma a história da formação das favelas cariocas como produto do processo de estratificação espacial da Cidade, acompanhado pela construção social da favela como o lugar do “outro”, definida pelo o que ela não é ou não tem: espaço do caos, da ausência e do perigo. Tal percepção do senso comum a respeito das favelas, estendida também a seus jovens moradores, será analisada a partir de uma pesquisa quantitativa exploratória com integrantes das “camadas médias urbanas”. Em seguida, a reflexão sobre as representações midiáticas que reforçam estereótipos será feita por meio de resultados da busca de imagens no Google, analisados à luz das ideias de representação, estereotipagem, diferença e poder. Por fim, a partir de entrevistas em profundidade com os integrantes do Projeto Favelagrafia, serão analisadas quarenta fotografias por eles produzidas, bem como suas visões sobre “cidade”, “favela” e “jovens das favelas”. O trabalho se encerra com a proposta de reflexão sobre uma outra possibilidade de representação social dos jovens das favelas cariocas a partir do Projeto Favelagrafia, privilegiando o olhar da potência e das múltiplas juventudes que ali podem ser encontradas.

## Palavras-Chave

Juventude; representações sociais; estereótipos; favela; Rio de Janeiro; Favelagrafia.

## Abstract

Távora, Aline Pereira Pimenta; Pereira, Claudia da Silva (Advisor). **“We were born also to shine”: the Project Favelagrafia and another social representation of the youths in Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro, 2021. 200p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This Master thesis approaches the social representation of the youth groups in the *favelas* (“slums”) from the Case Study of the Project *Favelagrafia*, which is formed by nine photographers who live in nine different *favelas* in Rio de Janeiro. It intends to understand how the media images carry meanings and create realities about these young people. Therefore, the study starts with a bibliographical review that takes back the history of the formation of the *favelas* as a product of the space social stratification in the city, followed by the social construct of the *favela* as a place of “the other”, defined by what it is not or it doesn’t have: space of the chaos, the lack and the danger. Such perception of the common sense about the *favelas*, also extended to its young dwellers, is analysed firstly from an exploratory quantitative survey with the members of “urban average layers”. Also, the paper reflects on the media representations that reinforce stereotypes, using as a method the image search results on Google, analysed from the ideas around representation, stereotyping, difference and power. Finally, from the in-depth interviews with the participants of the Project *Favelagrafia*, forty photographs produced by them and their views about “city”, “*favela*” and “young people in the *favela*” are analysed. The thesis ends with an invitation to reflect about another social representation of the youth in the *favelas* from the focus of the Project *Favelagrafia*, favouring the look of the power and multiples youths that can be found there.

## Keywords

Youth; social representation; stereotypes; favela; Rio de Janeiro; Favelagrafia.

## Sumário

1. Introdução .....	15
2. A formação das favelas: um percurso histórico .....	22
2.1. Favela como produto do processo de estratificação social urbana.....	22
2.2. Favela como mal a ser combatido .....	26
2.3. Favela não somente como carência, mas também como potência .....	33
2.4. Síntese do capítulo .....	36
3. Favela, cidade e juventude pelo olhar das “camadas médias urbanas” .....	38
3.1. A opção por investigar o olhar das “camadas médias urbanas” ....	38
3.2. Metodologia e perfil dos entrevistados.....	39
3.3. Cidade: real ou ideal? Para quem?.....	41
3.4. A tradução da ideia de cidade através de imagens cotidianas .....	45
3.5. Juventude e favela: ideias que se opõem? .....	52
3.6. O estigma da favela associado a seu jovem morador .....	55
3.7. Síntese do capítulo .....	58
4. Representações midiáticas de jovens das favelas .....	59
4.1. Imagens que carregam sentidos e constroem realidades.....	59
4.2. Os Estudos Culturais Britânicos e o conceito de representação para Stuart Hall.....	59
4.3. Que sentidos são construídos sobre os jovens das favelas a partir das imagens que circulam na <i>Internet</i> ? .....	64
4.4. Síntese do capítulo .....	75
5. Favelagrafia: um outro olhar sobre as favelas cariocas a partir de seus próprios moradores.....	77
5.1. Favelagrafia: nove jovens, das favelas para o Museu de Arte Moderna do Rio .....	77
5.2. A opção pela pesquisa qualitativa e entrevistas em profundidade .....	79
5.3. Perfil dos entrevistados: quem são os fotógrafos do projeto Favelagrafia .....	80
5.4. A ideia de cidade: pluralidade e desigualdade.....	87
5.5. A favela como resistência e potência.....	90
5.6. As experiências de ser jovem na favela.....	95
5.7. A percepção dos entrevistados sobre as representações midiáticas de jovens das favelas.....	101
5.8. A experiência em participar do projeto Favelagrafia e os novos olhares possíveis sobre a favela e sobre si mesmo .....	105
5.9. Síntese do capítulo .....	112
6. Jovens das favelas pelas lentes do Favelagrafia .....	114
6.1. Fotografias como “certificados de presença” das juventudes das favelas.....	114
6.1.1. Sobre estereótipos e a urgência de olhares atentos.....	115
6.1.2. Leveza e arte nas juventudes das favelas .....	118

6.1.3. Conhecimento é poder.....	121
6.1.4. O lazer jovem nas favelas.....	123
6.1.5. Amizades e adolescência .....	132
6.1.6. Força e resistência.....	134
6.1.7. Futuros possíveis.....	140
6.1.8. As favelas e a(s) moda(s) .....	142
6.1.9. Favela é lugar de trabalhador .....	144
6.1.10. Jovens, coragem e risco .....	148
6.1.11. <i>Jovens adultos</i> : quando as responsabilidades chegam mais cedo .....	150
6.1.12. Diferentes desejos de se comunicar .....	154
6.1.13. Aprisionados pela realidade.....	155
6.1.14. Jovens que voam alto .....	157
6.2. Síntese do capítulo .....	161
7. Considerações Finais .....	162
8. Referências bibliográficas .....	165
Anexo A.....	180
Anexo B.....	189

## Lista de figuras

Figura 1 – Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro .....	46
Figura 2 – Prédios comerciais no Centro da Cidade, Rio de Janeiro .....	46
Figura 3 – Comércio de rua, Rio de Janeiro .....	47
Figura 4 – Condomínio de luxo .....	47
Figura 5 – Calçadão da Praia de Copacabana, Rio de Janeiro .....	48
Figura 6 – Engarrafamento, Rio de Janeiro .....	48
Figura 7 – Cinema Roxy, Copacabana, Rio de Janeiro .....	49
Figura 8 – Favela, Rio de Janeiro .....	49
Figura 9 – Shopping Center, Rio de Janeiro .....	50
Figura 10 – Restaurantes, Rio de Janeiro .....	50
Figura 11 – Pessoas em situação de rua, Rio de Janeiro .....	51
Figura 12 – Primeira captura de tela com os resultados da busca de imagens por “cidade do Rio de Janeiro” .....	66
Figura 13 – Segunda captura de tela com os resultados da busca de imagens por “cidade do Rio de Janeiro” .....	66
Figura 14 – Terceira captura de tela com os resultados da busca de imagens por “cidade do Rio de Janeiro” .....	67
Figura 15 – Captura de tela com os resultados priorizados na busca de imagens por “jovem” .....	68
Figura 16 – Captura de tela com os resultados priorizados na busca de imagens por “jovem carioca” .....	69
Figura 17 – Captura de tela com os resultados priorizados na busca de imagens por “jovens cariocas” .....	70
Figura 18 – Captura de tela com os resultados priorizados na busca de imagens por “jovens cariocas favelas” .....	70
Figura 19 – “Alguns lutam com outras armas” .....	116
Figura 20 – “Às vezes, nem sempre é o que parece, Tio II” .....	117
Figura 21 – “Papo de futuro” .....	118
Figura 22 – “Bailarina na laje” .....	119
Figura 23 – “No ar, no chão, na ponta dos pés” .....	120
Figura 24 – “Pássaros” .....	121
Figura 25 – “Conhecimento é poder” .....	122
Figura 26 – “Capoeira na laje” .....	123
Figura 27 – “Lazer” .....	124
Figura 28 – “Garota da laje” .....	125

Figura 29 – “Só os crias” .....	126
Figura 30 – “Coisa de criança” .....	127
Figura 31 – “Menino do muro” .....	128
Figura 32 – “O lazer está no céu” .....	129
Figura 33 – “Sombra, luz e pipa” .....	130
Figura 34 – “Pôr do sol visto da favela” .....	131
Figura 35 – “Juventude na Rocinha 1” .....	132
Figura 36 – “Juventude na Rocinha 2” .....	133
Figura 37 – “Amizade é tudo” .....	134
Figura 38 – “Gentificação” .....	136
Figura 39 – “Força” .....	137
Figura 40 – “Deus é uma mulher preta e poeta” .....	138
Figura 41 – “Princesa da favela” .....	139
Figura 42 – “Aprecie sem moderação” .....	140
Figura 43 – “Fotógrafos da Casa Amarela” .....	141
Figura 44 – “Moleque moderno” .....	142
Figura 45 – “Favela Afropunk” .....	144
Figura 46 – “Homens sem cabeça” .....	145
Figura 47 – “Na favela, também tem trabalhador” .....	146
Figura 48 – “Em busca do futuro” .....	147
Figura 49 – “Juventude na Rocinha 3” .....	148
Figura 50 – “Juventude na Rocinha 4” .....	149
Figura 51 – “Amarelinha” .....	151
Figura 52 – “O mar é logo ali” .....	152
Figura 53 – “Juventude na Rocinha 5” .....	153
Figura 54 – “Favela em pedaços” .....	155
Figura 55 – “Falcão” .....	156
Figura 56 – “Reflexos” .....	157
Figura 57 – “Corpo em progressão” .....	159
Figura 58 – “Gratidão” .....	160
Figura 59 – Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro .....	182
Figura 60 – Prédios comerciais no Centro da Cidade, Rio de Janeiro ...	182
Figura 61 – Comércio de rua, Rio de Janeiro .....	183
Figura 62 – Condomínio de luxo, Rio de Janeiro .....	183
Figura 63 – Calçadão da Praia de Copacabana, Rio de Janeiro .....	184

Figura 64 – Engarrafamento, Rio de Janeiro.....	184
Figura 65 – Cinema Roxy, Copacabana, Rio de Janeiro .....	185
Figura 66 – Favela, Rio de Janeiro .....	186
Figura 67 – Shopping Center, Rio de Janeiro .....	186
Figura 68 – Restaurantes, Rio de Janeiro .....	187
Figura 69 – Pessoas em situação de rua, Rio de Janeiro .....	188
Figura 70 – Questão 1: qual a sua idade? .....	189
Figura 71 – Questão 2: como você se identifica em relação ao seu gênero? .....	189
Figura 72 – Questão 3: como você se declara em relação à sua cor?...190	
Figura 73 – Questão 5: há quantos anos você mora na cidade do Rio de Janeiro? .....	190
Figura 74 – Questão 6: em qual bairro você mora atualmente?.....	191
Figura 75 – Questão 7: qual a sua faixa de renda familiar mensal, ou seja, a soma da renda de todas as pessoas que moram com você? .....	191
Figura 76 – Questão 8: qual seu nível de instrução? .....	192
Figura 77 – Questão 9: cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “cidade” .....	192
Figura 78 – Questão 10: conte-nos como você definiria “cidade”: “Para mim, cidade é...” .....	193
Figura 79 – Questão 11 A: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	193
Figura 80 – Questão 11 B: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	194
Figura 81 – Questão 11 C: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	194
Figura 82 – Questão 11 D: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	195
Figura 83 – Questão 11 E: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	195
Figura 84 – Questão 11 F: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	196



Figura 85 – Questão 11 G: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	196
Figura 86 – Questão 11 H: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	197
Figura 87 – Questão 11 I: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	197
Figura 88 – Questão 11 J: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	198
Figura 89 – Questão 11 L: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade” .....	198
Figura 90 – Questão 12: você já esteve em uma favela? .....	199
Figura 91 – Questão 13: cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “juventude” .....	199
Figura 92 – Questão 14: cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “favela” .....	200
Figura 93 – Questão 15: cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “jovem da favela” .....	200

## Lista de tabelas

Tabela 1 – Principais resultados da pesquisa: definições de cidade e favela .....57

Tabela 2 – Principais resultados da pesquisa: definições de juventude e jovem da favela .....57

# 1. Introdução

Quero mostrar que a gente é arte, que a gente é potência, que a gente não nasceu  
pra ser confundido com bandido, pra ser confundido com pessoas ruins. Que a  
gente nasceu também pra brilhar  
Joyce Piñeiro, 25 anos.

Joyce Piñeiro é uma das fotógrafas do projeto Favelagrafia. Nascida e criada no Morro da Providência, no Centro da Cidade do Rio de Janeiro, considerada como a primeira favela do Brasil, Joyce traz na sua fala a experiência de quem sabe o que é ser jovem em uma favela, os estereótipos associados a essa imagem e o desejo de ser vista por um outro olhar. Ao ser perguntada sobre qual favela gostaria de mostrar através de suas lentes, Joyce fala de arte, de potência e de sucesso: “A gente nasceu também para brilhar”.

O Rio de Janeiro é a cidade brasileira com o maior número de habitantes vivendo em favelas - 1.393.314 pessoas, o que corresponde a 22% da população, segundo o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>2</sup>. Em 2020, o estudo “Aglomerados Subnormais 2019: Classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19”, publicado pelo mesmo Instituto, indica que a Cidade de São Paulo havia ultrapassado o Rio de Janeiro em número de domicílios ocupados em aglomerados subnormais<sup>3</sup>. Ainda assim, o Rio é, simbolicamente, “a cidade da favela”, seja porque aqui ela surgiu ou por sua presença visível junto aos cartões postais da Cidade.

Apesar de representar uma expressiva fatia da população, a favela está frequentemente associada ao lugar do “outro”: espaço do caos, da ausência, da precariedade e do perigo. Tal imagem socialmente construída tem origens no processo de estratificação espacial da Cidade do Rio de Janeiro, com início no século XIX, a partir do qual as classes populares foram sendo apartadas das áreas mais valorizadas da Cidade, levando à formação das favelas. Ao longo de mais de um século, através de uma visão etnocêntrica e de um processo de urbanização alinhado às diretrizes do Estado e aos interesses do capital, constrói-se a imagem

---

<sup>2</sup> IBGE, Censo de 2010. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/pesquisa/23/25359?detalhes=true>. Acesso em: 04 ago. 2019.

<sup>3</sup> IBGE, “Aglomerados Subnormais 2019: Classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19”, 2020. Disponível em [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717\\_apresentacao.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717_apresentacao.pdf). Acesso em: 21 de setembro 2020.

das favelas como “[...] o mundo antigo, bárbaro, do qual é possível distanciar-se para alcançar a civilização” (Valladares, 2005, p. 36).

Para Burgos (2009), a favela é uma representação social construída por intérpretes autorizados como antítese de um certo ideal de cidade. Jornalistas, funcionários públicos e médicos sanitaristas foram os primeiros a representar a favela como lugar da pobreza e da marginalidade, onde a degradação moral se somava à sanitária (Leite, 2012).

Sendo a identidade sempre relacional (Woodward, 2000) e a diferença estabelecida por meio de uma marcação simbólica em relação a outras identidades, os sistemas classificatórios organizam e dividem as relações sociais em pelo menos dois grupos opostos, como “nós e eles”, mantendo a ordem social a partir de oposições binárias que estabelecem quem são os *insiders* e quem são os *outsiders*. A favela seria, dessa forma, o lugar do “outro”, uma massa homogênea de “*outsiders*”, imagem socialmente construída ao longo dos últimos séculos.

Apesar das favelas terem adquirido, ao longo do tempo, características completamente distintas de suas definições originais, sua representação, entretanto, mantém-se presa ao passado como um “problema”, “desvio” ou expressão da “anti-cidade”, reafirmado no binômio “asfalto/ favela”, estabelecendo hierarquias e diferenças na distribuição de direitos da cidadania (Barbosa & Souza e Silva, 2013). Tal imagem, historicamente construída e midiaticamente reforçada, estende-se para seus jovens moradores, frequentemente representados de forma estereotipada como criminosos ou coniventes com o crime, ou, de outra forma, como carentes ou vítimas.

O objetivo dessa pesquisa é analisar a representação social dos jovens das favelas, refletindo sobre as imagens que circulam diariamente diante de nossos olhos, carregando sentidos e construindo realidades, bem como contemplar uma outra representação possível, a partir do projeto Favelagrafia, em que os próprios moradores das favelas são produtores de novos olhares sobre as múltiplas e potentes *juventudes* de seus territórios, no plural.

Para Stuart Hall (2016), um dos principais teóricos dos Estudos Culturais Britânicos surgidos nos anos 1960 como um projeto de abordagem da cultura a partir de perspectivas críticas e multidisciplinares e instituídos na Inglaterra pelo *Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), o real não existe em si, sendo ele uma construção social extremamente influenciada pela mídia e

pelas imagens que circulam nas sociedades contemporâneas. A ideia de representação, conceito central desta linha de pensamento desenvolvida por Hall, seria, assim, uma disputa pela leitura da realidade por meio da produção e circulação de sentido pela linguagem. Entendendo a linguagem como uma prática significativa, as coisas não possuem sentido em si: elas carregam sentidos que foram sendo construídos socialmente, ao longo do tempo. O sentido é, dessa forma, produzido, não absoluto, e depende do contexto de uso e da cultura em que está inserido. “Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável” (Hall, 2016, p. 42).

Apesar da representação da favela como espaço popular se apoiar na noção de ausência e negação, os moradores das favelas não se veem apenas a partir dessa perspectiva, considerando também os aspectos afirmativos de seu cotidiano (Souza e Silva, 2007). Foi a partir da ideia de favela como potência que surge o projeto Favelagrafia, lançado em 2016 pela agência de comunicação NBS como estratégia mercadológica para acesso às classes populares, dentro de um contexto em que a chamada “nova classe média”, reflexo de um até então inédito movimento de redução da pobreza via combinação de crescimento econômico acelerado do País e diminuição das desigualdades por um período mais longo (Neri, 2008), atraía a atenção do mercado e tornava também visível o consumidor que morava nas favelas e periferias. Os nove fotógrafos selecionados para o projeto em 2016 (Anderson Valentim, Elana Paulino, Jéssica Higino, Josiane Santana, Joyce Marques Piñeiro, Magno Neves, Omar Britto, Rafael Gomes e Saulo Nicolai), moradores de nove diferentes favelas do Rio, desde então fotografam suas comunidades e postam as imagens em uma conta no *Instagram* (@favelagrafia), que hoje possui mais de 49.000 seguidores. Nos anos de 2016 e 2019, o Projeto Favelagrafia foi tema de duas exposições no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio).

Mesmo com idades que variavam entre 20 e 34 anos na época de lançamento do projeto, consideraremos nesse trabalho todos os nove fotógrafos como “jovens”, adotando o conceito de juventude expandida, a qual se relaciona a práticas juvenis e não a uma faixa etária específica. Seguiremos, dessa forma, um dos critérios adotados pela agência NBS no processo seletivo dos participantes, na medida em que “ser um jovem fotógrafo” teria sido uma das características desejadas pela equipe da agência para os escolhidos, tanto pelo frescor atribuído ao olhar criativo

da juventude, quanto pelo domínio da tecnologia e das redes sociais, consideradas como importantes plataformas de divulgação da iniciativa.

Analisaremos as imagens produzidas pelo projeto Favelagrafia, bem como a visão de seus integrantes sobre cidade, favela e a experiência de ser jovem em uma favela a partir do conceito de representação, de Stuart Hall (2016). Nos seus estudos sobre o tema, o autor se questionava se um regime dominante de representação pode ser desafiado, contestado ou modificado. Ele compreendia que as estratégias de estereotipagem e as políticas racializadas de representação exerciam uma grande força na tentativa de fixar significados, mas também acreditava que se o significado é atribuído por meio de uma construção social e não está na coisa em si, ele também pode ser modificado. Para que possamos desenvolver tal análise, a dissertação está estruturada em cinco capítulos.

No Capítulo 2, retomaremos o processo histórico de estratificação espacial da Cidade do Rio de Janeiro, com início no século XIX, a partir do qual as classes populares foram sendo apartadas das áreas mais valorizadas da Cidade, levando à formação das favelas e à construção social de sua imagem como o lugar do “outro”, “mal a ser combatido”, espaço da carência e do perigo. Leite (2012) entende que tais representações orientaram e legitimaram um tratamento específico do Estado para com a favela e seus moradores, reforçando dispositivos segregatórios que produzem e reproduzem tal imagem. Apesar da visão negativa historicamente construída, será analisada também uma perspectiva de autores contemporâneos que tratam a temática da favela como potência, não somente como carência.

No Capítulo 3, por meio de uma pesquisa quantitativa exploratória, analisaremos se a percepção da favela como lugar do “outro” haveria ou não se modificado ao longo do tempo e como ela impactaria, atualmente, a imagem do jovem morador das comunidades cariocas. Serão analisados os resultados da pesquisa exploratória realizada por intermédio de um questionário *online* aplicado a moradores da Cidade do Rio de Janeiro pertencentes às “camadas médias urbanas” (Velho, 1999), que procurou compreender a visão desse grupo particular sobre as ideias de “cidade”, “favela”, “juventude” e “jovem da favela”. A opção por concentrar a investigação em tal segmento buscou identificar como se dá a percepção de alteridade em um contexto de grande desigualdade social, como é o caso do Brasil e, particularmente, da Cidade do Rio de Janeiro, refletindo o

chamado “senso comum”, considerando que nele coexistem visões plurais e não-homogêneas.

No Capítulo 4, refletiremos sobre as imagens que circulam diante de nossos olhos sobre os jovens das favelas cariocas e como elas nos ajudam a compreender a percepção do senso comum sobre esse jovem. Para tanto, analisaremos imagens obtidas através de buscas no *Google*, tomando como base teórica o conceito de “representação” de Stuart Hall (2016), iniciando com uma breve contextualização sobre os estudos culturais britânicos oriundos na década de 1960, sendo Hall um dos seus principais expoentes.

No Capítulo 5, analisaremos o projeto Favelagrafia por meio de Estudo de Caso, metodologia de pesquisa que utiliza evidências particulares para melhor compreender o conjunto de uma situação e um fenômeno mais amplo (Martino, 2018). Foi adotado o método de investigação qualitativo a partir de entrevistas em profundidade com oito dos nove fotógrafos participantes do projeto. Não foi possível realizar a entrevista com uma única participante do projeto, Jéssica Higino, que se encontrava sem disponibilidade de agenda.

As entrevistas em profundidade, realizadas entre os meses de março e junho de 2021, buscavam compreender a relação dos integrantes do projeto com a cidade, suas concepções sobre a ideia de favela, como definiam a experiência de ser jovem nesse contexto, além de suas experiências ao participar do projeto Favelagrafia e as inspirações e motivações por trás de suas produções fotográficas. Foram também abordadas questões referentes à representação midiática dos jovens das favelas na publicidade, nas imagens que circulam na Internet e nas matérias jornalísticas. Em função da pandemia de Covid-19 e do distanciamento social então implementado, todas as entrevistas aconteceram em ambiente digital, utilizando o aplicativo de videoconferência *Zoom*. Por serem figuras públicas e considerando que todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação do conteúdo das entrevistas e de suas fotografias para fins desse trabalho, foi feita a opção de preservar os nomes reais dos entrevistados.

No 6º e último capítulo, analisaremos quarenta imagens produzidas pelos fotógrafos do projeto, com o objetivo de refletir sobre as múltiplas juventudes existentes nas favelas cariocas. Como parte da metodologia aplicada para esse estudo, solicitei a cada entrevistado que escolhesse cinco fotos de sua autoria que para eles representassem os jovens das favelas. Depois de contemplar as perguntas

iniciais do roteiro, cujas respostas foram analisadas no capítulo anterior, os entrevistados foram convidados a desenvolver suas ideias sobre as intenções e inspirações para cada foto por eles escolhida.

Como parte integrante da equipe da agência NBS na época em que o Projeto Favelagrafia foi criado e implementado, é inevitável abordar meu envolvimento com o tema e com os participantes. Formada em Comunicação Social pela UFRJ, comecei a trabalhar muito cedo no mercado publicitário, ainda na faculdade, aos 18 anos. Durante outros 18 anos, estive à frente de muitas campanhas, lançamentos de marcas e de produtos. Em 2012, fiz uma significativa mudança de carreira, deixando as atividades com as quais eu trabalhava e passando a me dedicar a uma iniciativa mercadológica específica da agência NBS voltada para o acesso às favelas cariocas. Durante 5 anos, trabalhei no Morro Santa Marta e tive a oportunidade de conhecer muitas outras favelas do Rio. Iniciei o projeto com o objetivo de atender a uma oportunidade de negócio diante do potencial crescente de consumo das favelas e logo fui surpreendida por algo muito maior e mais complexo: o imenso potencial humano que ali existia em contradição com a gigantesca desigualdade social do País e da Cidade do Rio de Janeiro. O Favelagrafia foi um dos projetos em que participei nesse período, coordenado inicialmente pela equipe da agência e autogerido pelos fotógrafos há três anos.

O ingresso no Mestrado, um sonho antigo, foi sensivelmente motivado pelo interesse em aprofundar minhas reflexões sobre as diferentes juventudes das favelas que eu tivera a oportunidade de conhecer nesse caminho. Certamente foi um grande desafio entender qual deveria ser o meu papel como pesquisadora e mulher de 45 anos, branca, nascida em família de classe média da Baixada Fluminense e moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro há quase 30 anos.

No texto “O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues”, Roberto DaMatta (1978) reflete sobre as restrições da Antropologia Social em assumir o lado humano e fenomenológico da disciplina. Para o autor, o temor em se apropriar da subjetividade presente nas investigações de campo seria tão maior quanto mais forte é a idealização do rigor nas rotinas de pesquisa. “Numa palavra, é um modo de não assumir o ofício de etnólogo integralmente, é o medo de sentir o que a Dra. Jean Carter Lave denominou, com rara felicidade, numa carta do campo, os *anthropological blues*” (Da Matta, 1978, p. 3).



Sem desprestigiar a importância do rigor atribuído ao exercício do ofício de um antropólogo, DaMatta traz à luz os aspectos espontâneos e não planejados que surgem nas rotinas de pesquisa: aspectos extraordinários que estão prontos a emergir em todo relacionamento humano. O autor sublinha que não existe Antropologia Social sem que se estabeleça uma ponte entre universos de significação distintos, cuja conexão estará sempre sujeita aos ingredientes subjetivos próprios dos contatos humanos. Segundo DaMatta, a essência do ofício do antropólogo pressupõe “realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) *transformar o exótico no familiar* e/ ou (b) *transformar o familiar em exótico*” (Da Matta, 1978, p. 4). Seja em uma fórmula ou na outra, é preciso que haja dois universos de significação distintos e uma vivência do pesquisador em ambos que o habilite a construir uma ponte entre eles:

No caso das transformações antropológicas, os movimentos sempre conduzem a um encontro. Deste modo, a primeira transformação leva ao encontro daquilo que a cultura do pesquisador reveste inicialmente no envelope do bizarro, de tal maneira que a viagem do etnólogo é como a viagem do herói clássico, partida em três momentos distintos e independentes: a saída de sua sociedade, o encontro com o outro nos confins de seu mundo social e, finalmente, o retorno triunfal (como coloca Degérando) ao seu próprio grupo com os seus troféus [...]. Na segunda transformação, a viagem é como a do xamã: um movimento drástico onde, paradoxalmente, não se sai do lugar. E, de fato, viagens xamanísticas são viagens verticais (para dentro ou para cima) muito mais do que horizontais, como acontece na viagem clássica dos heróis Homéricos [...] Como consequência, a segunda transformação conduz igualmente a um encontro com o outro e ao estranhamento” (Da Matta, 1978, p. 5).

Nesse encontro com o outro, os *anthropological blues* seriam os momentos em que elementos não esperados surgem na prática de pesquisa, como o sentimento e a emoção. Como tudo na Antropologia é fundado na alteridade, o autor sublinha que só há dados quando há um processo de empatia correndo entre pesquisador e pesquisado. Assim, o lado mais extraordinário e menos rotineiro da prática antropológica se encontra quando cruzamos os caminhos da empatia e da humildade. Ao deslocar nossa própria subjetividade, precisamos do outro como espelho e guia. E foi assumindo a presença do sentimento e da emoção que mergulhei nessa pesquisa, contando com a disponibilidade, o afeto e a atenção de muitos jovens das favelas que tive o privilégio de conhecer, em especial, Anderson, Elana, Jéssica, Joyce, Josiane, Magno, Omar, Rafael e Saulo.

## 2. A formação das favelas: um percurso histórico

### 2.1. Favela como produto do processo de estratificação social urbana

[...] o povo da favela vai descer para salvar o Brasil e promover a revolução desejada, supunha-se, sonhava-se ou temia-se.

Luiz Eduardo Soares, Prefácio de *Um país chamado favela*.

O Rio de Janeiro que hoje conhecemos é produto de um projeto de segregação das classes populares que vem se desenvolvendo há séculos no País. Refletir sobre a história de formação das favelas cariocas implica, assim, na retomada do processo de urbanização – e sua consequente estratificação espacial - da Cidade do Rio de Janeiro, capital do Brasil de 1763 a 1960 e metrópole mais populosa do País até a década de 1950, quando então perdeu sua posição hegemônica para São Paulo (Abreu, 2006).

O objetivo deste capítulo é, assim, retomar o processo histórico que teve início no século XIX, a partir do qual as classes populares foram sendo apartadas das áreas mais valorizadas da Cidade, levando à formação das favelas. Será abordado também a construção da imagem da favela como o lugar do “outro” e como “mal a ser combatido”: espaço do caos, da ausência, da precariedade e do perigo. Apesar de tal visão negativa historicamente construída, será analisada também uma perspectiva de autores contemporâneos que tratam a temática da favela como potência, não somente como carência.

O início do processo de estratificação espacial do Rio de Janeiro se deu a partir do século XIX com o surgimento de uma nova classe social até então inexistente na Cidade, fruto de novas atividades econômicas, políticas e ideológicas que começaram a se desenvolver com a chegada da família real. O Rio de Janeiro, que até então era uma cidade com poucos trabalhadores livres e maioria da população escrava, vai aos poucos se transformando “[...] tanto na aparência como no conteúdo” (Abreu, 2006, p. 28).

Ainda segundo Abreu (2006), as mudanças na Cidade levaram a um aumento da atividade fabril, que somada ao esgotamento do sistema escravista e ao consequente afluxo de imigrantes estrangeiros, gerou um processo de acelerado

crescimento populacional via migração, ao final do século XIX. Esse processo acabou por agravar consideravelmente o problema habitacional e o adensamento dos cortiços, contra os quais a administração do Prefeito Barata Ribeiro iniciou uma verdadeira guerra, culminando com a demolição do célebre Cabeça de Porco<sup>4</sup>, em 1893. Tal momento marca o início de um processo de intervenção direta do Estado sobre a área central da Cidade, o que se intensificaria no início do século XX durante a administração do Prefeito Pereira Passos, aumentando os mecanismos de estratificação social do espaço urbano e reorganizando o Rio de Janeiro em novas bases econômicas e ideológicas, onde não mais cabia a presença de pobres em sua área mais valorizada (Abreu, 2006).

Alguns estudiosos acreditam que a demolição do Cabeça de Porco representa a “semente da favela”, uma vez que vários de seus moradores desalojados, sem ter para onde ir, reaproveitaram a madeira do local na construção de barracos em um morro próximo (Santucci, 2008).

Nesse mesmo período, atraídos pelas oportunidades de trabalho como estivadores, veteranos da Guerra de Canudos instalam-se no local que hoje é conhecido como Morro da Providência, dando-lhe o nome de “favela”, em função de uma planta assim denominada<sup>5</sup>, abundante na região. Segundo Valladares (2005), os moradores dos antigos cortiços, deslocados de seus territórios, passaram então a habitar os morros vizinhos, surgindo, assim “as favelas”, em referência ao nome do primeiro morro ocupado no Rio de Janeiro. Na medida em que os cortiços desapareciam, as favelas se faziam presentes em outros morros ao redor do centro da cidade (Santucci, 2008).

Na primeira década do século XX, inspirado por uma visão higienista de cidade e pelo referencial urbanístico do Barão Haussmann, administrador público que havia transformado Paris na segunda metade do século XIX, o então prefeito carioca Pereira Passos promove uma ambiciosa reforma urbana no Rio de Janeiro, construindo grandes avenidas e removendo cortiços. Uma das grandes obras de tal

<sup>4</sup> O grande cortiço Cabeça de Porco chegou a abrigar cerca de 4 mil pessoas até um ano antes de sua demolição (Santucci, 2008).

<sup>5</sup> Segundo Dicionário Houaiss, Favela s.f: 1 angios arbusto ou árvore (*Jatropha phyllacantha*) da fam. Das euforbiáceas, que ocorre no Brasil (N.E. eS.E.), de ramos lenhosos, folhas repandas ou sinuosas e denteadas, flores brancas, em cimeiras, e cápsulas escuras, verrucosas, com sementes oleaginosas e de que se faz farinha rica em proteínas e sais minerais; faveleira, faveleiro, mandioca-brava; 2 angios fruto dessa planta; 3 *B* conjunto de habitações populares, ger. Construídas sem planejamento, onde residem pessoas de baixa renda; morro; 4 *p.ext.*; *B*; *pej.* Lugar de mau aspecto; situação que se considera desagradável ou desorganizada (Favela, c2019).

projeto foi a demolição do Morro do Castelo, marco de fundação da Cidade, iniciada em 1904 e concluída em 1922, durante administração do Prefeito Carlos Sampaio. A visão higienista da época atribuía ao Morro do Castelo a má circulação do ar e, conseqüentemente, a permanência dos miasmas, emanações a que se imputava a contaminação das doenças infecciosas e epidêmicas, supostamente responsáveis pelas críticas condições de saúde em que o Rio de Janeiro se encontrava durante os séculos XVIII e XIX (Paixão, 2008).<sup>6</sup>

A Reforma Passos, conjunto de ações implementadas por Pereira Passos, representou um momento de corte fundamental na relação entre Estado e Urbano. Até então, a atuação do Estado se dava de forma indireta, regulando, controlando ou estimulando ações da iniciativa privada que impactavam no crescimento da Cidade. Além de adequar o espaço urbano à transição de um modelo colonial-escravista para o modelo capitalista, o período Passos representou também a aceleração do processo de estratificação espacial que já era característico desde o século XIX, contribuindo para a consolidação de uma estrutura núcleo/periferia que perdura até os dias de hoje (Abreu, 2006), criando também as condições de emergência e consolidação da Zona Sul como área mais rica da Cidade (Carvalho, 2019).

Com a inauguração de novas linhas de bonde, a especulação imobiliária tem expressivo crescimento e os bairros da Zona Sul passam a contar com inúmeras obras de infraestrutura e a receber uma quantidade cada vez maior de moradores das classes sociais mais abastadas. Ao mesmo tempo em que as novas redes de transporte facilitavam o deslocamento de partes da população, também levaram ao surgimento de uma cidade “mais espalhada e desigual” (Carvalho, 2019, p. 279).

O processo de intervenção estatal e a depuração das áreas nobres da Cidade tiveram sequência na administração de Carlos Sampaio, não só com a efetiva derrubada do Morro do Castelo, “[...] em nome da aeração e da higiene” (Abreu, 2006, p. 72), como também através de remoções de favelas e cortiços na Lagoa. A partir de então, a preocupação com o valor de troca do solo urbano passa a estar

---

<sup>6</sup> Sobre o discurso da purificação, Bauman (1998, p. 13) nos fala, citando Foucault (1961): “Nos primeiros anos da idade moderna, como Michel Foucault nos lembrou, os loucos eram arrebanhados pelas autoridades citadinas, amontoados dentro de *Narrenschiffen* (‘naus dos loucos’) e jogados ao mar; os loucos representavam ‘uma obscura desordem, um caos movediço [...] que se opõe à estabilidade adulta e luminosa da mente’; e o mar representava a água, que ‘leva deste mundo, mas faz mais: purifica’”.

explicitamente presente nos planos municipais, uma vez que as melhorias empreendidas pelo poder público levaram a um processo de valorização crescente de terrenos, cujo retorno financeiro a administração municipal pretendia agora converter para si (Abreu, 2006). Para Barbosa & Souza e Silva (2013), as favelas são expressões estruturais desse processo discricionário que caracteriza a urbanização do território brasileiro.

A atuação concentradora e especulativa do capital imobiliário, retendo áreas centrais urbanizadas e terras urbanizáveis à espera de valorização, implicou aos trabalhadores pobres a ocupação de sítios geomorfológicos com riscos consideráveis (encostas íngremes, margens de rios, planícies inundáveis), de lotes e áreas urbanas destituídas de serviços básicos, e, no limite extremo, na periferia urbano-rural, sem qualquer infraestrutura básica, inclusive as de saneamento (Barbosa & Souza e Silva, 2013, p. 120).

Ainda segundo Abreu (2006), a destruição de um grande número de cortiços fez da favela a única alternativa para uma população pobre que precisava morar nas proximidades do local de trabalho e que não parava de crescer, atraída à Cidade pelo aumento da atividade industrial e da construção civil.

Para Lefebvre (2001), a industrialização representa o motor das transformações na sociedade, levando à prevalência do valor de troca do espaço urbano em relação ao valor de uso. A cidade é, então, não apenas um lugar passivo da produção ou da concentração dos capitais, mas sim um mecanismo de intervenção na produção ou reprodução do capital. Segundo Arantes, Vainer e Maricato (2013), as cidades modernas sempre estiveram associadas à divisão social do trabalho e à acumulação capitalista, como parte integrante de um sistema que hierarquiza e estratifica, ancorando a chamada “cidade-negócio” numa pseudomercadoria, o solo, “[...] um outro nome para a natureza, que aliás não foi produzida pelo homem, muito menos para ser vendida num mercado” (Arantes; Vainer; Maricato, 2013, p. 26). Para Arantes, Vainer e Maricato (2013), dentro do contexto da “cidade-negócio”, a favela teria, assim, um claro papel a cumprir.

A ilegalidade na provisão de grande parte das moradias urbanas (expediente de subsistência e não mercadoria capitalista) é funcional para a manutenção do baixo custo de reprodução da força de trabalho, como também para um mercado imobiliário especulativo (ao qual correspondem relações de trabalho atrasadas na construção), que se sustenta sobre a estrutura fundiária arcaica (Arantes; Vainer; Maricato, 2013, p. 148).

Adair Rocha (2005) nos fala que o capitalismo precisa da favela como espaço de reserva de mão-de-obra e reclusão de um “[...] povo que precisa ser produtivo economicamente e submisso politicamente” (Rocha, 2005, p. 112). Assim, a existência da favela garante à cidade formal capitalista o acesso fácil à força de trabalho de baixa remuneração.

## 2.2. Favela como mal a ser combatido

Segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, o Rio de Janeiro contava com 1.393.314 pessoas vivendo em favelas, correspondendo a 22% do total de seus habitantes (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010a). Apesar de representar uma expressiva fatia da população, a favela está frequentemente associada ao lugar do “outro”: espaço do caos, da ausência, da precariedade e do perigo.

Desde sua formação inicial, foram os jornalistas, funcionários públicos e médicos sanitaristas os primeiros a produzir e difundir uma representação negativa da favela como “[...] *locus* da pobreza e da marginalidade, a degradação moral somando-se à sanitária” (Leite, 2012, p. 377). De acordo com a visão propagada por tais profissionais, somente pessoas moralmente degradadas se adaptariam a um ambiente como aquele, criando uma sociabilidade própria e desafiando as normas e as autoridades públicas.

A primeira grande campanha contra a favela foi empreendida pelo médico especialista em questões sanitárias, engenheiro e jornalista, Augusto de Mattos Pimenta, personagem importante na sociedade carioca dos anos 20 (Valladares, 2005).

Durante dois anos, essa campanha, muito bem organizada, ocupou as páginas dos principais jornais do Rio – O Globo, A Notícia, Jornal do Commercio, O Jornal, Correio da Manhã e Jornal do Brasil –, apresentando a imagem da favela como ‘lepra da estética’. Esta analogia sintetizava perfeitamente a maneira pela qual Mattos Pimenta denunciava a pobreza. A lepra era considerada na Idade Média a doença dos malditos e, ainda nos anos 1920, constava como uma das piores doenças contagiosas, desfigurando e levando à segregação os doentes por ela infectados. Para Mattos Pimenta, a favela exigia medidas de tal rigor (Valladares, 2005, p. 42).

Para Burgos (2009) o sentido da palavra favela está ligado à noção de cidade, variando conforme a posição social de quem a define. Ainda segundo Burgos

(2009), a favela é uma representação social construída por intérpretes autorizados como antítese de um certo ideal de cidade.

Historicamente, segundo Cavalcanti (2004), a forma física da favela desempenhou um papel fundamental em sua construção social como um espaço singular, geralmente definido de forma negativa, em contraposição à chamada “cidade formal”, englobando a materialização do conceito das “classes perigosas” e “antro de doenças e da criminalidade”, alinhado aos princípios da medicina higienista do século XIX.

Leite (2012) entende que tais representações orientaram e legitimaram um tratamento específico do Estado para com a favela e seus moradores, reforçando dispositivos segregatórios que produzem e reproduzem a ideia da favela como o lugar do “outro”. A autora destaca, ainda, que o Estado não está ausente das favelas. Sua presença se caracteriza pela prestação de serviços de baixa qualidade, ineficiência de suas instituições, brutalidade policial e desrespeito aos direitos civis da população que ali habita (Leite, 2008<sup>7</sup> *apud* Leite, 2012).

As favelas foram proibidas e legalmente categorizadas como uma “aberração” a partir do código de obras de 1937 (Burgos, 1998<sup>8</sup> *apud* Cavalcanti, 2009), mas foi com o lançamento do programa “Parques Proletários Temporários”, primeiro projeto de remoção do Estado, quatro anos depois, que são estabelecidos dois precedentes importantes marcando a relação da favela com a chamada “cidade formal”: o da remoção e o de possíveis incursões policiais a partir de uma eventual resistência dos moradores (Lima, 1989<sup>9</sup>; Valla, 1992<sup>10</sup>; Burgos, 1998<sup>11</sup>; Zaluar & Alvito, 2008<sup>12</sup> *apud* Cavalcanti, 2009). Desde então, a possibilidade de remoção passou a se associar à favela, dentro e fora dela, coexistindo com pequenas obras

<sup>7</sup> LEITE, M. P. Violência, risco e sociabilidade nas margens da cidade: percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas. In: SILVA, L. A. M. da. *Vidas sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

<sup>8</sup> BURGOS, M. B. Dos parques proletários ao favela-bairro: das políticas públicas nas favelas do Rio de Janeiro. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M. (org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 25-60.

<sup>9</sup> LIMA, N. V. T. *O movimento de favelados do Rio de Janeiro: políticas do Estado e lutas sociais (1954-1973)*. 1989. 185 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1989.

<sup>10</sup> VALLA, V. V. *Educação e favela*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

<sup>11</sup> BURGOS, M., *Dos parques proletários ao favela-bairro*, 1998, p. 25-60.

<sup>12</sup> ZALUAR, A.; ALVITO, M. Introdução. In: ZALUAR, A.; ALVITO, M. (org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p. 7-24.

de melhoria como parte de um esforço mais amplo de moralização dos pobres, então protagonizado pela Igreja Católica (Cavalcanti, 2009).

Nos anos 1960 e 1970, a percepção dos moradores das favelas como fruto da marginalidade social serviu como justificativa ideológica para a grande operação antifavelas empreendida pelos governos de Carlos Lacerda, Negrão de Lima e Chagas Freitas (Valladares, 2005<sup>13</sup> *apud* Leite, 2012). De modo compulsório, moradores expulsos das favelas foram realocados em conjuntos habitacionais construídos em áreas distantes da cidade, como Vila Aliança, Vila Esperança, Vila Kennedy e Cidade de Deus (Athayde & Meirelles, 2014). Segundo Paixão (2008), dentre as favelas removidas nesse período estava a Favela da Praia do Pinto, em 1969, após um incêndio nunca esclarecido, e a Favela da Catacumba, cuja remoção se deu em 1970. Em meados dos anos 1970, quase 140 mil moradores já haviam sido removidos de cerca de 90 favelas e realocados em áreas distantes de seus lugares de origem (Cavalcanti, 2009).

Cavalcanti (2009) destaca a existência de um padrão perceptível nas políticas públicas direcionadas às favelas ao longo do século XX: durante governos autoritários, as iniciativas de remoção se fortaleciam, enquanto que em períodos democráticos, tentativas de urbanização se davam por arranjos clientelistas, com a chamada “política da bica d’água”, que garantia certa tolerância às favelas em troca de benefícios políticos, oferecendo, mesmo que parcialmente, algum tipo de melhoria em infraestrutura. Segundo a autora, o programa “Favela-Bairro”, a partir de meados de 1990, pode ser compreendido menos como uma ruptura e mais como uma ampliação das políticas iniciadas no governo Brizola no início dos anos 1980. Ainda segundo Cavalcanti (2009), a história da mudança de paradigma das políticas públicas alicerçadas na remoção para programas que visam à “integração” da favela à cidade dita “formal”, “torna-se a história da passagem do “barraco” de estuque para a “casa de alvenaria” (Cavalcanti, 2009, p. 73).

Segundo Adair Rocha (2005), até metade da década de 1980, a identificação da favela como lugar da pobreza e da marginalidade era contrabalançada pela valorização de sua cultura, especialmente o samba e o Carnaval.

---

<sup>13</sup> VALLADARES, L. do P. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.



[...] a cultura cria mais facilmente sua interação com o asfalto, seja por sua aparente neutralidade, que pode proporcionar meios de acesso menos arriscados, seja pela curiosidade atizada por meio da via folclórica, ou ainda pelo estatuto de consolidação sociocultural da sabedoria do morro, no samba, na dança, na poesia, na arte etc (Rocha, 2005, p. 84).

A partir dos anos 1990, porém, com a expansão do tráfico de drogas e suas conexões internacionais, as favelas passaram a estar associadas quase que exclusivamente à violência e insegurança que trariam aos moradores do chamado “asfalto”, o que evidenciou ainda mais os estigmas sobre seus moradores, sustentando os pilares segregacionistas das políticas públicas, especificamente no campo da segurança. As razões higienistas que no passado motivaram a opinião pública a pressionar por extinção ou remoção das favelas, cedem então espaço às motivações da ordem de segurança pública. A representação do Rio de Janeiro como uma “cidade em guerra” (Leite, 2012, p. 379) foi sendo construída a partir da repercussão midiática de uma série de episódios violentos, como arrastões, tiroteios e “balas perdidas”, aumentando o sentimento de insegurança dos moradores da Cidade frente às ameaças à integridade física e patrimonial de seus habitantes e demandando soluções ao Estado, que foram respondidas com medidas também violentas no campo das políticas de segurança pública (Leite, 2012).

Essa perspectiva desdobrou-se em uma forte demanda por ordem pública, simultaneamente exigindo garantias do direito à vida e à segurança para as camadas médias e altas e tolerando a supressão de sua condição de prerrogativas fundamentais para os *favelados* (Leite, 2012, p. 379, grifo da autora).

De acordo com Cavalcanti (2004), o aumento da criminalidade violenta e do tráfico de drogas nas favelas cariocas ao longo dos anos 1980 e 1990 constitui a problemática que vem se configurando como a questão política e social central da cidade. Barbosa & Souza e Silva (2013) entendem que ao contrário da expressão “cidade partida”, conhecida a partir do livro de Zuenir Ventura, de mesmo nome, publicado em 1994, “o que temos, historicamente, é um ‘Estado Partido’, voltado para atender às demandas específicas, inclusive no campo da segurança patrimonial dos grupos dominantes” (Barbosa & Souza e Silva, 2013, p. 122). A favela seria, assim, “[...] a radicalidade da submissão à hierarquização da desigualdade dos modelos e sistemas da estrutura do Estado moderno, que se submete, por sua vez, à lógica instrumental do mercado, justificando contundentemente a lógica da ‘cidade partida’” (Rocha, 2005, p. 24).

Durante os anos 1990 e 2000, inicia-se a implementação de uma política pública de “guerra” aos traficantes de drogas sediados nas favelas cariocas, empreendida pelo Estado, o que acaba sendo também praticada contra seus moradores, “vistos como “quase bandidos” e, assim, inimigos a combater” (Leite, 2012, p. 375).

Representar o conflito social nas grandes cidades como uma guerra implica acionar um repertório simbólico em que lados/ grupos em confronto são inimigos e o extermínio, no limite, é uma das estratégias para a vitória, pois com facilidade é admitido que situações excepcionais - de guerra – exigem medidas também excepcionais e estranhas à normalidade institucional e democrática (Leite, 2012, p. 379).

Ainda segundo Leite (2012), a representação de uma situação de guerra coloca, de um lado, os cidadãos – trabalhadores, eleitores e contribuintes – muitas vezes chamados de “pessoas de bem”, para quem a segurança é fundamental para viver, produzir e consumir; e de outro, os inimigos representados pela favela, sem distinção entre seus moradores e criminosos. não havendo “inocentes” entre eles.

A metáfora da guerra fez, assim, transitar parte da discussão da violência do campo da segurança pública para um terreno moral, em que os *favelados* foram tomados como cúmplices dos bandidos pela via das relações de vizinhança, parentesco, econômicas e da política local. Sua convivência com bandos de traficantes de drogas nos mesmos territórios de moradia foi percebida como expressão de sua ‘moralidade duvidosa’ (Leite, 2012, p. 380, grifo da autora).

Vale complementar que a referência ao termo “guerra” se faz presente em diferentes situações que visam a justificar a supressão de direitos, como “guerra às drogas”<sup>14</sup> e “guerra ao terror”<sup>15</sup>, atualizando o poder punitivo do Estado “[...] com a usual seletividade que se dirige a grupos sociais específicos” (Serra & Rodrigues, 2014). Para Agamben (2004),

O totalitarismo moderno pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio do estado de exceção, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que,

---

<sup>14</sup> No cenário internacional, a “guerra às drogas” tem origem nos Estados Unidos, durante o governo Nixon e se fortaleceu como vetor de intervenção diplomático-militar dos Estados Unidos desde o fim da Guerra Fria, reforçando a imagem do traficante de drogas como um inimigo interno (Serra & Rodrigues, 2014).

<sup>15</sup> Expressão presente no primeiro discurso à nação do então presidente dos EUA, George W. Bush, em 11 de setembro de 2001, logo após os atentados ao país, e que passou a protagonizar a agenda da política externa norte-americana ao longo de seu mandato recém iniciado, que se estenderia até o ano de 2009 (Dutra, 2015).

por qualquer razão, pareçam não integráveis ao sistema político (Agamben, 2004, p. 13).

A visão predominante de uma guerra urbana levou então a um novo modelo de política de segurança pública, implementada pelo Governo do Estado, a partir de 2008. Em resposta à ideia de “guerra”, o objetivo do programa das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) era “pacificar” as favelas e retomar o controle armado desses territórios. A primeira favela “pacificada” foi o Morro Santa Marta, no bairro de Botafogo, cuja UPP foi inaugurada em dezembro de 2008. Segundo dados do Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, entre 2008 e 2014, foram inauguradas 38 UPPs, sendo 37 na capital (Rio de Janeiro, c2020). Os critérios de escolha das favelas que receberiam UPPs não se deram por necessidades específicas destes territórios e, sim por interesses externos às favelas, dentre os quais destaca-se a valorização imobiliária especulativa (Athayde & Meirelles, 2014).

Ainda sobre a UPPs, Leite (2012) nos leva a refletir sobre os inúmeros dispositivos de disciplinarização adotados nas práticas de tal projeto:

[...] discursos, regulamentos, medidas administrativas e atividade policial que reprimem o que é considerado não civilizado (como bailes *funk*, música alta, encontros e festas nas ruas, etc.); assim como atividades filantrópicas que valorizam e estimulam as formas de sociabilidade consideradas aceitáveis; e, por fim, a desconsideração de suas reivindicações e movimentos e intervenções mais ou menos diretas em organizações de base (Leite, 2012, p. 384).

Arantes, Vainer e Maricato (2013) nos apontam que todo dispositivo de segurança representa alguma força civilizatória. A ideologia disciplinar e controladora do asfalto interpreta a favela como o lugar do imprevisível e do incontrolável, o que, segundo Adair Rocha (2005), remete às sociedades de soberania, onde o que está verdadeiramente em jogo não é o controle da vida, e sim a decisão sobre a morte.

Para Foucault (2010), uma das maiores transformações do direito político no século XIX se deu através do deslocamento do antigo direito de soberania – fazer morrer ou deixar viver, onde a vida e a morte dos súditos dependiam da vontade do soberano – para um direito novo, que não substitui, mas modifica o primeiro: o direito de fazer viver e de deixar morrer.

Enquanto nos séculos XVII e XVIII as técnicas de poder eram centradas no corpo individual, especialmente através da tecnologia disciplinar do trabalho, na

segunda metade do século XVIII surge um outro tipo de tecnologia de poder, que não exclui a técnica disciplinar até então vigente, centrada no corpo individual, mas que a modifica e nela se implanta, dirigindo-se não mais ao homem-corpo, mas ao homem-espécie. A esta nova tecnologia de poder, Foucault (2010) deu o nome de biopolítica.

Foi a partir dos saberes que fundamentam a biopolítica - a biologia, a medicina e o direito – que se construiu ao longo do século XX a ideia de que nem toda vida tem o mesmo valor. Segundo Agamben (2007), toda sociedade – mesmo a mais moderna – fixa um limite entre as vidas que valem ou não a pena ser vividas e decide quais sejam os seus “homens sacros”. “Na biopolítica moderna, soberano é aquele que decide sobre o valor ou sobre o desvalor da vida enquanto tal” (Agamben, 2007, p. 149).

De acordo com Foucault (2010), o racismo não é um desvio e sim uma intenção, um mecanismo de poder que possibilita o funcionamento do Estado Moderno exatamente por viabilizar, em certos momentos e em certas condições, o poder de matar por parte desse Estado. Por tirar a vida, Foucault (2010) entende não somente o assassinato direto, mas também todas as formas indiretas de morte: exposição à morte, multiplicação dos riscos de morte, ou, ainda, a morte política, expulsão e rejeição. Os Estados mais assassinos seriam, assim, os mais racistas.

Para Almeida (2018), o inimigo - aquele que representa o “perigo” e deve ser eliminado – é criado não apenas pelas políticas estatais de segurança pública, mas também pelos meios de comunicação de massa, constituindo subjetividades onde impera o medo.

O racismo, mais uma vez, permite a conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, à extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por ‘balas perdidas’, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que se exterminem milhares de jovens negros por ano no que vem sendo denunciado há anos pelo movimento negro como genocídio (Almeida, 2018, p. 94).

Segundo dados do Censo do IBGE de 2010, 68,4% dos moradores de favelas no Brasil são pardos e pretos, proporcionalmente superior ao percentual de pardos e pretos no total da população brasileira, de 51% (População..., 2011), o que nos leva a refletir sobre o racismo como mecanismo que estrutura e justifica as ações violentas e os dispositivos civilizatórios por parte do Estado em relação às favelas e reforça a representação dos moradores desses territórios como vidas esvaziadas

de valor. Os primeiros cinco meses do ano de 2020 (janeiro a maio) registraram recorde no número de mortos por intervenções policiais no Rio de Janeiro, de acordo com a série histórica do Instituto de Segurança Pública (ISP) – RJ (Rodrigues, 2020), que vem coletando esses dados desde 1998. Pretos e pardos correspondem a 78% das vítimas (Rodrigues & Coelho, 2020).

### 2.3. Favela não somente como carência, mas também como potência

Vimos que, ao longo de mais de um século, através de uma visão etnocêntrica e de um processo de urbanização alinhado às diretrizes do Estado e aos interesses do capital, constrói-se a imagem das favelas como “[...] o mundo antigo, bárbaro, do qual é possível distanciar-se para alcançar a civilização” (Valladares, 2005, p. 36). Para Everardo Rocha (1994), o olhar etnocêntrico se dá quando nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. De acordo com essa visão, a sociedade do “eu” é a melhor e a sociedade do “outro” é atrasada.

Segundo Kathryn Woodward (2000), a identidade é sempre relacional e a diferença é estabelecida por meio de uma marcação simbólica em relação a outras identidades. Para a autora, “A conceitualização da identidade envolve o exame dos *sistemas classificatórios* que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas; por exemplo, ela é dividida em ao menos dois grupos em oposição – “nós e eles” (Woodward, 2000, p. 14, grifo da autora). A ordem social é, portanto, mantida por meio de oposições binárias, tais como *insiders* e *outsiders*. A favela seria, assim, o lugar do “outro”, uma massa homogênea de “*outsiders*”, imagem socialmente construída ao longo dos últimos séculos.

De acordo com Jailson de Souza e Silva (2007, p. 211, grifo do autor), a representação da favela como espaço popular se apóia na noção de ausência, definindo-a, assim, “[...] pelo o que ela *não é* ou pelo o que ela *não tem*”. Para Souza e Silva (2007), outro elemento muito presente na representação usual das favelas é sua homogeneização.

Existente em terrenos elevados e planos, reunindo de algumas centenas de moradores até alguns milhares, possuindo diferentes equipamentos e mobiliários urbanos, sendo constituída por casas e/ou apartamentos, com diferentes níveis de violência e presença do poder público, com variadas características ambientais, as favelas

constituem-se como territórios com paisagens razoavelmente diversificadas. A homogeneidade, no entanto, é a tônica quando trata-se de identificar esse tipo de espaço popular (Souza e Silva, 2007, p. 211).

Desde a ocupação dos primeiros morros na cidade do Rio de Janeiro até os dias de hoje, podemos dizer que as favelas adquiriram características completamente distintas de suas definições originais. A representação estereotipada das favelas e dos seus moradores, entretanto, mantém-se presa ao passado no imaginário dos moradores da dita cidade “formal”, como um “problema”, “desvio” ou expressão da “anti-cidade”, segundo Barbosa & Souza e Silva (2013).

É nesse sentido que o processo de distinção no espaço urbano se apresenta como distanciamento ontológico (corpóreo e territorial) entre o mesmo hegemônico e o outro subalterizado, radicalmente descrito no binômio ‘asfalto/favela’, como marcação de hierarquias entre seres humanos e de distribuição de direitos da cidadania (Barbosa & Souza e Silva, 2013, p. 122).

Dentre as principais mudanças, destaca-se a alteração nos padrões de construção e no uso, não apenas residencial, mas também comercial dos imóveis construídos, na formação de um expressivo mercado imobiliário e na crescente diferenciação socioespacial interna nas favelas de maior porte. Rezende (1995<sup>16</sup> *apud* Leitão, 2009) pontua o surgimento de uma “nova favela” a partir dos anos 1980, com características distintas dos assentos informais de até então. Para a autora, a “nova favela” se distingue principalmente por contar com serviços públicos como água encanada, energia elétrica e coleta de lixo, sendo que “[...] algumas até reproduzem em seu espaço o padrão de consumo da classe média com comércio e serviços como academias de ginástica e bancos” (Rezende, 1995<sup>17</sup> *apud* Leitão, 2009, p. 39). Segundo Athayde & Meirelles (2014), em 2013, a fatia dos habitantes de favelas brasileiras na classe média era de 65% contra 33% dez anos antes e a renda total dos moradores de favelas estimada em R\$ 63,2 bilhões, correspondendo ao PIB de países como Bolívia e Paraguai. “A favela do final do século XX não é mais, como se imaginava no passado, tão somente um ‘trampolim para a cidade’ - o lugar temporário dos que chegavam à metrópole, na busca de um futuro melhor” (Leitão, 2009, p. 44).

---

<sup>16</sup> REZENDE, V. L. F. M. Planejamento e política fundiária: o caso do Rio de Janeiro. 1995. 377 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.

<sup>17</sup> REZENDE, V., *Planejamento e política fundiária*, 1995.

Souza e Silva (2007) entende que a valorização das pretensas ausências e a imagem homogeneizante das favelas têm um pressuposto fundamental no sociocentrismo, que se materializa quando, a partir dos padrões de vida, valores e crenças de um determinado grupo social são estabelecidas comparações com outros grupos sociais, em geral, colocados em posição inferior em uma hierarquia. Tal pressuposto sociocêntrico sustenta representações estereotipadas dos espaços favelados e de seus moradores de duas maneiras distintas: como criminosos e/ou colaboradores de forças criminosas, de um lado, e como bons favelados (Valladares, 1980<sup>18</sup> *apud* Souza e Silva, 2007), de outro, conceito derivado de uma visão romântica do *bom selvagem*, símbolo antimoderno de uma cidade racional e individualista, hoje mais identificado com a ideia de vítimas passivas de uma estrutura social injusta.

Burgos (2009) aponta que a categoria favela, manuseada no passado pelos intérpretes oficiais da época como afirmação de um ideal de cidade excludente será mais tarde “[...] reapropriada pelos seus moradores e ressignificada, convertendo-se em instrumento de luta e de afirmação identitária” (Burgos, 2009, p. 52). Mesmo com a apropriação do termo por seus moradores em uma perspectiva positiva, a reprodução do lugar da favela como lugar do “outro” e do subalterno ainda se encontra muito presente no senso comum. Ainda para Burgos (2009, p. 53), “Agora, talvez com mais ênfase do que há três ou quatro décadas atrás, o estigma de morar na favela seja ainda mais marcante, com sua associação à chamada cultura da violência”.

Segundo Souza e Silva (2007), os moradores das favelas não se veem ou analisam suas vidas apenas a partir das visões de ausência ou negação, levando em conta também os aspectos afirmativos de seu cotidiano. Para Barbosa & Souza e Silva (2013, p. 119),

[...] não devemos tomar a favela como território da pobreza e da carência *per si*. Mas sim identificar em tais situações a reprodução territorial das condições de desigualdade social. As favelas expressam, em nosso modo de ver, as contradições e os conflitos da urbanização do território, e nos convocam a assumir movimentos de inovação teórico-conceitual e da prática de investigação das relações entre a produção do espaço urbano, a reprodução das desigualdades sociais e a distinção territorial de direitos.

---

<sup>18</sup> VALLADARES, L. do P. *Passa-se uma casa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

O convite para um novo olhar teórico-conceitual em relação às favelas nos remete à ideia de contemporaneidade de Agamben (2009), estimulando-nos a manter um olhar fixo no nosso tempo para que possamos perceber não suas luzes, mas sim suas sombras. Ser contemporâneo “[...] significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar” (Agamben, 2009, p. 65). Ser verdadeiramente contemporâneo significa, assim, perceber que um outro tipo de representação das favelas se faz necessária, indo além do discurso das ausências e carências.

## 2.4. Síntese do capítulo

Vimos nesse capítulo que a origem das favelas cariocas está intimamente ligada a um processo de estratificação social urbana em que as classes populares foram intencionalmente deslocadas das áreas nobres da Cidade do Rio de Janeiro. A Reforma Passos, conjunto de ações implementadas por Pereira Passos na primeira década do século XX, representou um momento de intervenção direta do Estado na adequação do espaço urbano ao modelo capitalista que se estabelecia e na aceleração do processo de estratificação espacial que já vinha em curso, contribuindo para a consolidação de uma estrutura núcleo/periferia que perdura até os dias de hoje (Abreu, 2006). A favela se constitui, assim, como a única alternativa para uma população pobre que precisava morar nas proximidades do local de trabalho, atraída à Cidade pelo aumento da atividade industrial e da construção civil.

Desde a ocupação dos primeiros morros do Rio de Janeiro até os dias de hoje, as favelas adquiriram características completamente distintas de suas origens, mas continuam sendo representadas de forma estereotipada como um “problema”, “desvio” ou expressão da “anti-cidade” (Barbosa & Souza e Silva, 2013), espaço popular apoiado na noção de ausência e sendo definida “[...] pelo o que ela *não é* ou pelo o que ela *não tem*” (Souza e Silva, 2007, p. 211, grifo do autor). Ainda segundo o mesmo autor, os moradores das favelas não se veem ou analisam suas vidas apenas a partir das visões de ausência ou negação, levando em conta também os aspectos afirmativos de seu cotidiano.



Encerramos assim o capítulo propondo o convite a um novo olhar teórico-conceitual em relação às favelas e seus moradores, indo além do discurso das ausências e carências, exercício que será desenvolvido a partir dos próximos capítulos desse trabalho.

### 3. Favela, cidade e juventude pelo olhar das “camadas médias urbanas”

#### 3.1. A opção por investigar o olhar das “camadas médias urbanas”

As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso, mas nem um nem o outro bastam para sustentar as suas muralhas. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.

Italo Calvino, *As cidades invisíveis*.

Vimos no capítulo anterior que o processo histórico de formação das favelas sempre esteve ligado ao lugar do “outro”. Ao mergulhar nesta pesquisa, compreendi que era importante investigar se tal percepção havia ou não se modificado ao longo do tempo e como ela impactava, atualmente, a imagem do jovem morador das favelas cariocas. Seria a favela hoje percebida como uma anomalia ou parte integrante da cidade? Causa ou consequência dos problemas ligados à formação urbana carioca? E com relação ao jovem morador da favela? Seria ele hoje associado à carência ou à potência? Criatividade ou perigo?

Na medida em que hipóteses precisam ser metodologicamente verificáveis (Martino, 2018), optei pela aplicação de uma pesquisa quantitativa exploratória para melhor compreender se então persistiria ou não a ideia da favela como o lugar do “outro”. O objetivo deste capítulo é, assim, analisar os resultados desta pesquisa, realizada por intermédio de um questionário *online* aplicado em junho de 2020 a moradores da Cidade do Rio de Janeiro pertencentes às “camadas médias urbanas” (Velho, 1999). A opção por concentrar a investigação em tal segmento buscou identificar como se dá a percepção de alteridade em um contexto de grande desigualdade social, como é o caso do Brasil e, particularmente, da cidade do Rio de Janeiro, refletindo o chamado “senso comum”, entendendo, porém, que nele coexistem visões plurais e não-homogêneas.

Gilberto Velho (1999, p. 106, grifo do autor) nos aponta que muitas vezes, em suas pesquisas, encontrou indivíduos ou famílias que “[...] sob critérios socioeconômicos descritivos, tipo renda, ocupação, educação etc., seriam indivíduos na mesma categoria, mas que apresentavam fortes diferenças em termos de *ethos* e de visão de mundo”. Diante da complexidade das “camadas médias

urbanas”, Velho (1999) entende que a explicação para tal heterogeneidade de comportamentos, preferências e aspirações desse estrato social pode ser encontrada na trajetória, e não simplesmente na posição do indivíduo, família ou grupo. Velho (2008) destaca, ainda, que a visão de mundo das “camadas médias urbanas” não é uniforme, tampouco tem limites rígidos.

Pelo contrário, ela é cheia de ambiguidades, suas fronteiras são flutuantes, e percebe-se nas biografias individuais a contaminação e influência de outras visões de mundo, ideologias etc [...] (Velho, 2008, p. 204).

Para Moura (2016, p. 150), Gilberto Velho optou por utilizar o termo “camadas médias urbanas”, em vez de “classe média”, por se recusar a tratar esse segmento heterogêneo “como uma massa de manobra alienada e sem iniciativa, entre as elites (capitalistas) dominantes e uma classe trabalhadora genérica”.

A pluralidade apontada por Velho (2008) nas “camadas médias urbanas” encontra em Figueira (1987) a chamada contradição entre o novo e o antiquado. O autor entende que o processo de modernização brasileiro apresentou mudanças dinâmicas no domínio sociocultural, mas tal dinamismo não se apresentou da mesma forma na dimensão subjetiva das famílias brasileiras. Assim, para o autor, “[...] tudo só muda rapidamente na superfície” e “[...] o novo e o moderno convivem com o arcaico e o antiquado” (Figueira, 1987, p. 13).

### 3.2. Metodologia e perfil dos entrevistados

A opção pela pesquisa quantitativa nessa etapa do trabalho se deu pelo desejo de verificar se a visão da favela como o lugar do “outro” persistia como modo de pensar dominante nas “camadas médias urbanas” (Velho, 1999). De acordo com Martino (2018), a pesquisa quantitativa tem como objetivo medir algum aspecto do comportamento humano, reduzindo incertezas e ambiguidades. Ao responder sobre a extensão de um fenômeno, permite analisar uma situação a partir de recortes definidos.

Os dados foram obtidos por meio de um questionário *online*, contendo 15 perguntas (Anexo A), sendo 10 com respostas fechadas e 5 com respostas abertas nas quais o entrevistado deveria responder com uma palavra ou frase. Oito perguntas tinham como objetivo mapear o perfil demográfico e socioeconômico dos entrevistados, sendo as sete demais referentes ao tema desta pesquisa. Uma das

perguntas fechadas se subdividia em 11 tópicos, trazendo diferentes imagens de cenários ou elementos presentes na Cidade do Rio de Janeiro: parque, edifícios comerciais, comércio de rua, condomínio de luxo, calçadão da praia, engarrafamento, cinema, favela, shopping center, restaurante e pessoas em situação de rua, nesta ordem. A escala de resposta variava de 1 a 5 (“Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”), baseada na Escala de Lickert<sup>19</sup>. Segundo seu autor, Rensis Lickert, há uma escala de atitudes e opiniões que pode-se assumir diante de qualquer fator, indo muito além das opções binárias de “sim” e “não” ou “concordo” e “discordo” (Martino, 2018).

Além do recurso de associação de imagens a uma escala, considerei também uma pergunta aberta sobre como o entrevistado definiria “cidade” (Conte-nos como você definiria “cidade”: “Para mim, cidade é...”), além de outra pergunta aberta na qual o entrevistado deveria indicar 3 palavras que viessem à sua cabeça ao pensar em “cidade” (“Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “cidade”). Na sequência, a mesma pergunta era aplicada à ideia de “juventude” (“Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “juventude”), em seguida, à ideia de “favela” (Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “favela”) e, por fim, ao imaginário do que seria o “jovem da favela” (“Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “jovem da favela”).

Durante o mês de junho de 2020, mais precisamente de 16 a 24/06, busquei possíveis respondentes para o referido questionário. Após oito dias, obtive 307 respostas válidas e encerrei a pesquisa. Como respostas válidas, foram considerados todos os respondentes com 15 anos de idade ou mais, moradores da Cidade do Rio de Janeiro há mais de um ano.

Do total de 307 respondentes, 82% se identificavam com o gênero feminino e 18% com o gênero masculino. 46% tinham entre 41 e 50 anos de idade, 16% entre 31 e 40 anos e 18% entre 51 e 60 anos. Assim, podemos dizer que a grande parte dos entrevistados eram mulheres adultas, entre 31 e 60 anos (80%).

Com relação ao tempo de moradia no Rio de Janeiro, 88% dos respondentes moravam na Cidade há mais de 20 anos, sendo 65% atualmente morando em bairros

---

<sup>19</sup> Rensis Lickert, psicólogo social de Nova Iorque, autor do texto “A technique for measurement of attitudes”, “Uma técnica de medição de atitudes”, 1932 (Martino, 2018).

da Zona Sul, 24% na Zona Oeste e 10% na Zona Norte. Apenas 1% morava na região do Centro.

Sobre a faixa de renda, 36% possuíam renda familiar mensal acima de R\$ 23.400,00, 36% entre R\$ 10.400,00 e R\$ 23.400,00, 19% entre R\$ 5.400,00 e R\$ 10.400,00, 8% entre R\$ 3.000,00 e R\$ 5.400,00 e apenas menos de 1% com renda familiar mensal inferior a R\$ 3.000,00. Desta forma, segundo as faixas de renda média domiciliar estabelecidas pelo Critério Brasil (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa, 2020), baseadas na Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar Contínua (PNADC) 2019, 72% dos entrevistados pertenciam às classes A e B1.

Sobre o nível de instrução dos respondentes, 54% possuíam Pós-Graduação, 37% contavam com nível Superior Completo e 7% com Superior Incompleto.

Vale ressaltar que os resultados dessa pesquisa quantitativa não são generalizáveis e se aplicam apenas para a fase exploratória desse trabalho, uma vez que a amostra trabalhada foi não-probabilística, ou seja, não foi realizada uma amostragem com critérios estatísticos rigorosos.

### **3.3. Cidade: real ou ideal? Para quem?**

O que vem à cabeça quando se pensa em “cidade” e como ela pode ser definida? Após as perguntas iniciais sobre o perfil do entrevistado, esse era o tema abordado no questionário.

Ao citar três palavras que vinham à cabeça ao pensar em “cidade”, 52% das respostas dos entrevistados continham somente palavras positivas. 39% foram por mim consideradas como menções mistas, contendo algumas palavras positivas e outras negativas. Apenas 9% das respostas continham apenas palavras negativas.

No conjunto de palavras positivas, destacam-se aquelas ligadas à beleza da cidade (“beleza”, “maravilhosa”, “linda”), seguidas por palavras relacionadas a pessoas (“pessoas”, “gente”, “crianças”), a segurança (“segurança”, “paz”) e, ainda, menções a atributos naturais, especialmente “mar” e “praia”. As muitas citações à beleza da cidade e a seus atributos naturais nos levam a crer que grande parte dos entrevistados respondiam à questão pensando especificamente na Cidade do Rio de Janeiro. Segundo Jaguaribe (2011, p. 332),

Entre as origens da alcunha ‘cidade maravilhosa’ o que teve maior impacto foi a marchinha de carnaval ‘Cidade Maravilhosa’ composta por André Filho, em 1934. A música não somente alcança um êxito formidável e é gravada por Aurora Miranda como também ela se consagra como o hino popular do Rio de Janeiro. Na letra, a exaltação da cidade enquanto ‘cheia de encantos mil’, ‘berço do samba’ e ‘coração do meu Brasil’ enfatiza o maravilhoso enquanto a qualidade do belo, encantatório e delicioso.

Com relação às palavras negativas presentes nas respostas dos entrevistados, ainda que em menor número, destacam-se aquelas relacionadas a trânsito (“trânsito”, “carros”, “engarrafamento”) e violência (“violência”, “insegurança”, “perigo”, “roubo”). Observam-se, ainda, menções ligadas à ideia de desordem (“caos”, “desordem”).

Na pergunta seguinte, quando os entrevistados eram convidados a definir o que para eles era “cidade”, 84% das respostas continham exclusivamente atributos positivos, 9% eram definições mistas, contendo atributos positivos e negativos e somente 7% dos entrevistados definiram cidade de forma unicamente negativa.

Considerando o pequeno percentual de definições de sentido negativo (7%), violência, poluição, desigualdade social, estresse e alta densidade demográfica foram as principais menções (“Uma confusão geral hoje em dia”, “Uma grande aglomeração de pessoas”, “O reflexo da desigualdade social”). Outras respostas indicavam um desencantamento com a própria ideia de cidade (“Uma selva de pedra. Luta-se pela sobrevivência em seu território”, “Algo que não quero mais pra minha vida daqui alguns anos”, “Angustiante”).

Sobre as definições por mim categorizadas como mistas (9%), contendo, ao mesmo tempo, atributos positivos e negativos, sobressai a contradição entre o bom e o ruim como dois lados da mesma moeda (“Lugar onde tem vários lugares legais, mas infelizmente também mora a violência”, “Pra mim, cidade é um misto de correria, caos, paz e amor”, “Um organismo vivo cheio de oportunidades e ameaças”). Tal contradição foi nomeada, por mais de um entrevistado, por meio da expressão “Purgatório da beleza e do caos”, refrão da música “Rio 40 Graus”, interpretada por Fernanda Abreu<sup>20</sup> e lançada nos anos 1990.

A respeito das menções unicamente positivas, que representaram a grande maioria de respostas à definição de “cidade” (84%), podemos observar em muitas

---

<sup>20</sup> “Rio 40 Graus” é uma música de Fernanda Abreu, Fausto Fawcett e Laufer, lançada em 1992 pela gravadora EMI e interpretada por Fernanda Abreu. Disponível em: <http://www.fernandaabreu.com.br/sla-2-be-sample/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

delas a ideia de cidade como um local que concentra atividades sociais e econômicas (“O perímetro urbano onde se concentra o comércio, escolas, universidades, empresas, bancos”). Em alguns casos, tal definição era complementada com a perspectiva do lazer e do bem-estar (“É o lugar onde você deve se locomover livremente e com facilidade e rapidez, para resolver de forma prática suas questões do dia a dia e ainda encontrar espaço para aliviar seu cansaço e desfrutar de seus prazeres”).

Verificam-se muitas respostas trazendo uma associação mais específica da cidade a um local de concentração de oportunidades de trabalho e de provimento do próprio sustento (“Reunião de pessoas com economia circulando, lazer para todos e oportunidade de emprego”, “Um local onde eu consigo resolver todas as coisas que preciso e produzir com meu trabalho”, “Para mim, cidade é onde tem emprego”, “Cidade é o encontro de gente e de negócios”). Outras trazem, ainda, a ideia da cidade como palco do ciclo da vida, das relações e da rotina, das quais o trabalho faz parte (“Um lugar onde as pessoas vivem, estudam, trabalham, formam suas famílias para que o ciclo se repita...”, “Lugar onde moramos, trabalhamos e nos relacionamos”, “Espaço urbano onde se constroem as redes de sociabilidade. Onde se mora, se trabalha, se diverte”, “Lugar onde estabelecemos laços afetivos, trabalhamos, vivemos...”).

Acolhimento, proteção, aconchego e pertencimento são também definições presentes em muitas respostas (“Lugar que acolhe”, “Extensão da minha casa”, “Um lugar para se sentir em casa e seguro”, “O nosso lar”, “Nosso ninho, o lugar ao qual pertencemos”, “Cidade é onde você tem um sentimento de pertencimento, uma extensão de você mesmo”).

Observam-se, ainda, algumas definições relacionadas à ideia de cidade como uma grande comunidade que convive de forma harmoniosa (“Para mim, cidade é uma grande comunidade povoada de seres humanos interligados pelos seus interesses ou por acaso, pulsando para a sua sobrevivência e evolução”, “O convívio saudável e respeitoso entre pessoas” e “Região onde as pessoas decidiram viver em harmonia”).

Inúmeras outras definições traduziam a ideia de cidade como sinônimo de uma vida organizada em sociedade (“Um conjunto organizado de construções e pessoas em equilíbrio com o meio ambiente”). A expressão “qualidade de vida” surge em várias respostas, remetendo a um conjunto de atributos positivos, mas não

necessariamente específicos (“Espaço geográfico com infraestrutura, serviços, educação, lazer, cultura e qualidade de vida”, “É um local que sobretudo leve em consideração a qualidade de vida”).

Em comum, as definições positivas traziam claramente o conceito de um ideal de cidade, nem sempre expressando o que a cidade é, mas como deveria ser (“Deveria ser um local provido de toda infraestrutura necessária para dar a seus moradores condições de boa sobrevivência, transporte, lazer”, “Local onde todas as pessoas que vivem tenham acesso a saúde, educação e segurança e boa convivência entre os habitantes, independentes de sua condição social, econômica ou cultural”, “Deveria ser organizada e respeitosa em relação à população”, “Um lugar com todas as facilidades essenciais para o ser humano viver com respeito e dignidade”, “Um local capaz de abrigar os espaços verdes, o lazer e a cultura de forma agregadora e planejada”, “Um lugar onde eu possa me sentir bem, segura, bem cuidada, limpa, com bastante árvores e flores”, “Um conjunto organizado de construções e pessoas em equilíbrio com o meio ambiente”, “Pra mim, cidade é um espaço público no qual todos deveriam ter direito de moradia digna, proteção, acesso ao trabalho e à cultura, direito de ir e vir, direito ao lazer. É o espaço de encontro social e político. Uma cidade bem planejada é bela e funcional, pois beleza é também dignidade”).

Para Rolnik (1995), a cidade é fruto da imaginação e de um trabalho coletivo que desafia a natureza. Nasce do processo de sedentarização e está intimamente ligada também à ideia de domínio, pois quando passa a ser necessário se fixar em um ponto para plantar, torna-se imprescindível também dominar permanentemente aquele território. Ainda segundo Rolnik (1995, p. 8), cidade é “[...] centro e expressão de domínio sobre um território, sede do poder e da administração, lugar da produção de mitos e símbolos”.

Sampaio (1996) entende que a ideia de centro de domínio sobre um território parece fazer sentido a qualquer tipo de cidade, em diferentes épocas da História. Assim também a cidade ideal, entendida aqui como manifestação utópica, nasce de um traço igualmente atemporal da humanidade: “[...] a decepção com o presente defeituoso, do qual emergem os impulsos de repensar o existente, o real vivido, ancorados no desejo de que algo ainda inexistente possa vir a se realizar” (Sampaio, 1996, p. 55).

Ainda de acordo com Sampaio (1996), a palavra utopia vem do grego e significa a negação de “topos” (lugar). Utopia seria, assim, lugar nenhum. “Neste



sentido a cidade ideal pode ser aqui tomada como utopia, no sentido do empregado por Thomas More (1516), que criou o termo – a rigor um neologismo – para nomear a sua cidade imaginária” (Sampaio, 1996, p. 55).

Quando comparamos as respostas para a primeira pergunta (“Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “cidade”) com as definições atribuídas pelos entrevistados à pergunta seguinte (“Conte-nos como você definiria “cidade”) observamos que, em ambos os casos, o maior percentual de respostas aferido foi majoritariamente positivo (52% e 84%, respectivamente), sendo, porém, o percentual de respostas mistas bastante superior na primeira pergunta (39%) do que na segunda (9%). Dessa forma, podemos inferir que as respostas da primeira pergunta fazem menção à cidade real, o Rio de Janeiro, vivida com todas as suas contradições cotidianas, sendo as definições atribuídas à segunda pergunta mais relacionadas à cidade ideal.

Ademais a cidade real reflete as circunstâncias contraditórias de um mundo não unitário e fragmentado, comum às grandes cidades, enquanto a cidade ideal é imaginada em modelos e módulos, cuja compartimentação é o que permite controlar as situações – tipo laboratório *in vitro* –, afastando as perturbações oriundas do imprevisto, da aleatoriedade, da complexidade dos fatos em sua concretude mundana (Sampaio, 1996, p. 59, grifo do autor).

Voltando ao pensamento utópico de More (2014, p. 63), a cidade ideal seria para ele também justa, na medida em que “[...] o bem-estar se reparte igualmente por todos os membros desta admirável sociedade; a mendicância e a miséria são ali monstros desconhecidos”. Essa mesma ideia de uma cidade justa, onde o bem-estar se repartiria por todos, trazia também a contradição da escravidão, ali então permitida. Nessa cidade ideal, “[...] os escravos são encarregados dos trabalhos de cozinha mais sujos e pesados” (More, 2014, p. 60). Assim, mesmo quando traduzida como expressão de um ideal, a cidade é sempre pensada sob o ponto de vista de quem fala. Haveria uma cidade ideal para todos? Ou a reflexão a ser feita é “ideal para quem”?

### **3.4. A tradução da ideia de cidade através de imagens cotidianas**

No bloco seguinte do questionário, solicitamos aos respondentes que indicassem, em uma escala de 1 a 5, o quanto as imagens apresentadas na ordem

abaixo remetiam à ideia de “cidade” (“Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”).



Figura 1 – Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro

Fonte: Site Até Onde Eu Pude Ir. Disponível em: <https://ateondeeuipuderir.com/quinta-da-boa-vista-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 02 mar. 2021.



Figura 2 – Prédios comerciais no Centro da Cidade, Rio de Janeiro

Fonte: Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro\\_\(Rio\\_de\\_Janeiro\)/#media/Ficheiro:Centro\\_do\\_Rio\\_visto\\_do\\_museu\\_ch%C3%A1cara\\_do\\_c%C3%A9u.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_(Rio_de_Janeiro)/#media/Ficheiro:Centro_do_Rio_visto_do_museu_ch%C3%A1cara_do_c%C3%A9u.jpg). Acesso em: 02 mar. 2021.



Figura 3 – Comércio de rua, Rio de Janeiro

Fonte: Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/tristaodacunha/25517428194/>.

Acesso em: 02 mar. 2021.



Figura 4 – Condomínio de luxo

Fonte: Tripadvisor. Disponível em: [https://www.tripadvisor.com.br/VacationRentalReview-g303506-d15519980-APARTAMENTO\\_ALTO\\_LUXO\\_EM\\_CONDOMINIO\\_RESORT-Rio\\_de\\_Janeiro\\_State\\_of\\_Rio\\_de\\_Janeiro.html](https://www.tripadvisor.com.br/VacationRentalReview-g303506-d15519980-APARTAMENTO_ALTO_LUXO_EM_CONDOMINIO_RESORT-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html). Acesso em: 02 mar. 2021.





Figura 5 – Calçadão da Praia de Copacabana, Rio de Janeiro

Fonte: Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/clauidiolara/4842529190>. Acesso em: 02 mar. 2021.



Figura 6 – Engarrafamento, Rio de Janeiro

Fonte: Diário do Transporte. Disponível em: <https://diariodotransporte.com.br/2017/05/08/35114/>. Acesso em: 02 mar. 2021.



Figura 7 – Cinema Roxy, Copacabana, Rio de Janeiro

Fonte: Catraca Livre. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/agenda/cinemas-de-rua-rio-de-janeiro-rj/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

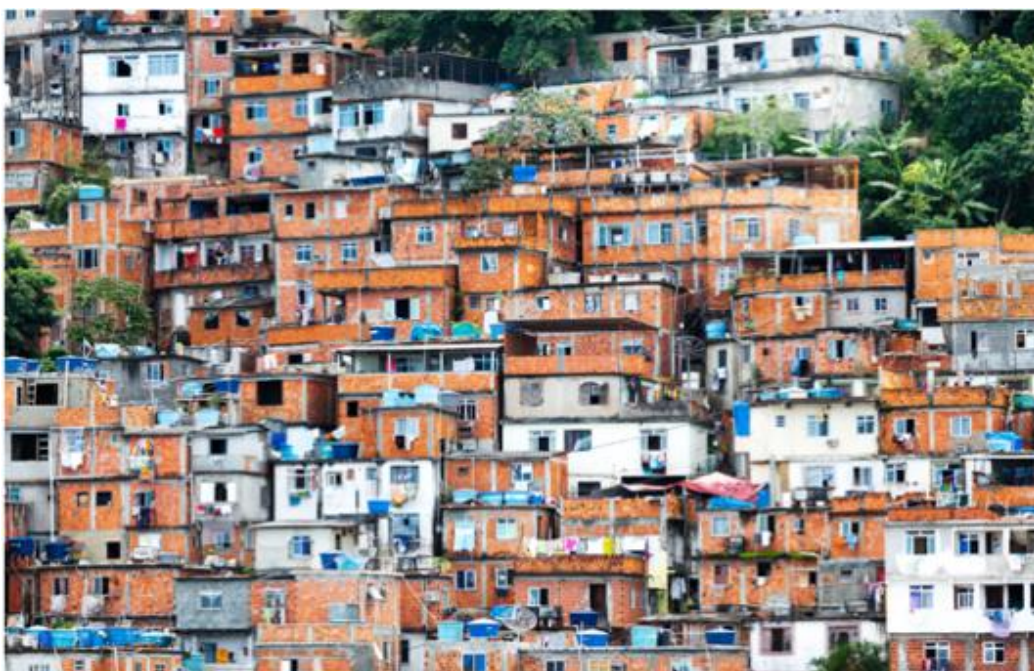


Figura 8 – Favela, Rio de Janeiro

Fonte: The Brazilian Report. Disponível em: <https://brazilian.report/newsletters/brazil-weekly/2020/03/23/coronavirus-favela-bolsonaro-image-unemployment/>. Acesso em: 02 mar. 2021.





Figura 9 – Shopping Center, Rio de Janeiro

Fonte: Multiplan. Disponível em: <https://www.multiplan.com.br/pt-br/shopping-centers/rio-de-janeiro/parkshoppingcampogrande>. Acesso em: 02 mar. 2021.



Figura 10 – Restaurantes, Rio de Janeiro

Fonte: FTC. Disponível em: <https://followthecolours.com.br/traveluv/7-restaurantes-imperdiveis-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 02 mar. 2021.



Figura 11 – Pessoas em situação de rua, Rio de Janeiro

Fonte: Diário do Rio. Disponível em: <https://diariodorio.com/diminui-verba-destinada-a-populacao-de-rua-e-usuarios-de-drogas-no-rio/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

De acordo com os entrevistados, as imagens mais associadas à ideia de cidade (alternativa 5 da escala) foram a Figura 5 (calçadão da Praia de Copacabana), com 74% das respostas; seguida pela Figura 6 (engarrafamento), com 71% das respostas e pela Figura 2 (prédios comerciais no centro da Cidade), com 70% das respostas. Interessante notar que as duas imagens mais relacionadas à ideia de cidade trazem também uma contradição ou oposição de atributos: praia e trânsito, beleza e caos.

Já com relação às imagens menos associadas à ideia de cidade (alternativa 1 da escala), os maiores percentuais de atribuição foram recebidos pela Figura 11 (pessoas em situação de rua), com 16% das respostas, seguida pela Figura 8 (favela) e pela Figura 4 (condomínio de luxo), ambas com 11%. Podemos inferir que a insegurança e o medo da violência são os elementos de ligação entre essas três imagens: tanto a percepção de insegurança despertada pelas imagens de pessoas em situação de rua e pela favela, quanto a proteção ostensiva dos condomínios de luxo parecem não se associar à ideia de cidade, expressando um certo incômodo dos entrevistados sobre aquilo que parece estranho ou inadequado a ela.

### 3.5. Juventude e favela: ideias que se opõem?

Na sequência do questionário apresentava-se a pergunta sobre “juventude” (“Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “juventude”). 83% das respostas continham palavras exclusivamente positivas. 15% das respostas eram compostas por menções mistas, contendo palavras positivas e negativas. Apenas 2% das respostas continham apenas palavras negativas.

No conjunto de todas as respostas, as palavras mais mencionadas foram “alegre”, “alegria”, “felicidade”, seguidas por “diversão” e seus sinônimos (“entretenimento”, “lazer”, “festa”, “comemoração”, “balada”, “agito”) e “liberdade”. Destacam-se também as palavras “energia” e “disposição”; “educação” e “estudo”; “sonhos” (e “sonhar”); “esperança”; “beleza”; “saúde” e “vitalidade” (bem como “vida”, “viver”); “amigos” (e “amizade”); “descobertas” e “futuro”.

A forte predominância de referências positivas nas respostas dos entrevistados nos leva a pensar na juventude como construção social. De acordo com Bourdieu (2003, p. 51) a juventude “é só uma palavra”, na medida em que as divisões das idades são arbitrárias, construídas socialmente, onde as fronteiras entre juventude e velhice são um jogo de luta e disputa de poder. “Os velhos têm interesse em remeter os jovens para a juventude, assim como os jovens têm interesse em remeter os velhos para a velhice” (Bourdieu, 2003, p. 162).

Segundo Groppo (2000, p. 8),

[...] a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos [...]. Trata-se não apenas de limites etários pretensamente naturais e objetivos, mas também, e principalmente, de representações simbólicas e situações sociais com suas próprias formas e conteúdos que têm importante influência nas sociedades modernas.

Ainda para o mesmo autor, além de construção social ou criação simbólica, a juventude foi convertida pela sociedade de consumo em “juvenilidade” ou “juvenilização”, representando o estilo de vida ou modo de ser mais desejado (Groppo, 2015a).

A juventude passa a ser a ‘idade’, ou melhor, o estilo de vida ou modo de ser mais desejado, mais querido, denotando outros signos, cada vez mais esvaziados de significados reais, tais como rebeldia, novidade, audácia, liberdade, prazer, descompromisso, beleza, sedução e poder (Groppo, 2015a, p. 569).



Segundo Pereira (2010), a juventude é um fenômeno social produzido a partir de um imaginário coletivo e de um conjunto de valores - modernidade, felicidade, sociabilidade, amizade e liberdade - que influencia o consumo de produtos e ideias para indivíduos de todas as idades. Assim, ser jovem significa um projeto de vida que se mostra desejável para diferentes faixas etárias. O extenso número de adjetivos positivos utilizados pelos entrevistados para definir “juventude” mostra-se, dessa forma, alinhado aos valores desejados e admirados por nossa sociedade.

No pequeno grupo de palavras com conotação negativa, a maior incidência corresponde à palavra “ansiedade”, incluindo variações de sentido semelhante, como “pressa”, “impaciência”, “imediatismo” e “impetuosidade”. Na sequência, observamos as palavras “incerteza”, “insegurança”, “dúvida” e “preocupação”, seguidas por “irresponsabilidade”, “inconsequência” e “descompromisso”. As citações ligadas à ideia de “irresponsabilidade” e “inconsequência” nos remetem a Le Breton (2009) e seus escritos sobre a conduta de risco dos jovens. Para o autor, o jogo com o risco alimenta a confiança do jovem em seus próprios recursos. Nesse sentido, no processo de constituição como indivíduo, os limites simbólicos são fundamentais na relação do jovem com os outros e com o mundo. “O confronto consigo mesmo e com os outros é pôr-se à prova na busca de si mesmo” (Le Breton, 2009, p. 39).

Na sequência do questionário, as perguntas seguintes abordavam o tema da favela. Na primeira delas, os entrevistados deveriam responder se já tinham estado em uma favela (“Você já esteve em uma favela?”). 72% responderam que sim, 27% responderam que não e 1% respondeu que morava em uma favela. O alto percentual de respostas afirmativas a essa pergunta pode se explicar pela localização geográfica das favelas cariocas, não circunscritas à periferia e presentes em todas as regiões da Cidade. Assim, para os entrevistados, estar em uma favela pode significar tanto circular por suas ruas e vielas como também apenas passar ao lado, a partir de um ponto onde seja possível visualizar seu interior.

Quando então perguntados sobre o que lhes vinha à cabeça quando pensavam em “favela” (“Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “favela”), as respostas foram majoritariamente negativas. 62% traziam somente atributos negativos, 34% mesclavam atributos positivos e negativos e apenas 4% eram compostas apenas por atributos positivos. Considerando somente as citações positivas, as palavras mais presentes foram “trabalhador”, “trabalhadores” e

“trabalho”, seguidas por “comunidade”, “garra”, “luta”, “esforço”, “batalha” e “solidariedade”. As menções à ideia de “trabalho” nos remetem à associação deste com o mundo da ordem e, assim, fonte de superioridade moral, em oposição ao “bandido”, que representaria o mundo da desordem (Sarti, 2003).

No grande conjunto dos atributos negativos mencionados nas respostas, as palavras “pobreza” e “miséria” foram as mais presentes, seguidas por “violência” e “perigo”, “aglomeração”, “tumulto”, “superpopulação”, “sujeira” (e algumas variações, como “insalubridade”, “falta de higiene”, “esgoto”, “falta de saneamento”), “desordem” (e também “desorganização”, “bagunça”, “falta de planejamento”), “medo”, “insegurança”, “risco”, “desigualdade”, “carência”, “escassez”, “ausência”, “privação”, “tráfico”, “milícia”, “criminalidade”, “bandidagem”, “armas” e “drogas”.

A ideia de “sujeira”, presente em inúmeras das definições atribuídas à “favela” pelos entrevistados nos leva a pensar em sistemas classificatórios e na dualidade ordem/desordem. Segundo Douglas (2014, p. 12), “Não há sujeira absoluta: ela existe aos olhos de quem a vê”. A autora exemplifica que “Sapatos não são em si sujos, mas é sujeira colocá-los na mesa de jantar [...]” (Douglas, 2014, p. 50). Douglas (2014, p. 50) nos aponta, ainda, que a sujeira nunca é um acontecimento isolado, sendo ela o subproduto de um sistema classificatório que rejeita o que é considerado inapropriado e condena aquilo que contradiz classificações ideais “Onde há sujeira há sistema”. Através das inúmeras menções a “sujeira”, podemos inferir que a favela é vista pelos entrevistados como expressão do que é inapropriado e do que não se encaixa em um sistema classificatório socialmente estabelecido.

Douglas (2014) nos traz também uma outra perspectiva sobre a sujeira: na medida em que a ordem implica restrição, pois significa um conjunto limitado de possibilidades, a pureza teria o sentido de manutenção e controle. À sujeira, seu antônimo, atribui-se a materialização de um perigo ameaçador exatamente por remeter ao poder e à potência daquilo que é ilimitado.

### 3.6. O estigma da favela associado a seu jovem morador

Quando perguntados sobre o jovem da favela (“Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “jovem da favela”), 28% das respostas dos entrevistados continham exclusivamente atributos negativos, 21% continham exclusivamente atributos positivos e 51% mesclavam atributos positivos e negativos.

Considerando o total de palavras com sentido negativo presentes em todas as respostas, as mais citadas foram “dificuldade”, seguida por “falta de oportunidade” e “pobre” (ou “pobreza”). Em menor número, mas também presentes em várias respostas, encontramos as palavras “desigualdade”, “violência” (ou “perigo”) e “abandonado” (ou “desamparado”, “negligenciado”, “perdido”).

Dentro do conjunto total de citações com conotação negativa, podemos observar também o significativo número de palavras com o prefixo “des”, que indica significados não só de negação, mas também de privação ou reversão (Bona, 2014): “desafortunado”, “desalento”, “desassistido”, “descaso”, “desrespeito”, “desemprego”, “desesperança”, “desencanto”, “desfavorecido”, “desigualdade”, “desinformação”, “desorganizado”, “despreparo”, “desprotegido”, “desrespeitado” e “desvantagem”. Podemos inferir que a ideia da favela como lugar da ausência e da carência (Souza e Silva, 2007), sobre a qual falamos no capítulo 2, aqui é transferida para a imagem do seu jovem morador, que então é definido não por quem é, mas por aquilo que lhe “falta”.

Em relação ao total de palavras com sentido positivo, as mais presentes nas respostas, em ordem decrescente, foram: “luta” (ou “lutador”), “guerreiro” (ou “garra”), “esperançoso” (ou “esperança”), “oportunidade”. Em menor número, mas também citadas por alguns entrevistados, observamos as palavras “batalhador” e “trabalhador” (ou “trabalho”). Podemos observar que os atributos positivos mencionados na grande parte das respostas referentes à ideia de “juventude”, como “alegria”, “diversão” e “liberdade”, bem como “energia”; “educação” e “estudo”; “sonhos”; “esperança”; “beleza”; “saúde” e “vitalidade”; “amigos”; “descobertas” e “futuro” não se destacam nas associações feitas ao “jovem da favela”, como se o estigma associado à ideia de “favela” se transferisse para seu jovem morador, silenciando as associações positivas ligadas à ideia de “juventude”.

Segundo Goffman (1980), os gregos criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais que identificavam algo extraordinário ou muito ruim sobre o status moral de quem os apresentava. Ao longo do tempo, a ideia de estigma se modificou e hoje remete a uma categoria de pessoa estranha a um sistema de classificação socialmente estabelecido. Através de expectativas normativas, associamos ao estranho uma *identidade social virtual*, que difere dos atributos que ele na realidade possui, ou seja, a sua *identidade social real*. O estigma é, assim, a diferença entre a identidade social virtual e a identidade social real de um indivíduo. Ainda segundo o autor, “Construímos uma teoria do estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ela representa” (Goffman, 1980, p. 15).

Quando observamos os atributos positivos associados pelos entrevistados à ideia de “jovem da favela”, vemos que os adjetivos mais citados, como “lutador”, “guerreiro” e “batalhador”, são utilizados para diferenciar o jovem da favela da imagem do desviante (Becker, 1977). Lembrando que, segundo o autor, “os grupos sociais criam o desvio ao fazer as regras cuja infração constitui o desvio” (Becker, 1977, p. 60). Nota-se que, mesmo ao buscar estabelecer a diferença ou oposição ao desvio, a atribuição dos adjetivos se dá em relação a essa mesma lógica e não em relação à ideia de juventude como construção social, desejada e admirada por diferentes faixas etárias.

Na tabela 1, abaixo, podemos encontrar o comparativo entre as principais menções dos entrevistados à concepção de “cidade” em oposição à ideia de “favela”. Já na tabela 2, vemos as principais definições dos entrevistados às ideias de “juventude” e “jovem da favela”.

<b>Cidade</b>	<b>Favela</b>
Beleza	Pobreza, miséria, desigualdade
Segurança, paz	Violência, perigo
Pessoas, gente, crianças, população	Aglomeração, tumulto, superpopulação
Qualidade de vida	Sujeira, insalubridade, falta de higiene, esgoto, falta de saneamento
Organização, infraestrutura	Desordem, desorganização, bagunça, falta de planejamento
Acolhimento, proteção, aconchego, pertencimento	Medo, insegurança, risco
Trabalho, emprego, negócios	Escassez, carência, ausência, privação
Comunidade harmoniosa, convívio saudável	Tráfico, milícia, criminalidade, bandidagem, armas, drogas

Tabela 1 - Principais resultados da pesquisa: definições de cidade e favela

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

<b>Juventude</b>	<b>Jovem da favela</b>
Alegria, felicidade	Violência, perigo, tráfico
Diversão, lazer, entretenimento, festa, comemoração, balada, agito	Luta, garra, trabalho
Liberdade	Medo
Energia e disposição	Desorientação
Educação, estudos	Dificuldade, desemprego, despreparo
Sonhos, esperança	Desesperança
Beleza	Pobreza
Saúde e vitalidade	Drogas
Amigos	Abandono, desamparo, descaso
Futuro, descobertas	Falta de oportunidade, carência, desigualdade

Tabela 2 - Principais resultados da pesquisa: definições de juventude e jovem da favela

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Podemos observar que as definições de “cidade” e “favela” se dão de formas praticamente opostas, confirmando a percepção da favela como “anti-cidade” (Barbosa & Souza e Silva, 2013). Ainda para os mesmos autores, como vimos no capítulo anterior, o binômio “asfalto/favela” significa a distinção hierárquica entre o hegemônico e o subalterizado. Lembrando que a ordem social é mantida por meio de oposições binárias, na medida em que a identidade é sempre relacional e estabelecida pela diferença em relação a outras identidades (Woodward, 2000), as oposições presentes nas respostas de nossos entrevistados, conforme nos mostra a tabela 1, podem ser compreendidas como marcações de diferença que reforçam a ideia da favela como o lugar do “outro”.

As oposições e marcações de diferenças se refletem também nas respostas dos entrevistados quanto a “juventude” e “jovem da favela”. À juventude são

associados os valores desejados e admirados pela nossa sociedade para além de uma faixa etária específica, como “alegria”, “diversão” e “liberdade”. Ao jovem da favela, porém, os entrevistados não atribuem os mesmos valores. Podemos observar que as definições relacionadas ao jovem da favela, em sua maioria, são negativas, exceto aquelas que remetem a trabalho (“luta, garra, trabalho”), características consideradas positivas, mas que não são mencionadas pelos entrevistados ao definir juventude. Nas descrições sobre o jovem da favela, percebemos a carga negativa associada à imagem da favela, estendendo-se para seus jovens moradores e suplantando os atributos positivos associados à juventude.

### 3.7. Síntese do capítulo

Através da análise do questionário *online* aplicado com moradores das “camadas médias urbanas” (Velho, 1999) do Rio de Janeiro, vimos que as associações à ideia de cidade, juventude e favela são bastante distintas, chegando a carregar sentidos opostos.

À cidade, quando pensada pelos entrevistados em seu cotidiano como a “cidade real”, sendo, no caso dessa pesquisa, o Rio de Janeiro, são associados atributos positivos e negativos, muitas vezes, de forma contraditória. Quando idealizada, porém, a ideia de cidade é repleta de atributos positivos e utópicos, sempre imaginados pelo ponto de vista de quem fala.

Com relação às associações atribuídas à juventude, as respostas dos entrevistados são predominantemente positivas, o que nos leva a sublinhar a ideia de juventude como construção social, também comportando sua conversão pela sociedade de consumo em “juvenilidade” ou “juvenilização” (Groppo, 2015a). A juventude pode ser compreendida, assim, como sinônimo de valores desejados e admirados por nossa sociedade, como “alegria”, “diversão” e “liberdade”, atributos fortemente presentes nas respostas dos nossos entrevistados.

Quanto à ideia de “favela”, as menções dos entrevistados se deram em sentido inverso, sendo predominantemente negativas. Tal traço negativo se estende para as associações referentes ao jovem da favela. Parece-nos que o estigma da favela é tão marcante e presente que se transporta também para a imagem de seu jovem morador, tornando-se capaz de suplantar as referências positivas a respeito da ideia de juventude.

## 4. Representações midiáticas de jovens das favelas

### 4.1. Imagens que carregam sentidos e constroem realidades

Nunca houve e nunca haverá um observador que apreenda o mundo em uma evidência transparente.

Jonathan Crary, *Técnicas do observador*.

No capítulo anterior, vimos que as ideias de “cidade”, “favela”, “juventude” e “jovem da favela” evocam associações bastante distintas e, podemos dizer, até mesmo opostas. Para o segmento carioca pertencente às “camadas médias urbanas” (Velho, 1999), a “cidade” é descrita por meio de atributos contraditórios quando pensada como “cidade real”, em sua vivência cotidiana, e por um conjunto de atributos positivos quando idealizada. Também definida de forma positiva é a ideia de “juventude”, sinônimo de valores desejados e admirados por nossa sociedade, como “alegria”, “diversão” e “liberdade”.

O mesmo grupo de atributos positivos não se aplica à ideia de “favela”, sendo as menções dos entrevistados predominantemente negativas. Tal avaliação se estende às associações referentes ao seu jovem morador, sendo tão fortemente negativas que se sobrepõem aos conceitos positivos ligados à juventude.

Nesse capítulo, o objetivo é refletir sobre as imagens que circulam diante de nossos olhos sobre os jovens das favelas cariocas e como elas nos ajudam a compreender tal percepção do senso comum sobre esse jovem: o que essas imagens nos dizem, que valores expressam e quais suas consequências? Para tal reflexão, analisaremos imagens obtidas através de buscas no *Google*, tomando como base teórica o conceito de “representação” de Stuart Hall (2016). Antes, porém, iniciaremos com uma breve contextualização sobre os estudos culturais britânicos oriundos na década de 1960, sendo Hall um dos seus principais expoentes.

### 4.2. Os Estudos Culturais Britânicos e o conceito de representação para Stuart Hall

Surgidos nos anos 1960 como um projeto de abordagem da cultura a partir de perspectivas críticas e multidisciplinares, instituídos na Inglaterra pelo *Birmingham*

*Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), os estudos culturais britânicos nascem de um incômodo com a hierarquização de diferentes formas culturais, pensamento especialmente difundido pela Escola de Frankfurt, coletivo de pensadores e cientistas sociais originado no período entre as duas guerras mundiais com a proposta de desenvolver uma teoria materialista crítica da sociedade, inspirado em um marxismo influenciado pela filosofia da cultura, ética e psicossociologia (Mattelart & Mattelart, 2005).

Criticando a rígida divisão entre cultura superior e inferior em que se baseavam as ideias da Escola de Frankfurt, que deixou de lado todas as formas de cultura popular ou de massa como mera ideologia, os estudos culturais britânicos assumiram a cultura em si como campo de estudos, sem divisões em superior e inferior, popular e de elite. Para Kellner (2001, p. 53),

[...] os estudos culturais britânicos apresentam uma abordagem que nos permite evitar dividir o campo da mídia/ cultura/ comunicações em alto e baixo, popular e elite, e nos possibilita enxergar todas as formas de cultura da mídia e de comunicação como dignas de exame e crítica [...]. Assim como outras abordagens multiculturais, traz o estudo de questões de raça, sexo e classe para o primeiro plano dos estudos de cultura da mídia e da comunicação.

Kellner (2001, p. 47) pontua, ainda, que os estudos culturais britânicos investiam especial interesse em compreender “[...] como as formas culturais serviam para aumentar a dominação social ou para possibilitar a resistência e luta contra a dominação”. Assim, os estudos culturais britânicos desenvolveram modelos teóricos questionadores sobre a relação entre economia, Estado, sociedade, cultura e vida diária.

Richard Hoggart foi o primeiro diretor do *Birmingham Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), tendo publicado, em 1957, *The uses of literacy* (traduzido para o francês em 1970 como *La culture du pauvre*), considerado como um elogio às formas de vida tradicionais das classes operárias, preparando as bases do que depois viriam a ser os chamados estudos culturais britânicos. Stuart Hall assumiu seu lugar como diretor do CCCS em 1968, ficando à frente do Centro até 1979, período conhecido como o auge de tal iniciativa (Mattelart & Mattelart, 2005).

Os estudos culturais britânicos influenciavam-se pela obra do filósofo marxista italiano Antonio Gramsci, morto em 1937 nas prisões fascistas, especialmente por sua concepção de “hegemonia”, entendida como a capacidade de



um determinado grupo social assumir a direção intelectual e moral sobre a sociedade, construindo um novo sistema de alianças sociais e deslocando, assim, a noção de classe dominante, cujo poder iria além de sua capacidade de controlar as fontes do poder econômico (Mattelart & Mattelart, 2005). Dessa forma, para Kellner (2001), os estudos culturais britânicos foram vinculados à ideia de que a luta política e a transformação social poderiam ser auxiliadas pela localização das formas de dominação e resistência.

Kellner (2001) entende que os estudos culturais britânicos deram atenção ao público e à recepção, assim como a Escola de Frankfurt já teria feito desde os anos de 1930, porém, de forma diferente. Para ele, a Escola de Frankfurt olhava para o público de forma mais passiva, enquanto a ênfase dos teóricos de Birmingham era em uma postura mais ativa. O autor destaca, porém, o perigo do excesso de “fetichismo” na ênfase dada à importância da recepção e construção de significados por parte do público, “[...] produzindo, em alguns casos, um novo dogmatismo segundo o qual apenas o público, ou o leitor, produz significado” (Kellner, 2001, p. 56). Outros tipos de exageros e fetichismos são pontuados por Kellner (2001), como a supervalorização da ideia de “resistência” e luta sem distinção entre formas progressistas ou reacionárias, emancipatórias ou destrutivas.

Kellner (2001) completa sua crítica à ênfase excessiva de algumas versões dos estudos culturais na análise do texto e da recepção, em detrimento da análise da produção da cultura e de sua economia política, destacando que “[...] para analisar adequadamente a cultura da mídia, devemos situar os objetos de análise dentro do sistema de produção e – acrescentaríamos – de distribuição e consumo, nos quais são produzidos e recebidos” (Kellner, 2001, p. 63).

A partir dos anos 1980, segundo Escosteguy (2005), os estudos culturais se expandem de Birmingham para além da Inglaterra, quando então ocorrem mudanças importantes decorrentes da observação sobre a desestabilização das identidades sociais, ocasionada, principalmente, pela aceleração no processo de globalização. “O foco central passa a ser a reflexão sobre as novas condições de constituição das identidades sociais e sua recomposição numa época em que as solidariedades tradicionais estão debilitadas” (Escosteguy, 2005, p. 164). Aos poucos, assim, novas modalidades de análise dos meios de comunicação vão se definindo, onde destacam-se estudos de recepção dos meios massivos, especialmente sobre programas de televisão, dando visibilidade à audiência.

Ainda segundo Escosteguy (2005), nos anos 1990, as investigações sobre a audiência procuram capturar a experiência e a capacidade de ação dos mais variados grupos sociais, especialmente sob o prisma das relações de identidade, incluindo questões como raça, gênero, classe e etnia. Os estudos culturais, inicialmente considerados como uma “invenção britânica”, tornaram-se, em sua forma contemporânea, “[...] uma problemática teórica de repercussão internacional” (Escosteguy, 2005, p. 168).

Para Grossberg, os estudos culturais se mantêm como um projeto extremamente válido, apesar de todas as mudanças advindas da aceleração da globalização da economia e da cultura e do avanço das tecnologias da informação e comunicação, sendo, para ele,

[...] uma prática intelectual radicalmente contextual, antiuniversalizadora, comprometida com a complexidade, oposta a toda e qualquer forma de reducionismo etc. Este projeto permanece constante no transcurso de vários momentos ‘conjunturais’ ou contextuais (Braga, 2013, p. 4).

Grossberg nos lembra, ainda, que precisamos estar atentos ao risco de “[...] redução da história ou ao antigo (tudo é o mesmo) ou ao novo (tudo é diferente) [...]” e destaca a importância de “[...] entender o contexto em sua complexidade e suas relacionalidades [...]” (Braga, 2013, p. 4). Essas seriam, assim, características atemporais dos Estudos Culturais, que extrapolaram a Inglaterra e continuam a iluminar o olhar das pesquisas em Comunicação na contemporaneidade.

A partir de fins dos anos 1960, dentro do contexto dos estudos culturais britânicos, Stuart Hall (2016) se questionava sobre como as imagens que estão à nossa volta nos ajudam a entender o mundo, como apresentam realidades, valores, identidades e quais suas consequências, ou seja, quem ganha e quem perde com elas, quem fortalece sua posição de poder e quem fica excluído, dedicando especial atenção à situação particular dos negros.

A partir de tais reflexões, Hall (2016) estabeleceu o que chamou de “política da imagem”, mergulhando nas disputas pela leitura da realidade. Para o autor, o real não existe em si, sendo ele uma construção social extremamente influenciada pela mídia e pelas imagens que circulam nas sociedades contemporâneas. A ideia de representação, conceito central desta linha de pensamento desenvolvida por Stuart Hall (2016), seria, assim, uma disputa pela leitura da realidade por meio da produção e circulação de sentido pela linguagem. Vale destacar que a linguagem é

aqui entendida como uma prática significativa na medida em que as coisas não possuem sentido em si: elas carregam sentidos que foram sendo construídos socialmente, ao longo do tempo, tanto para aquilo que podemos perceber materialmente – como objetos e pessoas, - quanto para o que é abstrato e não pode ser visto ou tocado. O sentido é, assim, produzido, não absoluto, e depende do contexto de uso e da cultura em que está inserido. “Somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável” (Hall, 2016, p. 42).

Esses sentidos produzidos, ou significados culturais, organizam e regulam práticas sociais, influenciando nossa conduta e gerando efeitos práticos. Para que sejam compartilhados, os participantes de uma mesma cultura devem ser capazes de utilizar o mesmo “código linguístico”, ou seja, “falar a mesma língua”. De acordo com o autor,

Pertencer a uma cultura é pertencer, *grosso modo*, ao mesmo universo conceitual e linguístico, saber como conceitos e ideias se traduzem em diferentes linguagens e como a linguagem pode ser interpretada para se referir ao mundo ou para servir de referência a ele. Compartilhar esses aspectos é enxergar o mundo pelo mesmo mapa conceitual e extrair sentido dele pelos mesmos sistemas de linguagem (Hall, 2016, p. 43, grifo do autor).

Hall (2016) nos fala em três diferentes abordagens ou teorias da representação: abordagem reflexiva, na qual, como um espelho, a linguagem simplesmente reflete um significado que já existe (teoria mimética); a abordagem intencional, na qual a linguagem expressa, exclusivamente, o significado intencional pretendido pelo falante e, por fim, a abordagem construtivista, onde o significado se constrói na linguagem e por meio dela. Ele é construído pela prática, a qual Hall (2016, p. 54) chamou de “prática significativa”. Para os construtivistas, todos os signos são arbitrários, pois não há nenhuma relação natural entre um signo e seu sentido, sendo o código aquilo que fixa o sentido, não a coisa em si. O significado seria, então, sempre “relativo” e o que carrega sentido não é a coisa em si, nem o conceito ou palavra a ela atribuída, é a diferença. É a diferença entre vermelho e verde em um semáforo de trânsito que significa “pare ou ande” e não as cores em si. É a partir desta abordagem que Hall (2016) desenvolve seu trabalho, entendendo que há duas variantes principais nela contidas: o modelo semiótico<sup>21</sup>,

<sup>21</sup> Para Saussure, os significantes são a forma de expressão usadas pela linguagem e os significados são os conceitos mentais associados a eles. A conexão entre esses dois sistemas de representação

fortemente influenciado pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure e a abordagem discursiva<sup>22</sup>, associada ao filósofo francês Michel Foucault.

#### 4.3. Que sentidos são construídos sobre os jovens das favelas a partir das imagens que circulam na *Internet*?

Todos os dias, somos expostos a diferentes imagens midiáticas que contam histórias e representam conceitos, seja por meio de jornais, revistas, televisão, cinema, *Internet*, painéis ou *outdoors*. Com o objetivo de compreender como os jovens das favelas são representados midiaticamente por meio de imagens que circulam diante de nossos olhos e como elas nos ajudam a compreender a percepção do senso comum sobre esses jovens, quais valores expressam e suas consequências, a proposta deste trabalho é fazer um recorte nas imagens que circulam sobre esses jovens na *Internet*, meio de comunicação presente em oito de cada dez domicílios brasileiros (Uso..., c2021). Tal análise será realizada, mais especificamente, a partir do mecanismo de busca do *Google*.

O Brasil é o quarto país com maior número de usuários de *Internet*, ficando atrás apenas da China, Índia e Estados Unidos. Segundo o documento Mídia Dados 2020 (Grupo de Mídia São Paulo, 2020), são 149.057.635 usuários de *Internet* no Brasil<sup>23</sup>, o que corresponde a 70,7% de penetração do meio no País. Considerando o acesso nos últimos 30 dias, a pesquisa aponta 87% de penetração para a *Internet*, sendo o mesmo percentual para mídia exterior e ligeiramente inferior à TV aberta, que apresentou 88% de penetração no total da população brasileira. A quase totalidade do acesso à Internet no Brasil se dá através de *smartphones*: segundo a mesma pesquisa, 97,2% dos entrevistados acessaram a *Internet* nos últimos 30 dias através deste dispositivo, 24,8% acessaram por *notebook* e 17% por *desktop*.

Quando buscam alguma informação, 88,9% dos entrevistados afirmaram que o primeiro lugar onde procuram é na *Internet*. Considerando o alcance dos sites mais acessados no Brasil através de dispositivos multiplataforma, ou seja, *desktop*

---

produz os signos. Este pensamento funda a semiótica como a ciência que estuda a vida dos signos dentro da sociedade (Hall, 2016).

<sup>22</sup> De acordo com Foucault, em certos momentos históricos, alguns têm mais poder para falar sobre determinados assuntos do que outros. Por isso, o que o preocupava eram as relações de poder (não de sentido) que produziam conhecimento pelo o que ele chamou de discurso (e não somente linguagem), criando o que por ele foi chamado de “**regime da verdade**” (Hall, 2016, p. 89, grifo nosso). Em tal regime, uma situação se tornará “verdadeira” e terá efeitos reais, mesmo que, em sentido prático nunca tenha sido provada.

<sup>23</sup> Dados de 31 de dezembro de 2017.

e *smartphones*, o *Google* aparece em primeiro lugar, com 99,3% de alcance entre o total de usuários da *web*. Especificamente na categoria de buscadores acessados por *desktop* e *smartphones*, o *Google Search* conta com 94,8% de alcance entre os usuários de *Internet*, situando-se na primeira posição do *ranking*, sendo o segundo lugar – *Bing* – com menos de um terço do alcance (18,5%).

Fundado em 1998 nos Estados Unidos por Larry Page e Sergey Brin, o *Google* hoje é uma empresa multinacional de *software* e serviços *on line*, subsidiária da *Alphabet Inc.* Começou como um motor de busca *on line*, mas atualmente oferece mais de cinquenta serviços e produtos de *Internet*, desde e-mail e criação de documentos até *software* para telefones celulares e *tablets* (Google..., 2017). É considerada uma das marcas mais valiosas do mundo, ultrapassando US\$ 320 bilhões (Quem..., 2020).

Sendo o *Google* responsável por mais de 70 por cento da pesquisa *online* mundial (Google..., 2017), o que o coloca no centro da experiência da maioria dos usuários da *Internet* e como seu sistema de buscas se baseia nas escolhas dos próprios usuários, quanto mais popular uma página, maior a probabilidade de que ela seja mostrada a outras pessoas ao pesquisarem o mesmo assunto (Sumpter, 2019). Desta forma, os resultados de pesquisas no *Google* nos trazem importantes insumos para reflexão sobre quais imagens mais circulam entre nós, construindo e sendo construídas por representações sociais acerca dos jovens das favelas cariocas.

Ao digitar as palavras “cidade do Rio de Janeiro” na busca por imagens do *Google*, encontramos como prioritários os resultados apresentados na captura de tela, abaixo.

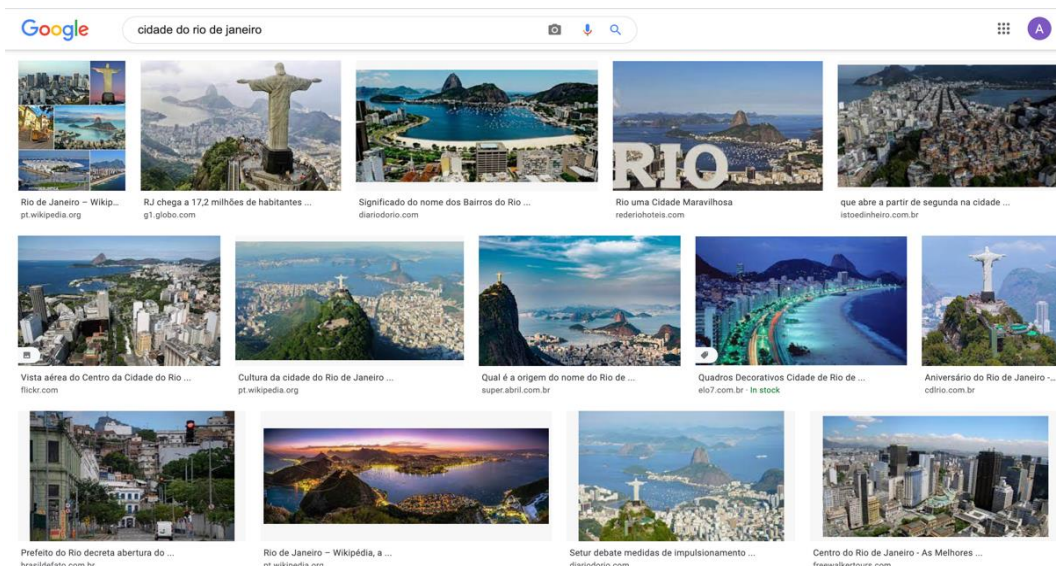


Figura 12 – Primeira captura de tela com os resultados da busca de imagens por “cidade do Rio de Janeiro”

Fonte: [https://www.google.com/search?q=cidade+do+rio+de+janeiro&tbm=isch&ved=2ahUKEwim-oLuhpDwAhX-tpUCHVCSB2cQ2-cCegQIABAA&oeq=cidade+d&gs\\_lcp=CgNpbWcQARgAMgQIIxAnMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAOgQIABBDUO6jLlioqy5gvbcuaABwAHgAgAF9iAGpB5IBAzAuOJgBAKABAoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&scient=img&ei=iXqAYOaRD\\_7t1sQP0KSeuAY&bih=653&biw=1440&safe=strict](https://www.google.com/search?q=cidade+do+rio+de+janeiro&tbm=isch&ved=2ahUKEwim-oLuhpDwAhX-tpUCHVCSB2cQ2-cCegQIABAA&oeq=cidade+d&gs_lcp=CgNpbWcQARgAMgQIIxAnMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAOgQIABBDUO6jLlioqy5gvbcuaABwAHgAgAF9iAGpB5IBAzAuOJgBAKABAoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&scient=img&ei=iXqAYOaRD_7t1sQP0KSeuAY&bih=653&biw=1440&safe=strict). Acesso em: 21 abr. 2021.

Percebe-se no resultado dessa busca a recorrência dos famosos pontos turísticos e cartões postais da Cidade, o que se repete na segunda e terceira capturas de tela, abaixo, apresentadas em ordem decrescente de priorização dos resultados.

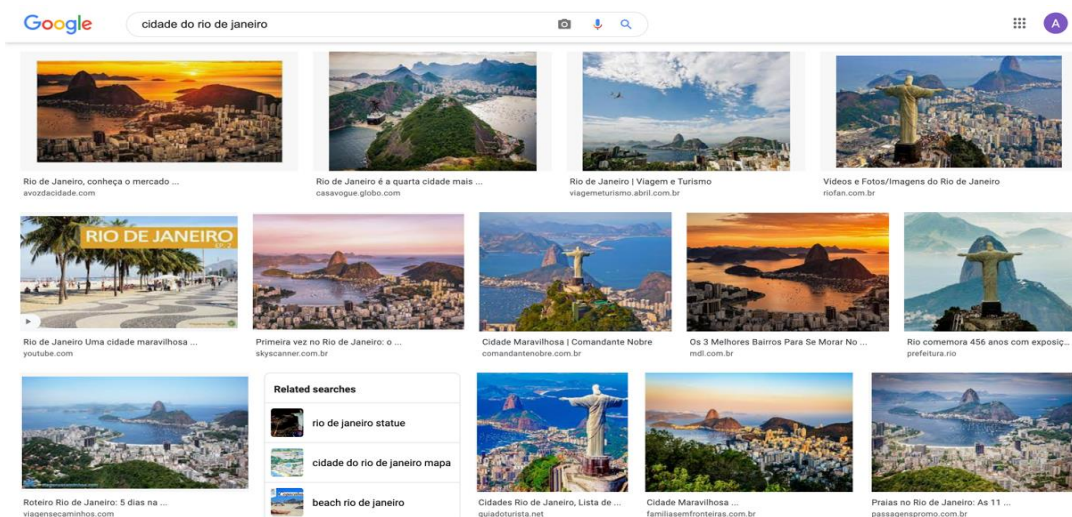


Figura 13 – Segunda captura de tela com os resultados da busca de imagens por “cidade do Rio de Janeiro”

Fonte: [https://www.google.com/search?q=cidade+do+rio+de+janeiro&tbm=isch&ved=2ahUKEwim-oLuhpDwAhX-tpUCHVCSB2cQ2-cCegQIABAA&oeq=cidade+d&gs\\_lcp=CgNpbWcQARgAMgQIIxAnMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAOgQIABBDUO6jLlioqy5gvbcuaABwAHgAgAF9iAGpB5IBAzAuOJgBAKABAoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&scient=img&ei=iXqAYOaRD\\_7t1sQP0KSeuAY&bih=653&biw=1440&safe=strict](https://www.google.com/search?q=cidade+do+rio+de+janeiro&tbm=isch&ved=2ahUKEwim-oLuhpDwAhX-tpUCHVCSB2cQ2-cCegQIABAA&oeq=cidade+d&gs_lcp=CgNpbWcQARgAMgQIIxAnMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAOgQIABBDUO6jLlioqy5gvbcuaABwAHgAgAF9iAGpB5IBAzAuOJgBAKABAoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&scient=img&ei=iXqAYOaRD_7t1sQP0KSeuAY&bih=653&biw=1440&safe=strict). Acesso em: 21 abr. 2021.



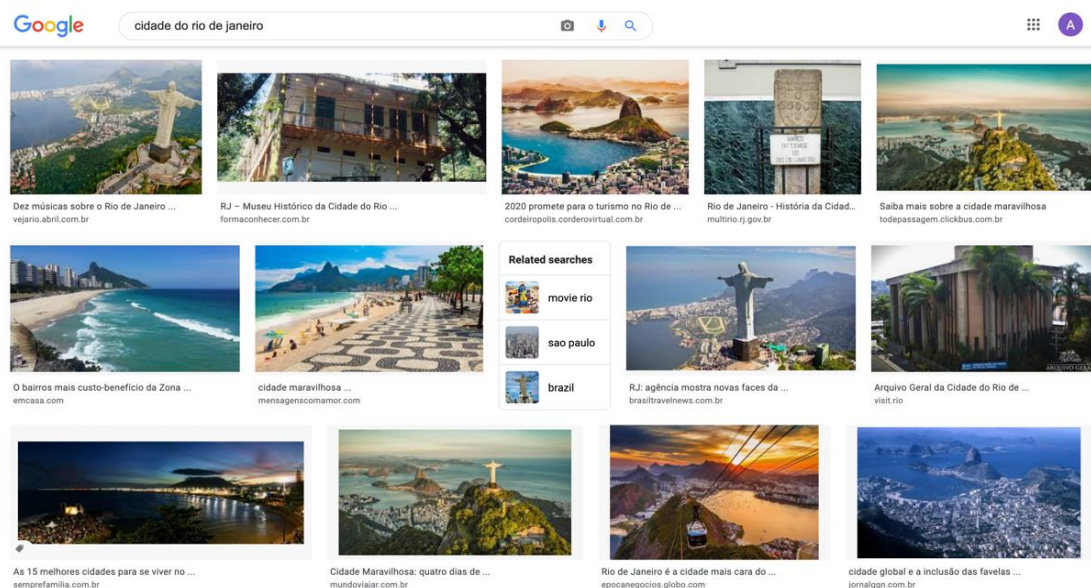


Figura 14 – Terceira captura de tela com os resultados da busca de imagens por “cidade do Rio de Janeiro”

Fonte: [https://www.google.com/search?q=cidade+do+rio+de+janeiro&tbm=isch&ved=2ahUKEwim-oLuhpDwAhX-tpUCHVCSB2cQ2-cCegQIABAA&oq=cidade+d&gs\\_lcp=CgNpbWcQARgAMgQIIxAnMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAOgQIABBDUO6jLlioqy5gvbcuaABwAHgAgAF9iAGpB5IBAzAuOJgBAKABAoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&scient=img&ei=iXqAYOaRD\\_7t1sQP0KSeuAY&bih=653&biw=1440&safe=strict](https://www.google.com/search?q=cidade+do+rio+de+janeiro&tbm=isch&ved=2ahUKEwim-oLuhpDwAhX-tpUCHVCSB2cQ2-cCegQIABAA&oq=cidade+d&gs_lcp=CgNpbWcQARgAMgQIIxAnMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAMgIIADICCAyAggAOgQIABBDUO6jLlioqy5gvbcuaABwAHgAgAF9iAGpB5IBAzAuOJgBAKABAoBC2d3cy13aXotaW1nwAEB&scient=img&ei=iXqAYOaRD_7t1sQP0KSeuAY&bih=653&biw=1440&safe=strict). Acesso em: 21 abr. 2021.

Vale destacar a ausência das favelas nos resultados apresentados. Mesmo sendo o Rio de Janeiro, simbolicamente, “a cidade da favela”, com 1.393.314 de seus habitantes vivendo nesses territórios (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010a) - a primeira menção à palavra “favela”, apenas em texto, não em imagem, dá-se somente no 40º resultado da referida busca (Rio..., 2014), conforme a última foto exposta na terceira captura de tela, acima.

Segundo Sumpter (2019), os algoritmos quantificam o sentido que atribuímos às palavras em nossa cultura. Para o autor, “Qualquer algoritmo que aprenda conosco será tão preconceituoso quanto somos. Ele vai captar a história de discriminação exatamente onde a deixamos e aplicá-la em larga escala” (Sumpter, 2019, p. 208). Douglas & Isherwood (2013, p. 108) nos lembram que “Nenhum ser humano existe senão fixado na cultura de sua época e lugar”, o que nos faz refletir a respeito da tecnologia e dos algoritmos como recursos que não devem ser pensados em isolamento, sendo intrinsicamente ligados à dimensão humana e cultural. Assim, o resultado desta busca de imagens corrobora o que vimos no capítulo anterior: a ideia de cidade não inclui a favela.

Não tendo a favela presente nos principais resultados da busca de imagens por “cidade do Rio de Janeiro”, o passo seguinte foi realizar uma nova pesquisa,

Google

jovem

insere o jovem no mercado de trabalho ...  
[tedsapaulo.com.br](#)

ID Jovem  
[idjovem.juventude.gov.br](#)

Jovem suspeito de furtar ani...  
[g1.globom](#)

Jovem é morto a tiros em M...  
[diariodamanha.com](#)

O seu público é jovem? Então ele ouve ...  
[radiosdere resultado.com.br](#)

Jovem de 16 anos morre de Covid-19 no ...  
[leiteo.com.br](#)

de jovem aprendiz ...  
[vagas.com.br](#)

PM sobre morte de jovem na zona...  
[g1.globom](#)

Jovem perde controle de moto, bate e...  
[campgrandenews.com.br](#)

Bóias Jovem - o que é e como funciona ...  
[ubex.org.br](#)

Aos 19 anos, brasileiro é o mais jovem ...  
[veja.abril.com.br](#)

Jovem morre com facada no peito ao ...  
[garprioresanderezes.com.br](#)

com ID Jovem ...  
[govia.id.dnombus.com](#)

Programa Jovem Aprendiz | Itaú Unibanco  
[itau.com.br](#)

Jovem de 17 anos morre por complicação...  
[boiagoviasportalidade.com](#)

Saiba o que é o programa Jovem Aprendiz ...  
[igabaimba.edu.br](#)

Fonte:

[https://www.google.com/search?q=jovem&tbm=isch&ved=2ahUKEwjMicrshIH9AhXgjJUCHaG5DygQ2-cCegQIABAA&oq=jovem&gs\\_lcp=CgNpbWcQAZlCCAAyAggAMgIIADICCAAYAggAMgIIADICCAAYAggAMgIIADICCAABAgAEENQ1coWWPPOFmDy0RZoAHAeACAAZEBiAGyBZIBAZAuNZgBAKABAaOC2d3cy13aXotAW1nwAEB&sclient=img&ei=5tL-YMzE-ECZ1sQPofO-wAl&bih=653&biw=1440&safe=strict](https://www.google.com/search?q=jovem&tbm=isch&ved=2ahUKEwjMicrshIH9AhXgjJUCHaG5DygQ2-cCegQIABAA&oq=jovem&gs_lcp=CgNpbWcQAZlCCAAyAggAMgIIADICCAAYAggAMgIIADICCAAYAggAMgIIADICCAABAgAEENQ1coWWPPOFmDy0RZoAHAeACAAZEBiAGyBZIBAZAuNZgBAKABAaOC2d3cy13aXotAW1nwAEB&sclient=img&ei=5tL-YMzE-ECZ1sQPofO-wAl&bih=653&biw=1440&safe=strict). Acesso em: 21 maio 2021.

Os resultados priorizados na busca de imagens pelo termo “jovem” apresentaram alta recorrência de assuntos relacionados à morte de jovens indivíduos, em diferentes regiões do Brasil, por causas também distintas, como acidente, doença ou violência. Sete dos dezesseis resultados remetiam a tal tema (Coimbra, 2019; Rogério, 2019; Casemiro, 2020; Oshiro, 2020; Jovem..., 2020a,b; Oliveira, 2021). Assim, desconsidere tais resultados por não corresponderem ao objetivo de investigação deste trabalho (Bandeira, 2017; Por que..., 2018; Aos 19 anos..., 2019; Brasil, c2019; Coimbra, 2019; Rogério, 2019; União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, 2019; Casemiro, 2020; Como reservar..., 2020; Jovem..., 2020a,b; Oshiro, 2020; 7 passos..., c2021; Itaú, c2021; Oliveira, 2021; O seu público..., c2021) e realizei uma nova pesquisa de imagens pelos termos “jovem carioca”, cujos resultados prioritários seguem abaixo.



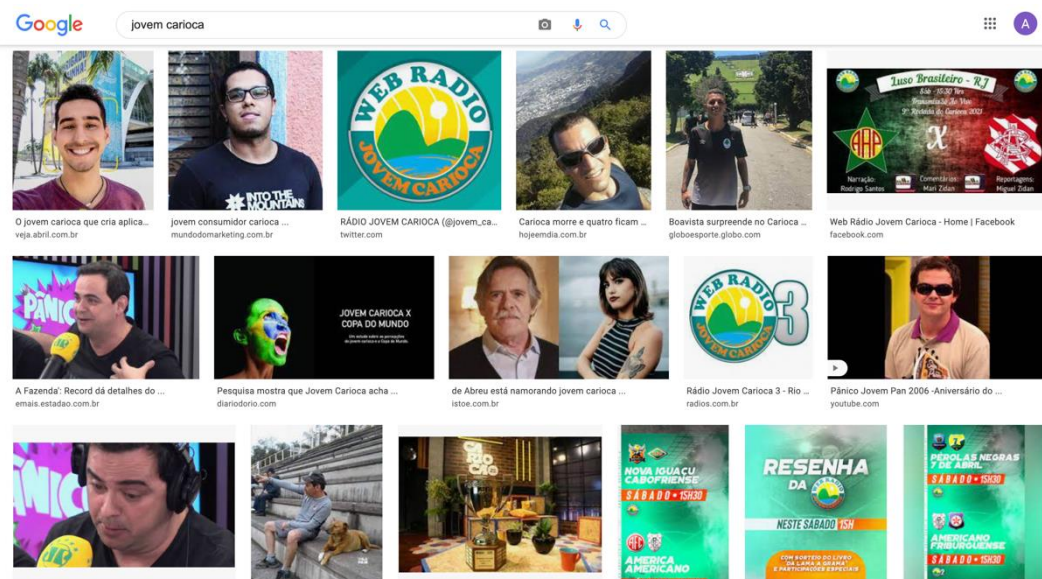


Figura 16 – Captura de tela com os resultados priorizados na busca de imagens por “jovem carioca”

Fonte:

[https://www.google.com/search?q=jovem+carioca&tbm=isch&ved=2ahUKEwiniKbLhoHyAhUjvJUCHeOkCDQ2-cCegQIABAA&oeq=jovem+carioca&gs\\_lcp=CgNpbWcQAzoCCAA6BAgAEB46BgAEAgQHICctAJYw78CYPrAAmgAcAB4AIABwwKIAyKQkgEIMC4xMi4wLjGYAQCgAQGqAQtn3Mtd2l6LWltZ8ABAQ&sc\\_lent=img&ei=udT-YOfHFqP41sQP48mioAM&bih=653&biw=1440&safe=strict](https://www.google.com/search?q=jovem+carioca&tbm=isch&ved=2ahUKEwiniKbLhoHyAhUjvJUCHeOkCDQ2-cCegQIABAA&oeq=jovem+carioca&gs_lcp=CgNpbWcQAzoCCAA6BAgAEB46BgAEAgQHICctAJYw78CYPrAAmgAcAB4AIABwwKIAyKQkgEIMC4xMi4wLjGYAQCgAQGqAQtn3Mtd2l6LWltZ8ABAQ&sc_lent=img&ei=udT-YOfHFqP41sQP48mioAM&bih=653&biw=1440&safe=strict). Acesso em: 21 maio 2021.

Como podemos observar na captura de tela acima, a busca de imagens pelos termos “jovem carioca” apresentou sete resultados relacionados à Rádio Jovem Carioca, de um total de dezessete apresentados (Domingão..., 2021; É jogo..., 2021; Sábado..., 2021; Sabadão..., 2021; Se liga..., 2021; Rádio Jovem Carioca, c2021; Rádio Jovem Carioca 3, c2021). Entendendo que tal recorrência também não favorecia aos objetivos deste trabalho, descartei novamente os resultados (Carioca..., 2012; Freire, 2014a; Oliveira, 2014; Pânico..., 2014; Aos 73 anos..., 2019; Boavista..., 2019; A Fazenda..., 2020; Thedim, 2020; Campeonato..., 2021; Domingão..., 2021; É jogo..., 2021; Sábado..., 2021; Sabadão..., 2021; Se liga..., 2021; Rádio Jovem Carioca, c2021; Rádio Jovem Carioca 3, c2021; Rodrigues, c2021) e realizei mais uma busca de imagens, dessa vez considerando os termos “jovens cariocas”, no plural. O resultado, conforme apresentado na captura de tela abaixo, mostrou-se então adequado para análise, sem recorrências que fugissem ao tema a ser investigado.

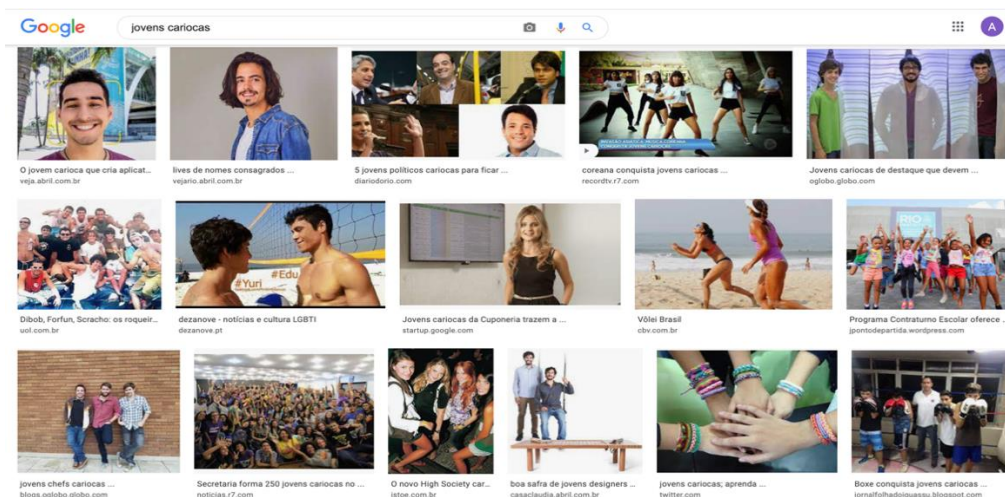


Figura 17 – Captura de tela com os resultados priorizados na busca de imagens por “jovens cariocas”

Fonte:

[https://www.google.com/search?q=jovens+cariocas&tbm=isch&ved=2ahUKEwixm7nfhoHyAhV GppUCHWg3APUQ2-cCegQIABAA&oq=jovens+cariocas&gs\\_lcp=CgNpbWcQAzoECAAQQzoCCAA6BAgAEB46BgAEAUQHjoGCAAQCBAeUImiAliXsQJgrrICaABwAHgAgAHxAYgB2RKSAQYwLjEzLjK YAQCgAQGqAQnd3Mtd2l6LWltZ8ABAQ&scient=img&ei=49T-YPGdJsbM1sQP6O6AqA8&bih=653&biw=1440&safe=strict](https://www.google.com/search?q=jovens+cariocas&tbm=isch&ved=2ahUKEwixm7nfhoHyAhV GppUCHWg3APUQ2-cCegQIABAA&oq=jovens+cariocas&gs_lcp=CgNpbWcQAzoECAAQQzoCCAA6BAgAEB46BgAEAUQHjoGCAAQCBAeUImiAliXsQJgrrICaABwAHgAgAHxAYgB2RKSAQYwLjEzLjK YAQCgAQGqAQnd3Mtd2l6LWltZ8ABAQ&scient=img&ei=49T-YPGdJsbM1sQP6O6AqA8&bih=653&biw=1440&safe=strict). Acesso em: 27 abr. 2021.

Como não verifiquei no resultado da busca por “jovens cariocas” nenhuma imagem ou menção à favela, fiz uma nova pesquisa, dessa vez acrescentando a palavra “favelas”, intencionalmente buscando por imagens que representassem os jovens cariocas moradores das favelas. Os resultados seguem na captura de tela, abaixo.

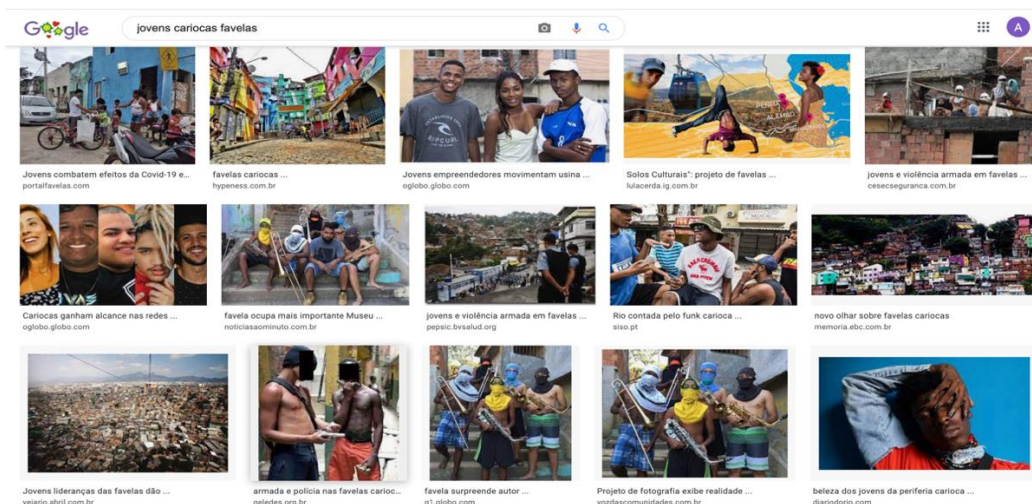


Figura 18 – Captura de tela com os resultados priorizados na busca de imagens por “jovens cariocas favelas”

Fonte:

[https://www.google.com/search?q=jovens+cariocas+favelas&tbm=isch&ved=2ahUKEwiZ1eTyhoHyAhXVs 5UCHUZyCmIQ2-cCegQIABAA&oq=jovens+cariocas+favelas&gs\\_lcp=CgNpbWcQAIDDDhQRY-IsEYIEtNBGgAcAB4AIAB8wKIAyCOKgEHMC4xLjtuM5gBAKABAaoBC2d3cy13aXotaWlnwAEB&scient=img&ei=DNX-YJmfC9Xn1sQPxrCpkAY&bih=653&biw=1440&safe=strict](https://www.google.com/search?q=jovens+cariocas+favelas&tbm=isch&ved=2ahUKEwiZ1eTyhoHyAhXVs 5UCHUZyCmIQ2-cCegQIABAA&oq=jovens+cariocas+favelas&gs_lcp=CgNpbWcQAIDDDhQRY-IsEYIEtNBGgAcAB4AIAB8wKIAyCOKgEHMC4xLjtuM5gBAKABAaoBC2d3cy13aXotaWlnwAEB&scient=img&ei=DNX-YJmfC9Xn1sQPxrCpkAY&bih=653&biw=1440&safe=strict). Acesso em: 02 maio 2021.

Para a análise à qual esse trabalho se propõe, consideraremos os resultados das duas últimas buscas de imagem apresentadas: “jovens cariocas” e “jovens cariocas favelas”. O primeiro ponto que chama atenção na comparação das imagens resultantes das duas pesquisas é em relação à questão racial. Mais do que a predominância de jovens negros na pesquisa por “jovens cariocas favelas”, o ponto a ser destacado é a ausência de negros na pesquisa por “jovens cariocas”. Sendo o Rio de Janeiro a segunda cidade brasileira com a maior população que se declara como negro ou pardo (Villa, 2011), com quase 50% de sua população assim declarada, segundo o *Mapa da distribuição espacial da população segundo cor ou raça: pretos e pardos*, do IBGE (2010b), a quase totalidade de brancos nas imagens resultantes da busca por “jovens cariocas” nos leva a pensar na “ideologia do daltonismo racial” (Senft & Noble, 2014<sup>24</sup> *apud* Génot, 2017), a partir da qual, ainda que os algoritmos utilizados nos mecanismos de busca *on line* sejam considerados como neutros, eles propagam o imaginário branco como hegemônico. Para Lia Vainer Schucman (2020), o branco seria aquele que representa a “norma”, tendo sido historicamente naturalizada a ideia de quem tem raça é apenas o negro. Ainda para a mesma autora, a branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que a ocupam foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, recaindo sobre eles atributos positivos ligados a inteligência, beleza e civilização (Schucman, 2020). Observando as imagens resultantes da busca por “jovens cariocas”, podemos dizer que os jovens das favelas, predominantemente pretos e pardos (Mello, 2014), estariam, desta maneira, excluídos do universo de significados positivos relacionados à branquitude.

Na visão de Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 82), afirmar identidades significa demarcar fronteiras através da diferença, implicando necessariamente nas operações de incluir e excluir, reafirmando relações de poder. Dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”, ou seja, estabelecer a distinção entre “nós” e “eles”.

Ainda para o autor, fixar uma determinada identidade como norma significa hierarquizar identidades e diferenças. “A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença”

---

<sup>24</sup> SENFT, T.; NOBLE, S. U. Race and social media. *In*: HUNSINGER, J.; SENFT, T. (ed.). *The social media handbook*. New York: Routledge, 2013. Cap. 8.

(Silva, 2000, p. 83). Normalizar significa, assim, atribuir a uma identidade todas as características positivas possíveis, sendo ela a identidade “normal”, desejável e única, em relação à qual todas as demais serão avaliadas, de forma negativa. “A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como *uma* identidade, mas simplesmente como *a* identidade” (Silva, 2000, p. 83, grifo do autor).

Um segundo ponto a ser comentado na comparação das duas buscas se refere à total ausência das favelas, sejam como paisagens ou ambientação das imagens resultantes da pesquisa por “jovens cariocas”, como se tanto elas, quanto os jovens que nelas residem, só existissem dentro desses espaços geográficos circunscritos, sendo invisíveis na “cidade”.

Para Luis Eduardo Soares (2005, p. 165), ver e ser visto são “duas faces da mesma moeda” nos relacionamentos humanos. Não ser visto significa não participar dos encontros que constituem as relações humanas, estar fora, não pertencer, tornar-se estranho, como um exilado em seu próprio país, levando um não entendimento sobre si próprio. “Se os indivíduos não se conhecem a si mesmos, plenamente, a fronteira entre aquilo que se supõe ser e aquilo que se pode vir a ser não é tão clara e rígida” (Soares, 2005, p. 167). De acordo com o autor,

Aquilo que cada um seleciona e recorta do conjunto, retém na memória e reorganiza em uma imagem final, depende de muitos fatores – como já sabemos -, vários dos quais se encontram na ponta do observador, não do observado, mas todos eles colaboram para estabelecer relações que constituem as matrizes da nossa percepção. (Soares, 2005, p. 171).

Segundo Soares (2005), o decisivo no olhar seria, assim, a relação. Se ver é se relacionar, o que significa não ver? Cláudia Pereira (2008), em sua tese de doutorado, aponta que é o reconhecimento através do olhar do “outro”, e não entre os “iguais”, que pode colocar luz em um indivíduo e tirá-lo da “sombra da invisibilidade” (Pereira, 2008, p. 128). Complementando essa reflexão, vale citar Hall (2016, p. 13) quando sublinha que “não ter voz ou não se ver representado pode significar nada menos do que opressão existencial”.

Um terceiro ponto a ser destacado sobre a comparação dos resultados das pesquisas anteriormente mencionadas (“jovens cariocas” e “jovens cariocas favelas”) diz respeito aos cenários e temas ligados às imagens presentes nos resultados. Os temas relacionados às imagens priorizadas na busca por “jovens cariocas” foram todos referentes a pautas positivas, como empreendedorismo

(Thedim, 2020; Jovens..., c2021), música (Música..., 2018; Brito, 2020; Rocha, 2020), política (Freire, 2014b), carreira (Bertolucci, 2015), cinema (Rio..., c2021), esporte (Camara, 2016; Jovens..., 2020a), cultura (Araujo, c2021), gastronomia (Guimarães, 2016), capacitação (Secretaria..., 2018), alta sociedade (Prado & Alves Filho, 2008), design (Galvão, 2016) e moda (Pulseira..., 2014). Com relação aos temas alusivos às imagens resultantes da busca por “jovens cariocas favelas”, encontramos pautas positivas ligadas a arte (Virgilio, 2013), música (Vieira, 2019), moda (Alves, 2019), empreendedorismo (Concurso..., 2017; Amorim, 2020), projetos culturais (Solos..., 2013), iniciativas sociais (Jovens..., 2020b) e fotografia (Arte..., 2016; Coelho, 2016; Mello, 2016), sendo que neste último tema, verificamos três imagens do projeto Favelagrafia, sobre o qual falaremos no capítulo seguinte. Encontramos, porém, também pautas negativas ligadas a tráfico, violência e armas (Meninos..., 2009; Ramos, 2011), inexistentes nos resultados da pesquisa por “jovens cariocas”.

A associação de imagens e pautas de violência aos jovens das favelas, especialmente aos jovens negros, aqui também pode ser considerada como uma forma de estereotipagem presente em um regime de representação racializada, uma vez que, segundo Hall (2016), os estereótipos igualmente se constituem como uma prática de fechamento e exclusão, sendo parte da manutenção da ordem social e simbólica na medida em que estabelecem uma fronteira entre o “aceitável” e o “inaceitável”, o “pertencente” e o “Outro”, entre o “jovem” e o “criminoso”, entre “nós” e “eles”. “Apesar das campanhas contra o racismo institucional, persiste na imprensa popular a suspeita de que o crime de rua é quase exclusivamente um crime de negros” (Hall, 2016, p. 227).

Hall (2016) pontua que é bastante comum que pessoas diferentes de nós (“eles”) sejam representadas de forma binária, por meio de extremos acentuadamente opostos: bom/mau, civilizado/primitivo, feio/belo. Tais oposições binárias carregam em si uma hierarquia e tendem a ocorrer onde existem grandes desigualdades de poder. “Um dos dois termos governa [...] o outro, ou tem a primazia” (Derrida, 1972, p. 41<sup>25</sup> *apud* Hall, 2016, p. 192).

É com base em oposições binárias que o discurso racializado se estrutura: civilização (branco)/selvageria (negro); cultura/natureza; pureza/poluição.

<sup>25</sup> DERRIDA, J. *Positions*. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1972.

Historicamente, por meio das políticas racializadas de representação, as culturas do povo negro foram reiteradamente reduzidas à natureza, “naturalizando” a “diferença” em relação aos brancos. Ao contrário do que é relativo à “cultura”, e, assim, pode ser modificado, tudo o que é “natural”, referente à “natureza”, é permanente. Para Hall (2016), a “naturalização”, como estratégia representacional, teria então o objetivo de fixar a diferença.

Ainda segundo o autor, a força de tal reducionismo gerou os estereótipos, apossando-se das poucas características simples, memoráveis e amplamente reconhecidas de uma pessoa e reduzindo tudo sobre ela a essas características, que depois são exageradas e simplificadas. “[...] a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’” (Hall, 2016, p. 191, grifo do autor). Quando pensamos no processo de estereotipagem, é possível estabelecer uma conexão entre representação, diferença e poder. O poder aqui deve ser entendido não apenas como poder econômico ou coerção física, mas também em termos culturais e simbólicos. Trata-se do poder de representar alguém ou alguma coisa de uma certa maneira, dentro de um chamado “regime de representação”, sendo a estereotipagem o elemento central na prática de tal violência simbólica.

Por fim, vale ressaltar a parcialidade dos resultados priorizados nos mecanismos de busca do *Google*, reforçando a circulação das mesmas imagens para pessoas classificadas com perfis semelhantes, descartando o que é considerado pelo algoritmo como “exceção” (Pariser, 2012). Aqui, podemos nos perguntar: exceção a quê? A qual padrão estabelecido como “norma”? Voltando a Soares (2005, p. 164), “a gente vê o que a cultura e a sociedade permitem que se veja”.

Segundo Pariser (2012, p. 14), o atual algoritmo utilizado pelo *Google* cria “bolhas de filtros” que atuam como “uma força centrífuga que nos afasta uns dos outros”. Inicialmente, o algoritmo chamado de *PageRank* classificava os resultados com base nos *links* de outras páginas. Assim, as páginas citadas por muitas outras seriam supostamente mais importantes. Desde 2009, porém, a partir de uma grande quantidade de dados dos usuários obtidos através de outros serviços, como o *Gmail*, os resultados das buscas refletem aquilo que o *Google* considera melhor para cada usuário em específico, tendo início à era da personalização. Desta maneira, resultados supostamente personalizados tenderão a nos encaminhar ainda mais aos mesmos itens que já estávamos predispostos a receber, abrindo menos espaço para novas percepções e aprendizados, podendo chegar ao que Pariser (2012, p. 113)

chama de “determinismo informativo”, no qual as imagens e informações que recebemos são fruto dos nossos cliques do passado. Ou seja, “Ficamos presos num ciclo de nós mesmos”.

Nos seus estudos sobre representação, Stuart Hall (2016) também se questionava se um regime dominante de representação pode ser desafiado, contestado ou modificado. Ele compreendia que as estratégias de estereotipagem e as políticas racializadas de representação exerciam uma grande força na tentativa de fixar significados, mas também acreditava que se o significado é atribuído por meio de uma construção social e não está na coisa em si, ele também pode ser modificado. É a partir dessa perspectiva que falaremos sobre o projeto Favelagrafia, no próximo capítulo: um projeto de fotografia lançado em 2016 em que nove jovens, de nove diferentes favelas do Rio de Janeiro, registram o dia a dia, as paisagens, os personagens e as histórias de suas comunidades.

#### 4.4. Síntese do capítulo

Nesse capítulo, analisamos como as representações midiáticas dos jovens das favelas cariocas são produtos de uma construção social, que não só expressam a cultura em que estamos inseridos, mas também criam realidades. Para desenvolver tal reflexão, utilizamos as imagens resultantes de buscas no *Google*, plataforma presente no centro da experiência da maioria dos usuários de *Internet*, trazendo, assim, importantes insumos a respeito das imagens que mais circulam entre nós acerca dos jovens das favelas cariocas.

Ao analisar as imagens encontradas nas buscas realizadas por “jovens cariocas” e “jovens cariocas favela”, tomamos como base teórica o conceito de “representação” de Stuart Hall (2016), a partir do contexto dos Estudos Culturais Britânicos, surgidos nos anos 1960 na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, cujo objetivo era assumir amplamente a cultura como campo de estudos, sem divisões em superior e inferior, popular e de elite.

Verificamos diferenças significativas entre as imagens apresentadas como resultado das pesquisas de imagem realizadas no *Google*. A ausência de jovens negros nas imagens referentes a “jovens cariocas” nos levou a questionar a ideia da branquitude como “norma”. A invisibilidade da favela e dos jovens que nela residem no conjunto de imagens apresentadas nesta mesma busca também foi



contemplada em nossa análise, assim como as pautas e imagens ligadas à violência, presentes unicamente no resultado da busca por “jovens cariocas favela”.

Por fim, também a partir dos estudos de Stuart Hall (2016), encerramos o capítulo nos questionando sobre a possibilidade de mudança em um regime dominante de representação. Concluimos que tal possibilidade existe, pois se o significado é sempre atribuído por meio de uma construção social e não está na coisa em si, ele também pode ser modificado. Esta perspectiva será aprofundada no capítulo seguinte, a partir do projeto Favelagrafia.



## 5. Favelagrafia: um outro olhar sobre as favelas cariocas a partir de seus próprios moradores

### 5.1. Favelagrafia: nove jovens, das favelas para o Museu de Arte Moderna do Rio

Ser favelado no Rio de Janeiro é você ressignificar o lugar onde vive o tempo inteiro.

MC Martina, *Instagram (@mcmartina\_)*, 05/01/2019.

No capítulo anterior, refletimos sobre as representações midiáticas dos jovens das favelas cariocas como produtos de uma construção social, que não somente expressam a cultura em que estamos inseridos, mas também criam realidades. Tomando como base teórica o conceito de “representação” de Stuart Hall (2016), comparamos imagens resultantes de buscas no *Google* por “jovens cariocas” e “jovens cariocas favela” e encerramos o capítulo com o questionamento sobre as possibilidades de mudança em um regime dominante de representação. Ainda a partir das reflexões de Hall (2016), concluímos que tal possibilidade existiria: se o significado é sempre atribuído por meio de uma construção social e não está na coisa em si, ele também pode ser modificado. O objetivo deste capítulo é, assim, aprofundar essa perspectiva, a partir do Estudo de Caso do projeto Favelagrafia. Segundo Martino (2018), como metodologia de pesquisa, o estudo de caso utiliza evidências particulares para melhor compreender o conjunto de uma situação e um fenômeno mais amplo.

Criado pelo diretor de arte André Havt e pela designer Karina Abicalil e lançado em 2016 pela agência de publicidade NBS<sup>26</sup>, o Projeto Favelagrafia é formado por nove fotógrafos (Anderson Valentim, Elana Paulino, Jéssica Higino, Josiane Santana, Joyce Marques Piñeiro, Magno Neves, Omar Britto, Rafael Gomes e Saulo Nicolai), selecionados em nove diferentes favelas do Rio de Janeiro, que desde então fotografam suas comunidades e postam as imagens em uma conta no *Instagram (@favelagrafia)*, que hoje conta com mais de 49.000 seguidores. Como já abordamos na Introdução desse trabalho, a iniciativa do projeto por parte da agência NBS deve ser contextualizada em um momento do País em que a chamada

---

<sup>26</sup> Como membro da equipe da agência de comunicação NBS, tive participação ativa na concepção e desenvolvimento do projeto Favelagrafia, entre os anos de 2016 e 2019.

“nova classe média” (Neri, 2008) era objeto de atenção e disputa pelo mercado de consumo. Segundo pesquisa do Instituto Data Favela, publicada em 2014<sup>27</sup>, se as favelas brasileiras fossem um estado, seriam o quinto mais populoso da federação e, naquele momento, movimentavam 63 bilhões de reais a cada ano (Athayde & Meirelles, 2014).

Segundo Josiane Santana, uma das fotógrafas da iniciativa e moradora do Complexo do Alemão, “O que a gente busca, não somente eu, mas todos os moradores, é desconstruir essa imagem ruim que existe” (Favelagrafia, 2017, não paginado). A fala de Josiane abre o vídeo de divulgação do projeto Favelagrafia, publicado no YouTube, enquanto as imagens mostram sua caminhada pelas ruas da favela onde reside (Favelagrafia, 2017). Segundo o site do projeto, o objetivo dessa iniciativa é “[...] dar visibilidade para o dia a dia das favelas, suas histórias, paisagens e personagens. Detalhes que só quem mora lá conhece. Recriando, assim, o olhar da cidade sobre a favela” (Favelagrafia, c2016, não paginado).

Uma vez que a fotografia aqui se insere como o objeto principal de análise, vale lembrar a compreensão de Barthes (2018) sobre a foto-retrato como um “campo cerrado de forças”, onde interagem quatro imaginários que se cruzam diante da objetiva: “[...] aquele que me julgo, aquele que eu gostaria que me julgasse, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exibir sua arte” (Barthes, 2018, p. 20). Para Barthes (2018), a fotografia informa, representa, surpreende e faz significar. Assim, pensar sobre as imagens produzidas pelos fotógrafos do projeto significa mergulhar em uma reflexão que vai além dos elementos presentes nessas imagens. Significa refletir também sobre quem representa, quem é representado e que sentidos dali são extraídos.

Segundo Cruz (2007), em um contexto de disputa de sentidos travada na mídia, o uso das novas tecnologias surge como uma estratégia política de transgressão na produção de representações sobre os moradores de favelas, permitindo que eles possam falar sobre si. Para Djamila Ribeiro (2020, [p. 86]), mesmo com todos os limites ainda existentes, o espaço virtual tem sido um espaço de disputas de narrativas, onde “[...] pessoas de grupos historicamente discriminados encontraram aí um lugar de existir”. Nesse sentido, o *Instagram* do projeto, como canal e plataforma de compartilhamento de imagens, abre a

---

<sup>27</sup> Dados publicados no livro “Um País Chamado Favela”, de Renato Meirelles & Celso Athayde. São Paulo: Editora Gente, 2014.

possibilidade de construção de um novo sentido e uma nova representação das favelas e de seus moradores, opondo-se às representações midiáticas usuais. O *Instagram*, plataforma com perfil de usuários predominantemente jovem, permite, ainda, que essas imagens sejam compartilhadas por milhares de seguidores, alcançando uma audiência sensivelmente mais ampla.

As fotos produzidas pelo projeto Favelagrafia ilustraram um livro e uma exposição de mesmo nome no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio, em novembro de 2016<sup>28</sup>. As paisagens, os personagens e o dia a dia das favelas tematizavam as imagens de tal exposição. Em novembro de 2019, o mesmo museu recebeu uma segunda edição do projeto, com obras produzidas pelos mesmos nove fotógrafos da edição anterior, dessa vez denominada de Favelagrafia 2.0<sup>29</sup> e contando não apenas com fotos, mas também com vídeos. Nessa segunda edição, a inspiração para o trabalho exposto foram as “potências das favelas”: artistas, esportistas, músicos, bailarinos e outros talentos identificados e capturados pelas lentes dos fotógrafos do projeto.

## 5.2. A opção pela pesquisa qualitativa e entrevistas em profundidade

Para refletir sobre a representação dos jovens das favelas cariocas a partir do projeto Favelagrafia foi feita a opção pelo método de investigação qualitativo por meio de entrevistas em profundidade com oito dos nove fotógrafos participantes do projeto<sup>30</sup>. De acordo com Martino (2018), a pesquisa qualitativa lida com a subjetividade e as motivações dos indivíduos. Ainda para o mesmo autor,

Pesquisas qualitativas estão preocupadas com os *significados* presentes nas ações humanas. Nada no ser humano é por acaso, assim como nada é fruto de uma relação totalmente determinada de causa e efeito. Por isso, nas pesquisas qualitativas o objetivo principal é *compreender* as ações humanas, não explicá-las (Martino, 2018, p. 99, grifo do autor).

As entrevistas em profundidade foram realizadas entre os meses de março e junho de 2021. Em função da pandemia de Covid-19 e do distanciamento social então implementado, todas as entrevistas aconteceram por meio digital, utilizando

<sup>28</sup> As obras expostas na exposição Favelagrafia de 2016 podem ser encontradas em [www.favelagrafia.com.br](http://www.favelagrafia.com.br).

<sup>29</sup> As obras expostas na exposição Favelagrafia de 2019 podem ser encontradas em [www.favelagrafia.com.br](http://www.favelagrafia.com.br).

<sup>30</sup> Não foi possível realizar a entrevista em profundidade com uma única participante do projeto, Jéssica Higino, que se encontrava sem disponibilidade de agenda.

o aplicativo de videoconferência *Zoom*. Martino (2018) nos lembra que toda conversa é uma maneira de obter informações, mas nem toda conversa é uma entrevista. Para o autor,

[...] a entrevista é uma conversa orientada para a busca de informações específicas relacionadas aos objetivos de pesquisa. A entrevista é utilizada, em geral, quando o objeto de pesquisa são *opiniões*, *vivências* ou *experiências* de pessoas a respeito de um tema ou uma situação (Martino, 2018, p. 113, grifo do autor).

Para conduzir as conversas de forma a cumprir com os objetivos desse trabalho, a entrevista semiaberta ou semiestruturada foi a opção adotada, considerando um roteiro de perguntas e não um questionário fechado, abrindo então espaço para o entrevistado acrescentar comentários que não estavam previstos no planejamento inicial. Trata-se de um modelo intermediário que mantém certa liberdade na conversa, porém dentro de parâmetros específicos (Martino, 2018). Ainda segundo Martino (2018), a relação entre pesquisador e entrevistado deve ser pautada pela confiança mútua. Para o autor, a entrevista é uma “[...] relação com a alteridade [...]” e, no momento em que acontece, ali estão pesquisador e entrevistado, “[...] mas, acima de tudo, seres humanos” (Martino, 2018, p. 114).

### **5.3. Perfil dos entrevistados: quem são os fotógrafos do projeto Favelagrafia**

Nascido e criado no Morro do Borel, hoje com 38 anos e formado em Design Gráfico, Anderson Valentim se define como um artista visual nas áreas de fotografia e direção audiovisual. Contratado em 2020 para ingressar na equipe de diretores da produtora Boiler Filmes, de São Paulo, Anderson dirigiu recentemente filmes publicitários de marcas de grande porte, como O Boticário e Casas Bahia. Para ele, suas experiências em fotografia e direção se complementam e se combinam em um caminho próprio.

O Diretor que dirige a cena, ele tem uma noção, mas ele não tem essa mão na fotografia. E eu comecei a estudar isso, a perceber isso e achar também uma possibilidade de um caminho diferente, de colocar uma digital minha, de ser um Diretor que tem essa coisa de dirigir os atores, mas também com a mão na fotografia, entendeu? [...] Então você consegue rastrear um diferencial, entendeu? Deixar alguma marca assim, que eu acho que eu sempre procurei isso, de alguma forma, deixar a minha digital dentro de um trabalho. E aí, assim, acho que é um caminho que eu tô procurando seguir, trilhar (Anderson Valentim, 38 anos).

Moradora do Morro Santa Marta, Elana Paulino tem 39 anos. Muito falante, diz que sempre se apresenta em um novo grupo contando de onde vem e que é mãe de quatro filhos. “Já mando logo a real”, ela diz. Elana, que foi mãe aos 15 anos, agora será avó. Sua filha Gabriela está grávida, notícia celebrada pela família com alegria. Elana acredita que, aos 22 anos, a filha não é “tão nova” e não terá sua juventude “perdida”, tendo, assim, uma história diferente da sua.

A Gabriela tem 22 anos, tá assim na faixa, né? [...] Porque o que aconteceu na minha vida, eu não queria pros meus filhos. Eu perdi minha juventude, né? Eu não curti, eu não saí, eu não viajei, eu não namorei mais [...] Então eu falei, cara, eu não quero essa vida pra vocês (Elana Paulino, 39 anos).

A educação de seus filhos é, para Elana, a validação de seu bom desempenho como mãe e a grande comprovação de que foram criados “no caminho certo”.

Eu tenho uma filha que tá fazendo faculdade de Desenho na UFRJ [...] todos os meus filhos têm o Ensino Médio, né? Tirando o Levy, que é pequeno ainda. A Flaviana cursa uma faculdade, estudou no Pedro II. Ralei muito pra ela fazer um cursinho pra entrar lá. Deixei de ter coisas, de comprar coisas pra mim, pra poder instruir meus filhos. Sempre mostrei pra eles o que é certo e o que é errado (Elana Paulino, 39 anos).

Josiane Santana, de 33 anos, inicia a entrevista contando que começou a descobrir de verdade quem ela era a partir de sua experiência na Nave do Conhecimento, espaço de arte e tecnologia então administrado pela Prefeitura do Rio, na Nova Brasília, uma das favelas do Complexo do Alemão, onde a fotógrafa reside. Para Josiane, mais do que uma experiência profissional, tratou-se do início de um vínculo com o seu território e um marco na formação de sua identidade.

Eu cresci vendo as minhas tias dizendo que não moravam no Complexo do Alemão, mas que moravam em Ramos, Bonsucesso, Inhaúma, Engenho da Rainha, Olaria, Penha, mas nunca era no Complexo do Alemão. Nunca! Então eu cresci no meio desse movimento, e aí você acaba automaticamente se acostumando a negar ou até não se acostumando, você aprende a negar também o local de onde você vem [...] E aí eu me lembro, na adolescência, uma viagem que eu fiz pra Guarapari, que eu fui totalmente repreendida pela minha tia. A gente fez uma amizade dentro d’água, na praia, né? E aí essas pessoas moravam aqui por perto. Vila da Penha e tal, e aí a gente conversando, eu fui abrir o bocão, né? Adolescente! E falei assim: Ah! Eu moro no Complexo do Alemão! E eu fui totalmente repreendida pela minha tia [...] ‘Não é pra você falar que você mora no Complexo do Alemão! É pra você falar que você mora em Ramos! Eu hein! Que feio falar que mora no Complexo do Alemão’. Então eu cresci negando o lugar onde eu morava. Negando o meu CEP, né? (Josiane Santana, 33 anos).

Foi a partir da experiência na Nave do Conhecimento que Josiane começou a se enxergar como cidadã e moradora da favela. Ela acredita ter sido ali o início de um processo de transformação pessoal que lhe possibilitou se conectar com a arte e a cultura local, ampliando seu repertório e sua formação profissional. A favela deixou então de ser motivo de vergonha e passou a ser orgulho e referência.

Hoje eu consigo entender que toda a minha formação profissional vem daqui de dentro, sabe? De evolução também, como pessoa, eu passei a me tornar uma pessoa melhor a partir do momento que eu me permiti a mudar esses conceitos de pensamento, me abrir para a arte, né? Me abrir para a cultura local. E a partir do momento que eu me conectei, sabe, com o lugar onde eu moro. [...] Hoje eu sinto a necessidade de me mostrar. Hoje eu sinto a necessidade de falar também do lugar de onde eu venho, que era uma coisa que eu escondia a vida inteira, né? (Josiane Santana, 33 anos).

Joyce Marques Piñeiro tem 25 anos e cursa faculdade de Publicidade. Mora no bairro da Glória, mas se diz “nascida e criada” no Morro da Providência, no Centro do Rio de Janeiro, tendo morado também por períodos mais curtos no Morro do Cantagalo e no Vidigal. Joyce fala com alegria: “Sou fotógrafa”. E completa: “Foi a partir do projeto Favelagrafia que eu me tornei fotógrafa e hoje eu trabalho só com fotografia” (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

O trabalho faz parte da vida de Joyce desde os 14 anos. Ela conta que começou a trabalhar como promotora de eventos e modelo, quando teve então os primeiros contatos com a fotografia. Diz que ao participar do projeto Favelagrafia, começou a se sentir mais à vontade fotografando e não mais sendo fotografada. “E aí, a partir disso, eu descobri meu amor pela fotografia” (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Pergunto como é ter morado por muitos anos no Morro da Providência e hoje morar no bairro da Glória. Ela responde exemplificando a diferença a partir da disponibilidade de pontos de bicicletas do Itaú<sup>31</sup> e do serviço da Uber<sup>32</sup>, o que me remete a uma ideia mais ampla de acesso, não somente físico, mas também sobre experiências e oportunidades.

Então, eu sempre saí muito da favela, sabe? Eu sempre saí muito do Morro da Providência, sempre fui viver muitas coisas fora do morro, porque eu queria conhecer esse outro lado da cidade, sabe? Eu sempre fui muito de sair, nunca fui

---

<sup>31</sup> Bike Itaú é um serviço oferecido pelo Banco Itaú que visa incentivar o uso de bicicletas em cidades do Brasil. Disponível em: <https://bikeitau.com.br/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

<sup>32</sup> A Uber é uma empresa que oferece serviços de transporte de passageiros por meio de um aplicativo. Disponível em: <https://www.uber.com/br/pt-br/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

muito de ficar só onde eu morava. E aí, você começa a descobrir algumas coisas, de acessos. Por exemplo, aqui [na Glória] tem bicicleta do Itaú. No morro da Providência não tem. O ponto mais perto é na Gamboa, que é ali perto da Pedra do Sal, dali da Praça Mauá. É o ponto mais perto de bicicleta do Itaú, e aqui não, aqui tem uma embaixo da minha rua, sabe? É só descer e pegar uma bicicleta. Então, é a facilidade, é a locomoção [...]. Até Uber mesmo, sabe? Não subia [...] Era complicado pegar Uber (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Magno Neves está prestes a completar 30 anos no momento da entrevista. Ele se define como “cria do Cantagalo”, nascido e criado na favela, hoje surfista, professor de surf e fotógrafo. Magno começou a surfar aos seis anos de idade e chegou a competir profissionalmente até os 20 anos, quando precisou parar por falta de patrocínio. Seguiu, porém, praticando o esporte e dando aulas. Hoje, tem uma escola de surf na Praia do Arpoador. Ele demonstra saudade, mas não tristeza, ao falar dos tempos em que competia profissionalmente:

Inclusive eu *tava* aqui agora vendo a TV, o [Gabriel] Medina<sup>33</sup> aqui no Campeonato Mundial e lembrava das baterias que eu competia com ele. Era assim, batia maior emoção, mas é isso, né? O surf pelo menos, me deu uma coisa, né? Não sou mais competidor, mas tenho a minha escolinha (Magno Neves, 30 anos).

Além do surf, a fotografia também sempre foi uma área de interesse de Magno, que se inscreveu para participar do projeto Favelagrafia quando viu um post da agência NBS nas redes sociais, em junho de 2016.

Então, quando eu entrei no Favelagrafia, eu achei que era um curso de fotografia, eu me inscrevi, depois me chamaram pra fazer uma entrevista, e aí fechamos os 9 fotógrafos [...] Eu e os outros oito integrantes de cada favela. Eu represento aqui a minha comunidade, que é o Cantagalo, e foi uma experiência, pô, muito maneira! (Magno Neves, 30 anos).

Omar Britto, morador do Morro da Babilônia e hoje com 34 anos, conta que já teve várias profissões, “mas de formação mesmo, seria técnico em enfermagem e fotógrafo”. A paixão pela fotografia é antiga e Omar lembra quando comprou sua primeira câmera na loja Casa & Vídeo, por R\$ 99,99. Foi em 2012 que a atividade se tornou mais presente em sua vida a partir do ingresso em um curso de fotografia, ministrado em sua comunidade por Gabriel Paiva, então fotógrafo do Jornal O Globo. O grupo de alunos do curso formou um coletivo de fotografia (“Nós moradores da foto”) e surgiram oportunidades de organizar algumas exposições de na comunidade, com a presença de outros renomados fotógrafos. Para Omar, esse

<sup>33</sup> Gabriel Medina, atleta brasileiro de surf.

contato com a fotografia foi fundamental para que, anos depois, ele pudesse ter ingressado no Favelagrafia e ali ter se consolidado como fotógrafo: “Fotógrafo periférico favelado”, como ele faz questão de definir.

Foi uma abertura de portas [...] Esse trabalho, que eu desenvolvi, dentro desse coletivo, foi o que me fez chegar ao Favelagrafia. Foi um caminho que foi traçado, até chegar lá [...] Hoje eu tenho essa oportunidade de ser conhecido mundialmente, através do Favelagrafia (Omar Britto, 34 anos).

Aos 27 anos, Rafael Gomes é fotógrafo, videomaker e assistente de câmera da produtora Luccas Neto Estúdios, do ator e comediante de mesmo nome. Pergunto o que ele mais gosta de fazer nos momentos de lazer e ele me responde sobre praia, fotografia e surf: “Ah, eu gosto de ir pra praia, tirar foto e pegar onda. Esse é o principal” (Rafael Gomes, 27 anos).

Rafael morou até os cinco anos de idade na casa da família onde sua mãe trabalhava como funcionária doméstica, em São Conrado.

Meus irmãos moravam no Ceará, antes de eu nascer, no caso, aí minha mãe, foi trazendo aos poucos eles pra cá. Aí minha irmã, só a minha irmã que nasceu aqui e eu nasci aqui também. Os mais velhos, nasceram lá no Ceará (Rafael Gomes, 27 anos).

Mesmo depois de ter saído da casa dos patrões de sua mãe e ter se mudado para a Rocinha, Rafael continuou estudando em uma escola pequena no bairro da Gávea, em horário integral, e sua vida era “de casa pra escola, da escola pra casa”, o que ele define como uma situação atípica para a realidade de uma criança da favela. A partir do sexto ano, ingressou em uma escola pública, estudando por meio período e tendo, então, a tarde livre para circular pela comunidade. Ali começou a entrar em contato com a liberdade e também com os perigos da favela. “Pensei de qualquer caminho diferente, de qualquer coisa perigosa acontecer comigo” (Rafael Gomes, 27 anos).

A fotografia entrou na sua vida por volta dos 18 anos, por meio de um professor da escolinha de surf que ele frequentava, na Praia de São Conrado.

O professor da escolinha tinha uma câmera semiprofissional, até que, um dia ele falou: ‘Pô, Rafa, tira umas fotos minhas aí’. Eu: ‘Pô, vamos lá, vou tirar’. Aí eu tirei assim, de bobeira, ele falou, quando ele viu as fotos assim, na câmera, ele falou: ‘Pô, que legal, cara. Gostei’. Aí ele falou brincando: ‘Você vai ser o novo fotógrafo da escolinha’. Aí eu: ‘Beleza’. Aí eu fui tirando as fotos com a câmera dele [...] Aí eu trabalhei, juntei um dinheiro e comprei a primeira câmera, aí desde então, não parei mais (Rafael Gomes, 27 anos).



Assim como o professor da escolinha de surf, Tio Lei, Rafael comenta sobre a importância de voluntários e professores envolvidos em projetos sociais e esportivos nas favelas. Para ele, são referências de grande importância na vida de muitos jovens. Pergunto a Rafael se ele se considera jovem. Ele responde: “Ah, enquanto tiver andando de ‘skate’ ou conseguindo surfar, pegar onda, eu acho que sou jovem” (Rafael Gomes, 27 anos).

Saulo Nicolai, apresenta-se como um fotógrafo popular e artista multiplataforma, que nasceu e cresceu no Morro do Fogueteiro, em uma família pobre. Segundo ele, “Não tão pobre porque tinham pessoas muito mais pobres. De certa forma, eu tinha ali um certo privilégio dentro da minha comunidade” (Saulo Nicolai, 28 anos).

O encontro de Saulo com a arte se deu ainda quando criança. Por volta dos 10 anos, começou a estudar piano e ingressou no grupo “Samba para crianças”, coordenado pelo maestro Leandro Braga, chegando a fazer shows com cantores e músicos famosos, o que lhe possibilitou ampliar suas referências para além da favela.

E aí foi meu primeiro contato mesmo com o mundo externo da favela, né? Porque eu circulava a cidade, né? Saía também da cidade, né? Do Município. Às vezes do Estado também, através do projeto. Então ali eu fui apresentado a outras realidades, a outros caminhos, né? Foi uma oportunidade que eu tive ali de ter essa ligação com novas possibilidades. Muitas pessoas da minha geração, não tiveram essa oportunidade (Saulo Nicolai, 28 anos).

Saulo conta que foi um jovem muito introspectivo e via na arte um importante meio de autoexpressão. Alguns anos depois, começou a trabalhar na ONG Galera.com, hoje Instituto Pólen, no Morro dos Prazeres, voltada para a inclusão digital de jovens periféricos e que recebia muitos voluntários estrangeiros, incluindo alguns fotógrafos. A proximidade e a convivência com os voluntários, com diferentes repertórios pessoais e profissionais, contribuíram para a formação de Saulo. “Tem boa parte da minha conscientização também como ser humano que veio desse intercâmbio”, ele comenta (Saulo Nicolai, 28 anos).

Aos 17 anos, Saulo foi convidado para ser assistente de direção de um filme de média metragem. Um ano depois, veio o convite para participar do festival de fotografia “Meu Rio fotográfico”, então organizado pela instituição Brazil Foundation, cujo prêmio era uma viagem a Nova Iorque. Saulo, então vencedor do concurso, relata o impacto de visitar uma das maiores cidades do mundo e a

inesquecível oportunidade de conhecer o estúdio do fotógrafo e artista visual francês Jean René, mais conhecido pelo pseudônimo JR (Beirigo, 2019).

Ali eu tive um impacto, cara, assim, maior da minha vida. Eu falei: ‘é, realmente acho que o meu caminho vai ser a fotografia’. Foi assim, foi o selo assim, a marca, o carimbo, assim, pra dizer que eu era fotógrafo (Saulo Nicolai, 28 anos).

Por volta dos 19 anos, um grupo de turistas franceses em visita ao Morro dos Prazeres conheceu trabalho de Saulo e decidiu financiar uma bolsa de estudos para que ele pudesse estudar no curso de Direção Cinematográfica na Escola de Cinema Darcy Ribeiro. “Então ali foi um segundo passo bem marcante pra mim. Foi onde eu comecei a fazer ‘networking’ com a galera de cinema” (Saulo Nicolai, 28 anos).

Outros importantes desdobramentos profissionais surgiram nos anos seguintes e deram a Saulo a oportunidade de viajar pelo Brasil e para o exterior. Saulo destaca o quão raro é ter oportunidades de viajar para lugares diferentes quando se nasce e cresce em uma favela. “Qual seria a perspectiva pra um jovem de favela de ter uma experiência como essa, assim, na vida? Eu conheço muito poucos” (Saulo Nicolai, 28 anos).

Saulo relembra que várias pessoas de sua convivência o consideravam uma criança diferente, determinada e projetavam para ele um lugar de destaque não como artista, mas sim ligado a referências mais próximas, como o tráfico.

Na minha infância, a galera olhava pra mim, achava e falava assim: ‘Aê, esse cara aí, vai ser o dono do morro. Olha a pinta dele!’. Que eu era assim, na minha infância, eu era um líder ali. Então a perspectiva pra mim, era essa também, né? A área que eu cresci, se chama Garganta, né? Então eles sempre falam: - ‘Ah, o chefe da Garganta aí’. O chefe da garganta, entendeu? Essa era a perspectiva que tinham, né? (Saulo Nicolai, 28 anos).

Para sua mãe, porém, os sonhos sempre foram outros. Hoje, quando reflete sobre sua trajetória, Saulo demonstra satisfação em ter atendido às expectativas dela.

Minha mãe sempre buscou outras alternativas, né? Mas sempre difícil pra uma mãe solteira, negra, de favela, né? Conseguir qualquer coisa, né? Então ela tava sempre focada ali em conseguir o básico pra gente [...] Graças a alguns acasos, algumas sortes do destino, eu fui apresentado pra essas outras possibilidades, né? Então, enfim, no final das contas, eu acho que eu tô chegando [...]. Tô chegando, não. Eu cheguei, né, no local ali, que minha mãe sempre projetou pra mim, na verdade (Saulo Nicolai, 28 anos).

#### 5.4. A ideia de cidade: pluralidade e desigualdade

Após a abordagem inicial sobre histórias pessoais, seguimos buscando compreender a visão dos entrevistados a respeito das ideias de cidade e favela: suas concepções e vivências a partir do lugar que ocupam, como jovens moradores de uma favela. As primeiras definições dos entrevistados a respeito da ideia de cidade são ligadas a movimento, trânsito, prédios e alta concentração de pessoas. Diversidade e tecnologia também são termos mencionados.

Cidade? Transmite prédio e trânsito [...] trânsito de pessoas, assim, e carros, movimento. Movimento! (Rafael Gomes, 27 anos).

Ah, eu penso em urbanidade, né? Um local muito populoso, né? Que as pessoas não se conhecem tanto, né? São tantas pessoas ali, juntas e misturadas, que não se conhecem tanto. E eu penso em diversidade também. Tecnologia também me vem à cabeça (Saulo Nicolai, 28 anos).

Ao seguir definindo o que é cidade, as referências dos entrevistados se voltam para o Rio de Janeiro. Ou seja, falar de cidade é para eles falar da cidade que conhecem e onde vivem.

Pra mim é a cidade onde eu moro, que eu conheço, que é minha raiz, onde eu nasci. Rio de Janeiro [...] Penso, penso no Rio. É a minha cidade. É o que eu conheço. Onde eu vivo (Elana Paulino, 39 anos).

O contraste entre “morro” e “asfalto” é espontaneamente destacado pelos entrevistados como uma das principais características da Cidade do Rio de Janeiro. Para quem vive na favela, a ideia de cidade remete necessariamente a contrastes e desigualdade, conceitos que não são apenas por eles conhecidos, mas vividos diariamente.

Eu acho que é muito louca essa nossa cidade [...] se você chegar ali no Fashion Mall, é muito doido. Você tem o Fashion Mall e do outro lado você tem a Rocinha. E aí, se ao mesmo tempo você tem essa divisão, essa coisa socialmente, ao mesmo tempo uma pluralidade de coisas ali acontecendo, entendeu? [...] Sei lá, essa pluralidade ao mesmo tempo me encanta, mas é uma coisa que me intriga também (Anderson Valentim, 38 anos).

Eu penso muito nessa questão, que a gente que mora na favela, a gente vive essa divisão, infelizmente, né? O asfalto e o morro. Então assim, eu acho que meu sonho, acho que desde Martin Luther King, né, é que os meus filhos sejam livres e exista igualdade pra todos. Então assim, infelizmente, cidade, pra gente que mora aqui em cima, tem muito essa realidade, dessa divisão de favela e asfalto, né? A gente tenta desconstruir isso todo dia, mas infelizmente é algo muito difícil [...] Então, assim, eu vejo cidade como isso (Omar Britto, 34 anos).

Então, a cidade pra mim, ela é um espaço, onde muitas pessoas transitam, muitas pessoas se encontram, muitas histórias se esbarram, e aí, na minha cabeça, não tem como não pensar em divisão quando a gente vem de uma favela, né? Porque quando a gente fala de cidade, parece que a gente fala de duas cidades, a favela e o asfalto, sabe? Não tem como não pensar em duas cidades, quando você me pergunta sobre o que é cidade pra mim [...] (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Alguns entrevistados comentam sobre o reducionismo das representações midiáticas usuais do Rio de Janeiro por meio de imagens turísticas da Zona Sul, imagens essas que excluem as favelas. Para eles, a favela é cidade e nela se inclui. Pensar sobre o Rio de Janeiro implica necessariamente pensar em favelas e periferias.

O que é o Rio de Janeiro, afinal? Quem vem de fora tá muito acostumado com umas imagens que são reproduzidas de um Rio de Janeiro lindo, maravilhoso, né? A partir do Cristo Redentor, a partir das praias maravilhosas, a partir do Pão de Açúcar e da Garota de Ipanema e tudo isso que foi construído ao longo dos anos, né? Porém, a gente sabe que o Rio de Janeiro, ele não é constituído apenas disso, que ele vai além. E muito além! Então, quando eu penso em cidade, eu penso em metrópole, eu penso Baixada, Zona Oeste, Zona Norte e principalmente favelas cariocas, né? E periferia do Rio de Janeiro. E aí quando eu penso em cidade, eu sinto uma necessidade urgente de trazer esses lugares pra destaque porque esses lugares estão sendo marginalizados há anos e anos. Anos e anos! Estes lugares estão abandonados. Tem coisas que chegaram aqui no Complexo do Alemão, mas que não chegaram no Morro da Mineira. Tem coisas que chegaram no Morro da Mineira, mas não chegaram na Baixada [...] As imagens que me representam não são as imagens do Cristo Redentor. Acho lindo, maravilhoso, né? Fico feliz quando essas imagens rodam o mundo, mas não são somente essas imagens que devem rodar o mundo (Josiane Santana, 33 anos).

Quando Josiane pontua que as imagens que a representam não são aquelas do Cristo Redentor, podemos remeter ao resultado da busca de imagens por “cidade do Rio de Janeiro”, no *Google*, no capítulo anterior, a partir da qual constatamos a recorrência dos famosos cartões postais e a ausência das favelas. Se os algoritmos quantificam o sentido que atribuímos às palavras em nossa cultura (Sumpter, 2019), as representações midiáticas dominantes a respeito da Cidade do Rio de Janeiro não são as mesmas compartilhadas por Josiane. Para a entrevistada, a representação da cidade com a qual ela se identifica está na imagem das linhas de trem cortando distintos bairros e municípios do Grande Rio, carregando diferentes pessoas e histórias. Remete também ao afeto dos vizinhos sentados na calçada da favela no fim da tarde.

Quando eu penso em cidade, eu penso nas linhas de trem, né? Que cortam a Baixada, a Zona Oeste e a quantidade de pessoas que usam aquilo o dia inteiro pra poder

chegar nas suas casas. E o quanto isso corta vários bairros. Imagina quantas histórias têm ali, né? Os trens cortando a cidade. Eu penso no Complexo do Alemão e nos lugares que eu gosto de fotografar. Nas imagens que representam o lugar onde eu nasci. Eu gosto muito, quando eu penso em Rio de Janeiro, eu penso em vizinhos sentados no fim da tarde nos seus portões conversando. A Zona Sul não tem isso, cara! [...] É uma coisa de afeto, é uma troca, que só quem vive, sabe (Josiane Santana, 33 anos).

Apesar da clara distinção que apontam entre “morro” e “asfalto”, os entrevistados se veem integrados à cidade e circulam em diferentes ambientes. Suas histórias de vida e suas vivências profissionais lhes possibilitaram o acesso a diferentes grupos e territórios do Rio de Janeiro, o que nem sempre é uma realidade para os jovens das favelas. Omar se define como uma pessoa capaz de circular e conviver bem “entre esses dois espaços”. Nesse sentido, Saulo expressa a percepção do fortalecimento de sua autoestima a partir da convivência e interação com diferentes perfis de moradores da cidade, o que hoje lhe permite conversar “de igual para igual”. Remeto aqui a Aline Maia (2017), em sua tese de doutorado, quando nos aponta que a aceitação vem pelo olhar do outro e “pelo tratamento em igualdade nas interações com distintos atores sociais” (Maia, 2017, p. 151).

Eu me vejo, assim, uma pessoa que, como é que eu posso te dizer? [...] como uma pessoa que tenta ao máximo, conviver bem entre esses dois espaços. Uma pessoa que faz de tudo pra ser, pra tornar esses espaços, essa cidade, pra fazer uma integração dessa convivência (Omar Britto, 34 anos).

Olha, eu acredito que eu faço totalmente parte da cidade. Tanto da construção dela, eu acredito que eu também contribuí de certa forma, positivamente, com o desenvolvimento da cidade, mesmo que de forma simbólica, né? Simbólica não no sentido literal da palavra, mas também falando a respeito de uma construção artística, de um imaginário popular. Eu sempre tô em muitos territórios: eu tô na favela, eu tô conversando com a galera da favela, eu vou conversar com a galera das universidades, eu converso com a galera das grandes empresas, eu converso com a galera das elites, seja elite religiosa, seja elite social, elite financeira. [...] então eu me considero muito integrado com a cidade, né? Totalmente integrado com a cidade, né? O meu trabalho também, ele é muito integrado também com, digamos assim, com todas as tribos da cidade, né? A gente tá sempre trocando ideia, sempre conversando, né? Eu me sinto, sempre que eu converso, de igual para igual, com essas pessoas, né? Eu não costumo me colocar num lugar mais subjugado, mais submisso. Eu sempre e coloco na mesma posição ali, de conversa, né? Hoje eu sou muito bem [...]. Como eu posso dizer? Muito bem resolvido, né? Com a minha personalidade (Saulo Nicolai, 28 anos).

Os depoimentos dos entrevistados nos levam à concepção de Gilberto Velho (2010) a respeito dos “mediadores culturais” como indivíduos capazes de transitar entre distintos grupos, redes e códigos. Para o autor,

O mediador, mesmo não sendo um autor no sentido convencional, é um intérprete e um reinventor da cultura. É um agente de mudança quando traz informações e transmite novos costumes, hábitos, bens e aspirações (Velho, 2010, p. 15).

Ainda para Velho (2010), a mediação não apenas possibilita que se estabeleçam pontes entre os diferentes, mas também funciona como um mecanismo de reinvenção de códigos, significados e relações sociais, fundamentais para o desenvolvimento de “[...] uma nova e mais complexa concepção de cidadania” (Velho, 2010, p. 22). Para Moraes (2017), os mediadores culturais não estão confinados em seus territórios, ao contrário, transitam por toda a cidade e também nas redes sociais. Assim, podemos atribuir a nossos entrevistados o papel de “mediadores culturais”, na medida em que, ao circular em grupos distintos e estabelecer interações com os diferentes, tecem novos significados e reinventam a cultura, dentro e fora da favela.

### **5.5. A favela como resistência e potência**

Quando pergunto aos entrevistados o que significa para eles a palavra “favela”, percebo um grande envolvimento com o tema. As respostas são extensas e detalhadas, como se aqui a conversa ganhasse outra intensidade, trazendo muitos pontos em comum e destacando, na maior parte das vezes, os aspectos positivos das favelas que não são percebidos por quem vive fora delas. Aspectos negativos também são abordados, porém, a partir de um olhar crítico sobre a falta de oportunidades e de políticas públicas adequadas a que são submetidos seus moradores. Alguns entrevistados contam sobre as dificuldades de conviver com o tráfico, com tiroteios e com o abuso policial, como um deles comenta: “Se é trabalhador, se é um cara que faz faculdade ou não, eles chegam, botam o pé na porta e não tão nem aí”. Vale destacar nesse breve relato que além do trabalho como associação ao mundo da ordem e fonte de superioridade moral (Sarti, 2003), como já vimos em capítulo anterior, também o Ensino Superior é mencionado como recurso capaz de diferenciar os moradores honestos daqueles envolvidos com o crime. Segundo Jailson de Souza e Silva (2018), o diploma de nível superior, seja em instituição pública ou particular, define o sucesso escolar obtido para indivíduos dos segmentos populares.

Mesmo consciente dos problemas da favela, Josiane conta que escolheu olhá-la a partir de seus pontos positivos, destacando o que nela existe de movimento,

vida e pulsação. Como já visto no segundo capítulo deste trabalho, os moradores das favelas não se veem ou analisam suas vidas apenas a partir das visões de ausência ou negação, levando em conta também os aspectos afirmativos de seu cotidiano (Souza e Silva, 2007).

[...] eu não gosto de potencializar o que ela tem de ruim não, eu gosto de potencializar o eu ela tem de bom. E a favela, ela é muito pulsante, ela é muito viva, ela é colorida. Ela é enriquecedora, assim, sabe? Com inúmeras histórias, histórias que se complementam, né? [...] A favela, ela tem um movimento que é muito natural e que é só dela, sabe? E aí você vê isso se transbordar no comércio, você vê isso se transbordar no empreendedorismo, que tá cada vez mais forte, né? [...] Então eu vejo a favela dessa forma, sabe? Pulsante, alegre, viva e cheia de movimentos (Josiane Santana, 33 anos).

Ainda para Souza e Silva (2018, p. 14):

Afirmar suas potências inventivas, sua sociabilidade, suas formas inovadoras de garantir o direito à cidade e, não menos importante, suas plurais formas de beleza foi um movimento conceitual e político que contribuiu para que as periferias e suas organizações passassem a assumir um papel protagonista na pólis.

Acolhimento, alegria, informalidade e solidariedade são características destacadas pelos entrevistados ao definir “favela”, em contraste com o “asfalto” onde, segundo eles, muitos vizinhos de porta nem se conhecem. Interessante notar que a solidariedade é um valor presente na rede de apoio entre vizinhos que se faz necessária para enfrentar as dificuldades do dia a dia, seja a falta de uma xícara de açúcar ou quando há uma emergência de saúde. Ter vizinhos que se disponibilizem a levar um doente ao hospital é apontado por um dos entrevistados como uma das grandes provas da solidariedade na favela.

Favela é acolhimento, é amor, se a pessoa chegar aqui e não ‘tem’ nada, o pessoal divide. É um vizinho teu que você não fala, mas se a pessoa passar mal, o outro vai ajudar. Pra mim é isso, é acolhimento, é amor. É povão mesmo, né? [...] As pessoas veem a nossa cultura assim, e acham engraçado, que a gente é divertido, é alegre. As pessoas passaram fome aqui, mas ninguém deixou sua peteca cair [...] Então é isso, é amor, é acolhimento. [...] Em todas as favelas, você chega, você vê [...] Tipo assim, você é conhecido de alguém que mora lá. Aí a pessoa chega junto com você, todo mundo acolhe, oferece alguma coisa. Ninguém tem cerimônia. Favelado não tem cerimônia (Elana Paulino, 39 anos).

A vizinhança aqui é tranquila, se precisar de uma xícara de café, o vizinho ali oferece, entendeu? Uma xícara de açúcar e é um ajudando o outro, entendeu? Assim, é um falando mal do outro, mas na hora do desespero, é um que ‘Não, vamos ali, pega um carro’, e leva no hospital. Entendeu? É sempre assim. A gente vai vivendo em família (Magno Neves, 30 anos).

E tem essa questão da convivência. Assim, você tem na favela a Dona Maria, que é sua vizinha. Se na casa da Dona Maria falta um copo de açúcar, a Dona Maria vem na sua porta e pede. [...] Minha mãe foi doméstica durante anos e até os meus 8 anos, eu ia pro trabalho dela, né? Então, assim, meus padrinhos são pessoas de classe média alta e eu convivi com essa questão. E o vizinho da porta da frente, a gente não conhecia, entendeu? Dentro do prédio que meus padrinhos moravam, que eram os patrões da minha mãe. Então, e eu vejo, que a favela, é muito diferente disso. Hoje, não vou falar que a gente conhece 100% da favela porque existe essa questão migratória [...] tem essa rotatividade nas favelas, mas se você pega pessoas mais antigas, a gente tem como saber o nome. Você conhece a história da família, conhece os filhos, entendeu? Então você tem essa conexão dentro da favela (Omar Britto, 34 anos).

Resistência e luta são também palavras bastante utilizadas pelos entrevistados para definir “favela”. Territórios historicamente ligados a populações marginalizadas, resistir se tornou a única forma de sobreviver em um contexto de políticas públicas excludentes. De acordo com Burgos (2005), a cidade informal, na qual se incluem as favelas, apresenta-se como um microsistema sociocultural próprio, em contraste com a cidade formal, lugar de domínio dos direitos universais e da noção de cidadania. A resistência a qual os entrevistados se referem pode ser interpretada, assim, como um modo de vida organizado a partir de uma identidade territorial, considerando as condições existentes dentro do microcosmo que é a favela. Os entrevistados destacam, porém, que é preciso cuidado para que tal resistência não seja “romantizada”, evitando o risco de “normalizar” uma condição de existência difícil e isentando a responsabilidade do Governo pelas omissões e ações direcionadas às favelas.

Favela, acredito que seja um lugar de resistência, né? De populações que sempre viveram à margem da sociedade, e quando eu digo à margem da sociedade, eu falo a respeito de políticas que são excludentes mesmo. Isso começou com as alforrias lá dos negros escravizados que foram simplesmente largados às suas próprias sortes, né? E a população indígena também, né? Então são essas pessoas que compõem hoje a favela, mas não só. São outras populações também marginalizadas, como nordestinos, que vieram tentar a sorte e fugir da fome aqui no Rio de Janeiro, né? Que compõem boa parte também da parcela, dessa população. Então favela é um local de resistência, é um local que luta todos os dias pra sua sobrevivência, por isso que eu digo que é de resistência (Saulo Nicolai, 28 anos).

Favela é complexo, muito complexo, né? Favela é um local onde tudo é possível, assim. Tudo, tudo é possível! Eu percebo a força desse povo, que é uma força muito peculiar, onde a gente consegue resistir [...] Eu não quero romantizar essa fala porque a gente não pode romantizá-la. A gente não pode achar que é bonito resistir o tempo todo, que é bonito ser forte o tempo todo, que é bonito o povo ser guerreiro o tempo todo, que aí a gente acaba tirando a responsabilidade do Governo em relação a todos os problemas de políticas públicas que precisam ser tratadas nestes lugares, né? Porém, a gente tem uma força, que talvez outros tipos de sociedade não conseguiriam



passar. A gente tem uma força e uma resiliência, que talvez, se colocasse outro tipo de sociedade, se jogasse aqui, talvez não conseguiriam passar porque é uma coisa de ancestralidade, é uma coisa que já vem já de muitos anos. A gente já carrega na nossa história já de muitos anos e que a gente aprendeu a lidar e que, muitas das vezes, a gente acaba se tornando passivo pra certas situações, sabe? E omisso pra certas situações porque a gente já tão acostumado a vivenciar esse tipo de coisa que a gente acaba se tornando omisso. E aí, quando acontecem certas coisas, a gente já acha que é normal viver aquilo, entendeu? (Josiane Santana, 33 anos).

A capacidade de se reinventar é também trazida na fala de Joyce como uma habilidade de começar de novo, dia após dia. Nota-se aqui o tempo presente se sobrepondo a qualquer plano futuro como estratégia de sobrevivência: se as dificuldades são inúmeras, as energias precisam estar concentradas no dia de hoje, não sendo possível planejar o amanhã.

A gente que vem da favela, a gente se reinventa o tempo todo. [...] Eu cresci com isso, né? A gente sempre falava pra minha avó toda vez que a gente acabava de almoçar: - ‘E aí? O que a gente vai comer amanhã?’. Aí, minha avó falava: - ‘Amanhã é outro dia’. E é isso, sabe? A gente é muito assim, ‘amanhã é outro dia’. E a gente busca força onde não tem. A gente busca energia onde ninguém vê pra viver porque a nossa vida é uma luta, sabe? Nem a gente acredita que a gente pode. A gente sobrevive, né? Então nem a gente acredita nas coisas que a gente faz, entendeu? De buscar essa energia, dessa força, de viver todo dia, intensamente, assim, sabe? E acho que favela é muito isso, essa potência de não saber o que fazer amanhã, porém, eu tenho que estar bem, eu tenho que ter energia pra viver amanhã, sabe? Eu acho que a gente é muito isso (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Recorrente nas respostas, a palavra “potência” está ligada especialmente à juventude e transmite a ideia de um grandioso recurso latente, muitas vezes não explorado. Para os entrevistados, potência é o talento existente nos jovens moradores das favelas, que nem sempre encontra oportunidades de se realizar. Dessa forma, pensar nas favelas como potência implica pensar em talentos desperdiçados, como uma história narrada no futuro do pretérito onde tudo poderia ter sido diferente da realidade que hoje se apresenta. Para Saulo, a favela é resistência, mas também é um “grande ralo de potências”.

É um local de muita potência, né? E são potências muito subutilizadas, né? Boa parte da cultura nacional nasceu na favela, né? Não só produtos culturais, mas eu enfatizo esse ponto, surgiram, nasceram na favela, mas são sempre subutilizados, subaproveitados, subinvestidos. Então assim, por exemplo, na própria boca de fumo mesmo, tem muitos jovens que dariam novos ‘Baden Powells’<sup>34</sup>, por exemplo. Que dariam grandes líderes, né? Então eu acredito que a favela, assim como é um local

<sup>34</sup> Compositor e instrumentista, nasceu 1937 na cidade de Varre-Sai, estado do Rio de Janeiro e faleceu em 2000, aos 63 anos, no Rio de Janeiro. Disponível em: <https://ims.com.br/titular-colecao/baden-powell/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

de resistência, é um grande ralo de potências também, né? Daí a, sei lá, grandes cientistas sairiam daqui. A gente conversa com pessoas que, pô, se esse moleque, na educação básica, tivesse uma educação básica de qualidade, sei lá, hoje ele poderia estar ganhando o Nobel de Química, ou o Nobel de Matemática, entendeu? (Saulo Nicolai, 28 anos).

Eu fujo muito dessa questão do dicionário, favela, aglomerado. Não! Acho que a favela é um lugar onde você tem potências, e o Favelagrafia mostrou isso. Não só artísticas, mas a gente tem profissionais da educação, profissionais da saúde [...] (Omar Britto, 34 anos).

Segundo Karl Mannheim (1968), refletir sobre o significado da juventude na sociedade e sobre o que ela pode nos dar requer também pensar sobre o que a juventude pode esperar de nós, como sociedade. Compreendendo a reciprocidade da relação entre sociedade e juventude, podemos compreender que as necessidades da juventude não são formuladas em modo abstrato mas, sim, sempre com relação às necessidades de uma dada sociedade.

Mannheim (1968) compreende a juventude como recurso latente de uma sociedade e de cuja mobilização depende a vitalidade desta sociedade. As sociedades estáticas seriam, assim, aquelas cujo prestígio é conferido aos mais velhos em que a juventude – não mobilizada e não integrada – permaneceria como reserva latente negligenciada. As sociedades dinâmicas, por outro lado, corresponderiam às sociedades capazes de mobilizar sua juventude na busca de novas saídas para seus problemas por meio de revolução ou reforma.

Para este autor, a chave para a compreensão da mentalidade da juventude moderna não se encontra unicamente na efervescência biológica desta fase do desenvolvimento humano. A maior sensação de conflito da juventude é reflexo do caos da vida pública moderna. Sociedades simples desconhecem tais conflitos porque não há uma separação radical entre as normas da família e as normas que prevalecem na vida social. No contexto moderno, a juventude chega aos conflitos da sociedade vinda de fora, estando aí a potência latente para provocar mudanças. Mannheim (1968, p. 74) pontua que “[...] a juventude não é progressista nem conservadora por índole, porém é uma potencialidade pronta para qualquer nova oportunidade”. Quando permitimos que a favela seja um “grande ralo de potências”, conforme definido por Saulo, não estamos apenas desconsiderando o potencial transformador da juventude, como também sua capacidade de buscar saídas para nossos próprios problemas como sociedade.

## 5.6. As experiências de ser jovem na favela

Qual a experiência de ser jovem na favela? Nas respostas a tal pergunta, os entrevistados sublinham que há muitos tipos diferentes de jovens nas favelas, com distintas perspectivas de futuro.

Para José Machado Pais (1990), ao refletir sobre a multiplicidade das culturas juvenis, o desafio da sociologia seria o da desconstrução (desmistificação) da juventude como entidade homogênea, sociologicamente construída. Segundo o autor, a questão central que se coloca

[...] é a de explorar as possíveis ou relativas *similaridades* entre os jovens ou grupos sociais de jovens (em termos de situações, expectativas, aspirações, consumos culturais, por exemplo, mas também – e principalmente – as *diferenças sociais* que entre eles existem (Pais, 1990, p. 140, grifo do autor).

A juventude pode, assim, ser compreendida como homogênea quando comparada com outras gerações ou heterogênea quando analisada como conjunto social com atributos que diferenciam os jovens uns dos outros (Pais, 1990).

De acordo com os entrevistados, os diferentes modos de ser e existir dos jovens das favelas e os distintos caminhos que por eles podem ser seguidos são bastante influenciados pela estrutura familiar. Apesar de não ser determinante, a família possui grande influência no destino desses jovens.

Tem muitos tipos de jovens, né? E esses jovens normalmente, o destino deles são definidos primeiramente, pela estrutura familiar ali, né? O que essa estrutura familiar tem de recursos também. Eu já vi jovens miseráveis que hoje são trabalhadores exemplares, mas também vi jovens que em decorrência dos seus próprios círculos pessoais, hoje estão na vida do crime, ou outros que fizeram isso por luxo também. Por vaidade, né? Não por luxo, porque não tem luxo. Não tem glamour (Saulo Nicolai, 28 anos).

Olha, difícil, né? Porque a gente convive com o tráfico, a gente convive com as coisas erradas, mas nem todos seguem as coisas erradas [...] Eu não quis isso pra minha vida e perpetuei isso pros meus filhos. Meus filhos conviveram do lado do tráfico e nenhum deles viraram bandido, nenhuma delas viraram piranha, nem nada. Então assim, vai da mente, vai da família, né? E do apoio também, social, que o governo deveria dar nas comunidades (Elana Paulino, 39 anos).

Os entrevistados apontam que um traço comum aos diferentes jovens da favela é ser, antes de tudo, um sobrevivente. Saulo destaca não só a sobrevivência física e material, mas também subjetiva e filosófica, envolvendo questões ligadas ao existir como ser humano e à possibilidade de se enxergar como potência.

Ser jovem na favela é muito desafiador, né? Acredito que seja uma luta pela sobrevivência o tempo todo. Pela sobrevivência literal e pela sobrevivência filosófica mesmo, da questão de existir como ser humano, se projetar como ser humano, se projetar como potência. Eu acho é ser jovem na favela é, puramente, antes de tudo, sobrevivência, né? Uma eterna luta pela sobrevivência, né? (Saulo Nicolai, 28 anos).

A luta pela sobrevivência é um modo contínuo na vida dos jovens das favelas, no qual os entrevistados também se veem inseridos. Ser um fotógrafo, artista e se sustentar por meio de sua arte, requer lutar não só pela sobrevivência material, mas também pelo reconhecimento profissional, inclusive dentro da própria favela e da própria família.

No meu caso, eu tenho que lutar para sobreviver como um favelado negro. Eu tenho que lutar para ser um artista. A favela não vê bem um artista como alguém bem-sucedido, né? Tem um olhar, digamos assim, bem liberal em relação a isso, né? De forma liberalista mesmo, falando. Não vê o artista como potência, a não ser que seja um pagodeiro que vai ter um grupo de pagode famoso. Um fotógrafo não é visto como um trabalhador de fato, como alguém que vai conseguir alguma coisa como conseguiria um advogado ou médico, né? As mães criam os seus filhos pra eles serem advogados ou médicos: esse é o bem-sucedido da favela. Ou o político, né? (Saulo Nicolai, 28 anos).

Um ponto muito recorrente na fala dos entrevistados diz respeito à ideia de “caminhos” e “escolhas” dos jovens. As concepções de “possibilidades” e “descobertas”, comumente associadas à juventude, aqui parecem se resumir a uma abordagem binária, como se existissem dois caminhos possíveis para os jovens das favelas – e somente dois: o “correto”, que remete a estudo e trabalho versus o “errado”, que diz respeito ao tráfico de drogas.

O jovem na favela, ele tem, eu não vou falar rumos, mas ele tem duas escolhas. E eu falo, porque eu, quando mais novo, eu tinha amigos que escolheram um caminho que eu não escolhi. Entendeu? Então, assim, ou ele se esforça pra ser um trabalhador ou ele se esforça pra estudar, ou ele vai pelo caminho mais fácil. Então assim, eu tive um colega que ele, assim, eu não vou falar que o erro foi totalmente dos pais, da mãe dele. Era mãe solteira e tudo o que ele queria, ele ganhava. Então assim, só que a mãe tinha um emprego legal e um belo dia, essa mãe, ela perdeu esse emprego e a renda caiu bastante. E aí, o garoto que tinha o videogame do ano, que trocava de videogame duas vezes no ano parou de ter isso. E ele escolheu uma vida fácil pra conseguir ter isso. Ele foi assassinado pelos próprios ‘amigos’ de convivência, né? E eu escolhi um lado, que eu saía de casa pra trabalhar, ia estudar e algumas pessoas até falavam: - ‘Pô, você ainda mora aqui?’. Porque eu saía de manhã, saía de casa 7h da manhã, chegava em casa 23h. Eu saía do trabalho, ia direto pra escola. Então, eu escolhi esse outro lado (Omar Britto, 34 anos).

Então, quando eu penso em jovem, eu penso também na escolha, né? Porque a gente não tem tanta oportunidade, mas as oportunidades que aparecem, a gente tem que

agarrar e aí vêm as escolhas. Eu dou sempre esse exemplo porque a minha avó criou eu e o meu irmão. E meu irmão se envolveu com tráfico e tal, foi preso e a minha família sempre se culpava muito por isso. Só que eu virava e falava assim: ‘Mas foram escolhas. Você me criou e criou o meu irmão da mesma forma e foram as escolhas que fizeram ele escolher esse caminho’. A gente estudou na mesma escola, a gente teve as mesmas oportunidades, a gente teve as mesmas questões dentro de casa, então assim, foram escolhas. Eu acho que o jovem dentro da favela também se resume muito a escolhas e também a oportunidades, né? Eu tenho muitos amigos que estudaram comigo que tinham até condição e escolheram o tráfico, sabe? Vivem no tráfico [...] Meu irmão hoje não tá mais preso. Ele cumpriu, saiu e é outra pessoa. Trabalha hoje e tal, mas ele precisou perder aquilo pra querer escolher viver melhor, sabe? E aí é sobre esses caminhos, sabe? Que a gente escolhe [...] Eu tenho amigas que não escolheram um lado muito legal da vida, sabe? Eu fiz outras escolhas, eu podia muito bem querer algo mais fácil pra minha vida [...] (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Acho que dos meus amigos que cresceram comigo, 5 ou 10 deles, não estão mais aqui, entendeu? Outros estão presos e a maioria tem filho. Eu era o mais bobo da turma. Todos eles hoje têm filhos, todos eles hoje vivem uma vida totalmente diferente da minha [...] (Magno Neves, 30 anos).

Vários entrevistados relatam que o trabalho faz parte de suas vidas desde muito cedo, conjugado com os estudos. Nota-se um orgulho nesses relatos, como se o esforço despendido e os momentos de diversão juvenil não vividos, hoje fossem recompensados e para eles fizessem sentido.

Como minha mãe sempre trabalhou e sempre foi o exemplo de ter que correr atrás do que eu queria, eu nunca fiquei muito de bobeira. Eu sempre fiz alguma coisa pra eu ter um dinheirinho também no bolso e não depender só dela. Aí, com uns 11 anos, eu já comecei a trabalhar de boleiro, depois numa barraquinha de DVD, depois trabalhei em *lanhouse* um bom tempo. É isso, sempre depois da escola (Rafael Gomes, 27 anos).

Eu comecei a trabalhar com 16 anos. Eu fui estagiário da FIA, Fundação para a Infância e Adolescência. Eu trabalhei no Palácio Guanabara durante alguns anos. Alguns muitos anos, porque eu saí do estágio quando eu completei 18 anos, eu fui efetivado, né? [...] Então fui efetivado. E aí, logo em seguida, eu tirei habilitação também. Fui pro setor de transporte, e nessa brincadeira toda, eu fiquei no Estado durante 13 anos. Então eu fui motorista durante um certo tempo, trabalhei, eu assumi um cargo de chefia de transporte, coordenador de transporte, durante 2 anos. [...] Então, assim, eu fui começar a curtir festa, a sair, depois de 18 anos, mas antes, eu tinha uma vida mais casa, igreja, entendeu? Saindo assim, esporadicamente, tipo assim: ‘Ah, vou na praia’ [...] Aquela coisa: se estava em casa ou estava assistindo alguma coisa ou estava fazendo alguma atividade ou estava até descansando, ou ajudando nas atividades de casa. Não tinha muito o que fazer, né? (Omar Britto, 34 anos).

Para Pais (1990), a condição de “adulto” é adquirida pelos jovens na medida em que assumem um conjunto determinado de responsabilidades ocupacionais (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por

exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento). Segundo Souza e Silva (2018), o trabalho é, muitas vezes, um valor compartilhado por pais e filhos:

A ênfase no trabalho termina por ser um ponto de confluência nos juízos dos pais e da maioria dos filhos: para os primeiros, o trabalho permite que o filho desenvolva uma ocupação, contribua na casa e não fique muito tempo na rua; para o adolescente, em particular, o trabalho permite a conquista de certa independência no que diz respeito ao direito de ir e vir, o acesso a novos produtos e a mudança de sua posição no campo familiar (Souza e Silva, 2018, p. 136).

Em muitos momentos, percebe-se na fala dos entrevistados a relação entre a escassez de oportunidades para os jovens das favelas e a importância por eles atribuída à ideia de “não deixá-las passar”. Se as oportunidades são escassas, é preciso agarrá-las desde cedo e estar atento para não desviar o caminho. Curtir a juventude cobrará deles um preço muito alto mais tarde, como se os jovens das favelas não pudessem “se dar o direito” de viver essa fase da vida como outros jovens: experimentando, se divertindo, errando e acertando. Todo o tempo, energia e dinheiro disponíveis precisariam ser investidos em estudo e trabalho.

Então, no meu modo de vista hoje, os jovens deveriam pensar mais um pouco no seu futuro, entendeu? Hoje eu vou fazer 30 anos. Se eu tivesse a idade dos jovens que eu vejo hoje, com o pensamento que eu tenho agora, eu acho que eu poderia ser uma pessoa muito melhor do que eu sou hoje. Não que as coisas são ruins pra mim agora. Não. Agora são muito melhores, entendeu? Mas assim, acho que eles deveriam pensar um pouco na frente, pensar em trabalhar, estudar, trabalhar, investir nos seus estudos, que é o trabalho, entendeu? Pra sair dessa opção aqui, entendeu? O jovem de hoje em dia, a gente abre uma rede social, a galera só pensa em ostentação, curtidão, bebida, entendeu? Alguns outros usam drogas e acham que isso é legal, mas depois que bate na cabeça, aí o tempo já passou e eles perderam um tempão da vida deles. Eu também já tive isso, só nunca usei droga, pelo amor de Deus! Eu já fui pros lugares, já gastei muito dinheiro em coisas que não tem nada a ver. Então, assim, acho que é um dinheiro que eu poderia investir no meu futuro, fazer um curso de inglês, fazer um curso que, sei lá, me daria uma oportunidade melhor na minha vida hoje, entendeu? Então eu acho que os jovens deveriam pensar assim, lá na frente, porque eles pensam muito em coisas de momento, [...] eles pensam mais na curtidão, que é mulher, bebida, noitada, sabe? (Magno Neves, 30 anos).

Por mais desejadas que possam ser as oportunidades, não parece fácil estar pronto para “agarrá-las” quando surgem: é preciso algum tipo de estrutura, tanto material, quanto subjetiva. Como nem todos os jovens das favelas contam com essa estrutura, a desigualdade se intensifica.

Então assim, a questão da oportunidade, ela bate. Tem portas que não chega nada. E tem outras que bate, mas a pessoa não tem nem estrutura pra poder agarrar aquela oportunidade e a oportunidade passa, entendeu? Então assim, essa questão da oportunidade, ela é desigual, entendeu? Infelizmente é desigual. Eu gostaria muito

que fosse igual pra todo mundo, mas não é. E aí quando a oportunidade não chega, não vem, infelizmente aquele jovem acaba caindo nas ciladas da vida, né? (Josiane Santana, 33 anos).

Mesmo para aqueles que estiveram diante de alguma oportunidade e conseguiram “agarrá-la”, o caminho é longo, cansativo e exige o esforço de “matar um leão por dia”, o que leva alguns jovens a desistirem no meio da jornada.

E aí os jovens que trilharam esses caminhos de crescimento, de evolução, que entenderam que precisam mudar o sistema, que precisam confrontar esse sistema... Esses jovens, eu vejo eles trilhando um caminho que é muito lindo, muito maravilhoso, que é inspirador, mas que também é difícil, que é doloroso porque a probabilidade de você desistir no meio do caminho é enorme. Porque não são dadas, não são oferecidas as estruturas que nós precisamos, entendeu? Porque infelizmente a gente precisa de algumas estruturas, né? [...] Então isso gera um custo, né? E esse custo é matar um leão por dia, todos os dias pra conseguir, entendeu? Eu já vi muitos jovens que entenderam que precisavam fazer alguma coisa, mas que pararam no meio do caminho, entendeu? Porque não aguentaram. A gente tá vivendo tempos muito difíceis [...] (Josiane Santana, 33 anos).

A falta de referências é trazida pelos entrevistados como mais uma dificuldade para os jovens das favelas enxergarem e aproveitarem as escassas oportunidades que lhes são oferecidas. Para Anderson, quando se nasce em uma favela, as opções de trabalho são “pré-estabelecidas” e muitas outras possibilidades simplesmente “não chegam” até os jovens. A fotografia é mencionada como um exemplo de atividade ainda pouco conhecida, seja como área de estudo ou de trabalho.

São jovens muito potentes, muito talentosos, que precisam dessa oportunidade de ser inseridos mesmo, dentro do mercado de trabalho, cursos, de tudo assim. Até mesmo de conhecer algumas coisas que assim, que às vezes não chegam ali, sabe? Sei lá, uma coisa de fotografia, que é muito distante às vezes. Só tem mesmo algumas coisas que já são pré-estabelecidas quando você nasce ali, de você trabalhar e algumas coisas que não chegam. Então acho que essa coisa da educação, da cultura, da faculdade, de outras possibilidades de carreira assim, também, que são desconhecidas, que as pessoas não sabem (Anderson Valentim, 38 anos).

O tráfico de drogas se apresenta muitas vezes não apenas como alternativa econômica para os jovens das favelas, mas também como referência de poder, virilidade e status.

Esses jovens hoje em dia veem o tráfico, veem o dinheiro saindo de um lugar mais fácil, entendeu? Então eles vão se espelhar no que tá mais perto, no que tá mais perto pra eles ali. É o cara andando de arma, o cara que pega as melhores mulheres do morro, é o cara que consegue chegar num baile funk e vai comprar a bebida mais cara. Então essa é a onda que a garotada leva, entendeu? É uma coisa momentânea, né? (Magno Neves, 30 anos).

A partir da fala de Magno sobre o envolvimento de alguns jovens com o tráfico, podemos retomar aqui as ideias de Le Breton (2009) sobre as “condutas de risco”, comentadas no capítulo 3. Para o autor, não encontrar dentro de si mesmo a certeza do valor de sua vida e de seu lugar no mundo leva muitas vezes o jovem a procurá-la em outra parte, desordenadamente, por meio do corpo e dos limites entre a vida e a morte.

As condutas de risco têm suas raízes em um sentimento confuso de não ser, de sofrimento difuso. A intenção não é de modo algum morrer, mas testar uma determinação pessoal, procurar uma intensidade de ser, um compartilhar com os outros, um momento de soberania, e também expressar um grito, um mal-estar, tudo isso misturado em uma busca que muitas vezes não encontra seu significado senão após o acontecimento (Le Breton, 2009, p. 40).

Segundo Luis Eduardo Soares (2019), a sociologia brasileira durante muitos anos considerou o crime como uma possível resposta “natural” à falta de acesso a condições materiais minimamente decentes e à insegurança emocional por parte de indivíduos socialmente injustiçados. Para o autor, tal clichê estaria hoje superado, predominando a ideia de que mesmo em cenários de escassez e desigualdade extremas, encontra-se a ação humana, “[...] que contém o brilho da liberdade ainda que restrita, mesmo sob pressões” (Soares, 2019, p. 110). O autor pontua, ainda, que isso não significa que não haja condições mais ou menos favoráveis a uma ou outra linha de ação. Falando mais especificamente sobre o tráfico de drogas, Soares (2019) entende que o potencial de êxito de seu recrutamento é proporcional ao número de jovens vulneráveis e receptivos a seu chamado.

Em síntese, soará sedutora uma forma de vida que faça um jovem se sentir visível, reconhecido, valorizado e alvo de afeto, ele que se sente socialmente invisível, exilado em sua casa e em sua comunidade, que abandonou a escola e não encontra nos outros reconhecimento de seu valor, e que tampouco imagina meio mais acessível do que a violência para reverter a situação (material, moral, simbólica e afetiva de desalento, desamparo e desesperança). O porte de uma arma e o pertencimento a um grupo coeso de guerreiros, temidos, admirados, desejados, podem representar a reversão desejada, a despeito de seus riscos e custos – inclusive psicológicos, porque matar não é simples (Soares, 2019, p. 113).

Os fotógrafos do projeto Favelagrafia, nossos entrevistados nesse trabalho, são referências que corroboram as ideias de Soares (2019): mesmo em contextos de vida onde inúmeras dificuldades estiveram presentes, eles teceram trajetórias totalmente distintas de jovens que se envolveram com o tráfico de drogas. É



possível identificar, na construção de suas trajetórias, a ação humana a que o autor se refere.

### **5.7. A percepção dos entrevistados sobre as representações midiáticas de jovens das favelas**

Com o objetivo de compreender a percepção dos entrevistados a respeito das representações midiáticas de jovens das favelas, sigo a entrevista perguntando como a publicidade representa esses jovens e se eles próprios se veem ou não representados em anúncios publicitários. As respostas não convergem em uma única direção. Os entrevistados concordam que a publicidade tem buscado um espectro de representação mais amplo e diverso, tentando se aproximar dos reais jovens moradores das favelas, apresentando-se hoje mais diversa do que foi um dia, mas ainda não tão diversa quanto a realidade. Mesmo concordando que há essa tentativa em curso por parte das marcas, as respostas dos fotógrafos divergem, porém, em dois sentidos: alguns questionam a real motivação das marcas para adotar tal postura e outros a superficialidade de tal movimento, não indicando, para eles, um verdadeiro interesse e conhecimento sobre a realidade dos jovens das favelas.

Quando relatam a percepção positiva de mudança dos padrões de representação adotados pelas marcas, a questão racial é a que mais lhes chama atenção. Ter mais atores e modelos negros nas campanhas publicitárias indica o desejo da marca se apresentar como mais democrática e mais próxima da realidade das favelas.

Por exemplo, agora eles estão colocando pessoas mais negras, né? Que é o que tem mais na favela, né? Tô vendo comercial com pessoas negras, propaganda, que antes você não via. Então a gente tá começando a ser representado. Tão começando. Ainda falta muito pra chegar, né? Mas já estão começando [...] (Elana Paulino, 39 anos).

Durante muito tempo, isso não foi representado. Esse jovem não era representado. Hoje a gente tem alguns profissionais que tão trazendo essa galera pra esse lugar, entendeu? E a gente tem o Anderson, que tá nessa, entrando nesse caminho de comercial, propaganda. E se você vê os comerciais que ele produziu, um foi da Boticário no Natal, e outro agora das Casas Bahia, tinha personagem, esse jovem negro, que é a grande maioria da realidade, a grande realidade da favela, né? O jovem negro, o jovem periférico [...] Antigamente, você via um comercial de beleza, era uma mulher branca, que não tinha o estereótipo da favela. Ela tinha uma aparência de uma pessoa que mora na Vieira Souto, entendeu? E agora, você vê que, de dois anos pra cá, três anos, de repente, tem mudado um pouco. Não mudou muito, mas

hoje [...] você vê esses jovens, né? Mais parecido com a gente que tá aqui (Omar Britto, 34 anos).

Anderson relata sua experiência como diretor de um comercial da marca O Boticário, veiculada no Natal de 2020, sobre a história de um Papai Noel negro. Segundo seu depoimento, o objetivo da marca era trazer mais diversidade e representatividade negra não só para a tela, mas também para os bastidores da produção.

Algumas coisas já estão acontecendo dentro do mercado, eu tô vendo muito isso. Desde a última agora que eu participei do Boticário, foi que falou sobre Papai Noel negro<sup>35</sup>, assim, então era uma coisa muito de diversidade, foi a própria Boticário que queria isso, que queria todo ‘casting’ negro, desde o Diretor, Maquiador, Diretor de Arte [...], Acho que 80% do filme, desde a parte da Direção até a Maquiagem, todo mundo era negro, assim, pra trazer essa identidade. Então eu acho que é o começo. A gente tá caminhando pra isso, assim. Então já consigo ver. Cara, acho que tem uma luz assim no fim do túnel, acho que dá pra conseguir [...] Ainda precisa de mais, mais esse contato das grandes marcas de estar ali, de conversar mais, de ter esse ‘feedback’, de ter pessoas de dentro da periferia inseridas nesses projetos, desde a participação, pra gente pontuar algumas coisas – ‘Isso é legal! Pô, isso aqui não é legal [...]’, entendeu? Então acho que já tá começando, as coisas já estão pegando o movimento positivo de começar, mas precisa mais, assim, mas tá no caminho sim (Anderson Valentim, 38 anos).

A participação de Joyce no elenco de um comercial da Natura, em 2020, é citada por Elana como um exemplo de que algumas marcas estariam buscando retratar “pessoas reais”. Ver uma pessoa conhecida na campanha gera identificação e credibilidade.

Agora sim, por exemplo, depois que a Joyce fez o comercial da Natura<sup>36</sup> eu acreditei que agora eles tão vendo a gente como referência. Eu falei: - ‘Caraca, Joyce! Eles botaram uma pessoa real que usa realmente o produto’ [...]. Mostrou que o produto é pra todos porque antes era muito estereotipado, né? Gente bonita, gente magra, aí tipo assim, eu não me via representada por aquela pessoa. Porque eu sou gordinha, eu tenho meu cabelo branco, então quando a Joyce fez o comercial, eu vi que tem um avanço, que eles estão começando a ver a realidade de todo mundo (Elana Paulino, 39 anos).

A real intenção das empresas por trás da ampliação da diversidade em suas campanhas é questionada por alguns entrevistados como mero oportunismo mercadológico.

<sup>35</sup> Campanha de Natal 2020 de O Boticário. Disponível em: <https://www.clubedecriacao.com.br/ultimas/natal-2020/> Acesso em: 26 jun. 2021.

<sup>36</sup> Comercial Novo Natura Tododia Manga Rosa e Água de Coco: o verão está dentro de você. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hy5CDC-yPx8> Acesso em: 26 jun. 2021.

Eu acho que é de uma forma muito oportunista, sabe? Aquela questão de se aproveitar das pautas de lutas dos discursos ali pra lucrar com essa galera. Pras marcas falarem: - ‘Olha, eu estou com vocês. Olha só como nós estamos do lado de vocês! Não somos contra vocês, inclusive, nós estamos representando vocês aqui nessa marca’. Eu acredito que é muito nesse lado, sabe? De pegar esses discursos pra dizer que é uma marca inclusiva, né? [...] Eu ainda vejo muito, como a propensão dos discursos ali, pra colocar como inclusiva, sabe? (Saulo Nicolai, 28 anos).

Dentro de uma linha de raciocínio similar, surgem relatos que questionam a superficialidade dos movimentos de aproximação de algumas marcas com as favelas e públicos periféricos. Tais marcas teriam o interesse de se mostrar presentes nas favelas, porém, de forma esporádica, não mantendo tal presença em momentos de crise. Outros relatos apontam para uma abordagem rasa por parte das marcas em relação aos moradores das favelas, não havendo real interesse em suas realidades e em suas vidas.

Inúmeras marcas passaram pelo Complexo do Alemão, pouquíssimas ficaram. Pouquíssimas! [...] Cadê essas marcas, né? E assim, a gente fica pensando: ‘Caramba, cara! Veio a tempestade e as marcas foram embora, gente!’ Se tivesse realmente interesse, as marcas estavam aqui, até nos momentos mais difíceis com a gente, entendeu? Então a gente vê que, eu pelo menos percebo, que é muito raso esse contato. É muito raso (Josiane Santana, 33 anos).

Elas não mostram a realidade desse jovem [...] Tipo, o jovem, vamos dar um exemplo, eu sou surfista, eles não vão vir aqui em casa, saber um pouco da minha vida. Eles vão fazer publicidade do meu surf, entendeu? Eles não vão vir fazer publicidade assim: ‘Quando você nasceu? Onde sua mãe chegou pra vocês estarem aqui?’ Entendeu? ‘Qual foi a realidade da sua vida, dos seus familiares?’. É essa publicidade, que eu tô querendo dizer, que eles não mostram. Eles não pegam uma história, entendeu? Porque aqui no morro, cada família tem uma história diferente (Magno Neves, 30 anos).

Com relação às imagens dos jovens das favelas que circulam na Internet, os entrevistados avaliam o tema de maneira similar à publicidade: ainda não se sentem representados, mas acreditam que há um processo de mudança em curso, especialmente provocado por projetos e iniciativas realizadas pelos próprios jovens das favelas, sendo o Favelagrafia um exemplo.

Eu vejo muito projeto, muitos projetos bacanas, assim, começando a mudar isso. Então como hoje tudo é o *instagram* [...] eu acho que isso tá começando a mudar também, mas é aquilo que eu falo assim, é uma luta ainda. É algo que precisa ser construído. Está se construindo, mas num todo, ainda falta ainda desmistificar, entendeu? (Anderson Valentim, 38 anos).

Então, a gente ainda tem muito enraizado que o jovem da favela é ligado a tráfico e tal. Hoje em dia ainda, a gente mesmo do Favelagrafia, produziu imagens para quebrar esse estereótipo, né? Mas ainda tá bem enraizado que o jovem da favela, sei

lá, curte ficar dentro da favela e [...] só quer saber de tipo, ficar dentro da Favela e se envolver com coisas ruins, sabe? [...] Tem, por exemplo, o René, do Voz das Comunidades<sup>37</sup>, ele também faz um trabalho, que também traz essa visão de jovem da favela que não é, não escolhe o caminho ruim, mas são poucas pessoas, pra muitas pessoas, que ainda falam que o jovem escolhe o caminho ruim (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

O Favelagrafia, esse tempo que ele existe aí, eu acho que ele contribuiu bastante pra essa questão do imaginário popular de transformar essa imagem do jovem de favela, né? Não só ele, trabalhando sozinho, mas eu acredito que ele tenha inspirado muitos outros grupos também a trabalhar nesse sentido, né? Eu acho que a gente está caminhando num local de descriminalização mesmo da juventude periférica (Saulo Nicolai, 28 anos).

Se na publicidade e na Internet há a percepção de haver em curso o início de um processo de mudança das representações dos jovens das favelas, o mesmo movimento não é observado no jornalismo. Nota-se a recorrência de relatos dos entrevistados sobre o reforço de estereótipos por parte das matérias jornalísticas, bem como sobre a abordagem da violência e das tragédias nas favelas como recurso mercadológico para alavancar audiência e “vender mais”. Para os entrevistados, o jornalismo produzido pelos grandes meios de comunicação atuaria, assim, exclusivamente em benefício próprio, buscando retratar o que sua audiência “gostaria de ver” e, nesse sentido, reforçando a visão estereotipada da própria audiência sobre as favelas e seus moradores.

Quando eu vejo, é só o jovem que roubou, o jovem que matou. E propaganda, estão começando a mostrar, mas assim, matéria, em jornais, revistas, ainda tá muito escasso, não consigo ver diferença não (Elana Paulino, 39 anos).

Às vezes passa coisa na televisão que eu falo: ‘Caraca, nada a ver’, eles tão falando isso do Morro, toda hora é tragédia e isso. Não. A favela não é só isso, não é só tragédia (Magno Neves, 30 anos).

Cara, só o que se tem de projeto aqui, se tem mais de 20, 30 projetos dentro do morro. E isso, você somando isso, esses 30 projetos que atendem a quantidade de jovens, de famílias e de pessoas, é muito grande pra aquilo que tem hoje só de violência inserido, que é uma coisa muito pequena, mas infelizmente durante um tempo, muito tempo, como eu falei, a mídia era essa questão muito vertical, uma mídia que fala e pronto e acabou (Anderson Valentim, 38 anos).

[...] a violência ainda vende, né? A violência ainda vende mais do que, a meu ver, as mensagens positivas (Saulo Nicolai, 28 anos).

Então, eu tenho até um exemplo bem recente, que aconteceu lá no Morro da Providência, que um menino que estudou na mesma escola que eu. A gente, eu, as

<sup>37</sup> René Silva, fundador do portal de notícias Voz das Comunidades.  
<https://www.vozdascomunidades.com.br/> Acesso em 27 jun. 2021.

peessoas que estudaram com ele conheciam ele, e aí a polícia veio e ele estava no lugar errado, na rua errada, lá na Rua do Livramento. E aí a Polícia entrou e deu um tiro nele, atingiu ele, e aí na televisão, deu que ele era envolvido, só que quem conhecia ele, sabia que ele não era envolvido. E aí a mídia passou a imagem dele, como se ele fosse bandido [...] Do tipo, a pessoa só estava passando na hora errada, no lugar errado, foi atingida [...]. Sei lá, ele tava saindo pra trabalhar e aí foi baleado. Sei lá, uma bala perdida, e aí só porque é preto e estava perto da favela ou mora na favela, é envolvido. Muitas vezes acontece isso, e fica por isso mesmo, quando não tem prova, fica por isso mesmo. Então é bem triste isso, é bem triste mesmo (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Também porque eles procuram coisas que vendem, entendeu? Não procuram uma coisa que dá uma visibilidade boa. Nem tudo que é produzido, nem todo conteúdo que é produzido na favela, tem uma visibilidade legal, entendeu? Então, assim, o Favelagrafia, ele veio pra tirar esse estereótipo, tirar essa visão que a Favela só tem coisa ruim. Então assim, e a gente tem, nesse período, de 2016 pra cá, a gente conversou com vários fotojornalistas e eles sempre falam a mesma coisa, né? O que vende na favela é sangue, entendeu? É crime, é roubo, é tráfico de drogas. Não é uma coisa legal, um projeto cultural que tá dando certo, uma cozinheira que faz reaproveitamento de alimentos. Isso não dá muita mídia. E assim, a gente, como Favelagrafia, a gente já passou muito por isso. Poxa, a gente fez uma matéria, gravou uma matéria para o Globo. Aí houve um confronto no Borel e mataram um garoto no ponto de ônibus. A nossa matéria que tava pra aquele dia é jogada pro dia seguinte porque aquilo dali deu mais repercussão [...] Então, assim, esse conteúdo, de violência na favela, ele vende mais do que um conteúdo de artistas negros, fazendo um trabalho de registro, de um lado positivo da favela, dentro da favela (Omar Britto, 34 anos).

A fala de Omar nos remete às reflexões de Hall (2016) sobre estereotipagem e regime de representação racializada, como já vimos no capítulo 4. Quando um veículo de comunicação opta por uma matéria abordando a violência na favela em detrimento a um conteúdo positivo produzido por um grupo de jovens artistas majoritariamente negros, podemos inferir que estamos diante de um reforço à estereotipagem de jovens negros, ancorado em um regime de representação racializada. Voltando também a Soares (2005, p. 164), “[...] a gente vê o que a cultura e a sociedade permitem que se veja”. O visível e o invisível são definidos pelas construções sociais dominantes em um dado contexto, assim como o que é notícia e o que não é notícia.

## **5.8. A experiência em participar do projeto Favelagrafia e os novos olhares possíveis sobre a favela e sobre si mesmo**

Descrito como um “presente” ou como um “acontecimento” em suas vidas, a participação no projeto Favelagrafia foi uma experiência claramente marcante para os entrevistados. São muitas as camadas que compõem essa experiência,

entrelaçando vivências pessoais e profissionais: reconhecimento e apropriação do lugar de artista, reconexão com o território e com suas origens, fortalecimento de suas identidades como fotógrafos e moradores de favelas, acesso a novos ambientes, mentores e referências.

A ideia do Favelagrafia como um “presente” é relacionada ao divino no relato de Josiane: trata-se de algo extremamente especial e raro não somente por tal oportunidade ter chegado até ela, mas também por ela ter conseguido “abraçá-la”, o que a levou a se reconhecer como artista e a valorizar o seu trabalho. Ao “abraçá-la”, Josiane estava também recebendo e retribuindo, de certa forma, esse “presente”.

O Favelagrafia é um presente na minha vida. É um presente e eu costumo dizer que costumo agradecer o universo pela oportunidade que chegou até mim e que eu consegui abraçar [...] O Favelagrafia, ele me trouxe coisas assim, maravilhosas, coisas que eu nunca imaginei como artista, porque foi a partir desse momento que eu comecei a me enxergar como artista, foi a partir desse momento que eu comecei a olhar com mais amor para as minhas fotos, com mais afeto. Porque até então eu achava que o que eu fazia não era bom. E foi a partir desse momento também que eu comecei a trazer mais doçura para aquilo que eu fazia, né? E me propor a me conectar com outras pessoas que são tão diferentes de mim, mas que me ensinaram tanto porque também vêm de vivências muito parecidas com a minha, entendeu? Então o Favelagrafia, hoje eu vejo ele como uma família, né? [...] E hoje a gente consegue muito vivenciar um a vida do outro, e torcer um pra vida do outro, querer saber o que é que o outro tá produzindo e aprender com o outro (Josiane Santana, 33 anos).

Reconhecer-se como morador de uma favela e se conectar com o seu próprio território foram também vivências destacadas pelos entrevistados, que se deram a partir do projeto Favelagrafia. Rafael conta que passou a achar a Rocinha “maior ainda” depois do projeto. Ao fotografar suas favelas, foi preciso apurar o olhar para detalhes, histórias e personagens que ali existiam, que muitas vezes não tinham sido anteriormente por eles percebidos. Ao dedicar tempo e atenção para fotografar esses territórios, inicia-se um processo de autoconhecimento e de valorização, de si próprio e dos moradores retratados. Ver a favela com outro olhar é também ver o mundo e a si mesmo de outra forma.

A gente também, como indivíduo, começou a se reconhecer, porque é aquilo que eu falo assim, acho que todo mundo que mora na periferia sempre tá no automático. E durante um tempo fica martelando na nossa cabeça, inconscientemente, daquele local ser violento e você querer sair dali de qualquer maneira. Só que aí você acaba deixando de ver também possibilidade de coisas boas que têm ali dentro [...] Eu, particularmente, nunca tava no morro fotografando. Então, como tinha o projeto, cara, fui retomando alguns lugares, conversando, e as pessoas, e as próprias pessoas dentro da comunidade começaram a se sentir valorizadas, porque cara, você tem uma mídia que sempre te retrata de alguma forma pejorativa e você tem uma outra mídia

que começa a trazer uma coisa valorizando uma beleza, sabe? Uma coisa de belo, de coisas boas. Então as pessoas começam a pegar aquilo pra si (Anderson Valentim, 38 anos).

Como eu comecei a fotografia na praia, o projeto veio na intenção de um desafio, de eu ter que fotografar na favela. Aí eu: ‘Caramba! Vou ter que usar uma outra lente, um outro olhar’. Então, logo de cara, eu vou ter que usar uma lente pra poder pegar toda essa dimensão. Todas as casas que têm aqui. Esse movimento também, tudo isso. Então, vou ter que olhar, tudo diferente. E foi desafio, foi um desafio muito grande, mas foi muito bom [...]. Eu tive que aprender a fotografar pessoas também, que conforme você vai andando pela favela, você vai vendo histórias também, de pessoas, conhecendo lugares e conhece pessoas, então deu aquela vontade, algumas vezes, de contar histórias, de chegar um pouco mais perto. Então, teve essa sensibilidade, de eu falar um pouco melhor, de eu poder me comunicar melhor com a favela (Rafael Gomes, 27 anos).

Então, foi um acontecimento na minha vida o Favelagrafia, porque me fez ver o mundo de outra forma. Realmente de outra forma, porque até então, antes de entrar no Favelagrafia, eu não me via como uma mulher preta, eu não me via como uma mulher favelada, e assim, eu tinha até vergonha de falar que eu morava dentro de uma favela, pelo pré-conceito das pessoas, e depois que eu entrei no Favelagrafia, tudo mudou assim. Eu vi um lado completamente diferente, que eu não conseguia enxergar na minha vida. Então o Favelagrafia me abriu muitas portas e me fez muitas barreiras serem quebradas, assim. Então hoje eu não tenho vergonha de falar que eu sou nascida e criada no morro da Providência, eu hoje sei que eu sou batalhadora e que eu sou uma mulher negra e assim, eu não tenho vergonha, sabe? (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Eu acredito que eu me desenvolvi bastante, eu acho que mais até como ser humano e menos como artista, né? Porque eu passei a ter um, eu acho que eu desenvolvi um olhar, cada vez mais crítico, né? Eu já tinha um olhar crítico, mas não tão direcionado, quanto eu tenho hoje, pra dentro da favela, né? (Saulo Nicolai, 28 anos).

Ter suas fotos estampadas em um livro, mas, principalmente, expor em um museu como o MAM Rio (Museu de Arte Moderna) significou para os entrevistados a validação e o máximo reconhecimento de seus talentos. Vale notar que ocupar nobres espaços de arte da Cidade possui o peso simbólico que extrapola o artista e o indivíduo em si: trata-se ver “a favela” ocupando tais espaços, “entrando no MAM pela porta da frente”, como Elana pontua em sua fala.

Eu expus no MAM. Quem pensa? Eu nunca pensei na minha vida, que eu ia expor no MAM, duas vezes. Que ia vender foto, que ia ganhar prêmio e que ia me descobrir assim, fazendo uma coisa que eu gosto muito, sabe? E acreditando numa coisa que eu amo fazer (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Quando surgiu o Favelagrafia e eu fui escolhida, nem eu sabia, por mais que eu tinha contato com o pessoal da NBS, eu não sabia o que era. Eu vi no *Facebook*, né? [...] Aí quando eu vi que eu fui selecionada, eu falei: - ‘Caraca, eu não sou tão boa, tem gente boa’ e comecei a *stalkear* todo mundo. Aí depois que eu descobri que tinha uma exposição e um livro. E ia dar um *iphone*. E eu lembro que todo mundo ficou

empolgado com o *iphone* e eu fiquei empolgada com o livro. Eu falei: - ‘Caraca, vai ter foto minha num livro!’. Porque a gente não sabia onde ia ser a exposição, só depois. Eu falei: - ‘Meu Deus, um livro, minha foto vai ficar gravada num livro!’ Aí quando o projeto começou a crescer e quando a gente descobriu que ia ser no MAM. Nossa! Aí a favela entrou em festa. A gente ficou empolgado. Caraca! Museu de referência [...] O MAM sempre reposta o que eu coloco, né? Eu falei – ‘Nove favelados entrando pela porta da frente, né?’ [...] . Então eu lembro que todos os meus amigos foram lá, minha cunhada veio lá de Paciência. A família do meu marido falou: ‘A minha cunhada é famosa’, e assim eu fico aparecendo na televisão as criancinhas me reconhecendo que na rua, porque a Record repete muito a entrevista, né? – ‘Tia, eu te vi na televisão, você falando’, aí eu: - ‘Que legal! [...] Através do Favelagrafia eu pude mostrar a minha profissão, que é fotógrafa, né? Hoje as pessoas sabem que eu sou fotógrafa (Elana Paulino, 39 anos).

Podemos destacar no testemunho de Elana que a visibilidade midiática gerada a partir das duas exposições do projeto no MAM Rio (Museu de Arte Moderna) transformou os fotógrafos em pessoas “famosas” em suas vizinhanças, bem como entre seus familiares e amigos. Segundo Maia (2017, p. 170), “[...] os meios de comunicação podem dar a determinados sujeitos aquilo que os demais atores sociais, em suas interações, não conseguiram antes da exposição midiática: a notoriedade, o reconhecimento, a visibilidade”.

A relação entre os fotógrafos é espontaneamente descrita por eles como uma relação familiar (“A gente virou uma família mesmo”, como diz Elana), onde nem sempre tudo é pacífico, mas a força do vínculo se faz mais forte. Os nove integrantes não se conheciam anteriormente e passaram a conviver a partir do início do projeto. É possível perceber que foi por meio da construção dessa relação que o Favelagrafia se tornou uma iniciativa maior e mais duradoura do que a proposta inicial da agência NBS. Os entrevistados destacam, ainda, um sentimento de troca e aprendizado mútuo entre o grupo. Os diferentes estilos de cada fotógrafo são por eles apontados e valorizados.

Assim, a gente começou a se envolver um com o outro, né? Quase 7 anos de projeto. A gente briga, a gente se enrola um com o outro, mas a gente continua junto. Fazendo *Live*, fazendo encontro. Não consegue se largar, né? [...] Um acompanhando o outro, indicando o outro. O Saulo já me indicou pra trabalho, Anderson já me indicou pra trabalho e eu também já indiquei pra trabalho. A gente virou uma família mesmo. O projeto, que era pra durar 6 meses, tá aí 7 anos, firme e forte. E a galera continua ‘empolgadona’ (Elana Paulino, 39 anos).

E depois, conhecendo o restante da galera, quando a gente começou a se conhecer mesmo se tornou uma família, né? Porque foram nove pessoas que assim, não se conheciam [...] A gente criou uma colcha de retalhos e criou esse projeto [...] Eu sou uma pessoa que gosto muito de retratar paisagens, se eu tenho um personagem dentro da minha paisagem, é graças ao Anderson e à Elana, que sempre colocavam



personagens dentro do contexto da fotografia deles. Se hoje eu consigo fazer uma foto botando uma, como eu posso dizer? Expondo alguma situação da comunidade, eu agradeço ao Saulo, que é o cara que sempre bateu nessa questão [...]. Então assim, a gente conseguiu criar (Omar Britto, 34 anos).

O convite para a participação no projeto, após seleção realizada pela agência NBS, veio inicialmente acompanhado de uma mistura de alegria e desconfiança por parte dos fotógrafos. Acostumados com projetos de curto prazo e sem continuidade, que chegam nas favelas já “prontos”, sem a possibilidade da participação criativa do morador, a proposta de autonomia e de desenvolvimento conjunto, trazidas pela equipe da agência, surpreenderam positivamente os integrantes.

Quando me foi apresentada a proposta de participar do Favelagrafia, eu falei assim: ‘Ah, deve ser mais um concurso, né?’. Alguma coisa que vai ter um começo, meio e fim. E falaram que ia ter um livro. E assim, algumas experiências que eu já tive. ‘Ah, vai ser um livro com fotos de milhares de pessoas’ [...]. E aí, nos primeiros, acho que no primeiro ou segundo encontro, que nós tivemos, que o Havt veio falando: ‘Olha só, o projeto, ele está chegando assim, mas o projeto é de vocês. Não tá nada quadrado, não é nada definido. Então assim, vocês podem criar o projeto do jeito que vocês quiserem’. Então, assim, pra mim já foi um ‘Opa’. Não é uma coisa que tá chegando já imposta (Omar Britto, 34 anos).

O nome de André Havt, então Diretor de Arte da agência NBS e um dos idealizadores do projeto Favelagrafia, é mencionado espontaneamente em muitos relatos. Percebe-se que André Havt teve uma relevância significativa para o amadurecimento profissional – e pessoal - dos fotógrafos, na figura de um respeitado e acolhedor mentor. A vivência no ambiente de uma agência de publicidade é também destacada como uma experiência enriquecedora por parte dos entrevistados, na medida em que lhes possibilitou o acesso a lugares e redes até então desconhecidos.

Eu sabia que existia uma agência de comunicação, mas assim, eu nunca sabia como funcionava a agência de Comunicação, então eu acho que isso foi extremamente importante [...] E até a questão de seguir ou não, aquilo foi muito importante pra você conhecer assim, o que a agência faz, o que a Publicidade faz ali em geral, assim [...]. Porque se eu não tivesse conhecido isso assim, esse espaço, de estar ali com um Diretor Criativo, vendo o dia a dia, como o cara cria, briefing, todas essas coisas, eu não teria também hoje um ‘knowhow’ pra eu trabalhar, porque hoje eu tô na produtora, sou Diretor da Produtora, então eu tenho todas essas duas coisas, você tem que atender o cliente e você lidar também com a agência, então isso me serviu muito, isso foi escola porque eu trabalhei com o Havt no dia-a-dia [...] Você tem jovens potentes assim, às vezes até tem muitos jovens até mais talentosos do que eu, que tem ali uma potência, mas precisam ‘de ser’ direcionados a isso, de conhecer, sabe? De convivência mesmo ali. Então o que a gente passou ali foi uma convivência muito grande, acho que foi uma experiência muito gigante assim, de estar ali perto e saber como funciona. [...] Você estar naquele espaço, assim, é muito louco, assim.

Só de estar no espaço você já começa a [...]. Aquilo já começa a te dar uma certa ‘piração’, não sei, as coisas começam a aflorar assim, o contato, então isso vai te enriquecendo de alguma forma. Então aí eu comecei a, acho que a construir junto ali entendeu? O bate papo com o Havt então [...]. O cara que tem uma experiência foda assim, dentro da publicidade, tem uma carreira incrível e aquilo vai te alimentando assim, então só de estar nesse espaço foi me alimentando [...]. Eu acho que eu fui crescendo, não só eu, mas acho que todo mundo foi crescendo dentro do projeto. [...] Eu não me via capaz daquilo, mas quando você começa a entender o processo e começa a também, se reconhecer, você vai! E, cara, acho que dá pra fazer, sou capaz! (Anderson Valentim, 38 anos).

O orgulho de participar do projeto é também expresso pela possibilidade de ser referência para as juventudes periféricas e de contribuir para ressignificar a imagem das favelas como lugar de potência e de talentos.

Eu tenho orgulho de falar do Favelagrafia onde eu passo porque é um projeto que é diferencial pra galera periférica. E assim, a gente é referência onde a gente mora, a gente é referência pra alunos de escolas públicas ou de instituições privadas, entendeu? Então, assim, nós somos referência. Então assim, eu tenho orgulho de falar ‘Eu visto a camisa do Favelagrafia, eu faço parte dessa família’ (Omar Britto, 34 anos).

A gente virou referência pra muita gente. Assim, eu me sinto privilegiada de falar o que eu sempre falo: - ‘Eu represento o Santa Marta no Favelagrafia’. Me acho! Tem até na ‘bio’ do meu *instagram* – ‘Fotógrafa do Favelagrafia’ (Elana Paulino, 39 anos).

Se ressignificar é criar significados ou sentidos por meio de novos olhares, pergunto que imagem da favela eles querem mostrar através de suas lentes. Todos os entrevistados se mostram conscientes de que as favelas não se resumem a pontos positivos. Há muitos problemas que são intensamente retratados pela mídia e a violência é um deles. Acreditam, porém, que “o lado bom ninguém mostra” e entendem que ressignificar a imagem das favelas pressupõe mostrar os pontos positivos que não são visíveis para quem ali não reside

A gente quer mostrar que a gente venceu. Não quer mostrar a pobreza extrema. Isso todo mundo já conhece [...] Quando as pessoas vêm aqui no Santa Marta, veem que não é nada disso, que não é nada daquilo da televisão, eles ficam espantados (Elana Paulino, 39 anos).

Ah, eu quero mostrar a beleza e a luta da resistência da favela também (Rafael Gomes, 27 anos).

Eu quero mostrar o que a favela tem de bom. E assim, e se você ver na grande maioria das minhas fotos, eu mostro muito a paisagem local. Eu mostro muito os grafites, né? Eu mostro espaços que são destinados a lazer, entendeu? É isso que eu quero mostrar da Favela. Eu não quero mostrar aquele lugar que tá abandonado. Não, eu

quero mostrar aquele lugar que assim, você olha pra aquele lugar, e você fala assim: ‘Aqui tem vida. Aqui tem um sentimento especial’ (Omar Britto, 34 anos).

Através da minha lente, nunca vai ser pobreza, nunca vai ser morte [...] É necessário a denúncia? É necessário a denúncia, mas a Josiane Santana entende que já tem muita gente fazendo isso, então deixa isso para as outras pessoas que estão aí. A Josiane Santana - e eu acredito que o Favelagrafia, né? - estão muito preocupados em mostrar um outro lado. E eu acho que é esse lado que precisa ser exaltado e comentado cada vez mais. [...] Eu quero pontuar que a Favela tem uma riqueza e tem uma diversidade incrível e tem uma potência incrível, que eu acho que é isso que precisa ser pontuado, sabe? Acho que é isso que precisa ser exaltado, mostrado, evidenciado, enfim, e todos os outros verbos que forem possíveis (Josiane Santana, 33 anos).

Mostrar que a gente é arte, que a gente é potência, que a gente não nasceu pra ser confundido com bandido, pra ser confundido com pessoas ruins. Que a gente nasceu também pra brilhar porque a gente é um povo muito resistente e é isso que eu quero passar. Eu não quero mostrar pessoas, tipo vítimas. Passar ‘vitimismo’, sabe? Eu quero mostrar essa potência, essa fortaleza, essa resistência, sabe? Isso que eu tento mostrar (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

É um trabalho contínuo mesmo de ressignificação. Eu sempre falo isso, é um trabalho contínuo de ressignificação do imaginário popular, ao redor da palavra favela, né? É o que eu acredito que seja o principal objetivo do Favelagrafia hoje, né? Trabalhar em cima dessa questão do imaginário, o que move a favela de forma positiva. Entregar imagens e mensagens positivas, né? Dar uma nova identidade, digamos assim, pro mundo externo, desse cenário, dessa realidade (Saulo Nicolai, 28 anos).

Se a associação de imagens de violência e pobreza aos jovens das favela pode ser considerada como uma forma de estereotipagem, constituindo-se como uma prática de exclusão e mantendo a ordem social simbólica entre o “pertencente” e o “Outro”, entre o “jovem” e o “criminoso”, entre “nós” e “eles” (Hall, 2016), a opção dos fotógrafos em mostrar o lado potente e criativo das favelas, apesar de conscientes das mazelas que também as cometem, remete à busca de uma mudança no regime dominante de representação. Relembrando mais uma vez Hall (2016), se o significado é sempre atribuído por meio de uma construção social e não está na coisa em si, ele também pode ser modificado.

Saulo é o único entrevistado que relata o desejo de mostrar “a favela como ela é”, tanto violenta, quanto potente. Para ele, mostrar a violência é importante não para reforçar um estereótipo, mas exatamente para transformar a realidade.

Eu tenho muitas favelas que eu quero mostrar através das minhas lentes. Eu quero mostrar a favela como ela é: tanto a parte violenta, que ela é violenta e a gente não pode virar as costas pra essa realidade, senão a gente não vai conseguir transformar isso. Importante mostrar a violência até pelo propósito mesmo de colocar o problema na nossa frente pra gente saber que ele é real, que ele existe e que ele tem que ser transformado. E eu também quero mostrar a favela potente, a favela que tem

potencial para mostrar modificar transformar a sua própria realidade. E transformar também as realidades ao seu redor, né? [...] Então, é essa favela que eu quero mostrar: a favela de verdade, a favela como ela é de fato, a favela que é violenta e a favela que é alegre e potente (Saulo Nicolai, 28 anos).

Para Magno, mostrar a realidade da favela é também mostrar o cotidiano e a rotina dos moradores. Registrar suas dificuldades abre também a possibilidade de modificar seus desfechos ao torná-las visíveis.

Mostrar o cotidiano das pessoas [...] uma senhora que acorda de manhã e vai trabalhar, o moleque que vai pra uma luta de jiu-jitsu, às vezes precisa de um dinheiro, não tem, pra fazer, pra ir pro campeonato. Não tem recurso assim, entendeu? Então eu acho que o Favelagrafia pode abrir a porta, assim, pra esses jovens, pra essas pessoas [...] enfim, muitas coisas pra ser mostradas aqui dentro tem, né? (Magno Neves, 30 anos).

## 5.9. Síntese do capítulo

Iniciamos esse capítulo retomando a possibilidade de mudança em um regime dominante de representação, a partir das reflexões de Hall (2016). Apresentamos o projeto Favelagrafia como uma alternativa para a construção de novos significados sobre os jovens das favelas a partir dos olhares de seus próprios moradores: nove jovens fotógrafos que, desde 2016, mostram através de suas lentes o cotidiano, as paisagens e as belezas das favelas cariocas.

Para nossos entrevistados, pensar na ideia de cidade implica necessariamente pensar em desigualdade e nos muros invisíveis que separam “favela” e “asfalto”. Conscientes dos problemas e dificuldades aos quais são submetidos os moradores das favelas, mas também conhecedores de seus talentos e criatividade, para eles favela é resistência e potência – e isso é o que desejam evidenciar por meio de seus trabalhos fotográficos.

Quando pensam nas representações midiáticas sobre jovens das favelas, os entrevistados entendem que há em curso um ainda incipiente processo de mudança dos modelos dominantes de representação na publicidade e nas imagens que circulam na Internet, mas não nas matérias jornalísticas. Para eles, o jornalismo reforça estereótipos como recurso mercadológico para “vender mais”. O projeto Favelagrafia contribuiria, nesse sentido, para criar novos significados, contar novas histórias e construir novas imagens sobre a favela e seus moradores.

A partir da participação no projeto, das interações em novos espaços - físicos e simbólicos - e do reconhecimento pelo trabalho realizado, os entrevistados relatam a experiência de ter desenvolvido, eles próprios, um novo olhar para seus territórios e para si mesmos, reconhecendo-se então também como potências.

## 6. Jovens das favelas pelas lentes do Favelagrafia

### 6.1. Fotografias como “certificados de presença” das juventudes das favelas

[...] eu só me interessava pela Fotografia por ‘sentimento’; eu queria aprofundá-la, não como uma questão (um tema), mas como uma ferida: vejo, sinto, portanto noto, olho e penso.

Roland Barthes, *A câmara clara*.

No capítulo anterior, vimos que o projeto Favelagrafia se apresenta como uma outra possibilidade frente ao regime dominante de representações midiáticas sobre jovens das favelas cariocas. Os fotógrafos participantes do projeto, que também são moradores de favelas, relataram nas entrevistas o desejo de mostrar através de suas lentes “a favela que ninguém mostra”: talentosa, criativa e potente, em suas múltiplas formas. Nesse capítulo, iremos analisar algumas imagens produzidas pelos fotógrafos do projeto, com o objetivo de refletir sobre quem é o jovem morador da favela: ou, melhor, quem são os jovens moradores das favelas, no plural. Como parte da metodologia aplicada para esse estudo, solicitei a cada entrevistado que escolhesse cinco fotos de sua autoria que para eles representassem jovens das favelas. Depois de passarmos pelas perguntas iniciais do roteiro, cujas respostas foram analisadas no capítulo anterior, os entrevistados comentaram os contextos, as intenções e as inspirações para cada foto por eles escolhida.

Segundo Barthes (2018, p. 15), a fotografia carrega uma fatalidade que a leva “[...] para a imensa desordem dos objetos”. Como não há foto sem alguma coisa ou alguém, por que escolher fotografar tal objeto ou tal instante, em vez de outro? Pensando na reflexão que o autor nos propõe, cada foto trazida pelos entrevistados significa uma escolha: uma opção, uma inspiração, uma mensagem, em detrimento de todas as outras possíveis. Ainda para Barthes (2018), a associação da fotografia com a arte se daria muito mais pelo teatro do que pela pintura, uma vez que ela permite o acesso a um infrassaber muito mais do que permitem os retratos pintados. Se “toda fotografia é um certificado de presença”, como nos aponta Barthes (2018, p. 73), as fotografias aqui analisadas são “certificados de presença” das juventudes das favelas. Múltiplas, potentes, reais.

Inicialmente, minha intenção era apresentar nesse capítulo as fotos separadas por seus autores, refletindo a dinâmica em que se deram as entrevistas. Ao analisar a transcrição do material, porém, entendi que havia temas recorrentes tanto nas situações retratadas, quanto nas interpretações que a elas eram atribuídas. Dessa forma, optei por agrupar as fotos de diferentes autores pelos temas centrais da análise. As legendas das fotos foram sempre informadas pelos entrevistados.

### **6.1.1. Sobre estereótipos e a urgência de olhares atentos**

Estereótipos e preconceito. Anderson me conta que todo jovem da favela sabe muito bem o que significa ser confundido com bandido. Para ele, quem é olhado e sente o preconceito, sabe o que é. Mas quem olha sabe? A ideia do fotógrafo era provocar essa reflexão. Anderson então reuniu um grupo de amigos, moradores do Morro do Turano e com eles criou uma cena que remete a imagens midiáticas comumente associadas a jovens traficantes empunhando suas armas e escondendo seus rostos. Na fotografia de Anderson, no lugar das armas, porém, instrumentos de sopro. Os cinco rapazes da foto são músicos e tocam em um grupo de jazz (Figura 19).

A gente sempre tá em busca de lutar, de sempre mostrar uma outra favela [...], de quebrar esse olhar estereotipado de favela e de violência [...] Como o mundo hoje tá muito rápido, a gente passa as coisas muito rápido, a gente precisa ter um olhar de atenção. Então ela chama atenção pra isso, entendeu? Quem olhar assim a primeira vez: - ‘Ah, cara! Traficante’. Mas quem tem esse olhar de atenção, do segundo olhar, de falar: - ‘Não, peraí, não é arma, é instrumento’. E quando a pessoa vê instrumento, passa um ponto de interrogação e a pessoa quer conhecer [...] Então acho que é isso: ter esse segundo olhar, essa sensibilidade [...] Um olhar mais de carinho, mais de atenção mesmo e falar: - ‘Opa, peraí! Não é bem isso, é outra coisa.’ [...] E quando você tem esse segundo olhar, você descobre coisas incríveis (Anderson Valentim, 38 anos).

É o segundo olhar que permite enxergar instrumentos musicais no lugar de armas de grande calibre e, a partir disso, provoca no observador a reflexão sobre os estereótipos e as imagens socialmente construídas e midiaticamente expostas diante de nossos olhos. Para Anderson, somente um segundo olhar atento e sensível nos permite enxergar talentos e beleza nos jovens das favelas, no lugar de pobreza e violência. Como uma das imagens mais compartilhadas do projeto Favelagrafia, o nome da obra também diz muito sobre a intenção do artista: “Alguns lutam com outras armas”.



Figura 19 – “Alguns lutam com outras armas”

Fonte: Fotografia de Anderson Valentim.

Segundo Barthes (1990, p. 32, grifo do autor),

[...] toda imagem é polissêmica e pressupõe, subjacente a seus significantes, uma ‘cadeia flutuante’ de significados, podendo o leitor escolher alguns e ignorar outros. A polissemia leva a uma interrogação sobre o sentido; ora, essa interrogação aparece, sempre, como uma disfunção [...]. Desenvolvem-se, assim, em todas as sociedades, técnicas diversas destinadas a *fixar* a cadeia flutuante dos significados, de modo a combater o terror dos signos incertos: a mensagem linguística é uma dessas técnicas.

Desta forma, ainda para Barthes (1990), a mensagem linguística, como com o nome atribuído à obra, orienta a interpretação da imagem e constitui uma espécie de “barreira” que impede a proliferação de sentidos conotados individuais ou disfóricos, sendo o texto, aqui entendido como a legenda, a possibilidade do autor exercer controle sobre o sentido desejado para a imagem de sua autoria.

Seguindo o mesmo objetivo de provocar reflexões sobre os estereótipos relacionados aos jovens das favelas, Anderson decidiu produzir uma nova série de fotos, dessa vez, a partir do contraste simbólico entre a camiseta amarrada na cabeça de um menino e a delicadeza da flauta por ele tocada. O nome da obra - “Às vezes, nem sempre é o que parece, Tio II” (Figura 20) – faz referência à forma pela qual muitos meninos, ao circular pela cidade, dirigem-se aos mais velhos para oferecer



algum serviço ou pedir dinheiro, o que não era o caso do jovem músico da foto. Anderson conta, porém, que o olhar do menino fotografado foi o que mais lhe impactou na imagem final: um olhar de força e dor, tão comum a muitos jovens periféricos.

Eu acho que o jovem da favela, da periferia, tem sempre esse olhar, que é um olhar que [...] carrega várias coisas assim, desde a questão de algum sofrimento à de luta. Talvez seja uma das fotos que eu tenho mais apego por ela, por essa questão do olhar (Anderson Valentim, 38 anos).



Figura 20 – “Às vezes, nem sempre é o que parece, Tio II”  
Fonte: Fotografia de Anderson Valentim.

A urgência de olhares atentos que permitam a desconstrução de estereótipos encontra-se também presente na foto “Papo de Futuro”, de Saulo Nicolai. Produzida já em período de pandemia de Covid-19, vemos um grupo de jovens usando máscara, sem camisa, sentados em uma mureta (Figura 21). Para Saulo, a imagem retrata

[...] um monte de jovem negro, sem camisa, te encarando, portando alguma coisa. Eles estão com alguma coisa ali, no fundo. Aí você observa, são jovens músicos reunidos. Podem estar conversando sobre música, podem estar conversando sobre arte, sobre cultura, entendeu? Podem estar conversando sobre o Pixinguinha<sup>38</sup>, sobre o Miles Davis<sup>39</sup>, entendeu? E eles estão pousando pra fotografia. Eles tão te

<sup>38</sup> Alfredo da Rocha Vianna Filho, conhecido como Pixinguinha (1897-1973), foi um maestro, flautista, saxofonista, compositor e arranjador brasileiro. Disponível em: <https://pixinguinha.com.br/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

<sup>39</sup> Miles Davis (1926-1941) foi um trompetista, líder de banda e compositor americano. Disponível em: <https://www.milesdavis.com/>. Acesso em: 26 jun. 2021.

encarando porque eles simplesmente estão naquele espaço, trocando ideias, né? E pousando pra aquele momento ali. Simples assim (Saulo Nicolai, 28 anos).

Segundo Saulo, o registro de um momento como esse, em que jovens apaixonados por música trocam de ideias e ampliam suas referências, pode ser facilmente associado à violência, a partir de um olhar estereotipado e socialmente construído.

Traz uma certa violência, né? Porque você vê um bando de jovens negros, sem camisa, te encarando, né? Normalmente é associado a violência. Pô, se você vê uma galera dessa, em qualquer lugar, te encarando, você vai estranhar porque foi essa a construção que a gente teve, na nossa cabeça, mas no fim das contas, são apenas jovens artistas ali (Saulo Nicolai, 28 anos).



Figura 21 – “Papo de futuro”  
Fonte: Fotografia de Saulo Nicolai.

### 6.1.2. Leveza e arte nas juventudes das favelas

A leveza da jovem bailarina que dança sobre a laje contrasta com a densidade e a arquitetura da favela, ao fundo (Figura 22). Anderson, autor da obra, relata que a imagem diz muito sobre o que é a favela: “um turbilhão de coisas”, conjunto de

múltiplas possibilidades, por vezes até antagônicas, mas também lugar do belo e da arte, representados aqui pela jovem bailarina, que dança mirando o horizonte, como em um momento de suspensão dentro do turbilhão que é a favela.

Então você tem a favela aí, acho que com toda essa coisa bruta de tijolo, da polícia, da violência, ao mesmo tempo você tem a força das pessoas, você tem tudo ali [...]. A favela tem essa intensidade muito forte. E aí você tem uma bailarina que tem esse ponto de leveza [...]. Então ela é esse ponto leve dentro dessa força, desse turbilhão de coisas que acontecem dentro da favela (Anderson Valentim, 38 anos).



Figura 22 – “Bailarina na laje”

Fonte: Fotografia de Anderson Valentim.

Quatro bailarinas dançam enfileiradas ao ar livre, no Morro do Adeus, banhadas pela luz dourada do pôr do sol (Figura 23). A primeira é Tuany Nascimento, moradora do Complexo do Alemão, bailarina e idealizadora do projeto de dança “Na ponta dos pés”. As demais são suas alunas. Josiane, autora da foto, vê na dança uma forma de expressão e expansão de mundo. Para ela, Tuany é uma inspiração, como mulher e profissional, por possibilitar que outras jovens meninas também possam expandir seus horizontes por meio da dança.

A Tuany é uma inspiração. A Tuany é uma mulher que eu olho e eu me inspiro nela. Ela diz que é recíproco, mas eu falo que não tem nem como medir. Acho que a minha inspiração nela é muito maior, sabe? Então assim, são jovens meninas que através da dança estão aí conhecendo o mundo, conhecendo pessoas e se expressando de uma maneira muito bonita (Josiane Santana, 33 anos).



Figura 23 – “No ar, no chão, na ponta dos pés”  
Fonte: Fotografia de Josiane Santana.

As mesmas jovens bailarinas posaram também para as lentes de Saulo (Figura 24). Ele me conta que a inspiração foram as aves, que podem ir mais longe quando voam juntas. Para Saulo, que deu à foto o nome de “Pássaros”, quem vai na frente é Tuany, a professora, que guia e facilita o voo das demais, como a grande referência que conduz as alunas para voos cada vez mais altos.

Essa aí é a coisa do pássaro mais velho, guiando os pássaros mais novos a levantar voo, né? Ensinando a levantar voo, né? Por isso que essa fotografia, se chama ‘Pássaros’ (Saulo Nicolai, 28 anos).





Figura 24 – “Pássaros”

Fonte: Fotografia de Saulo Nicolai.

### 6.1.3. Conhecimento é poder

A foto de um rapaz albino sentado em um trono de livros, junto a uma máquina de escrever e com velas acesas a seu redor é um tributo de Anderson ao conhecimento (Figura 25). Para ele, o conhecimento faz de uma pessoa comum um rei: ilumina, dá poder e engrandece. Anderson entende que só conhecimento e a “sabedoria de si” criam as condições para que um jovem se reconheça como potência, sentindo-se então capaz de mudar a sua vida e do seu entorno. Apesar de nem todos os jovens contarem as mesmas oportunidades de acesso ao conhecimento ao longo de suas trajetórias, o relato de Anderson traz luz à sua experiência individual, sendo ela comum a muitos jovens e distante de tantos outros.

Eu não sei se hoje se eu estaria onde eu tô se não fosse a educação. O acesso! [...] Você se sente seguro como humano, você se conhece como pessoa. Você tem sabedoria de si, você sabe que você pode ir além, que você pode lutar, então você tem essa questão da imponência, assim. [...] Então eu acho que durante muito tempo, eu tinha alguns complexos meus e quando eu me resolvi como ser humano, entendi assim, que eu era capaz [...] Então, acho eu, quando um jovem [...] quando ele se reconhece como potência, eu acho que ele transforma a vida dele e das pessoas que estão ao lado. Então essa imagem, ela representa muito isso, essa questão da sabedoria, tanto acadêmica de se reconhecer como sabedoria e de se reconhecer, assim, como pessoa também (Anderson Valentim, 38 anos).



Figura 25 - “Conhecimento é poder”  
Fonte: Fotografia de Anderson Valentim.

O valor do conhecimento também está presente no relato de Elana sobre a foto “Capoeira na laje”, de sua autoria (Figura 26). À primeira vista, vemos uma jovem moça jogando capoeira em uma laje, com a favela Santa Marta e o Cristo Redentor ao fundo. Peço para Elana me dizer por que essa foto representaria para ela os jovens das favelas. Ela então me relata o sentimento de orgulho que a história de Fernanda, a jovem capoeirista, representa para ela, como moradora do Morro Santa Marta.

Formada nas faculdades de Moda e Pedagogia e praticante da capoeira como forma de se manter saudável e “desestressar”, segundo a entrevistada, Fernanda tem duas irmãs, que também fizeram faculdade. Elana conta que a família de Fernanda sempre foi uma inspiração para ela:

[...] eles [os pais de Fernanda] criaram as filhas na comunidade mas nenhuma virou prostituta, piranha, nem mulher de bandido. Cresceram e as três têm faculdade. E a irmã da Fernanda, a Isadora, é concursada na Prefeitura. Então, cara, a favela tem jeito sim, né? [...] Então, essa foto representa a força da comunidade. Aqui tem várias pessoas formadas, mas as pessoas não sabem disso. [...] Por isso que eu chamei a Fernanda, pra mostrar que na favela tem gente sim formada, gente de bem (Elana Paulino, 39 anos).

Como vimos no capítulo anterior, o diploma de Ensino Superior é o que define o sucesso escolar para os segmentos populares (Souza e Silva, 2018). O fato

de Fernanda ter concluído duas faculdades seria então motivo de destaque dobrado para Elana. O orgulho que a entrevistada demonstra em sua fala sobre a trajetória de Fernanda remete à comprovação de quão bem-sucedido academicamente o morador da favela é capaz de ser.



Figura 26 – “Capoeira na laje”  
Fonte: Fotografia de Elana Paulino.

Segundo Bourdieu (2015), o *habitus*<sup>40</sup>, como conjunto de práticas sistemáticas de um agente que constituem um estilo de vida e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas que constituem um outro estilo de vida, produziria os “sinais distintivos”, ou “gostos”, classificando e hierarquizando socialmente grupos e indivíduos. Podemos dizer, assim, que a família de Fernanda seria associada por Elana à ideia de “distinção”, na medida em que os investimentos em cultura são um dos principais sinais distintivos de um gosto cultivado.

#### 6.1.4. O lazer jovem nas favelas

Em um dia de sol, vemos a favela Santa Marta e o Cristo Redentor ao fundo e um homem jovem tomando banho de chuveiro na laje (Figura 27). Elana, a autora da obra em questão, relata que a foto foi feita no início da pandemia de Covid-19,

<sup>40</sup> Por não ser objetivo dessa dissertação um maior aprofundamento no conceito de *habitus*, sugere-se a leitura de “A distinção: crítica social do julgamento”, de Pierre Bourdieu.

durante o período de distanciamento social estabelecido por Governos e Prefeituras. Para a fotógrafa, enfrentar a pandemia não foi fácil para os moradores da favela, que sofreram também com o desemprego e a falta de recursos materiais, chegando em alguns casos a até passar fome. Por outro lado, Elana conta sobre a importância de poder subir para a laje, olhar para o céu e ter um momento de lazer, mesmo diante do contexto de confinamento e das dificuldades que se apresentavam. Para ela, esses momentos de lazer ao ar livre eram um “privilégio” e uma forma de se reabastecer de esperança.

[...] um privilégio, né? A gente, favelado, poder ter esse ar livre. Diferente de quem mora num apartamento, né? A gente teve esse privilégio, de poder ficar ao ar livre, poder olhar pro céu, tomar um banho na laje. Então, acho que a gente foi muito privilegiado, né? Por mais que a gente também foi prejudicado por causa da fome e do desemprego, mas a gente teve essa liberdade, de poder olhar pro céu, de poder respirar, olhar ali pro Cristo e poder ter esperança de dias melhores (Elana Paulino, 39 anos).



Figura 27 - “Lazer”

Fonte: Fotografia de Elana Paulino.

A laje, como espaço de lazer, é também tema de outra foto de Elana. Ela relembra que viu a cena da amiga Bia tomando sol na laje de casa, percebeu o contraste entre morro e asfalto, ao fundo, e então teve a ideia de fazer a foto, a qual batizou de “Garota da laje” (Figura 28). Para Elana, os jovens das favelas têm a



especial habilidade de criar possibilidades de lazer acessíveis, sendo a laje um espaço onde muitos desses momentos acontecem.

Essa imagem me representa. Quando eu dou entrevista, se perguntarem: ‘Qual imagem te define?’. Essa daí! O sol na laje, a cultura da favela, a gente não precisa de muito pra se divertir, né? Tá sem dinheiro pra ir pra praia! Vai lá, coloca a canga, coloca um óleo. E estamos felizes aí, ó! Só com um solzinho na laje (Elana Paulino, 39 anos).

Vale notar na fotografia de Elana a presença das pedras portuguesas decorando o piso da laje, remetendo ao Calçadão de Copacabana. Assim como na foto anterior em que a entrevistada destaca o privilégio do morador do Morro Santa Marta em poder contemplar o Cristo Redentor, a referência ao Calçadão de Copacabana pode também aqui ser compreendida como um desejo de pertencimento e uma forma de aproximação simbólica da favela aos cartões postais da Cidade do Rio de Janeiro.



Figura 28 – “Garota da laje”  
Fonte: Fotografia de Elana Paulino.

Compartilhando de uma visão semelhante àquela abordada por Elana, a foto de Josiane transmite a alegria da juventude da favela, que, para ela, sabe ser feliz

“sem precisar de muito” (Figura 29). A entrevistada conta que havia acabado de comprar sua primeira câmera fotográfica quando viu pela janela de casa um grupo de crianças e jovens abraçados na rua, um deles o seu irmão, festejando a chuva que caía. Era dia 31 de dezembro de 2013.

É uma foto que eu sou apaixonada porque é uma foto de final de ano. 31 de dezembro de 2013, esses meninos, eles sempre se reúnem. É isso que eu te falo, né? A questão do subúrbio, a questão da favela que tem isso, tem essa coisa de se reunir, de tá todo mundo junto pra jogar o último futebol do ano [...] E é isso, cara! São as formas que a gente vive, a gente nem precisa de muito não, pra ser feliz não. Só isso daí já faz a gente feliz, né? Esse momento já faz a gente feliz (Josiane Santana, 33 anos).



Figura 29 - “Só os crias”

Fonte: Fotografia de Josiane Santana.

Além das lajes, quadras esportivas são importantes espaços de lazer nas favelas, mas nem todas contam com essa possibilidade. Omar me explica que a quadra poliesportiva hoje existente no Morro da Babilônia foi resultado de muita reivindicação e luta da comunidade junto ao poder público, durante anos (Figura 30). Hoje, esse é um importante espaço de lazer para os moradores, ocupado por crianças, jovens e adultos: “Durante o dia você vê mais as crianças, os jovens mais à noite ali. Você passa 19, 20h, são os adultos que tão ali se divertindo, né? Tendo um momento de lazer”, ele conta.



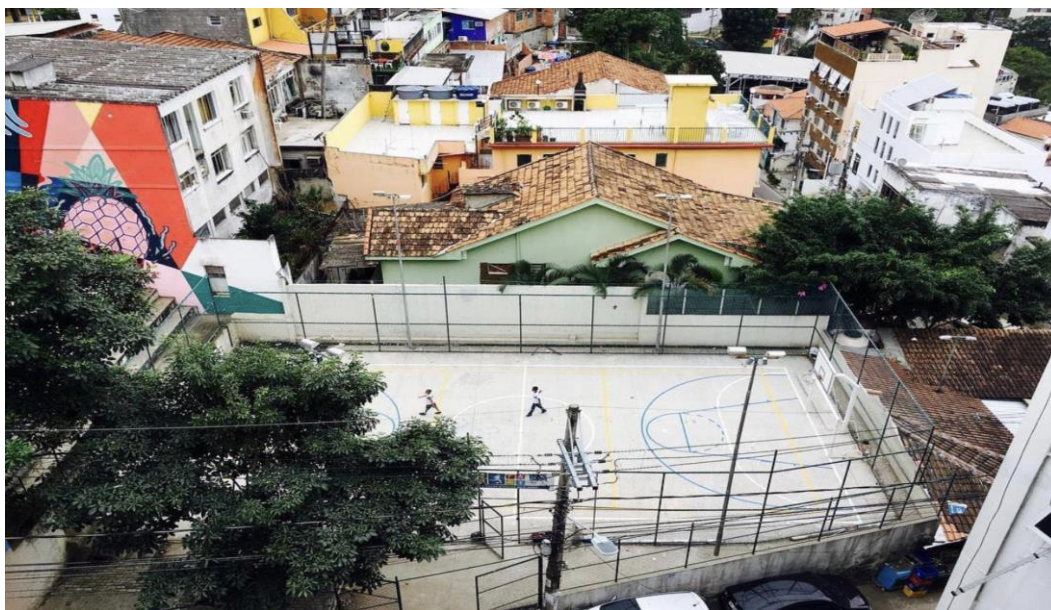


Figura 30 – “Coisa de criança”  
Fonte: Fotografia de Omar Britto.

Pergunto por qual perfil de jovem a quadra é mais frequentada e a resposta vem sem hesitação: “Por todos!”. Omar então me explica que jovens que seguiram “diferentes caminhos” podem conviver em um mesmo ambiente, pois a grande parte dos moradores de uma favela pequena como a Babilônia se conhece desde a infância e os espaços de lazer acabam sendo compartilhados por todos:

Eles podem estar no mesmo espaço. Não necessariamente juntos, podem até serem amigos, terem um ciclo social em comum, entendeu? Podem estar nesse grupo ou não, estarem ali naquele espaço sem estarem interligados entre si (Omar Britto, 34 anos).

Se não há quadra construída, o campinho de futebol funciona também como local para reunião de adolescentes e jovens. Mesmo quem não está jogando pode estar ali, vendo o jogo e se distraindo de alguma forma. Na foto de Magno, vemos parte do Morro do Cantagalo, os prédios do “asfalto” e o morro Dois Irmãos ao fundo, além de um menino sentado em um muro (Figura 31). Magno conta que bem ao lado há um campinho de futebol e o muro é uma espécie de arquibancada para quem quer passar o tempo vendo o jogo e a vista.

Essa eu chamo de ‘Menino do muro’. É a galera que fica, ali atrás, onde ele tá, do lado esquerdo, tem um campinho. A galera fica ali no morro, sentado, olhando pro campo, olhando pro mar também [...] Isso. É mais ou menos isso. É uma ‘arquibancadazinha’, que a galera senta ali no muro, fica conversando, trocando ideia um com o outro (Magno Neves, 30 anos).



Figura 31 – “Menino do muro”  
Fonte: Fotografia de Magno Neves.

Estar entre amigos, sair, se divertir e passar o tempo são hábitos comuns a diferentes grupos juvenis. Assim, pensar sobre o lazer e o tempo de “não fazer nada” pode nos dizer muito sobre as diferentes nuances das culturas juvenis nas favelas. Falar, conversar, estar (por estar) com os amigos representam alguns dos mais frequentes modos de “não fazer nada” e onde se produzem as solidariedades e identidades grupais (Pais, 1993).

Rocha & Pereira (2009, p. 55, grifo dos autores) nos lembram ainda que:

A noção de grupo possui, para os adolescentes, um valor fundamental. É o grupo que libera o espaço necessário, espaço essencial mesmo, para o acontecimento das trocas. O grupo é o *lugar* simbólico onde se realiza a repartição da experiência. É de onde os adolescentes retiram boa parte de seu sentido de solidariedade e onde encontram o suporte necessário para a complicada negociação coletiva dos valores que giram em torno da construção das identidades singulares.

O tempo de lazer entre amigos significa a ruptura do cotidiano familiar, escolar ou profissional onde predomina a autoridade adulta, permitindo assim a exteriorização das potencialidades do grupo a partir do desfrute de uma certa autonomia, na medida em que ali “[...] os adultos se encontram espacial e simbolicamente afastados” (Pais, 1993, p. 111). Para o autor, “[...] as culturas juvenis são, na sua essência, culturas de lazer” (Pais, 1993, p. 188).

Símbolo das “coisas boas” da favela e um verdadeiro “fenômeno cultural”: assim Anderson descreve o ato de “soltar pipa”, uma prática de lazer democrática e inclusiva, que atrai crianças, jovens e adultos. “Todos se reúnem, sobem numa laje, aí todo mundo solta, se diverte e passa o dia todo soltando pipa”, ele relata. Nesse momento, as idades se confundem e os anos vividos parecem não fazer diferença.

A Figura 32 traz o registro espontâneo de um instante dentro desse contexto: Anderson conta que estava naquele dia fotografando pela favela quando viu um jovem homem soltando pipa em uma laje, desenrolando uma rabiola e então lembrou o quanto aquela atividade sempre foi presente em sua infância e juventude: “É uma coisa cultural, assim, efervescente dentro da favela. Eu cresci com isso [...]. Então me traz esse frescor na memória, assim. Muito forte. [...] Me traz essa nostalgia” (Anderson Valentim, 38 anos).



Figura 32 - “O lazer está no céu”  
Fonte: Fotografia de Anderson Valentim.

Josiane também relata que soltar pipa é mais do que uma atividade de lazer: faz parte da cultura da favela e simboliza movimento, gregarismo, alegria. Na foto de sua autoria (Figura 33), vemos um menino que se prepara para colocar uma pipa no alto, sendo observado por outros três amigos. A sombra dos quatro projetada na

parede indica um dia de sol. Josiane explica que soltar pipa é uma atividade praticada por moradores de todas as idades na favela: crianças, jovens e adultos. Os mais velhos talvez tenham uma lembrança boa da criança que foram um dia, como os quatro amigos dessa imagem.

Eu sou muito apaixonada por essa foto porque tem essa questão das sombras, tem a questão da geometria que é muito presente nas minhas imagens e tem essa questão mesmo de estar todo mundo reunido, brincando no seu momento de lazer, no seu momento sublime de leveza, entendeu? Eu gosto de ver a favela assim, desse jeito. É esse tipo de movimento que eu gosto de ver na favela, que é quando tá todo mundo junto, quando tá todo mundo brincando, conversando, dialogando, né? É esse tipo de imagem que eu gosto de ver (Josiane Santana, 33 anos).



Figura 33 - “Sombra, luz e pipa”  
Fonte: Fotografia de Josiane Santana.

Magno relata que durante o período mais restritivo de circulação da pandemia de Covid-19, soltar pipa era a única atividade de lazer possível para ele e para muitos jovens do Morro do Cantagalo. O entrevistado relembra o momento em que fez a foto da Figura 34: o pôr do sol visto da favela estava especialmente bonito naquela tarde. Ele então decidiu fotografar o céu em tons avermelhados e a sombra de um rapaz que soltava pipa em uma laje. “Essa daí era a única diversão que tinha na comunidade, era só pipa. A gente só soltava pipa o dia inteiro. Era pipa e casa, entendeu?”, ele relata.

Para Magno, soltar pipa é uma de suas atividades de lazer preferidas. “Acho que eu nunca vou parar”, diz ele.





Figura 34 – “Pôr do sol visto da favela”

Fonte: Fotografia de Magno Neves.

Segundo Rafael, o registro de um “pôr do sol clássico”, visto a partir da Rocinha, conta sempre com a sombra de alguém soltando pipa na laje. Na foto de sua autoria (Figura 35), os fios elétricos cortam a imagem na diagonal, onde o céu azul e alaranjado de um fim de tarde contrasta com a sombra da Pedra da Gávea e de um menino soltando pipa. “Não importa a época do ano, você vai sempre ver um, pelo menos um molequinho desses soltando”, diz ele. Vale notar que a definição de um “pôr do sol clássico” para Rafael contempla ao fundo a imagem de um dos importantes cartões postais da Cidade: a Pedra da Gávea. De certa forma, o registro do pôr do sol a partir da Rocinha integra e aproxima simbolicamente a favela da cidade idealizada.

Assim como comentaram os demais entrevistados, Rafael conta que soltar pipa é uma atividade de lazer que atrai crianças, jovens e “até velho”. Para ele, não há idade limite. Lazer acessível a todos, a pipa possui também a simbologia da

tranquilidade de um dia comum, em que o tempo pode seguir sem a interrupção da violência. Pipa no céu é dia de paz na favela.



Figura 35 - “Juventude na Rocinha 1”

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes.

### 6.1.5. Amizades e adolescência

Mais uma vez, a pipa é um tema presente na foto de Rafael. Vemos quatro crianças soltando pipa em uma laje (Figura 36). Vemos também várias casas da favela da Rocinha ao fundo, além da mata e, novamente, o pico da Pedra da Gávea. Para Rafael, essa é uma imagem sobre pureza e amizade. “Essa conta um pouco da pureza, né? Da criança também, e das amizades, que você tem na favela”, diz ele.

Pergunto a Rafael se as amizades da infância podem permanecer vivas mesmo quando as crianças crescem e seguem caminhos diferentes. Ele não demonstra nenhuma dúvida: “Sim. Com certeza”. Rafael entende que as quatro crianças retratadas nessa imagem podem se tornar jovens diferentes, percorrendo caminhos distintos e, ainda assim, podem continuar amigos. Para ele, as amizades que se formam na favela “são muito únicas”.





Figura 36 - “Juventude na Rocinha 2”

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes.

Seguindo o mesmo ponto de vista de Rafael, Magno me fala sobre “Amizade é tudo”, foto de sua autoria (Figura 37). Pergunto qual teria sido sua inspiração e ele me conta que quis retratar o que é a amizade no morro.

Esses moleques aí, eles estavam abraçados e dois minutos depois, estavam se pegando na porrada, entendeu? E aqui no morro, é mais ou menos isso: amizade e rivalidade. Às vezes, uma coisa que não tem nada a ver, entendeu? E todo mundo é amigo (Magno Neves, 30 anos).

Segundo Magno, adolescentes e jovens da favela também se comportam assim nas relações de amizade: brigam e logo fazem as pazes, especialmente porque se conhecem desde pequenos. No final, a amizade continua sendo mais forte.



Figura 37 – “Amizade é tudo”  
Fonte: Fotografia de Magno Neves.

Para Rocha & Pereira (2009), a amizade é um dos eixos centrais que sustentam a adolescência como fenômeno social.

Fazer amigos é uma preocupação central dos adolescentes, que orientam grande parte de suas decisões visando atingir esse objetivo. A sociabilidade é um valor fundamental no processo de construção de identidades e de demarcação das fronteiras sociais. Pela interação com as diferenças, ampliam-se as possibilidades de inclusão social (Rocha & Pereira, 2009, p. 67).

#### **6.1.6. Força e resistência**

Uma construção precária, com uma faixa onde se lê “Gentrificação”, foi o cenário escolhido por Elana para a foto da Figura 38. Vemos um jovem transexual posando para o clique. Ao fundo, um menino com casaco de capuz observa discretamente a cena.

Elana me conta que convidou Niza, modelo da foto, para fazer um ensaio em que ela pudesse se sentir à vontade.

Falei: - ‘Seja o que você é!’. E foi engraçado as pessoas olhando um homem de vestido, né? Tanto que tem o menino lá atrás. O Anderson<sup>41</sup> fala que aquela lá que é a foto, do menino lá olhando, lá no fundo. E ele sem vergonha, sabe? De posar (Elana Paulino, 39 anos).

Pergunto sobre a escolha do cenário e, mais especificamente, sobre a faixa com a palavra “gentrificação”. Ela me explica que essa parte da favela Santa Marta estava naquela época sob risco de remoção, o que gerou um movimento interno de resistência. A faixa que se vê na foto era uma manifestação dos moradores. Ela conta que escolheu esse cenário para que sua foto fosse também uma forma de denúncia e resistência.

[...] eles estavam querendo tirar a comunidade, né? E a comunidade, a cultura da favela, vem de cima. O Santa Marta começou de cima pra baixo, então, não podia tirar isso na gente, a nossa cultura. Então estava tendo uma resistência forte lá no pico, pra não derrubarem as casas lá de cima. Eu falei: - ‘Cara, duas imagens que chocam!’, né? O barraco de madeira que estão querendo tirar e um homem gay porque as pessoas ainda acham estranho ver um homem de vestido (Elana Paulino, 39 anos).

Convidar Niza para um ensaio foi para Elana uma maneira de dar visibilidade a tantos jovens das favelas que não se enquadram no padrão heterossexual socialmente imposto, sofrem preconceito e, muitas vezes, risco de vida. Elana relata ter vivido essa situação em sua própria família.

Eu tive um irmão, então assim, eu posso falar por ele. É muito preconceito. As pessoas não querem ver um homem de vestido. Falam: - ‘Você é homem, você nasceu pra ser homem!’. E quando meu irmão falou que ele era gay, eu chorei muito, mas não porque ele era gay, mas com o que ele ia sofrer. A gente sabe com o que o gay sofre, né? Então tive muito medo, né? Que eles apanham, são esculachados, eles não são aceitos. O preconceito ainda é muito grande em relação a isso. E meu medo era esse, né? De ele sofrer violência. E eles morrem por ser gay [...]. Eu não sei como que eles são no asfalto porque eu não conheço, não convivo com gente gay assim, do asfalto. Mas na favela, eles se vestem como se fosse mulher. Acho que no asfalto não, eles botam roupa normal, né? Mas têm os trejeitos. Na favela, não. Coloca o vestido, coloca cabelo, coloca a maquiagem. E aparecem mais. Então eu acho, que com isso, sofrem mais, por aparecer mais, né? Por mostrarem o que eles querem ser (Elana Paulino, 39 anos).

A fala da entrevistada nos leva a pensar sobre a fragilidade das redes de proteção social e garantias de direitos na favela, em oposição ao “asfalto”, exigindo de seus moradores uma dose maior de resistência contra mecanismos de opressão. Assim, para Elana, tanto um jovem transexual, quanto uma faixa denunciando um

<sup>41</sup> Anderson Valentim, um dos fotógrafos do projeto Favelagrafia.

processo arbitrário de remoção na favela são formas de resistência que merecem ser eternizadas em uma imagem.



Figura 38 - “Gentrificação”

Fonte: Fotografia de Elana Paulino.

Um tempo depois, quando estava trabalhando nas imagens que seriam apresentadas na exposição “Favelagrafia 2.0”, segunda exibição do projeto no MAM Rio, em 2019, Elana conta que convidou Henry, fisiculturista e morador do Morro Santa Marta, para fazer uma foto. Ela relembra que a casa escolhida como cenário foi a mesma da foto “Gentrificação”, demolida pelo poder público no processo de remoção das áreas mais altas da favela e que hoje não existe mais (Figura 39). “Caramba, eu consegui registrar, antes que derrubassem”, diz Elana. Para ela, os músculos de Henry também remetem à força dos moradores que resistem às remoções e dizem muito sobre a favela: força física e interior. Força para recomeçar.

O Favelagrafia 2.0 tinha que mostrar o talento, né? As potências das comunidades. E o Henry, ele é fisiculturista. E ele fez uma pose, que ele tem orgulho dessa pose, que ele conseguiu ficar todo certinho, os ombros dele e tal. E eu quis fazer essa moldura com o barraco. Por quê? Porque ela representa a força que vem de dentro. A força que vem da gente, que vem da favela (Elana Paulino, 39 anos).



Figura 39 – “Força”

Fonte: Fotografia de Elana Paulino.

A força interior da jovem artista negra foi a inspiração de Josiane para a foto da Figura 40. Sabrina, mais conhecida como MC Martina, é moradora do Complexo do Alemão, poetisa, *rapper*, fundadora do coletivo “Poetas Favelados” e uma das organizadoras do “*Slam Laje*”, evento de batalha de poesia realizado em várias favelas do Brasil, incluindo o Complexo do Alemão. Josiane a descreve como “uma deusa preta”, com o poder de transformar em arte as dores vividas e de se refazer continuamente.

Ela é uma mulher que é muito foda. Desculpe o palavrão. Mas ela tem uma força que é incrível e ela ressignifica e transforma isso em poesia, né? E vira arte. Quem se dispõe a ouvir a arte dessa mulher, fica apaixonado por ela [...]. Ela é o retrato da jovem que ressignifica e que tá escrevendo assim, uma história sensacional, sabe? E transformando a sua própria história (Josiane Santana, 33 anos).





Figura 40 - “Deus é uma mulher preta e poeta”

Fonte: Fotografia de Josiane Santana.

Força é também o que Joyce vê em Andressa, jovem moradora do Morro da Providência, que posa nessa foto em frente a uma obra de arte do centro cultural “Casa Amarela”<sup>42</sup>, na parte alta da favela, contrastando com a imensidão do céu azul (Figura 41). Ela está vestindo camiseta e short e em seus braços e pernas vemos marcas de vitiligo. Joyce me conta que também teve vitiligo, mas conseguiu tratar a doença ainda em estágio inicial e que isso teria criado uma conexão entre elas. O sonho de Andressa é ser modelo, o que Joyce sempre incentivou. Para a fotógrafa, a postura de Andressa nessa foto transmite a força e a segurança da jovem da favela que sonha alto, mas ao mesmo tempo mantém os pés firmes no chão para lidar com a realidade.

---

<sup>42</sup> Centro comunitário e cultural no Morro da Providência. Disponível em: <http://www.canartchangetheworld.net/casaamarela/sobre-nos>. Acesso em: 04 jul. 2021.



Figura 41 - “Princesa da favela”

Fonte: Fotografia de Joyce Marques Piñeiro.

Segundo Omar, para resistir na favela é preciso não perder a esperança e acreditar que tudo se renova, como o sol que se põe e nasce no outro dia. Para ele, é isso que a foto de sua autoria, na Figura 42, transmite: um jovem apreciando o sol se pondo e o céu em tons de laranja, a partir do alto do Morro da Babilônia, olhando para o horizonte, contemplando a beleza daquele momento com a esperança de que o dia seguinte seja melhor, mesmo diante das incertezas. “Será que eu vou ter a vida amanhã? Como vai ser o dia de amanhã? É sobre aquele jovem esperançoso, o jovem que tem esperança de amanhã ser um dia melhor”, ele me conta.



Figura 42 - “Aprecie sem moderação”  
Fonte: Fotografia de Omar Britto.

### 6.1.7. Futuros possíveis

Como parte do projeto Favelagrafia 2.0, Joyce ministrou um breve curso de fotografia na sede da “Casa Amarela”, centro cultural e artístico no Morro da Providência. Ela relata que a maioria dos inscritos foram crianças e adolescentes, que ouviam atentamente suas explicações sobre as etapas do processo fotográfico. Na segunda parte do curso, a proposta era um exercício prático de fotografia, momento registrado por Joyce na imagem da Figura 43. A entrevistada destaca a importância do acesso a referências para que crianças e adolescentes das favelas possam crescer como jovens potentes e destaca ter se sentido uma inspiração para aquele grupo.

Eu acredito muito que as crianças se espelham nos adultos. Muitas crianças querem ser os adultos que elas admiram e eu acredito muito nisso, sabe? Se você for o adulto que a criança admira, se for acessível pra essa criança, eu acho que ela vai tentar ser também uma pessoa melhor, sabe? Tentar escolher caminhos melhores pra vida dela (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).





Figura 43 - “Fotógrafos da Casa Amarela”  
Fonte: Fotografia de Joyce Marques Piñeiro.

Acesso também é para Joyce o tema central de outra foto que ela traz para a entrevista (Figura 44). Nessa imagem, um adolescente com o cabelo tingido de loiro está sentado em uma cadeira de plástico amarela, contrastando com o chão de cimento. Ele está sentado na sombra, ao ar livre, e o sol bate a seu lado. O joelho dobrado serve de apoio para o celular, cuja tela ele olha atentamente. Parece concentrado e interessado no que vê. Segundo Joyce, essa é uma imagem sobre o poder do acesso e da conexão digital para estimular a curiosidade e apresentar aos adolescentes das favelas mundos por eles ainda não explorados.

Então, aí essa, me passa muito, conexão de um mundo, sabe? Talvez um mundo que exista ou talvez um mundo que ele idealize pra ele. Sei lá, essa conexão com o celular é isso, sabe? Tipo hoje eu tenho um sobrinho e ele fica muito no celular. Aí outro dia, ele tava jogando um jogo que você joga com outras pessoas e uma das pessoas falava em inglês. E aí ele falava ‘Nossa, hoje eu falei com uma pessoa que falava inglês’. E é isso, sabe? Essa conexão que a gente tem com o mundo lá fora, até mesmo com pessoas que falam a mesma língua que a gente, mas que a gente não conhece [...] Abre mais caminhos, faz esses jovens ficarem mais curiosos, sabe? Eu acho que é isso. Tipo, sei lá, eu nunca tinha falado sobre pessoas que falam línguas diferentes com o meu sobrinho e ele teve esse acesso, no celular, sabe? Foi engraçado (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Segundo Rocha & Pereira (2009), os *gadgets* são fundamentais para a comunicação do adolescente urbano com o mundo, além de conferirem a ele o status de mediador da tecnologia, determinando seus usos e protagonizando suas práticas.

Através dos *gadgets*, os adolescentes legitimam seu domínio dentro de um importante ambiente da modernidade, que é a tecnologia. Através dela, inscrevem sua marca no mundo, como nunca antes conseguiram. São os principais consumidores, mas também produtores de um conhecimento hipervalorizado na modernidade. O exercício do *poder* lhes é, pela primeira vez, permitido e respeitado (Rocha & Pereira, 2009, p. 70, grifo dos autores).

Além de propiciar e acumular experiências, os *gadgets* teriam também a função de projetar o jovem para o futuro (Rocha & Pereira, 2009). A imagem do adolescente com os olhos fixos na tela do celular nos leva a pensar na importância da tecnologia como via de acesso a novos futuros possíveis para os jovens das favelas.

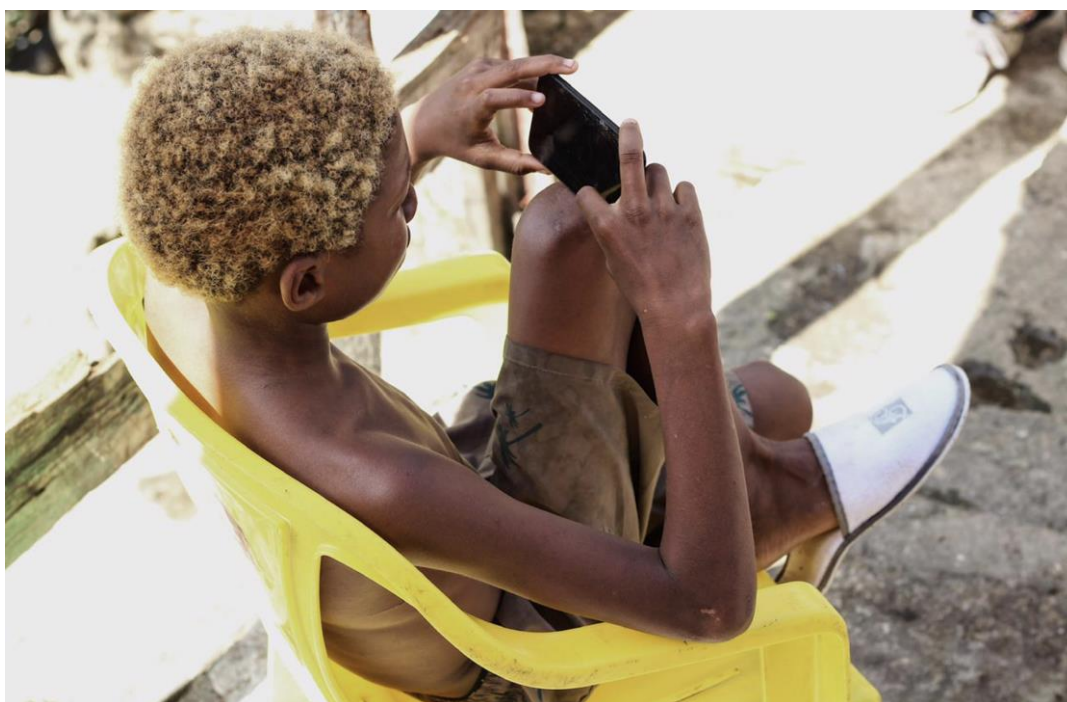


Figura 44 - “Moleque moderno”  
Fonte: Fotografia de Joyce Marques Piñeiro.

#### 6.1.8. As favelas e a(s) moda(s)

As irmãs Sami e Lelê posam para a lente de Joyce em um ensaio fotográfico na quadra do alto do Morro do Borel (Figura 45). As cores das roupas que vestem e das bandeirinhas juninas que decoram o ambiente contrastam com a vegetação ao fundo e o céu de um intenso azul. Joyce conta que a ideia era mostrar a força da moda dentro de uma favela do Rio. O figurino ficou a cargo da dupla de modelos, a partir de um acervo próprio.

Eu gosto muito da força que elas colocam nas produções que elas montam [...] Eu acredito muito na força da moda de dentro da favela. Não que essa seja a moda da favela, mas assim, a produção que elas fizeram foi incrível e eu gostei muito. E também traz uma força, né? Esse cabelo delas, eu gosto muito. Gosto muito! (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

No entendimento de Joyce, há um olhar estereotipado sobre as formas de se vestir dos jovens da favela, especialmente considerando um preconceito associado ao corpo da mulher.

Por exemplo, a mulher que usa aquele shortinho curto, ou que usa aquela roupa grudada, ou que só anda de biquíni pra cima e pra baixo, sabe? Ela é associada a algumas coisas que não deveria ser associada, sabe? [...] É uma estética de dentro da favela. Não é brega [...] (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

A cultura de massa, ao estabelecer por meio de representações sociais “o que é moda”, contribui também para criar a percepção de exclusão por parte de quem está fora dos padrões estabelecidos (Pereira, 2008). Joyce acredita que usar biquíni e short curto é uma moda legítima, mas que nem todos os jovens da favela se vestem assim. Há outras modas possíveis, outras belezas e outros estilos, como mostram as modelos que posam na foto de sua autoria. Remeto aqui à ideia de “sinais de distinção” de Bourdieu (2015)<sup>43</sup>, como sistema social classificatório, sendo os cuidados com a apresentação de si um dos notáveis sinais do gosto “cultivado”.

Simmel (2008, p. 25) nos aponta que, para a moda, as duas funções básicas inseparáveis são unir e diferenciar, “[...] das quais uma, embora constitua ou porque constitui a oposição lógica à outra, é a condição da sua realização”. A partir da conversa com Joyce, reflito que as funções que caracterizam a moda estão presentes não somente entre jovens da favela e jovens do “asfalto”, como suporia o senso comum, mas também entre os próprios jovens das favelas, unindo e diferenciando grupos e indivíduos, na medida em que as juventudes das favelas devem ser sempre compreendidas em suas múltiplas possibilidades.

---

<sup>43</sup> Por não ser objetivo dessa dissertação um maior aprofundamento no conceito de “sinais de distinção”, sugere-se a leitura de “*A distinção: crítica social do julgamento*”, de Pierre Bourdieu.



Figura 45 - “Favela Afropunk”

Fonte: Fotografia de Joyce Marques Piñeiro.

### 6.1.9. Favela é lugar de trabalhador

Ao falar da foto da Figura 46, de sua autoria, Magno relembra a greve de caminhoneiros que parou o Brasil em 2018<sup>44</sup>. Os dois homens retratados na imagem, carregando grandes sacos de material de construção nas costas são, para o fotógrafo, os “caminhoneiros da comunidade”.

Esses caras, são mais ou menos isso, os caminhoneiros da comunidade. Lá no alto, tem muitas biroskas, casas construindo e sem esses caras aí, nada disso ia estar de pé porque eles que carregam água, bebida, material de construção pros lugares mais altos, entendeu? Você paga pra eles, eles carregam. Então imagina, faltar esses caras dentro da comunidade? [...] Como é que vai ficar? Aí vai faltar pão, vai faltar um monte de coisa... (Magno Neves, 30 anos).

<sup>44</sup> Greve de caminhoneiros no Brasil, em maio de 2018, que durante dez dias paralisou serviços como fornecimento de combustíveis e distribuição de alimentos e insumos médicos no País. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/bbc/2018/05/30/greve-dos-caminhoneiros-a-cronologia-dos-10-dias-que-pararam-o-brasil.htm>. Acesso em: 04 jul. 2021.



Magno me diz que esta foto também remete à ideia de “construção de sonhos”. Ao carregar materiais de construção, os homens retratados na imagem ajudam a construir o sonho de outras pessoas, além dos seus próprios, na medida em que se trata de um trabalho honesto e remunerado.

Eles tão ali ganhando o dinheirinho deles pra botar dentro de casa ou pras próprias obras porque a maioria desses caras são os caras que não tiveram opção nenhuma, entendeu? A maioria não sabe ler, não sabe escrever, sabe? Aqui tem de criança a adulto e idoso, que faz isso até hoje, entendeu? Mas tipo assim, ninguém é forçado. Eles fazem porque sabem que é um dinheirinho que vão ganhar honestamente, entendeu? (Magno Neves, 30 anos).



Figura 46 - “Homens sem cabeça”

Fonte: Fotografia de Magno Neves.

Assim como na foto de Magno, a imagem de autoria de Omar nos mostra uma longa escadaria e um homem carregando uma tampa plana e extensa (Figura 47). Trata-se também de um trabalhador que se remunera ao carregar objetos pesados pelas escadas da favela, uma vez que não há outra forma de transportá-los. Assim como Magno, Omar enfatiza que se trata de um trabalho digno, que sustenta famílias e ajuda a realizar sonhos.

Esse daí é um jovem trabalhador, que é o cara que tá ali na comunidade, mas ele tem que, muitas das vezes, pra sustentar a família ou ter uma coisa, ele tem que carregar, né? Um fardo aí. E esse cara aí, ele tava carregando uma tampa de caixa d'água, né? Pra conseguir o objetivo dele (Omar Britto, 34 anos).

A legenda da foto me chama atenção pelo uso da palavra “também”: “Na favela, também tem trabalhador”. Penso nas ainda tão dominantes representações midiáticas e nos estereótipos socialmente construídos que relacionam a favela a lugar de bandido, criando a necessidade, ainda tão premente, de “provar” por meio da ideia do trabalho como fonte de superioridade moral (Sarti, 2003) que nem todos os moradores das favelas são ligados ao crime ou com ele conviventes.



Figura 47 - “Na favela, também tem trabalhador”

Fonte: Fotografia de Omar Britto.

Mais uma foto de Omar nos leva a refletir sobre o valor do trabalho e as juventudes das favelas. Ele me relata que a foto da Figura 48 foi por ele produzida para a exposição “Favelagrafia 2.0”, em 2019, cujo tema eram as “potências das favelas”. Como uma das representações possíveis dessas potências, Omar relaciona os vários músicos talentosos nas comunidades cariocas, como o jovem por ele

fotografado: “Esse jovem específico, ele é um cara que é produtor musical. Ele vive da música, então assim, ele é um cara que é trabalhador. Ele é um potencial, entendeu?” (Omar Britto, 34 anos).

Na fala de Omar, percebe-se que viver da música não é uma tarefa fácil, especialmente para um jovem que mora na favela. Além do talento, ele destaca que é preciso esforço e, por isso, à dimensão artística, o entrevistado acrescenta a qualidade de ser “trabalhador”.

Essa daí é a realidade de muitas comunidades, de muitas favelas, que é o jovem músico. É o cara que tenta, e tenta às vezes dentro de casa, tocando o instrumento dele [...] Ele é o cara que traz a alegria pro outro, sem saber que está levando essa alegria [...] Aqui ele tá se deslocando. Ele tá levando o instrumento dele pra fazer um som em algum lugar, entendeu? Transmitir essa música dele em vários espaços diferentes (Omar Britto, 34 anos).



Figura 48 - “Em busca do futuro”  
Fonte: Fotografia de Omar Britto.



Ainda sobre o valor do trabalho, mas a partir de uma perspectiva diferente, converso com Rafael sobre uma foto da Figura 49, onde vemos crianças brincando à noite, em uma quadra na favela da Rocinha. Iluminados pela luz de um poste, suas sombras se projetam ao chão. “Todo lugar da favela é assim: quando você olha pro lado, vai ver alguma criança brincando de alguma coisa”, diz Rafael.

Pergunto por que ele havia escolhido essa foto para nossa entrevista. Ele então relembra que estava trabalhando naquela noite, fazendo fotos em um restaurante ao lado da quadra, quando viu essa cena e resolveu registrá-la. O que vemos na imagem são crianças brincando e o que não vemos, mas Rafael me conta, é que enquanto as crianças brincavam, havia ali um jovem trabalhando. Para Rafael, tanto a alegria das crianças, quanto a força de trabalho da juventude representam a favela.

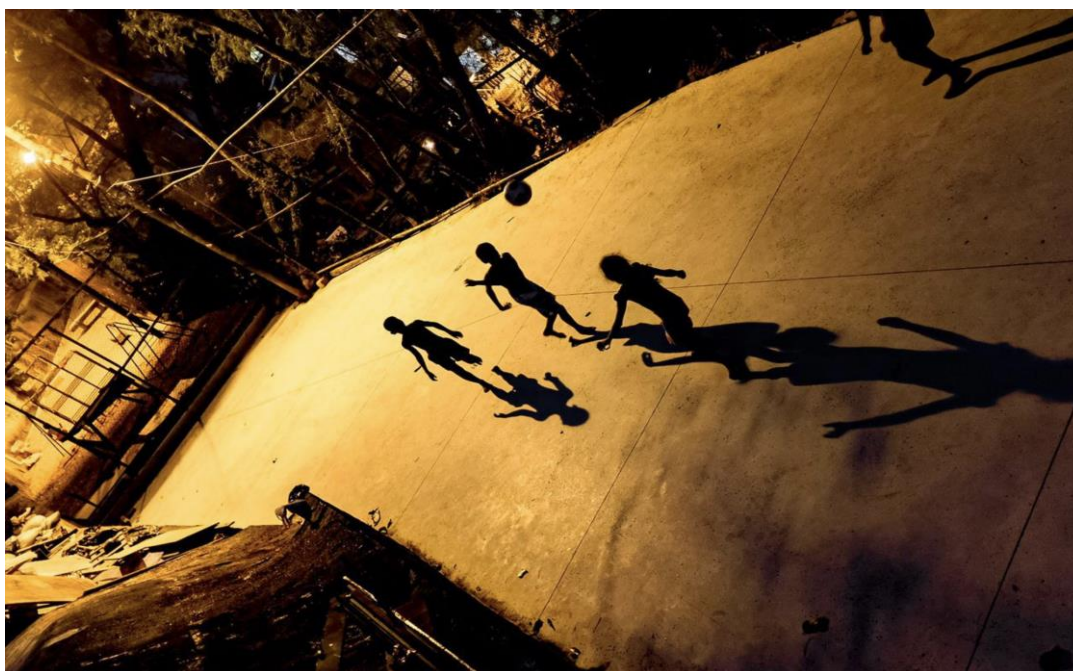


Figura 49 - “Juventude na Rocinha 3”

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes.

#### 6.1.10. Jovens, coragem e risco

Um jovem anda de skate no meio de um ônibus e de uma van, em uma via estreita (Figura 50). Ele olha para trás, como se estivesse calculando o espaço exato para se deslocar entre os veículos. Na mesma cena, à esquerda, um outro rapaz observa o que se passa com a mão na cabeça, indicando um gestual de apreensão. Pergunto a Rafael, autor dessa foto, o que tal imagem transmite a respeito do jovem da favela. Ele responde:



Bom, essa foto na verdade não foi na favela, mas os meus dois amigos que estão na foto são da Rocinha. Ela foi na beirinha da Niemeyer. Bom, ela representa a coragem e até um pouco na insanidade de quando você é jovem. Tipo, você não tem muito medo, assim, do perigo. Você é mais corajoso, quando você é jovem. Eu escolhi ela por isso (Rafael Gomes, 27 anos).

Como já vimos em capítulos anteriores, o pensamento de Le Breton (2009) a respeito das “condutas de risco” nos traz novamente aqui algumas reflexões sobre comportamentos juvenis.

As condutas de risco são o contrário de um jogo com a ideia de morte. Ao manipular a hipótese de sua morte voluntária, o jovem aguça o sentimento da própria liberdade, desafia corajosamente o medo indo à frente dele, convencendo-se de que a qualquer momento possui uma porta de saída caso o insustentável se imponha a ele (Le Breton, 2009, p. 40).

De acordo com o autor, a coragem da juventude que Rafael identifica na foto de sua autoria seria uma estratégia de conquista de autonomia em que o jovem busca compreender seus próprios limites e, com isso, construir uma identidade própria. O autor destaca, ainda, que o forte estímulo pela gratificação dos pares ou pela satisfação narcísica ao provar que é capaz de assumir o risco, frequentemente faz com que a consciência do perigo escape ao jovem ou seja superada pelo desejo de se afirmar.



Figura 50 - “Juventude na Rocinha 4”  
Fonte: Fotografia de Rafael Gomes.

### 6.1.11. *Jovens adultos*: quando as responsabilidades chegam mais cedo

Joyce traz na memória os detalhes do dia em que a foto da Figura 51 foi feita. Ela conta que estava fotografando no Morro da Providência, próximo ao centro cultural “Casa Amarela”, quando viu ali uma caixa de giz e então teve a ideia de fazer o desenho de uma “amarelinha”, brincadeira infantil, no chão. Logo, vieram várias crianças que começaram a brincar e ela também se juntou ao grupo.

Fazia muito tempo que eu não brincava também de amarelinha e aí eu comecei a brincar com as crianças, e aí me vieram vários momentos de criança, de quando a gente não se preocupava com tantas coisas, com o perigo, sei lá, a gente só queria sair e brincar de amarelinha ou de pique-esconde, mas a gente não sabia que o mundo é tão [...] tão cruel e perigoso, sabe? E aí eu acho que me remete a isso (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Joyce remete à infância como uma época protegida da vida e relembra que foi uma criança que brincava bastante, mas teve que assumir responsabilidades desde muito cedo.

Eu comecei a deixar de ser criança e viver um pouco como uma jovem adulta, sabe? Então eu pego muito isso por mim, porque eu comecei a trabalhar nova, e aí tinha várias coisas que algumas amigas minhas faziam, sei lá, sair do colégio e ir tomar um sorvete e, muitas das vezes, eu não pude fazer isso porque eu tinha que trabalhar [...] Então, assim, eu falo isso, sabe? Esse jovem adulto que tem muitas responsabilidades e acaba deixando de viver algumas coisas por essas responsabilidades (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Para Joyce, é muito mais comum encontrar “*jovens adultos*” na favela, empregando a mesma expressão por ela utilizada, do que no “asfalto”.

Cara, eu conheço várias pessoas que moram lá no Morro da Providência e que desde novos, até mais novos que eu, já faziam várias coisas pra levar dinheiro pra casa, sabe? Tipo, deixa de ser criança, deixa de viver muita coisa pra ter que ajudar a mãe, pra ter que ajudar o pai (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos).

Pergunto em que ela teria se tornado assim que deixou de ser criança. Ela me responde: “Depois que eu deixei de ser criança, eu virei uma *jovem adulta*. Não existiu a *jovem só*. Existiu a *jovem adulta*, entendeu?” (Joyce Marques Piñeiro, 25 anos). Compreendo então que, para Joyce, a ideia de *jovem adulta* remete mais às responsabilidades da vida adulta do que à liberdade da juventude. A despreocupação, que não me parece ter sido parte da sua juventude, seria um

sentimento experimentado por ela somente na infância, naquele tempo distante em que ela brincava de amarelinha.



Figura 51 - “Amarelinha”

Fonte: Fotografia de Joyce Marques Piñeiro.

Além do trabalho, as responsabilidades que caracterizam o *jovem adulto* morador da favela podem ser expressas também pela necessidade de cuidar sozinho de si e dos mais novos, desde muito cedo. A foto de Magno mostra um menino solitário, sentado de costas no alto do Morro do Cantagalo, como se olhasse em direção ao mar (Figura 52). Naquele dia, Magno conta que tinha saído para fotografar e decidiu ir até o Vietnã, parte mais alta do morro, quando encontrou ali o menino sozinho.

Então, esse dia eu fui fazer essa foto, lá no Vietnã, fica lá no alto do morro. Esse menino tava sentado aí [...]. Aí eu falei: ‘Por que você tá aqui sozinho?’. Ele falou: ‘Pô, a minha mãe foi na rua e não voltou até agora’. Aí eu falei: ‘Mas ela foi que horas?’ Ele falou assim: ‘Desde ontem’ (Magno Neves, 30 anos).

O menino estava sozinho com a irmã mais nova e contou a Magno que os dois estavam com fome. O fotógrafo relata que naquele dia tinha vinte reais no bolso, foi até a padaria e comprou um lanche para as duas crianças. Remeto aqui à fala de Joyce sobre os *jovens adultos* da favela, que deixam a infância e entram diretamente em uma fase de grandes responsabilidades. Penso não apenas na juventude encurtada, mas também na infância abreviada. “A criança, com essa idade, já com essa preocupação toda, com uma irmã em casa, sem nada pra comer, é uma parada muito forte, né?”, diz Magno. E do outro lado da tela, fazendo a entrevista por videoconferência, inevitavelmente balanço a cabeça em sinal afirmativo, concordando com ele.

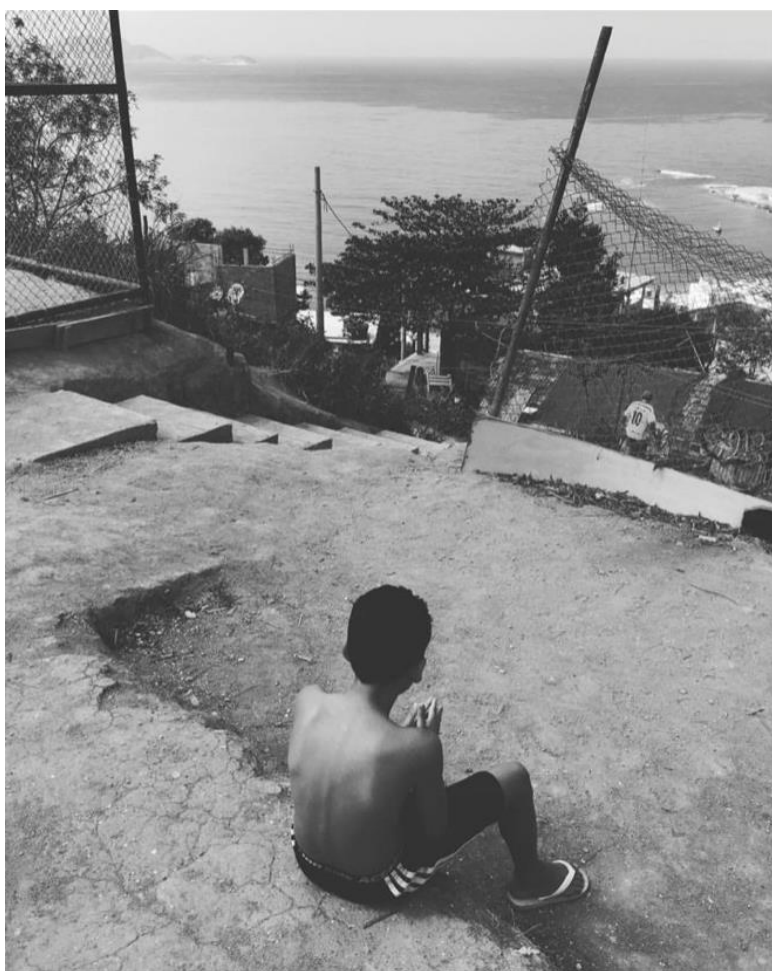


Figura 52 - “O mar é logo ali”

Fonte: Fotografia de Magno Neves.

Um bebê toma banho em uma balde azul. Ele olha para a câmera no momento da foto, segurando uma embalagem de um produto de limpeza (Figura 53). Um jovem está sentado em uma cadeira ao seu lado e parece estar rindo, talvez distraído. “São meus sobrinhos. O que tá na cadeira, o mais velho, é o João Vitor e do baldinho



é o David Miguel”, conta Rafael. João Vitor tinha 14 anos quando essa foto foi feita e nesse dia cuidava do irmão bebê.

Pergunto a Rafael por que ele escolheu essa foto para falar sobre os jovens da favela. Ele me responde que essa é uma imagem sobre a responsabilidade que muitos jovens da favela precisam assumir desde muito cedo, especialmente quando são filhos de “mães solo”. Rafael conta que também passou por essa experiência, em que muito jovem já tinha responsabilidade de cuidar do irmão mais novo para ajudar a mãe. “Minha mãe é por ela mesmo”, diz ele. Diante da necessidade, irmãos mais velhos cuidam dos mais novos enquanto ainda estão aprendendo a se cuidar.



Figura 53 - “Juventude na Rocinha 5”

Fonte: Fotografia de Rafael Gomes.

Segundo Mannheim (1968 *apud* Groppo, 2015b), a modernidade confere à juventude a condição de moratória social: separados do mundo adulto de forma relativa, os jovens vivenciam um tempo de experiências que lhes permite um ensaio para os papéis exigidos pela sociedade na vida adulta. Ao refletirmos sobre a ideia de *jovem adulto* na concepção trazida por Joyce e nos contextos das três fotos que ilustram esse tema, podemos pensar que a concepção de moratória social não é, porém, uma condição homogênea para todos os indivíduos. A realidade se impõe para muitos jovens das favelas, exigindo que assumam responsabilidades desde muito cedo, abreviando, assim, o tempo de ensaio para os papéis da vida adulta ao qual Mannheim (1968 *apud* Groppo, 2015b) se refere.

### 6.1.12. Diferentes desejos de se comunicar

Através de uma janela basculante, vemos o grafite de um gorila contrastando com o tom dos tijolos das construções e casas da favela (Figura 54). Vemos também uma pequena praça e uma parte de céu azul: pedaços da favela, como diz o nome da foto. O grafite, muito presente no Complexo do Alemão, é para Josiane uma forma de comunicação dos jovens por meio das paredes, assim como a pichação, que para ela também significa um desejo de se comunicar.

Então, essa foto, ela fala de outros jovens que estão se movimentando, né? Que tão aí se comunicando, através dos muros, através das paredes, né? Até através da pichação também, que a pichação existe muito dentro da favela e a pichação também é uma forma de expressão que infelizmente as pessoas criminalizam, né? Mas é uma forma de comunicação, né? É uma forma de expressão que a gente precisa pontuar (Josiane Santana, 33 anos).

Para além da exteriorização do desejo de comunicação, os grafites remetem a um saber cultural em que os espaços públicos são objeto de apropriação, expressando o registro de presença e afirmação de identidade, mas, principalmente, a marca de posse de um espaço físico (Pais, 1993).

Tanto a pichação quanto o grafite surgiram como intervenções imagéticas e expressões da necessidade de comunicação do sujeito social nas grandes cidades. Ao longo tempo, o grafite teria se aproximado do status de arte, ao passo que a pichação ainda se manteria associada à ideia de vandalismo. Por trás das pichações, há indivíduos com uma mensagem a transmitir e sujeitos que buscam reconhecimento, que são conscientes dos atos de transgressão que praticam, mas entendem que pichar significa também um ato político ou de afirmação de uma identidade ignorada pela sociedade (Barros, 2012). Assim, por meio do grafite e das pichações, os jovens das favelas se comunicam, afirmam suas identidades e buscam se apropriar de seus territórios.



Figura 54 - “Favela em pedaços”  
Fonte: Fotografia de Josiane Santana.

### 6.1.13. Aprisionados pela realidade

Saulo começa me contando sobre o seu contexto de vida quando fez a foto da Figura 55, a qual deu o nome de “Falcões”. Ele lembra que tinha por volta de 18 anos, estava em uma fase “problemática”, como define, e queria se arriscar em um trabalho fotográfico mais artístico, mostrando um lado real dos jovens envolvidos no tráfico. Como não queria expor as pessoas fotografadas, Saulo relata que procurou ocultar qualquer forma de identificação de seus modelos. Alguns jovens que posaram para sua lente nessa época, hoje estão mortos. Para Saulo, “Falcões” não é uma foto sobre violência. É uma foto sobre reflexões de vida e questionamentos filosóficos.

Eu vejo também um pouco de mim, nessa fotografia. Poderia ser eu. Na verdade, esse cara aí poderia ser eu. E ele tá ali observando o mundo, né? Observando a cidade, pensando mil coisas, né? Questionando sobre a existência dele, né? Refletindo sobre a existência dele, refletindo sobre a existência daquelas realidades ali, que são externas, né? Ele não pode sair. Não pode ter contato com aquela realidade ali. Então só resta observar aquele movimento, fora daquela realidade, né? Então, de certa forma, eu me vejo muito nisso, né? E é isso: é o jovem que tá preso nesse lugar, tá condicionado nessa realidade. Tem o simbolismo ali da arma e da droga na mesma fotografia. Já resume tudo ali (Saulo Nicolai, 28 anos).



Para Saulo, falcões não podem voar. São prisioneiros das próprias vidas e apesar do suposto poder da arma que portam, não podem sair da favela, circular pela cidade, ter outras vivências e conhecer outros mundos.

Sim, ele tá debruçado num muro, né? Ele não passa desse muro aí. Essa é a questão, daquele muro pra frente, são coisas só observáveis, não são coisas palpáveis. É a condição dele. Aquele muro ali é a fronteira dele (Saulo Nicolai, 28 anos).

A observação daquilo que não pode ser seu, é o único recurso que resta a um falcão.



Figura 55 - “Falcão”

Fonte: Fotografia de Saulo Nicolai.

Ainda sobre prisões, reais e simbólicas, Saulo me apresenta uma segunda foto e logo avisa: “Essa foto, ela é pra ser olhada com carinho. Tem muitas coisas postas aí nessa fotografia” (Saulo Nicolai, 28 anos). Peço então que ele vá me contando sobre cada um dos significados da imagem da Figura 56.

É um jovem negro de favela, né? De um lado tem a favela, de outro lado tem o cartão postal, bem famoso, né? Um local onde, normalmente, são pessoas brancas, que residem. Vale destacar a divisão da cidade dessa forma. Ele tá condicionado também numa realidade. Ele tá cercado ali por um muro. Um muro muito esburacado. Você não sabe o que aconteceu. Você não sabe se foi perfurado por balas ou se só tá danificado ali pelo tempo, pelo clima, pelo ambiente ou o que quer que seja, né? É um muro ali, numa condição precária. Ele tá encarando dois pássaros e os dois pássaros na gaiola estão encarando ele. Eu batizei essa fotografia de ‘Reflexos’. Justamente por isso, né? Dois pássaros presos encarando um outro pássaro preso dentro dessa realidade (Saulo Nicolai, 28 anos).



De acordo com Saulo, a imagem trata dos grandes contrastes estruturais da Cidade: poder olhar para o cartão postal, mas jamais desfrutá-lo, poder contemplar a liberdade, mas estar privado dela. Os reflexos seriam, então, a tradução simbólica do jovem que se vê tão preso em sua realidade quanto os dois pássaros na gaiola.



Figura 56 - “Reflexos”  
Fonte: Fotografia de Saulo Nicolai.

#### 6.1.14. Jovens que voam alto

Durante o trabalho de produção de fotos para a exposição “Favelagrafia 2.0”, segunda exposição do projeto no MAM Rio, Saulo fez uma série de fotos a qual batizou de “Corpos” (Figura 57). Ele então explica a escolha do nome:

Quando a gente fala de corpos na favela, qual é a primeira imagem que vem? São corpos mortos, ensanguentados e jogados. Então a proposta dessa abordagem da palavra corpos é trabalhar justamente com os mesmos corpos que são representados sem vida, aqui exalando vida, potência. Poder, sabe? Então, por isso, que eu batizei de corpos (Saulo Nicolai, 28 anos).

“Corpo em Progressão” é uma das fotos da série “Corpos”. Saulo me conta que a autoria dessa foto é metade dele e outra metade de Gui, o jovem que na foto parece “voar”. Balarino, Gui ensaiava com um grupo de dança nos pilotis do MAM, quando então conheceu Saulo, durante a montagem da primeira exposição do Favelagrafia. Três anos depois, Saulo teve a ideia da série “Corpos” e pensou

em Gui. Marcaram na Ladeira dos Tabajaras, onde o bailarino reside. Andaram juntos pela favela e fizeram várias fotos a partir das poses de dança. Foram então para a laje da casa de Gui, que fez uma flexão e se lançou para a frente com o punho cerrado, como em um voo. Saulo entendeu que essa seria “a” foto, mas decidiu que queria enquadrar outra favela ao fundo, o Morro Santa Marta. Foi então para uma laje vizinha para encontrar o ângulo perfeito e pediu para Gui repetir o movimento. Foram quase 40 minutos de tentativas e repetições até chegarem ao resultado desejado.

É um jovem negro que tá saindo da favela, aparentemente tá voando ali. Tá numa postura de poder e tá progredindo, né? Ele tá vindo, tá avançando, né? Então é essa questão simbólica que eu quero trazer: do jovem que tá avançando, do jovem que tem poder. Do jovem que é poderoso e que, na sua realidade, é um super-herói, sabe? Que tá progredindo, vencendo. Então, é essa imagem que eu queria trazer. E eu queria também, que ela se tornasse, um símbolo do movimento negro também, do movimento periférico [...] um símbolo mesmo de poder, de resistência, de luta, né? É o que eu gostaria de agregar, simbolicamente, assim nessa fotografia (Saulo Nicolai, 28 anos).

Após a exposição “Favelagrafia 2.0”, Saulo vendeu um exemplar dessa foto impresso em 1,2m de altura. Ele me conta que o comprador não quis se identificar. Enviou um intermediário para fechar a compra já informando o tamanho desejado e disse apenas que era para a sala da sua casa: “Só pelo fato da casa comportar uma fotografia de 1,2m, eu imagino o que seja aquela casa, né? Então eu queria estar lá pra ver, sabe?”, ele me conta com orgulho. O jovem Saulo também voou e também está avançando. Um jovem artista em progressão, penso eu.



Figura 57 - “Corpo em progressão”  
Fonte: Fotografia de Saulo Nicolai.

O dia amanhece no Rio de Janeiro e vemos um jovem fotografando o nascer do sol do alto do Morro do Vidigal (Figura 58). Omar, o autor da foto, relembra que nesse dia havia produzido uma festa no alto do Vidigal, com Anderson e Joyce.

Isso foi uma foto de muitos anos atrás, quando Anderson, Joyce e eu, a gente tava montando o projeto de festas voltadas pra comunidade, com arte, cultura, com moda. Um projeto de festa diferente do que existe, né? E aí a gente tinha essa visão de ser o diferencial, de chegar longe com esse tipo de entretenimento. Isso daí foi um final da festa no Vidigal, lá no Mirante do Arvrão (Omar Britto, 34 anos).

O jovem fotografando o nascer do sol é Anderson Valentim. Para Omar, esta é uma foto sobre um jovem promissor, que sonha alto, imagem que ele materializa por meio do amigo Anderson.

O meu modelo aqui é o Anderson. É o cara que pensa grande e quer alcançar lugares bem altos, entendeu? Então, assim, isso que eu vejo nessa foto [...] Foi assim, isso

daí já era 6h da manhã, 5h30... A festa tava acabando e eu tirei essa foto dele. Assim, aquele jovem que sonha num futuro melhor, entendeu? De ter voos altos e que, assim, é o caso do Anderson, né? Hoje ele tá alçando um voo muito mais alto do que eu acho que ele imaginava que poderia alcançar (Omar Britto, 34 anos).

Omar continua falando com orgulho da trajetória de Anderson, hoje diretor de filmes contratado da produtora Boiler, em São Paulo.

Quando eu tirei essa foto, eu até compartilhei isso no *Facebook* esses dias, já tem 4 anos, se eu não me engano. Então assim, de 4 anos pra cá, olha a evolução que ele teve, entendeu? (Omar Britto, 34 anos).

Noto que o sucesso de Anderson é percebido por Omar como o sucesso de todos os nove integrantes do Favelagrafia. Mais do que isso, é a prova de que voos altos também foram feitos para jovens da favela.



Figura 58 - “Gratidão”  
Fonte: Fotografia de Omar Britto.

Como vimos a partir dos escritos de Stuart Hall (2016), a ideia de representação implica em uma disputa pela leitura da realidade por meio da produção e circulação de sentido pela linguagem. Apesar das estratégias de estereotipagem e das políticas racializadas de representação exercerem uma grande força na tentativa de fixar significados, eles também podem ser modificados na medida em que são atribuídos por uma construção social e não estão na coisa em si. Assim, as imagens produzidas pelo projeto Favelagrafia, ao privilegiar o olhar

da potência e da multiplicidade de juventudes, trazem para essa arena de disputa a possibilidade de uma outra representação social de jovens moradores das favelas cariocas.

## 6.2. Síntese do capítulo

Segundo Barthes (2018, p. 36, grifo do autor), “No fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é *pensativa*”. Foi a partir dessa perspectiva que esse capítulo foi desenvolvido: quarenta fotografias de autoria de oito fotógrafos do projeto Favelagrafia e por eles escolhidas nos fizeram refletir sobre outras representações possíveis sobre jovens das favelas, diferentes daquelas midiaticamente dominantes.

Refletimos sobre a urgência de olhares atentos para desconstruir estereótipos, sobre a leveza possível do ballet no meio do turbilhão da favela, sobre o poder dos jovens que detêm conhecimento, sobre o lazer jovem das favelas e a importância do “passar o tempo” para o desenvolvimento das sociabilidades juvenis, sobre a amizade como um dos pontos estruturantes da adolescência, sobre a força e resistência que exalam das juventudes das favelas. Refletimos também que favela é lugar de moda, ou melhor, de muitas modas, assim como favela é lugar de trabalhador, de jovens que veem a fase adulta chegar muito cedo, da coragem e do risco associados às culturas juvenis, de jovens que se apropriam de seus territórios e se comunicam pelos grafites e pichações, de jovens que não podem voar, presos às suas próprias realidades e de jovens que voam alto, muito alto. Vimos que a juventude é intensa, fértil, potente, múltipla. E assim também ela é na favela.

## 7. Considerações Finais

Refletir sobre as favelas como produto do processo de estratificação social urbana iniciado no século XIX, em que as classes populares foram *intencionalmente* deslocadas das áreas nobres da cidade do Rio de Janeiro, foi o primeiro importante pilar de construção conceitual desse trabalho. A clareza sobre a intenção de tal processo como mecanismo de reprodução do poder econômico e social dominante, que há mais de um século vem sendo viabilizado pelo Estado, em consonância com os interesses do capital, leva-nos à compreensão de que a construção social da favela como o lugar do “outro” não se deu por acaso e, da mesma forma, intencionalmente se perpetua. Como vimos, as razões higienistas que no passado motivaram a opinião pública a pressionar pela extinção ou remoção das favelas cederam espaço às motivações da ordem de segurança pública a partir dos anos 1990 (Leite, 2012) e, assim, podemos sublinhar que as razões mudam ao longo do tempo, mas permanece a intenção. A representação estereotipada das favelas e de seus moradores pode ser compreendida, nesse contexto, como um recurso de manutenção de tal distribuição de poder, privilégios e hierarquias, reforçada midiaticamente por meio de matérias jornalísticas, campanhas publicitárias e de imagens que circulam na Internet. Somos espectadores, produtores e reprodutores desse regime dominante de representação, cujo funcionamento também não acontece por acaso.

Durante o desenvolvimento dessa pesquisa, ao me propor a refletir sobre as representações sociais das juventudes das favelas, compreendi que era necessário um exercício de deslocamento e apuro no olhar que pudesse ir além da desconstrução dos estereótipos ancorados nas ideias de pobreza, ausência e violência. Não bastaria substituí-lo pelo olhar romântico que vê os moradores das favelas como *bons favelados* (VALLADARES, 1980<sup>45</sup> *apud* SOUZA E SILVA, 2007, p. 217) ou vítimas passivas de uma estrutura social injusta. Era preciso olhá-los, antes de tudo, como jovens. Simplesmente jovens.

Considerando a juventude como construção social imbricada na própria ideia de modernidade, uma vez que a cronologização do curso da vida foi essencial para a criação das instituições modernas dos séculos XIX e XX, como a escola, o Estado e o mundo do trabalho industrial, a existência de uma multiplicidade de juventudes

---

<sup>45</sup> VALLADARES, Lícia do Prado. *Passa-se uma casa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

significa que este fundamento, assim como outros fundamentos da modernidade, também possui suas contradições (Groppo, 2000). Portanto, o uso sociológico do termo juventudes, no plural, seria uma forma de pontuar e sublinhar a diversidade de vivências desta fase da vida (Rezende, 1989, *apud* Groppo, 2000). Assim como não há uma juventude e, sim, múltiplas juventudes, reducionista seria tentar responder quem é o jovem da favela. Não há “o jovem da favela”, e sim, “os jovens das favelas”, sempre no plural: semelhantes em alguns pontos, diferentes em tantos outros. O olhar atento para o cotidiano desses jovens, conforme proposto por Pais (1990), pode nos fornecer uma pista sobre a beleza e a infinidade de juventudes possíveis, sejam nas favelas ou em qualquer outro lugar.

Durante todo esse trabalho, procurei não falar em nome dos jovens e, sim, ouvir atentamente o que eles tinham a dizer, ciente do meu *locus social* privilegiado como mulher branca, mestranda, moradora da Zona Sul do Rio de Janeiro. Como nos aponta Shucman (2020, p. 29), “O fato de o preconceito racial recair sobre a população não branca está diretamente relacionado ao fato de os privilégios raciais estarem associados aos brancos”. Tal escuta se deu a partir da abordagem das visões dos jovens fotógrafos sobre “cidade”, “favela” e “juventude”, expressas nas entrevistas em profundidade, bem como por meio da análise das imagens por eles escolhidas para compor essa pesquisa. A familiaridade que já existia na minha relação com os entrevistados contribuiu para aquilo que Bourdieu (2012) aponta como condição para uma “comunicação não violenta” na dinâmica entre pesquisador e pesquisado. Considerando que as entrevistas ocorreram durante o período de distanciamento social em função da pandemia de Covid-19 e, por isso, foram realizadas à distância, por aplicativo de videoconferência, acredito que a familiaridade a que o autor se refere foi especialmente importante.

Tive como objetivo tentar levar as visões desses jovens não só ao meio acadêmico, mas aos leitores em geral interessados no tema. Afinal, quanto mais pudermos refletir sobre o que é “norma”, mais atentos estaremos para identificar que a força dos discursos hegemônicos vem exatamente do fato de nos parecerem “naturais”. Segundo Ribeiro (2020, [p. 83-85),

Como disse Rosane Borges, para a matéria “O que é lugar de fala e como ele é aplicado no debate público”, pensar lugar de fala é uma postura ética, pois ‘saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdade, pobreza, racismo e sexismo’.

[...]

O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados.

Na compreensão da potência e da multiplicidade das juventudes das favelas expressas no trabalho projeto Favelagrafia e das trajetórias dos próprios fotógrafos como moradores de favelas, foi possível ali identificar uma outra representação social dos jovens das favelas cariocas, contraposta ao regime dominante de representação. Lembrando os escritos de Hall (2016), se o significado é sempre atribuído por construção social e não está na coisa em si, ele também pode ser modificado.

Posso dizer que essa pesquisa não tem a pretensão de esgotar o tema aqui. Quanto mais nela eu avançava, mais consciente me tornava sobre as inúmeras possibilidades de aprendizado presentes no imenso campo de investigação em que se constituem as juventudes e suas representações sociais. Como um dos questionamentos que poderá ser explorado no futuro, penso no crescente número de jovens moradores de favelas que se expressam pela Internet e pelas redes sociais, impactando nas representações midiáticas dominantes, entre elas, a publicidade. Relembrando o depoimento de Magno a respeito das representações midiáticas dos jovens das favelas nas campanhas publicitárias, questiono-me se a publicidade estaria desconstruindo ou renovando estereótipos e o que distinguiria um movimento do outro.

Elas não mostram a realidade desse jovem [...] Tipo, o jovem, vamos dar um exemplo, eu sou surfista, eles não vão vir aqui em casa, saber um pouco da minha vida. Eles vão fazer publicidade do meu surf, entendeu? Eles não vão vir fazer publicidade assim: ‘Quando você nasceu? Onde sua mãe chegou pra vocês estarem aqui?’ Entendeu? ‘Qual foi a realidade da sua vida, dos seus familiares?’. É essa publicidade, que eu tô querendo dizer, que eles não mostram. Eles não pegam uma história, entendeu? Porque aqui no morro, cada família tem uma história diferente (Magno Neves, 30 anos).

Mesmo com todos os desafios na realização dessa pesquisa impostos pelo grave contexto da pandemia de Covid-19 no Brasil, a generosidade e o acolhimento dos meus entrevistados nesse trabalho, especialmente os fotógrafos do projeto Favelagrafia, certamente fizeram o desafio valer. Mais uma vez, meu muito obrigada a Anderson Valentim, Elana Paulino, Jéssica Higino, Josiane Santana, Joyce Marques Piñeiro, Magno Neves, Omar Britto, Rafael Gomes e Saulo Nicolai. Se a pesquisa transforma o pesquisador, hoje não sou mais a mesma e devo isso a vocês.



## 8. Referências bibliográficas

7 PASSOS para fazer currículo de jovem aprendiz. *Vagas Profissões*, [S. l.], c2021. Disponível em: <https://www.vagas.com.br/profissoes/7-passos-para-fazer-curriculo-de-jovem-aprendiz/>. Acesso em: 21 maio 2021.

A FAZENDA: Record dá detalhes do ‘Sofazenda’, quadro de Carioca. *Estadão*, São Paulo, 18 ago. 2020. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,a-fazenda-record-da-detalhes-do-sofazenda-quadro-de-carioca,70003404176>. Acesso em: 21 maio 2021.

ABREU, M. de A. *Evolução urbana do Rio de Janeiro*. 4. ed. Rio de Janeiro: Instituto Pereira Passos, 2006.

AGAMBEN, G. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. O campo como paradigma biopolítico do moderno. In: AGAMBEN, G. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 125-194.

AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALMEIDA, S. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALVES, A. Documentário ‘Favela é moda’ mostra a beleza dos jovens da periferia carioca. *Diário do Rio.com*, Rio de Janeiro, 16 dez. 2019. Disponível em: <https://diariodorio.com/documentario-favela-e-moda-mostra-a-beleza-dos-jovens-da-periferia-carioca/>. Acesso em: 02 maio 2021.

AMORIM, D. Cariocas ganham alcance nas redes mostrando vida nas favelas, viram influenciadores e já fazem parceria com grandes marcas. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 dez. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/cariocas-ganham-alcance-nas-redes-mostrando-vida-nas-favelas-viram-influenciadores-ja-fazem-parceria-com-grandes-marcas-24794987>. Acesso em: 02 maio 2021.

AOS 19 ANOS, brasileiro é o mais jovem a passar no mestrado em Harvard. *Veja*, São Paulo, 22 jun. 2019. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/aos-19-anos-brasileiro-e-o-mais-jovem-a-passar-no-mestrado-em-harvard/>. Acesso em: 21 maio 2021.

AOS 73 ANOS, José de Abreu está namorando jovem carioca de 22. *IstoÉ Gente*, São Paulo, 28 maio 2019. Disponível em: <https://istoe.com.br/aos-73-anos-jose-de-abreu-esta-namorando-jovem-carioca-de-apenas-22/>. Acesso em: 21 maio 2021.

ARANTES, O.; VAINER, C.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ARAUJO, B. Programa Contraturno Escolar oferece atividades culturais aos jovens cariocas. *Jornal Ponto de Partida*, Rio de Janeiro, c2021. Disponível em: <https://jpontodepartida.wordpress.com/2018/07/30/programa-contraturno-escolar-oferece-atividades-culturais-aos-jovens-cariocas/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

ARTE da favela ocupa mais importante Museu de Arte Moderna do Brasil. *Lifestyle ao Minuto*, Lisboa, 25 nov. 2016. Disponível em: <https://www.noticiasaoiminuto.com.br/lifestyle/310869/arte-da-favela-ocupa-mais-importante-museu-de-arte-moderna-do-brasil>. Acesso em: 02 maio 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA. *Critério Brasil 2020*. São Paulo: ABEP, 2020. Disponível em: <http://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 02 mar. 2021.

ATHAYDE, C.; MEIRELLES, R. *Um país chamado favela*. São Paulo: Editora Gente, 2014.

BANDEIRA, K. Saiba o que é o programa Jovem Aprendiz. *UNINABUCO*: Centro Universitário Joaquim Nabuco, [S. l.], 04 out. 2017. Disponível em: <http://www.joaquimnabuco.edu.br/noticias/saiba-o-que-e-o-programa-jovem-aprendiz>. Acesso em: 21 maio 2021.

BARBOSA, J. L.; SOUZA E SILVA, J. de. As favelas como territórios de reinvenção da cidade. *Cadernos do Desenvolvimento Fluminense*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 115-126, fev. 2013. DOI: 10.12957/cdf.2013.9062. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cdf/article/view/9062>. Acesso em: 20 out. 2020.

BARROS, E. R. L. R. de. *Os muros também falam*: grafite: as ruas como lugares de representação. Orientador: Etienne Ghislain Samain. 2012. 219 f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Multimeios, Campinas, SP, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/284590>. Acesso em: 13 jul. 2021.

BARTHES, R. *A câmara clara*: nota sobre a fotografia. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

\_\_\_\_\_. *O óbvio e o obtuso*: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música. RJ: Nova Fronteira, 1990.

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BECKER, H. S. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

BEIRIGO, N. Meio fotógrafo, meio artista plástico, JR é o ativista urbano que você precisa conhecer. *GQ*, Rio de Janeiro, 11 mar. 2019. Disponível em: <https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2019/03/meio-fotografo-meio-artista-plastico-jr-e-o-ativista-urbano-que-voce-precisa-conhecer.html>. Acesso em: 26 jun. 2021.

BERTOLUCCI, R. Jovens cariocas de destaque que devem brilhar nas próximas décadas fazem planos para o Rio. *O Globo*, Rio de Janeiro, 15 mar. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/rio-450/jovens-cariocas-de-destaque-que-devem-brilhar-nas-proximas-decadas-fazem-planos-para-rio-15600866>. Acesso em: 27 abr. 2021.

BOAVISTA surpreende no Carioca sub-20, e jovem destaque celebra vitória sobre o Botafogo. *GE*, Rio de Janeiro, 21 abr. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/boavista-surpreende-no-carioca-sub-20-e-jovem-destaque-celebra-vitoria-sobre-o-botafogo.ghtml>. Acesso em: 21 maio 2021.

BONA, C. de. Aspectos categoriais e semânticos do prefixo de negação *des-*: uma proposta de análise. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 33-61, dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2014.v16n0a4025>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/4025>. Acesso em: 02 mar. 2021.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

\_\_\_\_\_. *A miséria do mundo*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRAGA, A. Lawrence Grossberg e os estudos culturais hoje. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: E-Compós*, Brasília, v. 16, n. 2, p. 1-13, maio/ago. 2013. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/download/981/675/>. Acesso em: 01 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional da Juventude. *ID Jovem 2.0: o que é*. Brasília, DF, c2019. Disponível em: <https://idjovem.juventude.gov.br/>. Acesso em: 21 maio 2021.

BRITO, E. Músicos cariocas ampliam seu público em meio às lives de nomes consagrados. *Veja Rio*, Rio de Janeiro, 14 jul. 2020. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/puc-rio/jovens-musicos-cariocas-pocket-shows-lives-quarentena/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

BURGOS, M. B. Cidade, territórios e cidadania. *Dados: Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 48, n. 1, p. 189-222, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582005000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/ptssLjzLSyg9vJR6Js5kpKf/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. Favela e luta pela cidade: esboço de um argumento. In: SOUZA E SILVA, J. de et al. (org.). *O que é a favela, afinal?* Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009. p. 52-53. Disponível em: <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/o-que-%C3%A9-favela-afinal.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CAMARA, W. Boxe conquista jovens cariocas: modalidade está sendo muito procurada em academias. In: FOLHA do Iguassú. Rio de Janeiro, 15 jun. 2016. Disponível em: <http://jornalfolhadoiguassu.blogspot.com/2016/06/boxe-conquista-jovens-cariocas.html>. Acesso em: 27 abr. 2021.

CAMPEONATO Carioca ganha ‘tapa no visual’ para a temporada de 2021 voltada para o ‘público jovem’. *Yahoo!Esportes*, [S. l.], 05 mar. 2021. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/campeonato-carioca-ganha-tapa-no-183824455.html?guccounter=1>. Acesso em: 21 maio 2021.

CARIOCA morre e quatro ficam feridos após descarga elétrica em rave no Sul de Minas. *Hoje em Dia*, Belo Horizonte, 13 out. 2012. Disponível em: <http://hoje.vc/1m129>. Acesso em: 21 maio 2021.

CARVALHO, B. *Cidade porosa: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

CASEMIRO, P. Família contesta versão de PM sobre morte de jovem na zona sul de São José. *G1*, Rio de Janeiro, 05 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2020/10/05/familia-contesta-versao-de-pm-sobre-morte-de-jovem-na-zona-sul-de-sao-jose.ghtml>. Acesso em: 21 maio 2021.

CAVALCANTI, M. Do barraco à casa: tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 69-80, 2009. DOI: 10.1590/S0102-69092009000100005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v24n69/05.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

\_\_\_\_\_. O ambiente construído e a politização do cotidiano nas favelas cariocas. *Cadernos Metrópole*, São Paulo, n. 12, p. 65-93, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/view/8810>. Acesso em: 20 out. 2020.

COELHO, G. Projeto de fotografia exhibe realidade das favelas cariocas. *Voz das Comunidades*, Rio de Janeiro, 09 nov. 2016. Disponível em: <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/projeto-de-fotografia-exibe-realidade-das-favelas-cariocas/>. Acesso em: 02 maio 2021.

COIMBRA, V. Jovem é morto a tiros em Marau. *Diário da Manhã*, Passo Fundo, RS, 20 out. 2019. Disponível em: <https://diariodamanha.com/noticias/jovem-e-morto-a-tiros-em-marau/>. Acesso em: 21 maio 2021.

COMO RESERVAR passagem de ônibus de graça com ID Jovem. In: EU Viajo de Ônibus Blog. [S. l.], 31 jan. 2020. Disponível em: <https://euviajo.deonibus.com/passagem-onibus-de-graca-id-jovem/>. Acesso em: 21 maio 2021.

CONCURSO reúne jovens empreendedores de favelas cariocas para transformar grandes ideias em realidade. *Hypeness*, [S. l.], 02 ago. 2017. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2017/08/concurso-reune-jovens-empreendedores-de-favelas-cariocas-para-transformar-grandes-ideias-em-realidade/>. Acesso em: 02 maio 2021.

CRARY, J. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

CRUZ, M. M. da. Vozes da favela: representação, identidade e disputas discursivas no ciberespaço. *Stockholm Review of Latin American Studies*, Estocolmo, n. 2, p. 77-91, nov. 2007. Disponível em: [https://www.lai.su.se/polopoly\\_fs/1.135154.1368786310!/menu/standard/file/SRoLAS\\_No2\\_2007.pdf](https://www.lai.su.se/polopoly_fs/1.135154.1368786310!/menu/standard/file/SRoLAS_No2_2007.pdf). Acesso em: 01 ago. 2019.

DA MATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues. *Boletim do Museu Nacional: Nova Série Antropologia*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 1-12, maio 1978. Disponível em: [http://www.ppgasmn-ufrj.com/uploads/2/7/2/8/27281669/boletim\\_do\\_museu\\_nacional\\_27.pdf](http://www.ppgasmn-ufrj.com/uploads/2/7/2/8/27281669/boletim_do_museu_nacional_27.pdf). Acesso em: 30 jul. 2021.

DOMINGÃO com decisão! [Rio de Janeiro], 31 jan 2021. Twitter: @jovem\_carioca. Disponível em: [https://twitter.com/jovem\\_carioca/status/1355874315695226881/photo/1](https://twitter.com/jovem_carioca/status/1355874315695226881/photo/1). Acesso em: 21 maio 2021.

DOUGLAS, M. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DOUGLAS, M.; ISHERWOOD, B. *O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2013.

DUTRA, W. Z. “Guerra ao Terror”: a (des)construção de uma resposta estratégica de combate ao terrorismo. *Revista Estudos Políticos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 159-181, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.22409/rep.v6i11.39784>. Disponível em: [https://periodicos.uff.br/revista\\_estudos\\_politicos/article/view/39784/22874/](https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/39784/22874/).

É JOGO para se manter. [Rio de Janeiro], 10 abr. 2021. Facebook: Web Rádio Jovem Carioca @radiojovemcarioca. Disponível em: <https://www.facebook.com/radiojovemcarioca/photos/5683598368324639/>. Acesso em: 21 maio 2021.

ESCOSTEGUY, A. C. Os estudos culturais. In: HOHLFELDT, A.; MARTINO, L.; FRANÇA, V. V. (org.). *Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005. p. 151-170.

FAVELA. In: DICIONÁRIO Houaiss. São Paulo, c2019. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-3/html/index.php#1>. Acesso em: 03 ago. 2019.

FAVELAGRAFIA. *O que é o favelagrafia*. Rio de Janeiro, c2016. Disponível em: <http://www.favelagrafia.com.br/2016/o-projeto>. Acesso em: 04 ago. 2019.

FAVELAGRAFIA: histórias. [S. l.: s. n.], 2017. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Favelagrafia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SfXQD2DARko>. Acesso em: 04 ago. 2019.

FIGUEIRA, S. A. O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: FIGUEIRA, S. A. (org.). *Uma nova família?: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1987. p. 11-30.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 201-222.

FREIRE, Q. G. 5 jovens políticos cariocas para ficar de olho. *Diário do Rio.com*, Rio de Janeiro, 28 out. 2014b. Disponível em: <https://diariodorio.com/5-jovens-politicos-cariocas-para-ficar-de-olho/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

\_\_\_\_\_. Pesquisa mostra que Jovem Carioca acha que a Copa é um desperdício da verba pública e muito mais. *Diário do Rio.com*, Rio de Janeiro, 23 maio 2014a. Disponível em: <https://diariodorio.com/pesquisa-mostra-que-jovem-carioca-acha-que-copa-e-um-desperdecio-da-verba-publica-e-muito-mais/>. Acesso em: 21 maio 2021.

GALVÃO, R. A boa safra de jovens designers cariocas. *Casa Cláudia*, São Paulo, 21 dez. 2016. Disponível em: <https://casaclaudia.abril.com.br/moveis-acessorios/a-boua-safra-de-jovens-designers-cariocas/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

GÉNOT, L. de S. M. *#simaigualdaderacial*: análise discursiva de depoimentos sobre raça no Facebook. Orientador: Fabio Sampaio. 2017. 140 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais, Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/85\\_Luana%20de%20Souza%20Martins%20Genot.pdf](http://dippg.cefet-rj.br/pprer/attachments/article/81/85_Luana%20de%20Souza%20Martins%20Genot.pdf). Acesso em: 16 maio 2021.

GOFFMAN, E. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

GOOGLE. In: ENCYCLOPEDIA BRITANNICA. [Chicago, IL: Britannica Group, 2017]. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Google-Inc>. Acesso em: 15 maio 2021.

GROPPO, L. A. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

\_\_\_\_\_. Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis. *Revista Em Tese*, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 4-33, jan./jul., 2015b. DOI: 10.5007/1806-5023.2015v12n1p4. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/1806-5023.2015v12n1p4>. Acesso em: 29 junho 2020.

\_\_\_\_\_. Teorias pós-críticas da juventude: juvenilização, tribalismo e socialização ativa. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, Manizales, v. 13, n. 2, p. 567-579, jul./dez. 2015a. DOI: 10.11600/1692715x.1321300514. Disponível em: <http://revistaumanizales.cinde.org.co/rllcsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/2014/567>. Acesso em: 19 maio 2020.

GRUPO DE MÍDIA SÃO PAULO. *Mídia Dados Brasil 2020 para todxs*. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://midiadados2020.com.br/midia-dados-2020.pdf>. Acesso em: 13 maio 2021.

GUIMARÃES, C. Em julho: festival de gastronomia de Búzios terá jovens chefs cariocas no júri. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 jun. 2016. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/gente-boa/post/em-julho-festival-de-gastronomia-de-buzios-tera-jovens-chefs-cariocas-no-juri.html>. Acesso em: 27 abr. 2021.

HALL, S. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Aglomerados subnormais: classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19*. Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717\\_apresentacao.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717_apresentacao.pdf). Acesso em: 20 set. 2021.

\_\_\_\_\_. *Censo demográfico 2010: aglomerados subnormais*. Rio de Janeiro: Portal do IBGE, 2010a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/rio-de-janeiro/pesquisa/23/25359?detalhes=true>. Acesso em: 04 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. *Mapa da distribuição espacial da população segundo cor ou raça: pretos e pardos*. Rio de Janeiro, 2010b. Disponível em: [https://geoftp.ibge.gov.br/cartas\\_e\\_mapas/mapas\\_do\\_brasil/sociedade\\_e\\_economia/mapas\\_murais/brasil\\_pretos\\_pardos\\_2010.pdf](https://geoftp.ibge.gov.br/cartas_e_mapas/mapas_do_brasil/sociedade_e_economia/mapas_murais/brasil_pretos_pardos_2010.pdf). Acesso em: 01 maio 2021.

ITAÚ. *Trabalhe conosco: jovem aprendiz*. São Paulo, c2021. Disponível em: <https://www.itaunet.com.br/trabalhe-conosco/jovem-aprendiz/>.

JAGUARIBE, B. Imaginando a “cidade maravilhosa”: modernidade, espetáculo e espaços urbanos. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 327-347, 2011. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2011.2.9054>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/9054>. Acesso em: 03 mar. 2021.

JOVEM de 16 anos morre de Covid-19 no interior do Paraná. *IstoÉ*, São Paulo, 09 dez. 2020a. Disponível em: <https://istoe.com.br/jovem-de-16-anos-morre-de-covid-19-no-interior-do-parana/>. Acesso em: 21 maio 2021.

JOVEM de 17 anos morre por complicações após acidente de bicicleta. *Portal da Cidade*, Brusque, SC, 12 maio 2020b. Disponível em: <https://brusque.portaldacidade.com/noticias/policial/jovem-de-17-anos-morre-por-complicacoes-apos-acidente-de-bicicleta-1154>. Acesso em: 21 maio 2021.

JOVENS cariocas com DNA do vôlei viverão estreia especial em Saquarema. *Vôlei Brasil*, Rio de Janeiro, 08 out. 2020a. Disponível em: <https://cbv.com.br/noticia/27661/jovens-cariocas-com-dna-do-volei-viverao-estreia-especial-em-saquarema>. Acesso em: 27 abr. 2021.

JOVENS cariocas da Cuponeria trazem a cultura de cupons ao Brasil. *Google for Startups*, [s. l.], c2021. Disponível em: <https://startup.google.com/intl/pt-BR/stories/cuponeria/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

JOVENS combatem efeitos da Covid-19 em favelas cariocas através do TikTok. *Portal Favelas*, Rio de Janeiro, 12 dez. 2020b. Disponível em: <https://www.portalfavelas.com/single-post/jovens-combatem-efeitos-da-covid-19-em-favelas-cariocas-atrav%C3%A9s-do-tiktok>. Acesso em: 02 maio 2021.

KELLNER, D. Os estudos culturais britânicos e seu legado. In: KELLNER, D. *A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru, SP: EDUSC, 2001. p. 47-63.

LE BRETON, D. *Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITÃO, G. Reconhecendo a diversidade das favelas cariocas. In: SOUZA E SILVA, J. de et al. (org.). *O que é a favela, afinal?* Rio de Janeiro: Observatório de Favelas do Rio de Janeiro, 2009. p. 36-45. Disponível em: <http://observatoriodefavelas.org.br/wp-content/uploads/2013/09/o-que-%C3%A9-favela-afinal.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

LEITE, M. P. Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação”: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 374-389, ago./set. 2012. Disponível em: <http://revista.forumseguranca.org.br/index.php/rbsp/article/view/126>. Acesso em: 20 out. 2020.



MAIA, A. S. C. L. *Rabisca e publica: juventudes e estratégias de visibilidade social e midiática do passinho carioca ao ativismo de Nova Orleans*. Orientadora: Cláudia da Silva Pereira. Coorientadora: Vicki Alexis Mayer. 337 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=1312521\\_2017\\_Indice.html](http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=1312521_2017_Indice.html). Acesso em: 08 jul. 2021.

MANNHEIM, K. O problema da juventude na sociedade moderna. In: BRITTO, S. de (org.). *Sociologia da juventude, I: da Europa de Marx à América Latina de hoje*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p. 69-94.

MARTINO, L. M. S. *Métodos de pesquisa em Comunicação: projetos, ideias, práticas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

MATTELART, A.; MATTELART, M. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MELLO, K. Com 2 milhões de moradores, favelas do Rio seriam 7ª maior cidade do país. *G1*, Rio de Janeiro, 25 set. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/09/com-2-milhoes-de-moradores-favelas-do-rio-seriam-7-maior-cidade-do-pais.html>. Acesso em: 03 maio 2021.

MELLO, K. Repercussão de foto de jovens músicos em favela surpreende autor. *G1*, Rio de Janeiro, 18 out. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/10/repercussao-de-jovens-musicos-em-favela-do-rio-surpreende-autor.html>. Acesso em: 02 maio 2021.

MENINOS do Rio: jovens, violência armada e polícia nas favelas cariocas. *Portal Geledés, [S. l.]*, 15 dez. 2009. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/meninos-do-rio-jovens-violencia-arm-ada-e-policia-nas-favelas-cariocas/>. Acesso em: 02 maio 2021.

MORAES, M. C. B. de. *As it-girls e o “quê” a mais do luxo: cultura, juventude e mediação*. Orientadora: Cláudia da Silva Pereira. 177 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/32092/32092.PDF>. Acesso em: 12 jul. 2021.

MORE, T. *A utopia*. São Paulo: EDIPRO, 2014.

MOURA, C. P. de. Camadas médias, projetos e trajetórias: da diplomacia no Brasil Central à internacionalização chinesa. In: MOURA, C. P. de; CORADINI, L. (org.). *Trajetórias antropológicas: encontros com Gilberto Velho*. Natal, RN: EDUFRN, 2016. p. 145-171. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21377>. Acesso em: 03 mar. 2021.

MÚSICA coreana conquista jovens cariocas. *Balanço Geral RJ*, Rio de Janeiro, 19 abr. 2018. Disponível em: <https://recordtv.r7.com/balanco-geral-rj/videos/musica-coreana-conquista-jovens-cariocas-18022020>. Acesso em: 27 abr. 2021.

NERI, M. A nova classe média. *Revista Conjuntura Econômica*, Rio de Janeiro, v. 62, n. 9, p. 48-51, set. 2008. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rce/issue/view/1566/225>. Acesso em: 22 set. 2021.

O SEU PÚBLICO é jovem?: então ele ouve rádio. In: RÁDIOS de Resultado. [S. l.], c2021. Disponível em: <https://radiosderesultado.com.br/blogger/o-seu-publico-e-jovem-entao-ele-ouve-radio/>. Acesso em: 21 maio 2021.

OLIVEIRA, P. 5 comportamentos do jovem consumidor carioca. *Mundo do Marketing*, Rio de Janeiro, 30 out. 2014. Disponível em: <https://www.mundodomarketing.com.br/reportagens/pesquisa/32074/5-comportamentos-do-jovem-consumidor-carioca.html>. Acesso em: 21 maio 2021.

OLIVEIRA, V. Jovem perde controle de moto, bate em muro e morre 2 horas depois no hospital. *Campo Grande News*, Campo Grande, MS, 04 abr. 2021. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/jovem-perde-controle-de-moto-bate-em-muro-e-morre-2-horas-depois-no-hospital>. Acesso em: 21 maio 2021.

OSHIRO, A. Jovem morre com facada no peito ao defender mulher em festa. *Campo Grande News*, Campo Grande, MS, 23 nov. 2020. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/cidades/capital/jovem-morre-com-facada-no-peito-ao-defender-mulher-em-festa>. Acesso em: 21 maio 2021.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. *Análise social*, Lisboa, v. XXV, n. 105-106, p. 139-165, 1990. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.

PAIXÃO, C. M. Q. *O Rio de Janeiro e o morro do Castelo: populares, estratégias de vida e hierarquias sociais (1904-1922)*. 2008. 224 f. Dissertação. (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

PÂNICO Jovem Pan 2006: aniversário do Carioca parte 1. [S. l.: s. n.], 15 set. 2014. 1 vídeo (15 min). Publicado pelo canal Gabriel Anjos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6bHW2zc6ywM>. Acesso em: 21 maio 2021.

PARISER, E. *O filtro invisível: o que a Internet está escondendo de você*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PEREIRA, C. da S. Ainda somos os mesmos?: representações midiáticas da juventude em movimentos sociais, ontem e hoje. *Revista Famecos*, Porto Alegre, v. 23, n. 3, [p. 1-19], set./dez. 2016. DOI: 10.15448/1980-3729.2016.3.22285. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22285/14612>. Acesso em: 02 ago. 2019.

\_\_\_\_\_. *Gisele da favela: uma análise antropológica sobre a carreira de modelo*. Orientadora: Mirian Goldenberg. 2008. 217 f. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/52257>. Acesso em: 16 maio 2021.

\_\_\_\_\_. Juventude como conceito estratégico para a publicidade. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 7, n. 18, p. 37-54, mar. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.18568/cmc.v7i18.184>. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/184>. Acesso em: 03 mar. 2021.

POPULAÇÃO de favelas é predominantemente parda, mostra Censo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 dez. 2011. Disponível em: <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2011/12/1024312-populacao-de-favelas-e-predominantemente-parda-mostra-censo.shtml>. Acesso em: 20 out. 2020.

POR QUE inserir o jovem no mercado de trabalho? *Tedx São Paulo*, São Paulo, 03 ago. 2018. Disponível em: <https://tedxsaopaulo.com.br/por-que-inserir-o-jovem-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 21 maio 2021.

PRADO, A; ALVES FILHO, F. O novo high society carioca. *IstoÉ*, São Paulo, n. 2005, 09 abr. 2008. Disponível em: [https://istoe.com.br/2396\\_O+NOVO+HIGH+SOCIETY+CARIOCA/](https://istoe.com.br/2396_O+NOVO+HIGH+SOCIETY+CARIOCA/). Acesso em: 27 abr. 2021.

PULSEIRA de elástico vira moda entre jovens cariocas; aprenda a fazer. [Rio de Janeiro], 02 set. 2014. Twitter: @g1. Disponível em: <https://twitter.com/g1/status/506749443518238720>. Acesso em: 27 abr. 2021.

QUEM vale mais: Google ou Microsoft? Veja marcas mais valiosas em 2020. *Exame*, São Paulo, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://exame.com/marketing/quem-vale-mais-google-ou-microsoft-veja-marcas-mais-valiosas-em-2020/>. Acesso em: 15 maio 2021.

RÁDIO JOVEM CARIOCA 3. [S.l.]: Rádios.com.br, c2021. Disponível em: <https://www.rádios.com.br/aovivo/radio-jovem-carioca-3/36367>. Acesso em: 21 maio 2021.

RÁDIO JOVEM CARIOCA. [Rio de Janeiro], c2021. Twitter: @jovem\_carioca. Disponível em: [https://twitter.com/jovem\\_carioca](https://twitter.com/jovem_carioca). Acesso em: 21 maio 2021.

RAMOS, S. Trajetórias no tráfico: jovens e violência armada em favelas cariocas. *Trivium Estudos Interdisciplinares: Direitos Humanos*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 2, p. 41-57, 2011. Disponível em: <https://cesecseguranca.com.br/textodownload/trajetorias-no-trafico-jovens-e-violencia-armada-em-favelas-cariocas/>. Acesso em: 02 maio 2021.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* São Paulo: Jandaíra, 2020.

RIO DE JANEIRO (Estado). Instituto de Segurança Pública. *Unidades de Polícia Pacificadora: o que são*. Rio de Janeiro: Instituto de Segurança Pública, c2020. Disponível em: <http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=62>. Acesso em: 20 out. 2020.

RIO de Janeiro, a cidade global e a inclusão das favelas pelo mercado. *Jornal GGN: o jornal de todos os Brasis*, [S. l.], 6 ago. 2014. Disponível em: <https://jornalgggn.com.br/editoria/cidadania/rio-de-janeiro-a-cidade-global-e-a-inclusao-das-favelas-pelo-mercado/>. Acesso em: 21 abr. 2021.

RIO de Janeiro. *Dezanove*, Lisboa, c2021. Disponível em: <https://dezanove.pt/tag/rio+de+janeiro>. Acesso em: 27 abr. 2021.

ROCHA, A. *Cidade cerzida: a costura da cidadania no Morro Santa Marta*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

ROCHA, E. *O que é etnocentrismo*. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROCHA, E.; PEREIRA, C. *Juventude e consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

ROCHA, G. L. da. Os jovens roqueiros cariocas dos anos 2000 já estão tiozões: “outra cabeça”. *Splash*, São Paulo, 10 nov. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2020/11/10/os-jovens-roqueiros-cariocas-dos-anos-2000-ja-estao-tiozoos-outra-cabeca.htm>. Acesso em: 27 abr. 2021.

RODRIGUES, G. Carioca chora ao anunciar saída da rádio Jovem Pan: “fizemos história”. *Observatório da TV*, São Paulo, c2021. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/carioca-chora-ao-anunciar-saida-da-radio-jovem-pan-fizemos-historia>.

RODRIGUES, M. RJ tem maior número de mortes por policiais em 22 anos; e o 2º menor índice de homicídios já registrado pelo ISP. *G1*, Rio de Janeiro, 22 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/22/rj-tem-maior-numero-de-mortes-por-policiais-em-22-anos-e-o-2o-menor-indice-de-homicidios-ja-registrado-pelo-isp.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2020.

RODRIGUES, M.; COELHO, H. Pretos e pardos são 78% dos mortos em ações policiais no RJ em 2019: ‘é o negro que sofre essa insegurança’, diz mãe de Ágatha. *G1*, Rio de Janeiro, 6 jun. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/06/pretos-e-pardos-sao-78percent-dos-mortos-em-aco-es-policiais-no-rj-em-2019-e-o-negro-que-sofre-essa-inseguranca-diz-mae-de-agatha.ghtml>. Acesso em: 20 out. 2020.

ROGÉRIO, M. Jovem suspeito de furtar animais no interior do AC é achado morto. *G1*, Rio de Janeiro, 24 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/cruzeiro-do-sul-regiao/noticia/2019/07/24/jovem-suspeito-de-furtar-animais-no-interior-do-ac-e-achado-morto.ghtml>. Acesso em: 21 maio 2021.

ROLNIK, R. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SABADÃO com decisão! [Rio de Janeiro], 20 fev. 2021. Facebook: Web Rádio Jovem Carioca @radiojovemcarioca. Disponível em: <https://www.facebook.com/radiojovemcarioca/photos/5434963399854805/>. Acesso em: 21 maio 2021.

SÁBADO de resenha na Jovem Carioca. [Rio de Janeiro], 25 fev. 2021. Facebook: Web Rádio Jovem Carioca @radiojovemcarioca. Disponível em: <https://m.facebook.com/radiojovemcarioca/photos/a.733959789955213/5467975836553561/?type=3&source=54>. Acesso em: 21 maio 2021.

SAMPAIO, A. H. L. Cidade ideal, imaginação e realidade. *Revista de Urbanismo e Arquitetura*, [s. l.], v. 4, n. 1, p. 54-65, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rua/article/view/3116/2233>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SANTUCCI, J. *Cidade rebelde*: as revoltas populares no Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SARTI, C. A. *A família como espelho*: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHUCMAN, L. V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo*: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo. São Paulo: Veneta, 2020.

SE LIGA na resenha da Jovem Carioca. [Rio de Janeiro], 26 fev. 2021. Twitter: @jovem\_carioca. Disponível em: [https://twitter.com/jovem\\_carioca/status/1365478582441676805/photo/1](https://twitter.com/jovem_carioca/status/1365478582441676805/photo/1). Acesso em: 21 maio 2021.

SECRETARIA forma 250 jovens cariocas no RAP da Saúde. *R7*, Rio de Janeiro, 19 set. 2018. Disponível em: <https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/secretaria-forma-250-jovens-cariocas-no-rap-da-saude-19092018>. Acesso em: 24 abr. 2021.

SERRA, C. H. A.; RODRIGUES, T. Estado de Direito e Punição: a lógica da guerra no Rio de Janeiro. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, v. 35, n. 126, [p. 91-108], jan./jun. 2014. Disponível em: [https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/serra\\_estado\\_de\\_direito\\_e\\_punicao\\_parana\\_2014.pdf](https://neip.info/novo/wp-content/uploads/2015/04/serra_estado_de_direito_e_punicao_parana_2014.pdf) Acesso em: 17 nov. 2020.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da; HALL, S.; WOODWARD, K. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

SIMMEL, G. *Filosofia da moda e outros escritos*. Lisboa: Texto & Grafia, 2008.

SOARES, L. E. Invisibilidade e reconhecimento. In: SOARES, L. E.; BILL, Mv; ATHAYDE, C. *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 161-188.

SOARES, L. E. *O Brasil e seu duplo*. São Paulo: Todavia, 2019.

“SOLOS culturais”: projeto de favelas cariocas. *LuLacerda*, Rio de Janeiro, 31 jan. 2013. Disponível em: <https://lulacerda.ig.com.br/solos-culturais-projeto-de-favelas-cariocas/>. Acesso em: 02 maio 2021.

SOUZA E SILVA, J. de. *Por que uns e não outros?: caminhada de jovens pobres para a universidade*. 3. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2018.

\_\_\_\_\_. de. Um espaço em busca de seu lugar: as favelas para além dos estereótipos. In: SANTOS, M. et al. (org). *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 209-230.

SUMPTER, D. *Dominados pelos números*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

THEDIM, F. O jovem carioca que cria aplicativos para preservar o verde. *Veja*, São Paulo, 3 jan. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/o-jovem-carioca-que-cria-aplicativos-para-preservar-o-verde/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS. Bolsa Jovem: o que é e como funciona. *UBES*, São Paulo, 12 jan. 2019. Disponível em: <https://ubes.org.br/2019/bolsa-jovem/>. Acesso em: 21 maio 2021.

USO de internet, televisão e celular no Brasil. [Rio de Janeiro]: IBGE Educa, c2021. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#subtitulo-0>. Acesso em: 13 maio 2021.

VALLADARES, L. do P. *A invenção da favela: do mito de origem a favela.com*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VELHO, G. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

VELHO, G. Metrópole, cosmopolitismo e mediação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n. 33, p. 15-23, jan./jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000100002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/Bt5hG8Mp5gxNLgc5zJF84xm/?lang=pt>. Acesso em: 12 jul. 2021.

\_\_\_\_\_. *Nobres & anjos: um estudo de tóxicos e hierarquia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

VENTURA, Z. *Cidade partida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

VIEIRA, R. M. A vida nas favelas do Rio contada pelo funk carioca. *SISO*, [S. l.], 29 dez. 2019. Disponível em: <https://siso.pt/a-vida-nas-favelas-do-rio-contada-pelo-funk-carioca/>. Acesso em: 02 maio 2021.

VILLA, B. Rio é segunda cidade com mais negros e pardos do Brasil, segundo IBGE. *Extra*, Rio de Janeiro, 14 nov. 2011. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/extra-extra/rio-eacute-segunda-cidade-com-mais-negros-pardos-do-brasil-segundo-ibge-3238937.html>. Acesso em: 01 maio 2021.

VIRGILIO, P. Por meio da arte, jovens propõem novo olhar sobre favelas cariocas. *Portal EBC*, Brasília, 03 fev. 2013. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/cultura/2013/02/por-meio-da-arte-jovens-propoem-novo-olhar-sobre-favelas-cariocas>. Acesso em: 02 maio 2021.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da *et al.* (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

## Anexo A

### Questionário da pesquisa *online* exploratória quantitativa

Olá, meu nome é Aline Pimenta, sou mestranda em Comunicação Social na PUC Rio e a pesquisa abaixo será muito importante para o desenvolvimento da minha dissertação. Por isso, desde já, agradeço sua participação.

Os questionários não são identificados e todas as respostas serão anônimas. Por isso, fique à vontade para responder o que realmente lhe vier à cabeça.

Muito obrigada.

1) Qual sua idade?

2) Como você se identifica em relação ao seu gênero?

( ) Feminino

( ) Masculino

( ) Outro \_\_\_\_\_

( ) Prefiro não responder.

3) Como você se declara em relação à sua cor?

( ) Preta

( ) Branca

( ) Amarela

( ) Parda

( ) Outra \_\_\_\_\_

( ) Prefiro não responder.

4) Em que cidade você mora?

\_\_\_\_\_.

5) Há quantos anos você mora nesta cidade?

( ) menos de um ano



- ( ) entre um e cinco anos
- ( ) entre cinco e dez anos
- ( ) entre dez e vinte anos
- ( ) mais de vinte anos

6) Em qual bairro você mora atualmente?

\_\_\_\_\_

7) Qual a sua faixa de renda familiar, ou seja, a soma da renda de todas as pessoas que moram com você?

- ( ) Até R\$ 700,00
- ( ) Entre R\$ 700,00 e 1.700,00
- ( ) Entre R\$ 1.700,00 e R\$ 3.000,00
- ( ) Entre R\$ 3.000,00 e R\$ 5.400,00
- ( ) Entre R\$ 5.400,00 e R\$ 10.400,00
- ( ) Entre R\$ 10.400,00 e R\$ 23.400,00
- ( ) Acima de R\$ 23.400,00

8) Qual seu nível de instrução?

- ( ) Ensino fundamental incompleto
- ( ) Ensino fundamental completo
- ( ) Ensino médio incompleto
- ( ) Ensino médio completo
- ( ) Superior incompleto
- ( ) Superior completo
- ( ) Pós-graduação

9) Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “cidade”.

10) Conte-nos como você definiria “cidade”: “Para mim, cidade é...”

11) Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.

11 A)



Figura 59 - Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro

Fonte: Site Até Onde Eu Pude Ir. Disponível em: <https://ateondeeuipuderir.com/quinta-da-boa-vista-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

☐ 1☐ 2☐ 3☐ 4☐ 5

11 B)



Figura 60 – Prédios comerciais no Centro da Cidade, Rio de Janeiro

Fonte: Wikipedia. Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro\\_\(Rio\\_de\\_Janeiro\)#/media/Ficheiro:Centro\\_do\\_Rio\\_visto\\_do\\_museu\\_ch%C3%A1cara\\_do\\_c%C3%A9u.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_(Rio_de_Janeiro)#/media/Ficheiro:Centro_do_Rio_visto_do_museu_ch%C3%A1cara_do_c%C3%A9u.jpg). Acesso em: 02 mar. 2021.

☐ 1☐ 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

11 C)



Figura 61 – Comércio de rua, Rio de Janeiro

Fonte: Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/tristaodacunha/25517428194/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

( ) 1

( ) 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

11 D)



Figura 62 – Condomínio de luxo, Rio de Janeiro

Fonte: Tripadvisor. Disponível em: [https://www.tripadvisor.com.br/VacationRentalReview-g303506-d15519980-APARTAMENTO\\_ALTO\\_LUXO\\_EM\\_CONDOMINIO\\_RESORT-Rio\\_de\\_Janeiro\\_State\\_of\\_Rio\\_de\\_Janeiro.html](https://www.tripadvisor.com.br/VacationRentalReview-g303506-d15519980-APARTAMENTO_ALTO_LUXO_EM_CONDOMINIO_RESORT-Rio_de_Janeiro_State_of_Rio_de_Janeiro.html). Acesso em: 02 mar. 2021.

( ) 1



( ) 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

11 E)



Figura 63 – Calçadão da Praia de Copacabana, Rio de Janeiro

Fonte: Flickr. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/claudiolara/4842529190>. Acesso em: 02 mar. 2021.

( ) 1

( ) 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

11 F)



Figura 64 – Engarrafamento, Rio de Janeiro

Fonte: Diário do Transporte. Disponível em: <https://diariodotransporte.com.br/2017/05/08/35114/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

( ) 1

( ) 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

11 G)



Figura 65 – Cinema Roxy, Copacabana, Rio de Janeiro

Fonte: Catraca Livre. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/agenda/cinemas-de-rua-rio-de-janeiro-rj/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

( ) 1

( ) 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

11 H)



Figura 66 – Favela, Rio de Janeiro

Fonte: The Brazilian Report. Disponível em: <https://brazilian.report/newsletters/brazil-weekly/2020/03/23/coronavirus-favela-bolsonaro-image-unemployment/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

( ) 1

( ) 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

11 I)



Figura 67 – Shopping Center, Rio de Janeiro

Fonte: Multiplan. Disponível em: <https://www.multiplan.com.br/pt-br/shopping-centers/rio-de-janeiro/parkshoppingcampogrande>. Acesso em: 02 mar. 2021.



( ) 1

( ) 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

11 J)



Figura 68 – Restaurantes, Rio de Janeiro

Fonte: FTC. Disponível em: <https://followthecolours.com.br/traveluv/7-restaurantes-imperdiveis-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

( ) 1

( ) 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

11 L)



Figura 69 – Pessoas em situação de rua, Rio de Janeiro

Fonte: Diário do Rio. Disponível em: <https://diariodorio.com/diminui-verba-destinada-a-populacao-de-rua-e-usuarios-de-drogas-no-rio/>. Acesso em: 02 mar. 2021.

( ) 1

( ) 2

( ) 3

( ) 4

( ) 5

12) Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “juventude”.

13) Você já esteve em uma favela?

( ) Sim, moro em uma favela.

( ) Sim, já estive dentro de uma favela.

( ) Não, nunca estive dentro de uma favela.

14) Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “favela”.

15) Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “jovem da favela”.



## Anexo B

### Resultados

#### Qual a sua idade?

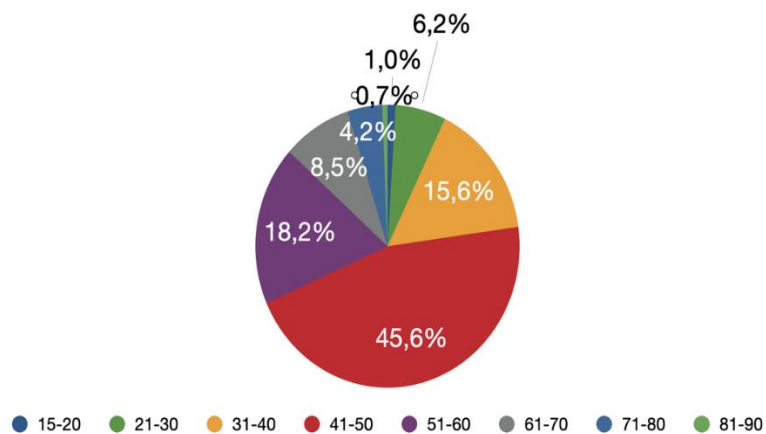


Figura 70 - Questão 1: qual a sua idade?  
Fonte: Elaboração da autora, 2021.

#### Como você se identifica em relação ao seu gênero?

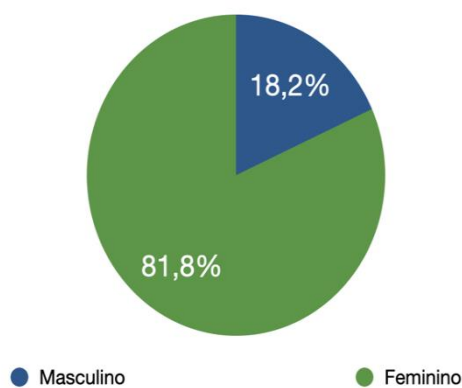


Figura 71 – Questão 2: como você se identifica em relação ao seu gênero?  
Fonte: Elaboração da autora, 2021.

### Como você se declara em relação à sua cor?

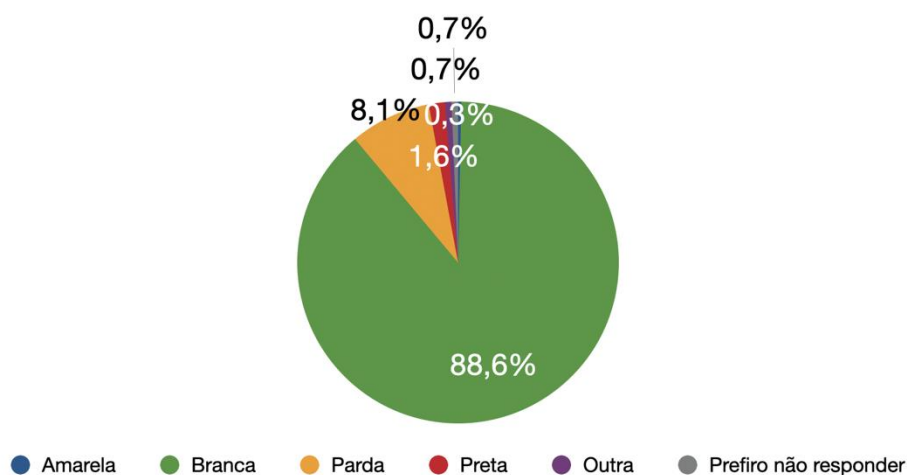


Figura 72 - Questão 3: como você se declara em relação à sua cor?  
Fonte: Elaboração da autora, 2021.

### Questão 4

Foram consideradas na análise somente as respostas: Rio de Janeiro.

### Há quantos anos você mora na cidade do Rio de Janeiro?

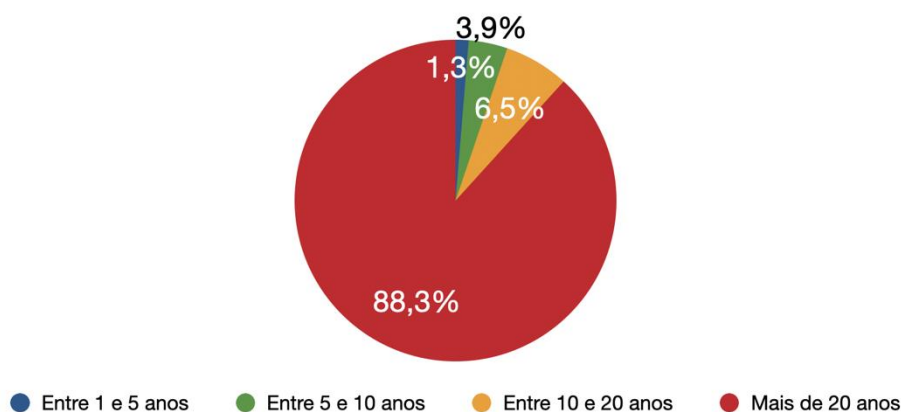


Figura 73 – Questão 5: há quantos anos você mora na cidade do Rio de Janeiro?  
Fonte: Elaboração da autora, 2021.

**Em qual bairro você mora atualmente?  
Agrupamento por zonas da Cidade.**

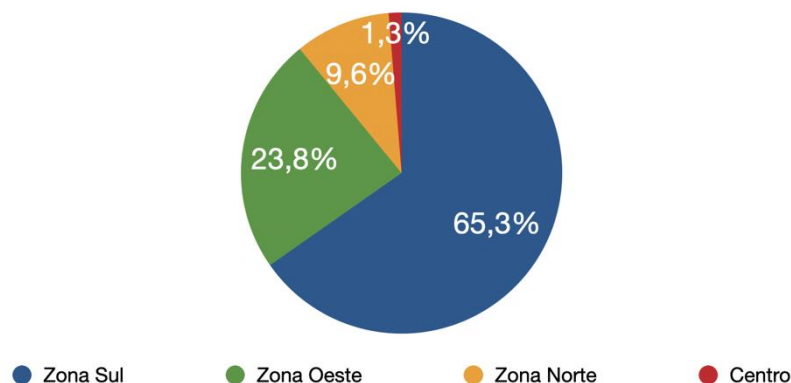


Figura 74 – Questão 6: em qual bairro você mora atualmente?  
Fonte: Elaboração da autora, 2021.

**Qual a sua faixa de renda familiar mensal, ou seja, a soma da  
renda de todas as pessoas que moram com você?**

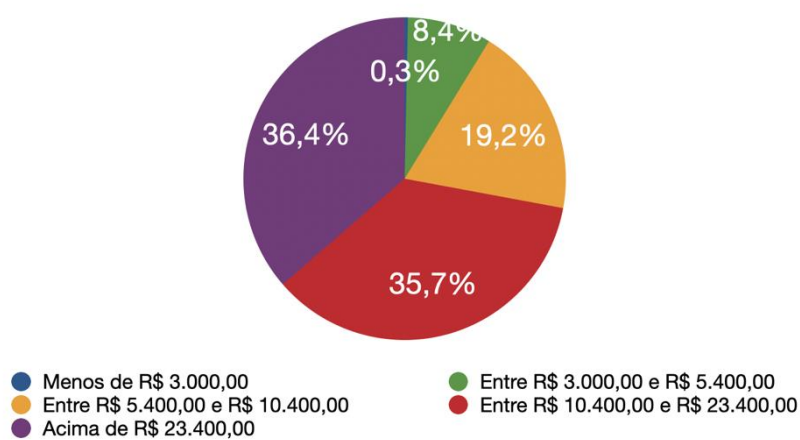


Figura 75 – Questão 7: qual a sua faixa de renda familiar mensal, ou seja, a soma da renda de todas as pessoas que moram com você?  
Fonte: Elaboração da autora, 2021.

### Qual seu nível de instrução?

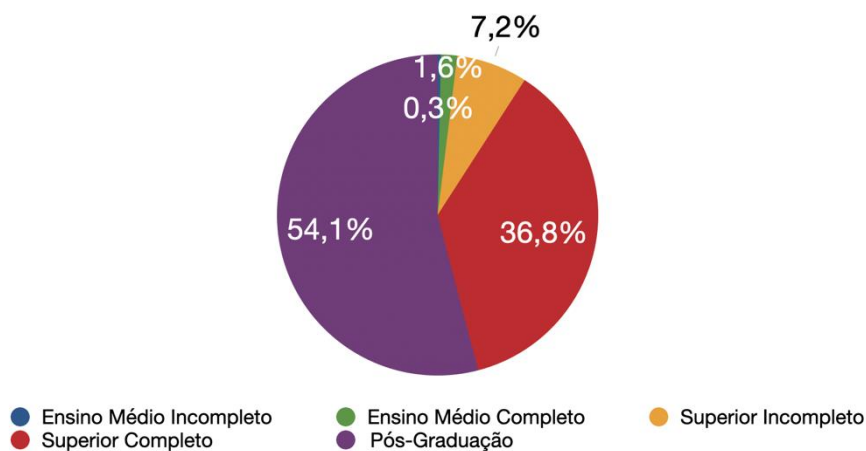


Figura 76 – Questão 8: qual seu nível de instrução?

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

### Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “cidade”.

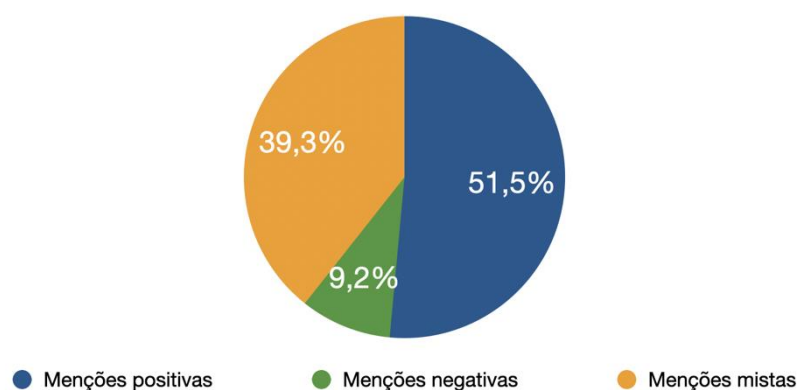


Figura 77 – Questão 9: cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “cidade”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

**Conte-nos como você definiria “cidade”: “Para mim, cidade é ....”**

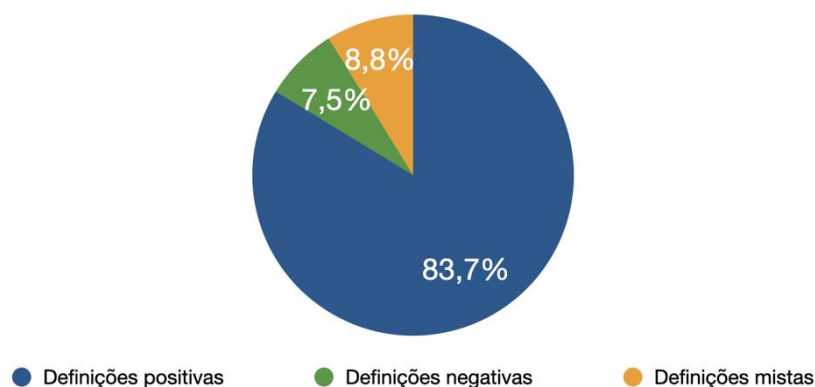


Figura 78 – Questão 10: conte-nos como você definiria “cidade”: “Para mim, cidade é...”  
 Fonte: Elaboração da autora, 2021.

**Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.**



Fonte: <https://www.viagem.com.br/viagem-da-bela-vista-no-rio-de-janeiro/>

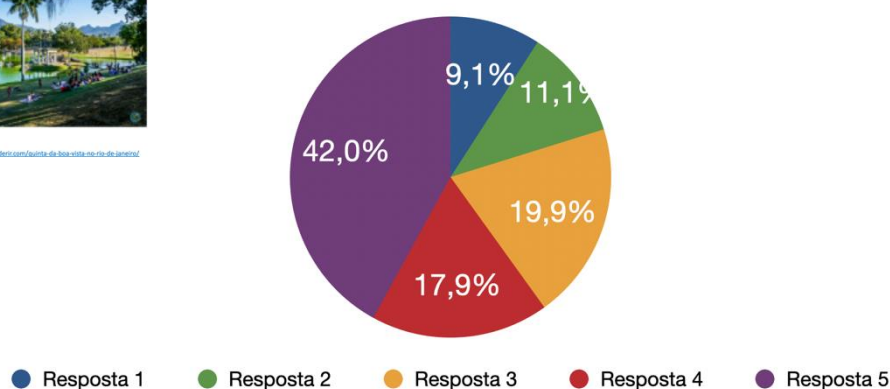
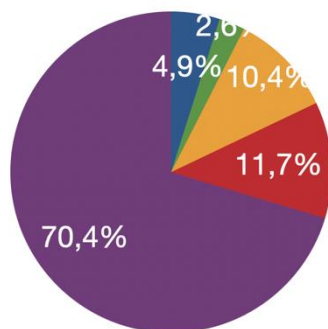


Figura 79 – Questão 11 A: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”  
 Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro\\_18o\\_de\\_Janeiro#/media/Ficheiro:Centro\\_de\\_Rio\\_visto\\_do\\_museu\\_OCNPAIcara\\_da\\_UNCPARio.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Centro_18o_de_Janeiro#/media/Ficheiro:Centro_de_Rio_visto_do_museu_OCNPAIcara_da_UNCPARio.jpg)



● Resposta 1 ● Resposta 2 ● Resposta 3 ● Resposta 4 ● Resposta 5

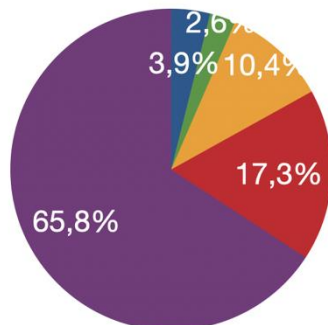
Figura 80 - Questão 11 B: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/riotaodacurta/25517428134/>



● Resposta 1 ● Resposta 2 ● Resposta 3 ● Resposta 4 ● Resposta 5

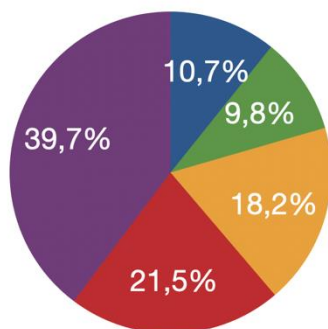
Figura 81 - Questão 11 C: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.



Fonte: [https://www.tripadvisor.com.br/VacationRentals/Reviews/g103106-413519980-APARTAMENTO\\_LUXO\\_EM\\_CONDOMINIO\\_RESORT-Reserva\\_Janeiro\\_2021-01-01-Reserva\\_Janeiro.html](https://www.tripadvisor.com.br/VacationRentals/Reviews/g103106-413519980-APARTAMENTO_LUXO_EM_CONDOMINIO_RESORT-Reserva_Janeiro_2021-01-01-Reserva_Janeiro.html)



● Resposta 1 ● Resposta 2 ● Resposta 3 ● Resposta 4 ● Resposta 5

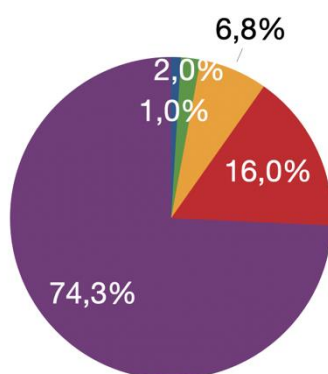
Figura 82 - Questão 11 D: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/taudolara/4842329150>



● Resposta 1 ● Resposta 2 ● Resposta 3 ● Resposta 4 ● Resposta 5

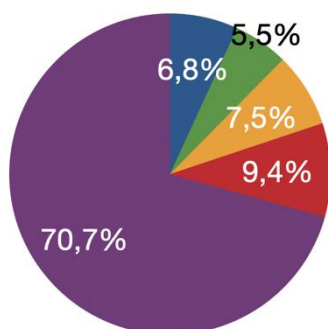
Figura 83 - Questão 11 E: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.



Fonte: <https://diariodotransporte.com.br/2017/08/08/35114/>



Resposta 1   Resposta 2   Resposta 3   Resposta 4   Resposta 5

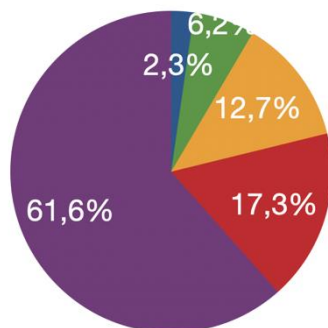
Figura 84 - Questão 11 F: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.



Fonte: <https://cinecalhore.com.br/agenda/cinemas-de-rio-rio-de-janeiro-cf/>



Resposta 1   Resposta 2   Resposta 3   Resposta 4   Resposta 5

Figura 85 - Questão 11 G: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”

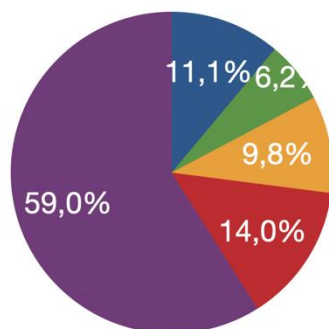
Fonte: Elaboração da autora, 2021.



Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.



Fonte: <https://brazilian.report/newsletters/brazil-weekly/2020/03/21/coronavirus-favela-bolsonaro-image-unemployment/>



● Resposta 1 ● Resposta 2 ● Resposta 3 ● Resposta 4 ● Resposta 5

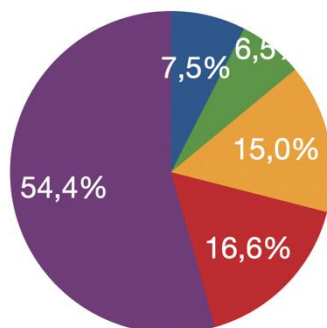
Figura 86 - Questão 11 H: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.



Fonte: <https://www.multiplan.com.br/jp-br/shopping-centers/rio-de-janeiro/perfume-shopping-magazine>



● Resposta 1 ● Resposta 2 ● Resposta 3 ● Resposta 4 ● Resposta 5

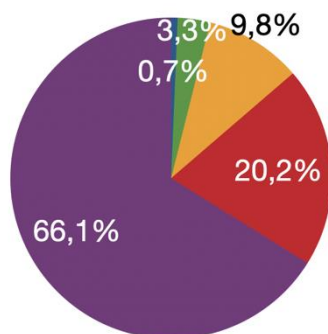
Figura 87 - Questão 11 I: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.



Fonte: <https://followthecolors.com.br/travel/7-restaurantes-imperdiveis-no-rio-de-janeiro/>



● Resposta 1 ● Resposta 2 ● Resposta 3 ● Resposta 4 ● Resposta 5

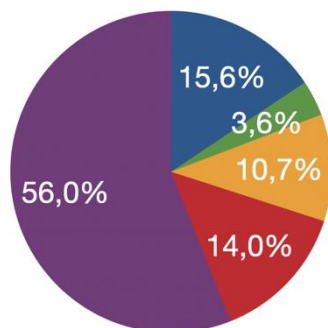
Figura 88 - Questão 11 J: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

Indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”.



Fonte: <https://diariodorio.com/limpui-verba-destinada-a-populacao-de-rua-e-unitarios-de-drogas-no-rio/>



● Resposta 1 ● Resposta 2 ● Resposta 3 ● Resposta 4 ● Resposta 5

Figura 89 - Questão 11 L: indique de 1 a 5, sendo 1 nada e 5 muito, para o quanto as imagens abaixo estão associadas para você à ideia de “cidade”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

### Você já esteve em uma favela?

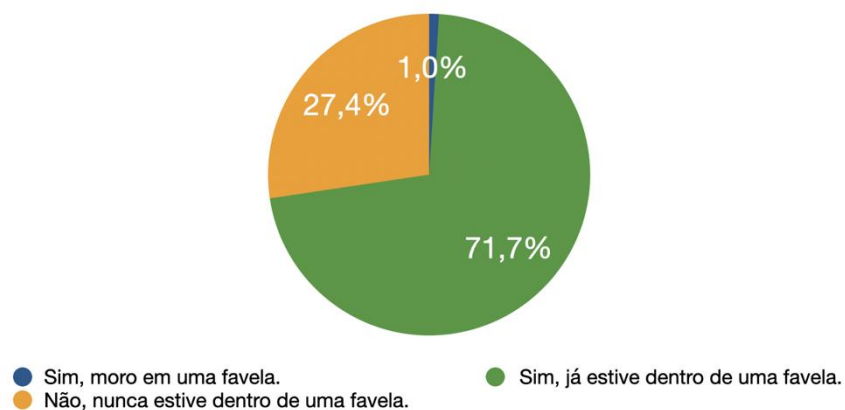


Figura 90 - Questão 12: você já esteve em uma favela?

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

### Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “juventude”.

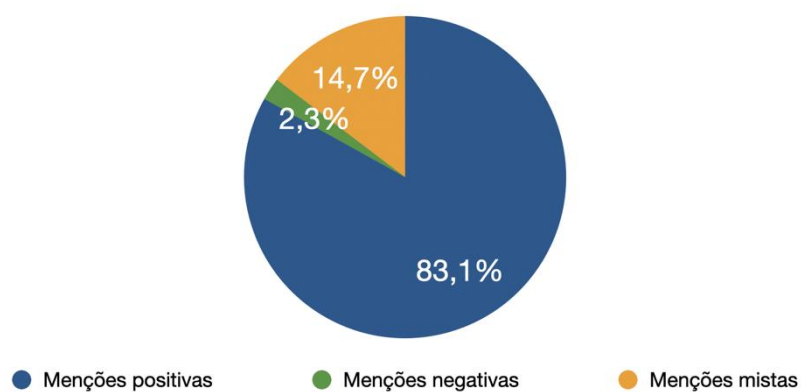


Figura 91 - Questão 13: cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “juventude”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

**Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “favela”.**

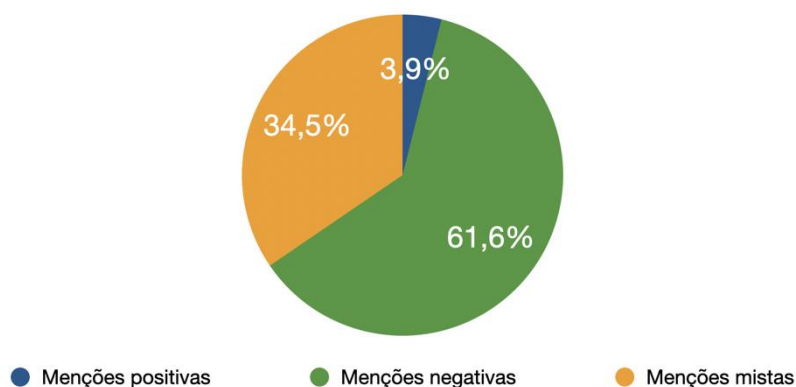


Figura 92 - Questão 14: cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “favela”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.

**Cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “jovem da favela”.**

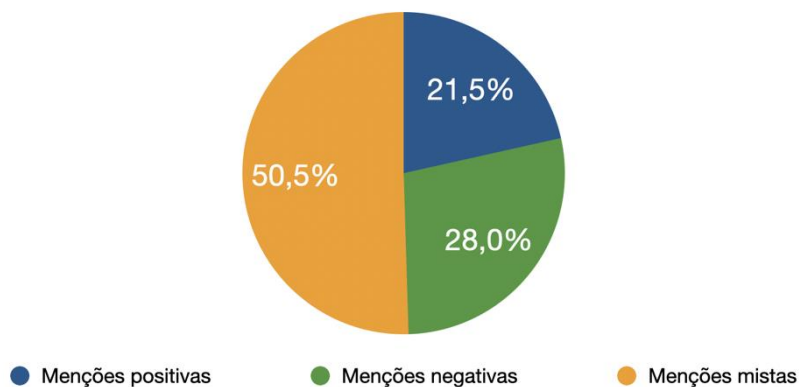


Figura 93 - Questão 15: cite três palavras que venham à sua cabeça quando você pensa em “jovem da favela”

Fonte: Elaboração da autora, 2021.